

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

A MENTE CONTROLADA

DULCE ADÉLIA ADORNO SILVA

ORIENTADOR: PROF. DR. LAYMERT GARCIA DOS SANTOS

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida por Dulce Adélia Adorno Silva e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 22 / 2 / 2001

Assinatura: _____

Comissão Julgadora:

x

- 2001 -

NIDADE BC
CHAMADA: T/ UNICAMP
Si 38m
Ex.
OMBO DC/ 45711
ROC. 96-392/01
C D
REC# R\$ 99,00
ATA 04/08/01
CFD

CM00158296-6

**CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP
Bibliotecário: Gilденir Carolino Santos - CRB-8º/5447**

~~Ad77m~~

Si 38m

Adorno-Silva, Dulce Adélia.

A mente controlada / Dulce Adélia Adorno-Silva. --
Campinas, SP : [s.n.], 2001.

Orientador : Laymert Garcia dos Santos.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Educação.

1. Linguagem. 2. Percepção visual. 3. Tecnologia.
4. Poder (Ciências sociais). 5. Controle da mente. II. Santos,
Laymert Garcia dos, 1948-. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

RESUMO: Parte dos critérios para corrigir redações do Vestibular da PUC-Campinas, conceitua informação e verifica que não é mais extraída do mundo, mas de outras fontes. Pesquisa redações e constata que a maioria de suas informações provêm da televisão e não da leitura de livros. Por isso, analisa duas características evolutivas que diferenciam o homem dos animais, mas que o afastam da natureza: a linguagem e a técnica que gerou processos artificiais, que também produzem linguagens. Observa que a linguagem gera o pensamento, atende à vida associativa, ao empreendimento e à evolução técnica como exercício de poder. Compara os signos visuais (fotografia, cinema e televisão) sob dois aspectos: da referência informativa e da recepção, para entender sua relação com a escrita. Situa o homem na evolução técnica que o modifica e que o submete, com ênfase na TV, automatizando a linguagem verbal - critério de humanidade - o que significa perda de identidade. Conclui que a escola, cuja base é a escrita, deve incorporar a dupla dimensão humana: pensamento e fabrico e, pelo exercício da crítica, impedir que a mente (pensamento, inteligência, intuição, consciência) seja controlada pela TV.

ABSTRACT: Starting from the evaluation of criteria used in compositions of college entrance examinations, the author conceptualizes information and finds out no longer comes from the world but from other sources. After analyzing a number of compositions, she observed that most of information contained in them came from television and not from book readings. Therefore, she analyzes the two evolutionary characteristics that distinguish man from animals, but draw him away from nature: the sign representation and the technique that has generate the artificiality of processes which include the production of languages (Technical signs). She points out that language generates thought, permits associative life, organizes technical evolution and paves the way for enterprise as power. She compares the visual languages (photography, cinema and television) through two points of view: of informative reference and of reception in order to understand how they relate to written verbal language. The author locates man within the technical evolution which modifies him and which subjects him, mainly TV technology, through automatization of thought expressed by language - a criterion of humanity - a fact which determines his loss of identity. She concludes that schools, whose basis is writing, should deal with a double human dimension - thought and production (creation) and, as an exercise in criticism, should stop the mind (thought, intelligence, intuition, conscience) from being controlled by television.

Agradecimentos

Agradeço

ao Prof. Dr. Laymert Garcia dos Santos, que preencheu de novos sentidos os vazios deixados, por causa do avanço da tecnologia, no meu conhecimento sobre a escrita;

à Pontifícia Universidade Católica de Campinas, que, gentilmente, cedeu as redações para que pudesse realizar a pesquisa.

À memória de meu pai

e à minha mãe, sempre presentes em minha vida.

Aos meus filhos, mais do que presentes...

a duração seria a escultura
do tempo
mas ela não dura
passa somente
é progresso que perfura
o bloqueio do meu tempo
em direção ao futuro
seu corpo é regresso
forte e saudável pelo excesso
com toda carga da distância
que ficou na primeira infância
o passado flui e me pressiona
a consciência para o futuro.

24/10/95

SUMÁRIO

| | |
|------------------------|------|
| Introdução Geral | VIII |
|------------------------|------|

PRIMEIRA PARTE: INFORMATIVIDADE E REFERÊNCIA

Primeiro Capítulo: INFORMATIVIDADE E SENSO COMUM

| | |
|--|----|
| 1. A Informatividade nos Critérios para o Vestibular | 2 |
| 2. Comunicação e Sintonia | 8 |
| 3. A Informação | 9 |
| 4. Forma e Controle | 11 |
| 5. Informatividade | 14 |
| 6. O A-priori | 17 |
| 7. O Novo e o Senso Comum | 17 |

Segundo Capítulo: A REFERÊNCIA INFORMATIVA

| | |
|--|----|
| 1. A Delimitação do Corpus | 20 |
| 2. As Propostas Dissertativas e os Temas | 22 |
| 3. Informatividade da Proposta I | 26 |
| 4. Intertextualidade na Proposta I | 36 |
| 5. Informatividade na Proposta II | 38 |
| 6. A Intersecção das Propostas | 50 |
| 7. Televisão: o Texto Primeiro | 76 |
| 8. O Contraponto do Passado | 79 |

SEGUNDA PARTE: SIGNO, REFERÊNCIA E RECEPÇÃO

Primeiro Capítulo: O PREDADOR

| | |
|-------------------------------|----|
| 1. Técnica e Pensamento | 87 |
| 2. Pensando a Linguagem | 88 |
| 3. Os Signos Naturais | 89 |
| 4. Os Signos Humanos | 91 |

| | |
|-----------------------------|-----|
| 5. Os Signos Técnicos | 94 |
| 6. Leitura e Poder | 100 |

Segundo Capítulo: IMAGEM: EVOLUÇÃO E PERCEPÇÃO

| | |
|---|-----|
| 1. O Primitivo e a Representação | 104 |
| 2. A Alma Aprisionada | 107 |
| 2.1 A Imagem Refletida | 107 |
| 2.2 A Imagem Aprisionada | 110 |
| 2.3 A Imagem Libertada do Olho | 112 |
| 2.4 A Imagem Independente do Objeto | 113 |
| 2.5 A Alma Aprisionada | 115 |
| 3. Imagem em Movimento..... | 121 |
| 3.1 Ritmo e Movimento | 121 |
| 3.2 Movimento e Percepção | 123 |
| 3.3 Movimento e Fruição | 126 |
| 4. A Mente Controlada | 128 |
| 4.1 A Mediação Sígnica | 128 |
| 4.2 A recepção Tátil | 130 |
| 4.3 Imediatismo e Perda da História | 133 |
| 4.4 A Televisão e a Leitura | 137 |
| 4.5 Da Recepção Solitária à Massa | 140 |
| 4.6 A Massa Televisiva | 141 |

TERCEIRA PARTE: A LINGUAGEM COMO CRITÉRIO DE HUMANIDADE

Primeiro Capítulo: LINGUAGEM E TECNOLOGIA E O LUGAR DO HOMEM

| | |
|---|-----|
| 1. Os Objetos Técnicos e a Escrita | 150 |
| 2. A Incorporação do Conhecimento Técnico ao Discurso | 154 |
| 3. Enciclopédismo, Progresso Técnico e Linguagem | 157 |

| | |
|--|---------|
| 4. Objetos Tecnológicos e Linguagem | 169 |
| 5. Tecnologia e Regeneração | 170 |
| Segundo Capítulo: SIGNO E PODER | |
| 1. O Poder da Linguagem Verbal | 174 |
| 2. O Poder de Testemunho | 179 |
| 3. Cinema e Poder | 183 |
| 4. Televisão e Exercício de Poder | 188 |
| Terceiro Capítulo: CONSCIÊNCIA E LINGUAGEM | |
| 1. Imobilidade e Mobilidade | 195 |
| 2. Cérebro: Linguagem e Técnica | 199 |
| 3. Consciência, Inteligência e Instinto | 202 |
| 4. Inteligência e Linguagem | 205 |
| 5. Intuição e Linguagem | 211 |
| CONCLUSÃO GERAL | 220 |
| BIBLIOGRAFIA | 227 |

INTRODUÇÃO GERAL

A resposta que se busca no presente trabalho e que lhe deu origem, parte da crença na importância da linguagem verbal oral, que se coloca como critério de humanidade, e da escrita, como geradora da nossa civilização. O núcleo de indagação reveste-se, como deveria ser, do caráter angustiante, resultado da atividade da professora que se empenhou durante anos (nove anos) em um trabalho de equipe nas escolas estaduais de Campinas/SP a fim de fazer reviver a prática da leitura que recrudescia no ambiente escolar. Aparentemente, havia um motivo real que fazia com que os estudantes da escola pública não se empenhassem na prática da leitura, embora a escola devesse prepará-los para isso: as bibliotecas estavam desativadas, muitas vezes com a desculpa da preservação do patrimônio ou, no caso específico, do material permanente, no qual se enquadravam os livros. Era uma causa observável.

Essa observação da realidade deu origem a um trabalho com leitura que se constituiu de atividades programadas e desenvolvidas nas escolas da região.¹ De início, o projeto centralizava-se na preocupação em desfazer nós arraigados de preconceitos como a não circulação dos livros que poderiam ser extraviados e, dessa forma, sob a responsabilidade da diretora da escola, deveriam ser repostos; a visão da leitura como obrigação e, não, como lazer e atividade prazerosa; a preocupação dos professores em ensinar todo o rol dos conteúdos programáticos previstos em lei e exigidos pelos órgãos superiores. Não sobrava tempo para atividades com leitura, que eram empurradas para o final do horário letivo com o propósito de tampar algum espaço que sobrava dos conteúdos curriculares programados para aquele dia.

Diante da observação da realidade, outras causas foram sendo apresentadas por estudiosos da leitura na escola. Os professores, mesmo envolvidos pela paixão de ensinar e pelo desejo dos alunos de aprender, estavam distantes dos verdadeiros interesses das crianças, apesar dos pesares que isso provocasse. O poder docente reproduzia o esquema de dominação instituído na escola fortemente controlada durante 20 anos de ditadura e reforçado pelo livro didático, cujos textos em quase nada se assemelham à competência lingüística das crianças. Embora o programa de leitura

¹ A autora participou de 84 a 91 da Equipe de Supervisão Pedagógica da extinta Divisão Regional de Ensino de Campinas (DRE Campinas), órgão regional da Secretaria de Estado da Educação, quando teve a oportunidade de atuar no Projeto para Dinamização de Bibliotecas Escolares, proposto pela Pós-graduação em Biblioteconomia da PUCCamp, no qual foi, de início, responsável pela ativação do acervo da EEPSP Tomás Alves, situada no distrito de Sousas.

estvisse sempre claudicante, estendeu-se e teve grande aceitação da parte dos professores, mesmo concorrendo em condições desiguais com o livro didático, o qual se mantinha fixo na preferência deles, conforme dados estatísticos fornecidos pela Fundação de Assistência ao Estudante, que apontava, em 1983, a cartilha Caminho Suave como a preferida.

Embora a escola pública tivesse, no começo desse trabalho, apresentado uma realidade adversa ao desenvolvimento do interesse pela leitura, ações do governo federal e estadual, que poderiam reverter essa situação, foram efetivadas para melhoria da qualidade de ensino: o envio de acervos de livros às escolas por meio de programas, mesmo que limitados pela diretividade político-partidária e outros importantes tipos de limitação como a escassez de verbas aplicadas à capacitação esporádica de professores. Apesar dos esforços dos que desenvolviam o projeto de leitura e dos acervos enviados, havia a dificuldade de a escola socializar a sua linguagem autocrática (resquícios da Ditadura Militar) para que a leitura e a escrita continuassem desempenhando o papel social exercido até a nossa era. Mas, a escola poderia não ser a única responsável pela formação dos analfabetos funcionais.

Depois de 9 anos de trabalho e empenho, foi possível observar que os estudantes egressos da escola pública que procuravam ter acesso às vagas da Universidade quase não apresentavam, nas redações que escreviam para o concurso Vestibular, informações advindas de livros ou textos escritos. Parecia que o trabalho com a colaboração dos professores na escola pública estadual havia sido em vão. Por que, depois de tanta insistência sobre a importância da leitura, os estudantes que se dirigiam à universidade não deixavam, em seus textos, as marcas das informações obtidas em textos escritos?

O problema não era tão observável como parecia à primeira vista. As redações do Vestibular, porque se situam em um momento de avaliação do produto da escola de 1º e 2º graus, de cuja correção participava², deslocaram o problema para outra esfera. A uniformidade e a padronização das informações eram tão presentes, que, depois de corrigir cerca de 30 redações, todas as outras pareciam terrivelmente iguais. No Vestibular após a Guerra do Golfo, todos os estudantes emitiam a mesma opinião sobre Saddam Hussein, sem qualquer questionamento e sem qualquer indicação de fonte escrita. Parecia uma comunhão midiática universal. Uma questão se colocou: O que vem interferindo histórica e socialmente na vida do homem, que padroniza a expressão escrita? Esse questionamento retoma, para ampliá-la, a indagação primeira do trabalho, o qual

² A autora participou de 1988 a 1996 da equipe de correção de redações do exame Vestibular da PUC-Campinas.

limitava a causa do problema ao Brasil do tempo da ditadura e seus reflexos anos depois (1964-1994), assim como o fazia em relação à escola, que não dá continuidade ao seu papel primeiro: ensinar a ler-escrever-ler. Foi necessário levantar novas hipóteses que buscassem as causas da ausência de informatividade (que se adquire pela leitura) das redações dos vestibulandos na própria evolução (ou alteração) da vida social humana, que se deu com o avanço da tecnologia.

Assim, a busca das causas de os estudantes se tornarem "analfabetos de escola" (iletrados) centraliza-se no estudo dessa outra expressão humana: a tecnologia - cuja evolução interfere na vida do homem. Mesmo tendo sido, por muito tempo, banida do pensamento escrito, acabou por conquistar seu lugar na expressão do cidadão atual, modificando-lhe a visão de mundo. Faz-se, pois, importante o estudo da relação escrita/leitura/tecnologia que precisa ser explicitada histórica e socialmente e que já ocorre nas redações dos estudantes.

Supõe-se que seja pelo fato de a tecnologia (aqui é relevante a presença da imagem) ter ocupado a posição que a escrita deteve durante milênios de exercício de poder que o fenômeno da deterioração da leitura-escrita tenha acontecido. Por esse motivo, a partir da análise de redações para Concurso Vestibular, constata-se a interferência da tecnologia na escrita, principalmente a da televisão, que estabelece uma uniformidade entre as redações, por meio das informações que veicula e que minam a linguagem escrita, padronizando-a. Essa grande indagação gera a necessidade de se fazer reflexões sobre o modo como a tecnologia de comunicação interagiu com a escrita, especialmente a TV, no momento atual, e interferiu na linguagem humana como expressão *sígnica*, visto que ela mesma é *signo*.

Um motivo maior do que aquele que se exibia diante de nossos olhos subjazia no texto dos alunos e merecia ser revelado, pois que essa intervenção, além de predatória do pensamento humano, atende ao poder de forma mais eficiente que a escrita. Através da leitura de uma amostragem significativa de redações é possível evidenciar, pela presença de clichês (informações prontas) de informação televisiva, que a tecnologia se tornou referência informativa e, não mais, a leitura de livros ou do mundo natural. O portal de acesso às respostas pretendidas é o conceito de informação: aquilo que se troca com o mundo – cuja referência deixa de ser o próprio mundo para centralizar-se na tecnologia que evolui e que justifica o fato de a informação proveniente de livros estar ausente das redações dos estudantes.

A primeira parte do trabalho, INFORMATIVIDADE E REFERÊNCIA é composta por dois capítulos: o primeiro capítulo, *Informatividade e Senso Comum*, baseia-se no conceito de

informação para mostrar que, com a evolução tecnológica, o senso comum corresponde, hoje, à informação veiculada pela televisão, que diminui consideravelmente a capacidade crítica e criativa do homem, que se submete ao controle eletrônico da linguagem, tornando sua produção escrita altamente previsível, conforme constata a pesquisa citada. O segundo capítulo, *A Referência Informativa*, a partir da leitura das redações dos vestibulandos, focaliza as informações (aquilo que se troca com o mundo) situando a referência informativa nas informações veiculadas pela televisão, contrapondo o reduzido número das provenientes dos textos escritos.

Outras indagações vão-se colocando, à medida que aumenta a angústia gerada pela constatação do desgaste do pensamento que situa a linguagem como critério de humanidade, geradora da consciência, espaço da imaginação, que tem, agora, como referência a imagem e, não mais, o mundo ou a própria escrita. Parece que o homem está prestes a perder mais um paraíso, perda essa de sua inteira responsabilidade. A dúvida precisa ser esclarecida, a fim de que se possa ter consciência da importância do avanço tecnológico e da permanência do pensamento escrito na evolução humana. É preciso, portanto, entender como se estabeleceu essa relação tecnologia e escrita (do ponto de vista da evolução sócio-cultural) e que importância possui para a vida associativa, considerando o exercício do poder.

A segunda parte, *SIGNO, REFERÊNCIA E RECEPÇÃO*, é constituída de dois capítulos, *O Predador*, primeiro capítulo, inicia-se com a observação de Spengler de que o homem é predador, porque se distancia da natureza, à medida que evolui. A evolução fez-se pela linguagem e pela técnica comuns também aos animais, mas que, no homem, tornaram-se independentes da vida. No homem, graças à bipedia, as mãos ficaram livres para o fabrico e a face, desobrigada da captura e do dilaceramento da caça, liberou a musculatura facial para o desenvolvimento da linguagem, que propicia o pensamento, que separa os que pensam dos que executam. Dessa forma, a linguagem determinou o exercício do poder, como o olhar que fixa o alvo a ser conquistado expandindo o domínio do espaço. A linguagem e o pensamento, como o olhar e a mira, foram bases para a ação coletiva combinada. Mas o caminho da evolução humana se fez tanto pela técnica (depois pela tecnologia) como pela linguagem, a qual levou o homem a se distanciar-se da natureza, que vai deixando de ser a referência da própria linguagem. Este capítulo diferencia os signos naturais dos signos humanos.

Torna-se importante que se comparem os signos técnicos, detendo-se sobre cada um dos que dependam da visão, porque o presente trabalho gira em torno da escrita, sistema de signos – base da nossa civilização – que alterou significativamente a vida humana. Dessa forma, faz-se análise das linguagens produzidas pelos objetos técnicos que se desenvolveram paralelamente à escrita, destacando como a sociedade se modifica a partir delas e como interferem na escrita ou com ela interagem. O segundo capítulo, *Imagem: Evolução e Percepção*, refere-se às imagens, que se fazem linguagem fotográfica, filmica e televisiva e ao modo como elas afetam a escrita. Mas todas essas reflexões ainda não são suficientes para que se entenda a evolução dos objetos técnicos e sua inter-relação com a escrita, pois o homem acabou por fabricar objetos que produzem linguagem. Assim, a linguagem também evolui e, no sentido da visualidade, é necessário retomar os signos técnicos que se fizeram a partir do fabrico, compará-los com a escrita e entender as alterações que operaram na vida humana. O capítulo subdivide-se em três partes que o compõem e preocupam-se com entender as imagens - fotográficas, do cinema e televisivas - e de que modo transformam o processo de recepção. *A Alma Aprisionada* analisa a importância da imagem, desde o mito de Narciso até a fotografia, diferenciando, a partir de Umberto Eco, o que a torna signo; compara o signo fotográfico com o verbal, constatando sua capacidade de fixar o presente que se faz passado; a importância da evolução dessa linguagem e a reação adversa que teve no momento em que a primeira imagem foi fixada, mostrando o medo e o fascínio que provocou no ser humano. *Imagem em Movimento* recupera a importância da mobilidade para a consciência e exercício de poder e considera o cinema como produção de linguagem que imita essa realidade humana pela ilusão do movimento. *A Mente Controlada* pretende comparar o signo da televisão com os outros, principalmente com a escrita na qual interfere, de modo a padronizar informações.

Outra reflexão, porém, se interpõe no caminho da compreensão da relação da tecnologia com a escrita; se a linguagem é importante para a formação da consciência e a evolução humana teve duas vias de direção, faz-se necessária a compreensão de como se fizeram essas duas vias, a partir de uma reflexão sobre a evolução dos objetos técnicos que também se fazem, para o homem, independentes da vida, produzem linguagem e caminham paralelamente à escrita. Para tanto, em uma terceira parte, A LINGUAGEM COMO CRITÉRIO DE HUMANIDADE inserem-se três capítulos: *Linguagem, Tecnologia e o Lugar do Homem* compara os objetos

técnicos e o discurso escrito³, do qual estiveram banidos durante tantos séculos. Mostra o lugar privilegiado ocupado pela escrita, sistema de signos mais estável, que tinha o mundo como referente e representava o poder de uma minoria sobre a maioria que obedecia às leis, mas era impedida de formulá-las. Paralelamente, os objetos técnicos, de início as ferramentas, continuaram intermediando a ação do homem sobre o mundo. Baseando-se em Gilbert Simondon, o capítulo diferencia as ferramentas dos instrumentos e do equipamento e indica o momento em que a técnica se incorporou ao pensamento, transformando-se em tecnologia. Em meio à evolução técnica e tecnológica, o homem deixa de ser sujeito de sua história para ser objeto do poder econômico e do mercado.

Essas reflexões sobre as linguagens técnicas visuais que, em seu processo evolutivo, afetaram o ser humano e sua vida, procuram mostrar que tanto elas como a escrita serviram ao exercício do poder de diferentes formas. Esse exercício se faz por meio do pensamento escrito, de modo a uniformizar e divulgar a informação banalizada e controlada pela mídia, como ocorre nas redações dos jovens, das quais o pensamento individual é banido, assim como a referência extraída dos livros. O segundo capítulo, *Signo e Poder*, portanto, analisa a relação entre recepção e padronização da informação que se caracteriza de modos diferentes conforme o sistema de signos. A recepção individualizada da escrita pelo leitor é diferente da observação da fotografia, da fruição do filme de cinema pelo público, assim como da imagem televisiva pelas massas. O que acontece, atualmente, é a recepção massiva transposta para as redações dos vestibulandos, das quais a televisão torna-se referência. Se o discurso escrito já esteve em posição de supremacia em relação aos objetos técnicos, atualmente esses estão ocupando o lugar daquele, por meio do controle discursivo exercido pela televisão sobre as massas, que ameaça a individualidade, a originalidade, enfim, a capacidade de o homem pensar.

Portanto, outra indagação aflora do capítulo anterior: se o pensamento é importante, é preciso dimensionar sua importância. Que importância tem para a constituição da humanidade e como, por meio da linguagem, o homem se diferenciou dos animais? *Linguagem e Consciência* (terceiro capítulo) toma como ponto de partida *A Evolução Criadora* de Henri Bergson, que diferencia o animal do vegetal pela mobilidade. Busca, em Leroi-Gourhan, a bipedia e o desenvolvimento cerebral como bases sólidas da evolução humana, no que se refere à linguagem e ao fabrico, que

³ Eni P. ORLANDI, *Análise de Discurso*, p.17, conceitua: “o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos.” O objeto da Análise do Discurso é o texto.

resultaram na técnica e na linguagem. Apresenta a dicotomia da evolução que se fez rumo à inteligência ou rumo ao instinto, para a diferenciar o processo evolutivo do homem daquele realizado pelos outros animais. A inteligência caracteriza-se pela sua capacidade evolutiva, diferente do instinto que é condicionado à programação da vida. A consciência está ligada à inteligência, que se desenvolve mais nos seres capazes de maior mobilidade e é ela que possibilita o pensamento e a escolha. Para que a inteligência não se acomodasse ao fabrico, a linguagem – base da consciência - favoreceu a evolução por meio da reflexão, mas ela pode ficar condenada ao automatismo se não se renovar. Diferencia, também, a linguagem humana, que possui mobilidade, da linguagem animal, que adere à coisa significada. Por fim, compara instinto, inteligência (organiza o mundo inorganizado, estabelece relações, mas fica fora da vida) e intuição (instinto consciente, capaz de ampliar seu objeto, criar indefinidamente), que penetra na vida e a revela esteticamente. O capítulo conclui que a relação massiva que transparece nas redações, ameaça o homem de perder a consciência.

PRIMEIRA PARTE:

INFORMATIVIDADE E REFERÊNCIA

CAPÍTULO I: INFORMATIVIDADE E SENSO COMUM

1. A INFORMATIVIDADE NOS CRITÉRIOS PARA O VESTIBULAR

Todo o passado que se acumula em nossa memória e que faz com que possamos projetar o futuro ausenta-se, cada vez mais, das redações do Vestibular de uma forma que nos deixa alarmados. As comportas do passado que pressionam o presente e preparam o futuro, condição *sine qua non* para a existência da consciência, parece que nelas foram bloqueadas devido ao controle exercido pelos mídia.

As expectativas dos professores que as corrigem apóiam-se em critérios que dizem respeito ao modo como se organizam em termos de coesão e coerência, suporte conceitual e lingüístico da elaboração do texto escrito, assim como a fatores denominados pragmáticos, que envolvem o processo sociocomunicativo ¹, sobre o qual se pretende nossa reflexão, para que se possa começar a entender como se observam a rarefação e a padronização da informação presentes nas redações dos vestibulandos. Retomamos, portanto, de forma sucinta, o embasamento dos critérios adotados para a avaliação das redações, os quais se interpenetram e se reúnem em três grupos principais: os que dizem respeito ao processo de comunicação; os que se assentam sobre o meio em si: sua pré-existência, sua forma, e os que relacionam o conteúdo das redações com o próprio mundo, ou seja, os que se baseiam em informações de fora do texto, mas que constituem a matéria prima que se faz forma, à medida que para se tornar texto é trabalhada pelos outros dois grupos.

No processo de comunicação discursiva, vários elementos são considerados: o emissor, aquele que expressa, de modo implícito ou explícito, na mensagem a sua intencionalidade (aquele que escreve, tem em mente um objetivo, ou seja, tem conhecimento da situação sociocomunicativa em que o discurso é produzido e de sua finalidade). Tem conhecimento também do receptor com quem deseja comunicar-se e do tipo de mensagem que precisa elaborar para ser compreendido. No pólo da recepção, deve existir a aceitabilidade, que é a expectativa do receptor em relação ao discurso, ou seja, que conhecimentos ele espera adquirir com o texto oferecido. Para que o texto seja bem recebido, quem fala/escreve lança mão de estratégias e uma das condições para que isso aconteça é a observação dos contextos do discurso: tanto o de produção como o de recepção. Há

¹ Maria da Graça COSTA VAL, *Redação e Textualidade*.

situações que são imediatas, como no caso da fala coloquial, e daquelas que pré-existem ao ato comunicativo, como textos escritos mais formais. No caso das redações do Vestibular, o emissor constitui-se pelos estudantes, principalmente os das áreas Humanas (82%) e Exatas (61%) que passaram pela escola pública e os das Biológicas (apenas 30%).

Denomina-se situacionalidade a adequação do texto à situação sociocomunicativa; as atenções do produtor e do receptor voltam-se para o contexto em que o texto é produzido, que, em nosso caso, são os exames vestibulares, que exigem que os estudantes tenham um determinado perfil para ingressarem na universidade. Há, pois, três fatores básicos para que a comunicação se efetive: intencionalidade, que depende do produtor; aceitabilidade, que se refere à recepção e situacionalidade, que remete ao contexto.

Outro fator a se considerar é a informatividade, que segundo Maria da Graça Costa Val (op.cit.), diz respeito ao grau de informação que o receptor possui e que determina o seu interesse pelo texto. Se esse for menos previsível, será mais informativo e, por conseguinte, fará com que a recepção seja mais envolvente, porque conta com menor grau de previsibilidade. Deve levar conhecimento ao receptor assim como oferecer elementos necessários a uma interpretação conivente com a intenção do produtor, por meio da suficiência de dados e, por isso, os mais relevantes não podem ser do conhecimento prévio do receptor. A intertextualidade: o conhecimento prévio de outros textos -, que se caracteriza pelo conjunto de informações, que deles provém e que foram utilizadas e bem dosadas pelo produtor, é o último dos fatores denominados pragmáticos.

Resumem-se, portanto, em três, os fatores primordiais pragmáticos necessários ao bom desempenho da comunicação discursiva, a saber: 1) os sujeitos envolvidos no processo de comunicação: o emissor que expressa sua intenção (a intencionalidade) e o receptor a quem cabe a aceitação da mensagem (a aceitabilidade); 2) a situação em que se realiza a comunicação (a situacionalidade), que remete ao contexto; e 3) a informatividade que reúne os dados mais previsíveis ou menos previsíveis presentes no texto, incluindo a intertextualidade que é a informação proveniente de outros textos.

À guisa de comparação, observe-se, agora, o livro *A Coerência Textual*² (de Ingedore Koch e Luiz Carlos Travaglia), no qual se analisam os fatores de coerência. No capítulo 4, depois de considerarem a coerência interna, que trata dos elementos lingüísticos do texto, observam que

² Luiz Carlos TRAVAGLIA e Ingedore V. KOCH, *A Coerência Textual*.

eles servem para ativar “conhecimentos armazenados na memória que constituem o ponto de partida para a elaboração de inferências” e “ajudam a captar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem o texto,...”³. São, portanto, índices com duas direções: uma, interna, e outra que aponta para um campo de referência muito maior do que o próprio texto, mas que nele se organiza. Sobre a informatividade (aqui se insere a intertextualidade), as informações selecionadas para a produção do texto e que nele se fazem mensagem, recairá o enfoque deste trabalho na análise das redações dos vestibulandos.

Em relação ao campo de referência maior a que o texto remete, apontam:

1º) o conhecimento de mundo: arquivado na memória de formas diversas. 2º) o conhecimento partilhado: conjunto de vivências que emissor e receptor precisam ter em comum para que o processo de comunicação se efetive. Se o que possuem em comum for muito grande não há necessidade de que o texto seja muito explícito, porque o receptor é capaz de suprir as lacunas lá deixadas pelo produtor. Portanto, se o texto contiver apenas a vivência em comum, será altamente redundante, circular e não atenderá à finalidade da comunicação; mas se nele houver apenas informação nova, não será entendido. As informações resumem-se: aquelas que se recuperam a partir do próprio texto; as que, nele presentes, referem-se ao contexto situacional (situação onde se realiza a comunicação); as que são do conhecimento geral; e as que são do conhecimento comum ao produtor e ao receptor.

Há, portanto, presentes em um texto: as informações que são do conhecimento geral, que se pode denominar senso comum, e as partilhadas, que são da vivência comum do emissor e receptor. Ao se fazer um texto, deve-se ter em mente o que é adequado à situação: as imagens que os interlocutores têm uns dos outros, os papéis que desempenham, o lugar e o momento da comunicação, o objetivo, os pontos-de-vista, tratamento a ser dado ao tema, o grau de formalidade, a variedade dialetal etc. Esses elementos também dizem respeito aos aspectos formais, visto que se deixam entrever pela estrutura lingüística do texto, correspondendo ao modo como ele se organiza, por isso não serão abordados em nosso trabalho, porque são previsíveis na situação do Vestibular.

O texto não é idêntico ao mundo real, por isso cada receptor o interpreta de acordo com sua óptica, os seus propósitos, as suas convicções - há sempre uma mediação entre o mundo real e o textual. Ela é a informatividade: refere-se ao grau de previsibilidade da informação contida no

³ Ibidem, p.59

texto e a intertextualidade: o conhecimento prévio de outros textos. Esta pode ser de forma (caso das paródias), ou de conteúdo como a que aparece em textos de uma mesma época, de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma cultura etc, quando há um diálogo entre os textos. Nesse tipo, ela pode ser explícita: o texto contém a indicação da fonte do texto primeiro: as citações e as referências; resumos e resenhas; traduções etc. Na implícita, não há indicação da fonte e, por esse motivo, o receptor deve ter conhecimentos necessários para recuperá-la. Além disso, há, também, as características do processo de comunicação, que se prendem à relação necessária entre emissor e receptor: a intencionalidade e a aceitabilidade. A primeira “refere-se ao modo como os emissores usam textos para perseguir e realizar suas intenções”⁴ e a segunda diz respeito à cooperação, “o postulado básico que rege a comunicação humana”⁵. Dentre as bases de organização da mensagem, elementos intra-textuais, a consistência exige uma relação de um dado enunciado com os enunciados anteriores, ou seja, eles não devem ser contraditórios, mas verdadeiros, dentro do mundo apresentado no texto e dizem respeito à coerência e à coesão textual; a relevância refere-se ao fato de que cada um dos enunciados deve ser relevante para um mesmo tópico discursivo ou que sejam interpretáveis como falando de um mesmo tema. Trata-se da organização dos parágrafos e da unidade do texto.

Se procedermos ao cotejamento das duas obras citadas, observamos que fazem abordagens um pouco diferentes, mas ambas incorporam o conhecimento já assimilado (armazenado na memória) e partilhado em graus diversos por emissor e receptor; a intencionalidade e a aceitabilidade que dependem da cooperação (postulado básico da comunicação); a situacionalidade que diz respeito a quando e onde a comunicação se faz, o que condiciona o modo como ela deve se realizar (envolve o enfoque); a informatividade e a intertextualidade que tratam das informações contidas no texto e que podem ter como referência o mundo ou outros sistemas de signos; e os elementos importantes para a estruturação do texto e de sua verdade como organização textual.

Os fatores que participam da organização textual por meio de mecanismos lingüísticos e os que correspondem às informações que nela se inserem para a adequação textual: conhecimento de mundo e conhecimento partilhado -, catalogados ou não, são importantes para a comunicação e constituem a informatividade, assim como a intertextualidade que participa do conjunto de informações provenientes de outros textos e que têm como referência o próprio mundo, de cujo

⁴ Ibidem, p.79

conhecimento partilhamos ou não. A situacionalidade que se define como a adequação do texto à situação sociocomunicativa, ou seja, a atenção dada ao contexto, possui dois aspectos: um que diz respeito ao uso adequado dos mecanismos da língua em função da situação comunicativa; outro que chama a atenção para as possibilidades de interpretação do texto. A esse aspecto da situacionalidade poder-se-ia acrescentar a inferência, porque, embora uma operação do pensamento, depende do conhecimento de mundo do receptor para a interpretação. Mas ambos, interpretação e inferência, de acordo com os autores, são concernentes à aceitabilidade, que atende à cooperação comunicativa. Da mesma forma, os fatores de contextualização inserem-se na situacionalidade. A focalização expressa-se em índices lingüísticos do texto, pistas que estabelecem a sintonia entre emissor e receptor sobre o que está sendo focalizado. Consistência e relevância são fatores específicos da organização textual, embora, aí também, se agrupe o primeiro aspecto da situacionalidade que se refere à adequação dos mecanismos da língua à situação sociocomunicativa.

Explicando melhor, tanto o conhecimento de mundo, que se expressa por modelos cognitivos, como o conhecimento partilhado dizem respeito à informação que o discurso elabora. Se “a cooperação é o princípio básico da comunicação humana”, os dois tipos de conhecimento deverão compor a informatividade do discurso mediador entre conhecimentos do emissor e do receptor. Isso significa que o processo de comunicação realiza-se a partir de um universo de conhecimento que se faz mensagem e que se presta à compreensão.

Os outros itens, os fatores de contextualização, que amarram o texto à situação comunicativa, a consistência e a relevância são da abrangência da coesão e da coerência propriamente dita, pois analisam a não-contradição dos enunciados e a necessidade de se abordar um mesmo tema. Eles são fatores lingüísticos e textuais específicos. Por sua vez, a focalização funciona como intermediária entre produção e recepção: o emissor oferece pistas sobre ela, que exige que o receptor a reconheça a partir do conhecimento que têm em comum: o texto mostra índices da sintonia entre emissor/receptor para a efetivação da cooperação comunicativa. A inferência, embora seja responsável, também, pela focalização, permeia todo o processo de interpretação do texto, pois todo e qualquer conhecimento prévio é necessário para se entender o discurso.

Dentro do cotejamento, propomos, em função de nosso trabalho, os seguintes acordos: manter a intencionalidade e a aceitabilidade do modo conceituado pelos autores, considerando que a

⁵ Ibid., p. 80

primeira determina o grau de consciência que o emissor possui do processo de comunicação e a segunda, a recepção, completa o processo comunicativo pela sua condição “sine qua non” que é a cooperação que se efetiva com a recepção da mensagem. A primeira desencadeia um processo que pretende contar com a segunda; emissor e receptor são pressupostos básicos para que a comunicação se faça. Aqui entram as expectativas do emissor que planeja: traça um objetivo e conta com recursos lingüísticos para a organização da mensagem e com a cooperação do receptor, que possui vivências e conhecimentos anteriores para entender o texto e expectativas diante dele. Essa cooperação engloba a inferência, que diz respeito à interpretação, e o aspecto da situacionalidade que chama a atenção para as possibilidades de interpretação do texto.

Os dois livros abordam a situacionalidade como a adequação do texto à situação sociocomunicativa, colocando em destaque a importância do contexto em que ocorre a comunicação. Para que ela se complete, há que se levar em conta o que importa na situação: as variações lingüísticas, o grau de formalidade, o lugar e o momento da comunicação, as pessoas inseridas no processo (o que pensam, que papéis desempenham, os pontos-de-vista etc).

Esses autores trabalham também com a informatividade, intertextualidade, conhecimento de mundo e conhecimento partilhado. A informatividade engloba também o conjunto de informações que o receptor possui e que determina seu interesse pelo texto, que pode ter maior ou menor grau de previsibilidade, conforme se baseia no conhecimento comum ou naquele que representar novidade. Conhecimento de mundo e conhecimento partilhado são itens distintos (aparecem separados) no livro *A Coerência Textual* e a intertextualidade situa-se à parte da informatividade em ambos os textos.

Retomamos, em seguida, o conceito de informatividade, a fim de, tendo como fundamento a noção de informação, reunir todos os itens que julgamos que se organizam como o conjunto de informações de um texto. De todos eles, sem desmerecer sua importância, deixamos de lado o que corresponde à estruturação formal do texto e às formalidades da situação de comunicação para centrar esforços em torno da informatividade que se rarefaz nas redações dos candidatos à universidade e que constitui o núcleo das atenções de nosso trabalho.

2. COMUNICAÇÃO E SINTONIA

Elementos apontados pelos autores podem ser agrupados no velho esquema de comunicação que nos foi ensinado por Jakobson em sua obra *Linguística e Comunicação* ⁶. Para que a comunicação se efetive por meio do texto escrito que se faz mensagem, o emissor responsabiliza-se pelos conhecimentos que retira do mundo (extra-texto), dentre os quais uma parcela deve ser partilhada com o receptor para que a mensagem seja entendida e pelo conhecimento da situação comunicativa (define o tipo de texto, a variedade linguística a ser utilizada etc). Tudo se organiza a partir da intenção comunicativa do emissor, que é levado à escolha do texto a ser produzido considerando o receptor da mensagem que se produz em um contexto situacional.

Poder-se-ia afirmar a mesma coisa de outro modo: em um processo de comunicação, há responsabilidades que cabem única e exclusivamente ao produtor do texto, outras tantas que dizem respeito ao receptor. Mas, para que a comunicação se realize, deve existir uma sintonia entre ambos, que pode acontecer, também, por meio da não aceitação da parte do receptor em relação à intenção ou ao próprio conteúdo da mensagem. O que faz com que a sintonia seja bem feita é o grau de consciência sobre o processo de comunicação, não isoladamente em seus constituintes formais, mas como processo inserido no contexto maior a que nos referimos, que lhe serve de referência informativa e sobre o qual incide a ação do receptor que assimilou a mensagem.

Pode-se dizer que a cada intenção do emissor corresponde a aceitação do receptor, reiterando a idéia de que comunicação é um processo de cooperação - base da comunicação em geral -, o qual se inicia no momento quando o receptor volta sua atenção para a situação em que ocorre o discurso e movimenta o conhecimento armazenado na memória para entender a mensagem e, depois, agir sobre o mundo. Se não houver nenhum conhecimento em comum, o texto será ininteligível.

São de várias espécies os conhecimentos que entram na elaboração e compreensão do texto: os de mundo, os do senso comum, os de outros textos, os específicos de uma dada área, os conhecimentos prévios que possibilitam a inferência pela leitura para que se compreenda o texto etc. A dosagem entre o conhecimento partilhado e a informação nova deve ter o equilíbrio

⁶ Roman JAKOBSON, *Linguística e Comunicação*, p. 19

necessário para que seja atendido o objetivo do texto: a sintonia entre emissor-receptor que se estabelece por meio do discurso.

Além da sintonia básica que deve haver entre emissor e receptor para que a comunicação exista, por eles perpassa a transformação do conhecimento que possuem para que se constitua informação presente no discurso, mesmo que procedente de outras mensagens e não apenas do mundo. Embora a sintonia entre emissor e receptor esteja condicionada, segundo os autores citados na primeira parte, aos esquemas formais da constituição do texto e do próprio texto constituído como mensagem (texto adequado a uma situação comunicativa e texto selecionado dentre os gêneros pré-existentes que o classificam) interessa-nos saber de onde provém o conhecimento de mundo que se faz referência textual, ou seja, que faz do texto informação. Quais são os fundamentos da informatividade do texto (no caso, as redações do vestibular)? A sintonia entre emissor e receptor (o princípio da cooperação comunicativa: intencionalidade/aceitabilidade) coloca-se atualmente nesses três pólos da comunicação ou fora deles? O que predomina nas redações são informações previsíveis ou imprevisíveis?

O conceito de informação, que passa a ser o objeto de nosso trabalho, é fundamental, a fim de que se possa entender o que se busca no discurso mediador da cooperação entre emissor e receptor.

3. INFORMAÇÃO

Segundo Norbert Wiener ⁷, “informação é o termo que designa o conteúdo daquilo que permutamos com o mundo exterior ao ajustar-nos a ele e que faz com que nosso ajustamento seja nele percebido.” Ajustamo-nos às contingências do meio ambiente através do processo de recepção e uso da informação. Como a vida moderna se tornou mais complicada, criaram-se museus, bibliotecas, imprensa, laboratórios científicos etc, para atenderem às nossas necessidades de ajustamento ao mundo. Por essa causa, o que acontece no discurso é que a informação, que se permuta por meio dele, já representa um ajustamento ao mundo exterior, à medida que ele se organiza por meio da língua falada ou escrita que já se propõem mediadoras do mundo. O produtor do texto, ao realizar a permuta da informação com o mundo, ao organizá-la

⁷ Norbert WIENER, *Cibernética e Sociedade*, p. 17

discursivamente, não retira (não apenas) o conteúdo de sua informação diretamente do mundo natural, mas de uma sucessão de mensagens com informações previamente codificadas.

Como o discurso é dinâmico, propõe-se a uma nova permuta, que suscita um outro ajustamento ao mundo por meio da recepção. Para que isso se torne possível, é fundamental que ele seja organizado de forma a ter a menor perda de informação possível e contenha somente aquelas que lhe sejam pertinentes.

O discurso é mensagem porque por si mesmo é “uma forma de configuração e organização”⁸, visto que primeiramente a fala e, depois a escrita sempre atendendo à vida em comum, foram responsáveis pela adaptação do homem no mundo, por meio da organização dos vários tipos de conhecimento que dele retirava. Desse modo, fez-se a evolução.

Com a complexificação do mundo, porém, a informação passou a ter como referente um número infinito de mensagens distantes do mundo natural, que o substituíram pela representação signica. Portanto, a informação se reorganiza a partir de um universo de conhecimentos já transformados em informações. No universo signico em que vivemos, há uma transferência: procede-se a uma seleção para outra organização de uma nova mensagem. Sem dúvida alguma, há sempre um acoplamento informacional, com certa perda de informação, mas com um ganho que deve existir na nova mensagem. A multiplicidade de informações do mundo moderno requer a organização de novas mensagens, pressupondo a seleção dentre as já existentes; mas, se não houver uma organização adequada, coerente, a mensagem não terá a eficiência pretendida e sofrerá maior ou menor grau de entropia –

*“a entropia é uma medida de desorganização”, ou seja, “a informação conduzida por uma mensagem corresponde ao negativo de sua entropia.”*⁹

Há, ainda, a se considerar toda uma gradação na avaliação das mensagens, que se reorganizam, levando-se em conta a probabilidade. Assim se expressa o autor, exemplificando, o que nos conduzirá a uma análise do que é mais previsível no momento atual.

⁸ Ibid., p.21

*Vale dizer, quanto mais provável for a mensagem, menor será a informação que propicia. Os chavões, por exemplo, são menos alumbradores que os grandes poemas.*¹⁰

Concordamos com Wiener, quando afirma que a informação designa o conteúdo do que trocamos com o mundo, à medida que a ele nos ajustamos de modo perceptível. Mas a noção de mundo não se refere apenas ao meio circundante natural, ao qual o homem primitivo precisava se adaptar por meio da vida associativa, que se realizou graças à linguagem, em função de sua ação no mundo por meio da fabricação de utensílios. Ele amplia essa noção, considerando a multiplicidade de lugares disponíveis para busca de conhecimento.

Retiramos, portanto, desse autor alguns conceitos importantes, que pretendemos manter: a noção de que a informação designa uma permuta com o mundo e um ajustamento a ele por meio de um conteúdo. É relevante notar que não se trata de um conteúdo qualquer, mas um que pressupõe uma seleção dentre a infinidade de outras mensagens já existentes, uma configuração e uma organização com a menor perda de informação possível, ou seja, cuja possibilidade de desorganização seja controlada.

4. FORMA E CONTROLE

Passamos a examinar outro autor, Gilbert Simondon, para ampliarmos nossa possibilidade de trabalhar com o conceito de informação.

*A informação é, em um sentido, o que pode ser infinitamente variado, o que exige para ser transmitida, a menor perda possível, mesmo que se sacrifique o rendimento energético para que não se estreite o leque dos possíveis.*¹¹

Esse conceito não difere do que vimos anteriormente: à medida que abre a possibilidade da variação da informação, mas que fica restrita à exigência da menor perda possível, com

⁹ Ibidem, p.21

¹⁰ Ibid., p.21

¹¹ Gilbert SIMONDON, *Du Mode d'Existence des Objects Techniques*, , p. 134

rendimento uniforme. Mas com outro conceito, o autor põe outros limites à eficiência da informação: estar acima do nível dos fenômenos do acaso puro –

*... informação, em outro sentido, é aquilo que, para ser transmitido, deve estar acima do nível dos fenômenos do acaso puro, como o ruído branco da agitação térmica; a informação é então o que possui uma regularidade, uma localização, um domínio definido, uma estereotipia determinada pela qual a informação se distingue do acaso puro.*¹²

Ao mesmo tempo que exige estados imprevisíveis, novos, ela não pode ser confundida com o ruído, porque possui regularidade, localização, domínio definido, uma estereotipia determinada que a diferencia do acaso puro. O ruído é uma interferência, algo que desorganiza a informação.

O princípio que distingue a informação do ruído é que ela possui significado e ele, não. Ele é apenas uma interferência que quebra a regularidade e, embora ela possa se caracterizar como o acontecimento do acaso, distingue-se dele, pois, se houver uma estereotipia absoluta, sem qualquer novidade, não haverá informação. Ela se situa a meio-caminho entre o acaso puro e a regularidade absoluta, que é uma condição da informação. Essa condição é o a-priori que recebe a informação e tem uma função seletiva. Ela não é a forma, nem um conjunto de formas, mas é a variabilidade delas, pois a variação da forma constitui a imprevisibilidade.

A entropia que é a medida da quantidade de desordem de um sistema (se é medida, é previsível) pode ser controlada, mas o acaso é absolutamente aleatório, porque configura causas independentes entre si, que se prendem a leis ignoradas que determinam um acontecimento. Ela indica a probabilidade de perda de informação, que está condicionada ao modo como foi organizada para atender a uma determinada intenção comunicativa. Haverá maior ou menor perda dependendo, por exemplo, no processo discursivo, da variante lingüística escolhida para a produção do discurso. Se a mensagem for produzida em um dialeto desconhecido do receptor, ele não conseguirá entendê-la e o grau de perda de informação será grande, a não ser que a intenção do produtor seja a não compreensão da mensagem com uma finalidade específica, como o exercício de poder, por exemplo.

¹² Ibidem, p.135

O ruído, como já ficou dito, embora se contraponha à informação, visto que não é portador de significação, interfere na organização da mensagem, podendo levá-la à destruição. Da mesma forma, a informação pode-se organizar como arma de guerra e ele ser usado intencionalmente para destruir a mensagem do inimigo. Isso foi feito durante as duas grandes guerras por meio de interferência nas ondas radiofônicas dos inimigos e durante a Guerra Fria, quando os Estados Unidos interferiram, via satélite de transmissão direta, nas fronteiras ideológicas soviéticas.

Ao diferenciar acaso puro, ruído, forma e informação, o autor comenta que “o ser vivo transforma a informação em formas, o a-posteriori em a-priori, mas o a-priori é sempre orientado para a recepção da informação a ser interpretada.”¹³ As formas pré-existem à informação que a elas é adaptada. Assim, fatos, acontecimentos que estão para se fazerem informação, vão sê-lo quando forem organizados por meio de determinada forma, seja ela a língua oral ou escrita, a linguagem da imagem (TV, cinema, fotografia etc). Forma e informação dependem do homem para se constituírem, pois ele é sempre mediador da informação, porque a organiza como tal e, sempre, descobre nela as significações:

*a significação é o sentido que toma um acontecimento em relação a formas já existentes; a significação é o que faz com que um acontecimento adquira valor de informação.*¹⁴

É evidente que, no discurso, a mediação entre o acontecimento e a própria forma que o seleciona para organizá-lo como informação, requer a presença do homem (isso é diferente nas máquinas). Ele pode realizá-la pela fala, que depende da regularidade codificada da língua (ela possui regras seletivas e combinatórias que atendem ao sentido), quando o acontecimento adquire a forma do código verbal oral, mais variável às situações que estão mais próximas da vida cotidiana. Ai, o processo de significação é mais dinâmico, mais ágil em sua organização, na própria codificação e, em contrapartida, na própria perda de informação. Na escrita, porém, as formas são mais resistentes, uma vez que a informação, para se organizar, mesmo com a mediação humana, exige conhecimento sistemático prévio. Não seria ousadia, pois, afirmar que a fala está mais sujeita ao ruído, ao passo que a escrita pode prevê-lo; naquela, é difícil controlar o

¹³ Ibidem, p.137

¹⁴ Ibid., p.138

acaso dadas as contingências de sua realização; nesta, isso é possível, porque trabalha com formas regulares, apriorísticas e matriciais.

Portanto, na escrita, a variabilidade de formas é previsível e absolutamente regular e a própria desorganização do sistema é prevista, na medida em que o desvio da normatividade se realiza em formas já definidas pela arte. A arte da escrita tornou previsível e sistêmico o ruído: os desvios da norma. Quando rompe com formas convencionais, como fez o poeta francês Stéphane Mallarmé, com o poema *O Lance de dados*, o artista mantém algum tipo de regularidade da forma, o verso por exemplo, mesmo que o paralelismo se desfaça. Na arte, o acaso torna-se previsível, porque a novidade é o princípio que não é medido e, se fosse totalmente controlável, deixaria de ter a criatividade como sua essência. Assim, o ruído que sempre interfere em prejuízo do processo significativo e tem a capacidade de destruir a informação, quando incorporado à mensagem, transforma-se em algo novo e criativo. E, se o acaso é o acontecimento imprevisível em relação às causas que o determinam, *O Lance de Dados* de Mallarmé¹⁵ cuja forma configura o acaso, em relação às formas poéticas predeterminadas, incorpora-o também à própria informação que se organiza de forma inusitada. É a probabilidade de uma margem de indeterminação que leva algo a atualizar-se por meio da informação e é sempre condição de atualização.

5. INFORMATIVIDADE

5.1 A seleção

Temos já algumas noções que podem ser transferidas para a delimitação da noção de informatividade que buscamos: informação, forma, ruído, entropia e acaso. Como já se sabe, buscamos o conteúdo a ser transformado em informação não apenas no mundo, mas em outras informações acumuladas em museus, bibliotecas e outras linguagens como cinema, televisão, computador. Cabe indagar onde fazer a primeira seleção dos conteúdos que se organizam em mensagens discursivas, mesmo que já se tenham transformado em esquemas cognitivos. Nesse momento, corremos o risco de ter atingido o grau máximo de entropia ou de parecer que estamos lidando com o acaso puro, tal é a multiplicidade e variedade de acontecimentos e conteúdos que temos a nossa volta. Se a informatividade baseia-se na presença da informação dentro das

¹⁵ Stéphane MALLARMÉ, *Oeuvres Complètes*, p. 1581

mensagens discursivas, temos que considerar, primeiramente, o lugar de onde o homem, mediador (produtor e receptor) das mensagens, em geral, retira o conteúdo que será informação na organização de outra nova.

Em *O Homem e a Técnica*, Oswald Spengler parte do princípio de que a linguagem tem por finalidade a vida associativa, pois foi ela que propiciou a vida inteligente voltada para a técnica e, por esse motivo, foi responsável pela evolução humana, graças ao desenvolvimento do pensamento. Quando a referência informativa do homem situava-se apenas no meio circundante, a linguagem humana (primeiramente a fala) era o único meio de organização do conhecimento decorrente da ação do homem no mundo. Mas, em vida associativa, os homens faziam exatamente o que Wiener propõe em seu conceito de informação, ou seja, a expressão do conteúdo da permuta com o mundo, em função de uma adaptação que fosse percebida. E isso nunca foi aleatório, mas direcionado no sentido da evolução.

Por esse fato, constata-se que a primeira referência informativa do homem é o próprio mundo (meio circundante), partilhada coletivamente. Se o contato fosse solitário, não haveria sociedade, e se ele fosse determinado biologicamente, como na sociedade dos outros animais, toda a comunicação seria restrita aos atos instintivos programados pela própria vida. Mas como a linguagem humana se libertou das amarras pré-determinadas pela vida, graças ao pensamento, que fez o homem superior por meio da consciência de si, dos outros e do mundo, foi possível criar outras formas de registro do conhecimento, assim como de fabrico, que foram gradativamente, no decorrer de milênios, tomando o lugar do próprio meio circundante. A referência, a fonte de conhecimento, deixou de ser limitada à natureza para ampliar-se para um mundo artificial, criado pelo próprio homem.

A informação, que era adstrita ao modo de agir no mundo, à técnica, portanto menos alardeada, porque fechada em grupos familiares e transmitida de pai para filho, expandiu seu espaço, à medida que o mundo se foi tornando mais complexo. A evolução se dimensiona não apenas pela evolução dos objetos técnicos mas, também, da informação. Quando surgem outros registros, como o desenho e, depois, a escrita, o conteúdo que se organiza adquire a forma desses meios e o ajustamento do homem ao mundo adquire essa fisionomia, que exige adaptação dele a esses novos meios de organização da informação. Ela mesma multiplicou-se de tal forma que, a possibilidade de tomar decisão, de escolher, em relação ao próprio meio circundante, foi transferida para esse novo universo.

Marshall McLuhan, em seu livro *A Galáxia de Guttenberg*, trata exatamente da escrita como meio de organizar a informação e as conseqüentes transformações que isso acarretou no próprio homem e no meio onde vive e, também, como o processo de reprodução técnica dos textos escritos pela imprensa tipográfica, além de mudar a sociedade, modificou a relação homem-texto por meio da leitura silenciosa. A escrita tipográfica desloca a leitura da audição (a leitura era em voz alta) para a da visão (silenciosa).

Sem dúvida alguma, as informações, não unicamente aquelas colhidas do meio circundante e a ele adaptadas, fizeram-se novas formas pelo registro do conhecimento do mundo, por meio dos signos que o substituíram: os ícones e depois a escrita. O registro teve como conseqüência o início do processo de distanciamento do homem de seu meio natural e a adaptação ao mundo passou a ser feita através de formas que organizavam a informação substituindo-o. O mundo, por sua vez, dentro dessa evolução, vai-se transformando juntamente com os processos informativos, deixando de ser natural e passando a ser referenciado por uma infinidade de objetos artificiais que se organizaram a partir das informações registradas e, também, como elas.

Recentemente, com a tecnologia (técnica pensada e universalizada, infelizmente elitizada) outras linguagens foram criadas como forma de organização da informação, que se seleciona e se adapta, conforme as características de cada uma delas. Rádio, cinema, televisão, computador determinaram novos modos de organizá-la e, com a formação das massas, a comunicação, que já se modificara com a escrita e, depois, com a imprensa, proliferou um sem fim de formas informativas de ampla e numerosa recepção.

Por isso, quando se busca a informatividade do texto escrito, é preciso que se tenha consciência não somente do processo de comunicação, mas do tipo de conhecimento se pretende organizar e da forma mais adequada para esse fim. Sem dúvida alguma, conhecer o meio circundante é importante, mas limitado. O homem, atualmente, dá forma ao seu conhecimento, não apenas a partir desse meio que lhe é (ou deveria ser, ou já foi) mais próximo, mas a partir de outros que inventou e que substituíram o mundo natural pela informação tecnológica, cujos meios o massificam. Ela, agora, constitui a referência informativa mais próxima do homem moderno.

Diante desses fatos, somos questionados sobre quais mensagens deverão ser selecionadas para constituírem outra, como por exemplo, o texto dissertativo. Para isso, faz-se necessário transportar alguns conceitos para a informatividade do texto dissertativo que dimensionem a distância existente entre o senso comum e o novo, o imprevisível.

6. O A-PRIORI

A cooperação comunicativa, que se traduz como sintonia que precisa existir entre emissor e receptor para que o processo comunicativo se efetive, assenta-se na intencionalidade daquele e na aceitabilidade deste, as quais dependem dos conteúdos transformados em informação. Os conhecimentos organizados em formas predeterminadas como a dissertativa, por exemplo, definem o domínio ao qual as mensagens devem se adaptar. Portanto, a forma que determina a organização das mensagens é uma medida de organização que direciona o tipo de regularidade que a informação terá. O texto argumentativo é aquele que dá importância primordial ao pensamento: um emissor, por meio de argumentos, tenta convencer alguém sobre a veracidade de sua posição (tese) diante de um problema. Essa forma é, pois, um a-priori que funciona como medida de organização das mensagens ou, dito de outro modo, controla a perda de informação. Pressupõe-se que o que se adapta a uma forma já conhecida contém significado. Mas não passa de um pressuposto que, para se realizar, baseia-se na seleção de mensagens que atendam às expectativas do receptor em termos de conhecimento novo.

Se a forma é previsível - e ela o é quanto aos gêneros textuais -, está acima do nível do acaso puro que é o acontecimento imprevisível em relação às causas que o determinam. Desconhecer ou ignorar a forma a-priorística, configura o acaso e, portanto a não adequação ao que foi determinado, a não ser que, em uma dada situação, o previsível seja a grande, mas não total, alteração da forma, como fez a poesia concreta.

7. O NOVO E O SENSO COMUM

Como já foi dito, a referência do homem atual para a busca do conhecimento deslocou-se do mundo natural para o artificial. Ambos fornecem uma variedade que tende ao infinito, dada a aceleração dos meios, que nos obrigam a um processo de seleção de mensagens que se organizarão em informação, na qual pode estar presente a variedade, mas com a menor perda possível.

A previsibilidade da mensagem (não a regularidade da forma), porém, leva-a à entropia, ou seja, quanto mais previsível, menor é a informação. Altamente previsível é a mensagem que se constitui única e exclusivamente com aquelas retiradas do senso-comum.

O senso comum baseia-se no conjunto das opiniões aceitas em determinada época, sem que se faça reflexão sobre elas, porque são tidas como verdadeiras. É razoável acrescentar que ele permeia o cotidiano de cada indivíduo, ou seja, de toda a sociedade. Esse conjunto de opiniões são, em geral, aceitas sem questionamentos, passivamente, de modo que não há vislumbre de atitude crítica. Ele é marcado pelas relações simples e afetivas da vida doméstica ou, hoje em dia, em muito maior escala, pelo discurso da televisão. Ambos são altamente previsíveis: aquelas porque, embora necessárias à vida em comum, quando não se equilibram com o pensamento, embotam a capacidade crítica; este uniformiza as reações, inclusive as afetivas, impedindo o exercício do pensamento, graças às características do meio, que determina a organização das informações que veicula.

A televisão, por causa da simultaneidade, da apresentação, da rapidez com que passa de um fato a outro, faz com que o espectador receba as informações sensorialmente apenas, sem poder pensar sobre elas. Assim, do modo como as transmite (quem não as recebe?), são elas transportadas para o discurso diário do homem comum.

É essa informação colhida via televisão que se organiza e se alimenta de atitudes reiterativas e reforçadas pela gestão da opinião do receptor e dos interesses do mercado, que uniformiza não só o comportamento humano, mas, sobretudo, a linguagem verbal. Ela é, pois, a mais previsível do discurso, quando não crítica, porque pertence ao domínio das massas. De modo diferente, o conhecimento organizado em livros que poderia, também, ser informação discursiva (a intertextualidade) tornou-se na sociedade de massas mais raro e muito mais imprevisível. Além disso, ele acumulou durante milênios a memória da humanidade, não só no que se refere à sua evolução em todas as áreas do conhecimento, mas também em relação à sua organização como cultura e arte, e todas as formas que aí estão, são os *a-priori* necessários.

A informação textual escrita, principalmente proveniente de livros, resguarda a noção de tempo pois registra o passado e planeja o futuro e, se aproveitada em um texto dissertativo, indica a própria face da escrita que configura o tempo como memória da humanidade, cujo conhecimento impede que erros do passado sejam repetidos e indica que a pessoa que escreve, dá forma a esse importante registro que, desencadeou juntamente com a técnica e a tecnologia, a evolução da humanidade. O já pensado para o exercício da consciência que foi registrado pela escrita exibe-se, agora, como o original e o novo, tendo como contraponto o senso comum do discurso da televisão, presente na quase totalidade das redações dos Vestibulares, enquanto a

intertextualidade, que mostra o presente pensado a partir do passado, do já visto ou do já lido, ausenta-se cada vez mais.

As mensagens televisivas ocorrem na maioria dos textos dissertativos dos estudantes que prestam esses exames, de forma redundante e circular, por isso com total previsibilidade, sem inovação, como se a mente de cada um estivesse submetida a um controle disciplinar único de uma sociedade panóptica. A partir dos conceitos estudados, procedemos a uma amostragem do registro da leitura dessas redações para verificar que informações ali predominam e qual é a sua procedência.

CAPÍTULO II: A REFERÊNCIA INFORMATIVA

1. A DELIMITAÇÃO DO CORPUS

A preocupação com a interferência da televisão na escrita e a conseqüente e crescente ausência de informações provenientes de textos escritos (intertextualidade) incitaram à observação mais detida sobre a veracidade e a dimensão dessa ocorrência. Isso se deveu ao fato de ter participado de 1988 a 1995 da correção das redações dos candidatos aos exames Vestibulares da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Essa constatação centrou-se em torno da possibilidade de que a televisão teria uma interferência maior do que se podia imaginar na linguagem verbal e de que deveria ocorrer de modo incisivo nas redações do Vestibular em detrimento das informações provenientes de textos escritos. Tendo sido levantada a hipótese, o “corpus” da pesquisa foi constituído pelas redações do Vestibular/94 da PUC-Campinas, no qual concorreram 16.848 candidatos para um total de 5.105 vagas; era necessário um corpus mais abrangente que desse consistência à hipótese levantada. Foi solicitada à universidade autorização para a realização da pesquisa, assim como uma quantidade significativa a fim de que se compusesse o “corpus”.

Do total de redações concedidas pela Universidade, aproximadamente 1600 redações, foram tomadas aleatoriamente para análise, as salas CO4, B24, 705, 850, A28, C48, A22 com um total de 720 candidatos inscritos, a 180 dos quais foi atribuído o conceito zero, pelos seguintes motivos: ou não compareceram, ou não fizeram a redação ou não abordaram o tema. Foram efetivamente analisadas 540 redações. Foram observadas uma a uma, incluindo-se as que foram anuladas por não terem abordado o tema. Das três propostas, as narrativas, por nada acrescentarem e por serem em número muito reduzido, foram excluídas deste trabalho. É preciso esclarecer que, dada a grande incidência de informações repetidas, optou-se pela quantidade acima citada que foi considerada uma amostragem significativa e suficiente.

A proposta III solicitava que se redigisse uma narrativa em que, a certa altura, duas personagens estabelecessem um diálogo correspondente à seqüência de três quadrinhos, nos quais havia dois balões indicativos de fala, contendo, apenas, sinais de pontuação: na primeira seqüência, no primeiro balão, à esquerda, estava um ponto de interrogação e no balão à direita, um sinal de exclamação; na seqüência do meio, o primeiro balão (à esquerda) repetia o sinal de

exclamação e no segundo, à direita, havia o sinal de reticências; na última seqüência, as reticências se repetiam no balão à esquerda e, naquele do lado direito, havia três pontos de exclamação. Nos quadrados que formavam as três seqüências e onde se encontravam os balões de fala, sempre os da esquerda estavam um pouco mais acima daqueles justapostos à direita. Muito poucos estudantes escolheram a narrativa e os que o fizeram, escreveram sem trabalhar os constituintes narrativos, relatando, apenas, fatos do cotidiano.

Outro fato relevante direciona-se à escolha da análise da informatividade e não a que se refere à estruturação da redação. Como já apontamos no capítulo anterior, todos os constituintes da dissertação enquanto forma exigida pela universidade, formam o *a-priori* e já são, por isso, do conhecimento do candidato. Há muito poucos erros em relação ao gênero solicitado, embora eles ocorram em relação à estruturação do texto: coesão textual, coerência, nível de linguagem etc. O que nos atraiu foi muito mais a repetição que ocorre entre os textos, como se todos tivessem “lido” o mesmo livro ou tivessem a mesma referência informativa e, também, tivessem o conhecimento partilhado não apenas entre emissor e receptor, mas entre os produtores (emissores) dos textos. Por isso, a relação entre as informações reitera-se de uma redação à outra, como se a informação fosse comum a todos os vestibulandos (o que é uma verdade). Cremos também que é possível observar em outro trabalho como a referência informativa que procede da realidade televisiva, possui características discursivas da linguagem preparada para atingir a maior audiência, ou seja, um discurso nivelado: de recepção fácil e rápida.

Não é o *a-priori* que se busca neste estudo, mas o original, o imprevisível, o que se destaca, o que faz com que a informação acrescente algo novo ao conhecimento de quem avalia as redações, principalmente aquela que se projeta além do senso comum, extraída da leitura, principalmente de livros e não, tão recente sobre a qual ainda não se tenha muitos textos com análise mais crítica e profunda dos fatos. Não se pretendeu também permanecer na estruturação dos textos: na organização e na relação entre as idéias (seqüenciação) - embora o modo de organizar o pensamento seja base de sua expressão. Voltou-se para a referência sógnica: a informação que se faz mensagem porque se origina de uma determinada fonte, portanto a pesquisa, que tem em si embutida a recepção sógnica, transita da origem da informação ao modo de recebê-la. Abandonamos a idéia de que o texto, uma vez concluído torna-se objeto fechado, distante do mundo para explorar essa relação, que se crê em contínuo movimento, fundamental para a dinâmica do pensamento humano.

2. AS PROPOSTAS DISSERTATIVAS E OS TEMAS

As dissertações, nas quais recai a quase totalidade da escolha dos vestibulandos, são apresentadas a seguir.

PROVA DE REDAÇÃO

INSTRUÇÕES GERAIS

I – Dos cuidados a serem tomados pelos candidatos:

1. Leia atentamente as propostas, escolhendo uma das três para sua prova de redação.
2. Escreva, na primeira linha do formulário de redação, o número da proposta escolhida.
3. Escreva o texto a tinta (em preto ou azul).
4. Apresente o texto redigido com letra legível (cursiva ou de forma) em padrão estético conveniente (margens, paragrafação, etc).
5. Não coloque o seu nome na folha da prova de redação.
6. No caso de rasuras, seja cuidadoso.
7. Tenha, como padrão básico, o mínimo de 25 linhas.

II – Da elaboração da redação:

Atenda, com cuidado, à proposta escolhida em to dos os seus aspectos (incluindo adequação ao tema e ao tipo de composição).

2. Empregue nível de linguagem apropriado à sua es colha.

3. Estructure seu texto utilizando recursos gramatiais adequados.

Seja claro e coerente na exposição de suas idéias.

III – Das propostas:

PROPOSTA I

Leia atentamente o texto. Procure analisar as idéias nele contidas. Verifique de que fala e o que fala. Ao apreender sua essência, redija uma dissertação sobre o te ma aí abordado. Seja claro e coerente.

IMPrensa QUESTIONADA

O momento excepcional que o país atravessa leva a uma refle xão sobre o papel da imprensa nesta formidável crise. Os meios de comunicação desempenham, sem dúvida, uma função importante, tanto nas investigações quanto na necessária vigilância sobre os tra balhos da CPI e, principalmente, na mobilização da sociedade.

Na atual conjuntura, qualquer denúncia, mesmo que desacompa nhada de provas, assume ares de verdade inquestionável. A imprensa, por isso mesmo, é obrigada a redobrar os cuidados na averiguação dos fatos que, de resto, jamais podem ser ignorados pelo bom jornalismo.

O questionamento que começa a surgir agora sobre o comportamento dos meios de comunicação é saudável. Seria imperdoável que o jornalismo, a partir da discutível qualificação de “Quarto Poder”, se sentisse acima do bem e do mal. Quando questionada, a imprensa se obriga, mais ainda do que em momentos menos conturbados, a cercar o seu noticiário de todas as cautelas, para não atingir a honra de inocentes. Se esse comportamento for rigorosamente seguido por todos os meios de comunicação, todos eles ganharão e, acima de tudo, se beneficiará o leitor.

(Folha de S. Paulo – 11/11/93)

PROPOSTA II (DISSERTAÇÃO)

Leia cuidadosamente os dois textos abaixo. Verifique que eles tratam do mesmo problema, mas apresentam teses opostas. Com qual delas você concorda? Posicione-se sobre uma delas e redija uma dissertação argumentativa, clara e coerente.

TEXTO I

A crise de valores éticos e morais em que o país mergulhou desde que começaram a se revelar as provas de corrupção no Congresso Nacional é profunda, é ampla, é vergonhosa. Mais do que a culpa pessoal de deputados e senadores, a corrupção revelou os pecados de uma sociedade viciada, em que todos querem “tirar vantagem” nas pequenas ou grandes oportunidades que se oferecem. A corrupção faz parte da nossa cultura e do nosso cotidiano, e é a prova definitiva de que ainda não estamos amadurecidos para o regime democrático.

TEXTO II

Desde que a CPI do Orçamento se instalou, o Brasil inteiro vem tomando consciência de inúmeros casos de corrupção no Congresso Nacional. São lamentáveis e revoltantes, não há dúvida, mas ao mesmo tempo constituem a prova de que nossa vida política, nossos meios de comunicação e nossa responsabilidade de cidadãos fortaleceram-se nos últimos anos. A conquista da democracia significou também a conquista da transparência dos atos políticos, e pode significar o fim de uma impunidade com a qual já estávamos habituados a conviver.

Nesse ano, as propostas dissertativas apresentam os seguintes temas: a proposta I, cujo texto se intitula “Imprensa Questionada”, extraído do jornal Folha de S. Paulo de 11/11/93, aborda a necessidade de cautela da imprensa no desempenho de sua função, ou seja, trata de questionar a crença na neutralidade/imparcialidade da imprensa considerada o “Quarto Poder”. Mas, o texto, extraído de jornal diário, situa-se dentro dos acontecimentos presentes naquele momento, que foram amplamente veiculados pela televisão, além dos outros meios da comunicação jornalística: os trabalhos da CPI, a mobilização da sociedade. A presença dessas indicações da atualidade na proposta parecem direcionar o percurso dissertativo dos estudantes no desenvolvimento de seu texto, ou seja, a própria proposta aponta o caminho da referência informativa com que o candidato irá trabalhar. A indagação que se coloca é que se a própria proposta direciona o pensamento, é evidente, que o vestibulando irá assentar sua produção textual nas possibilidades televisivas que ela lhe oferece. Nesse sentido, a proposta situa aquele momento e seus fatos como lugar comum, isto é, passíveis de estarem presentes na maioria dos textos. Assim, original, com menor grau de previsibilidade, ou mais informativa será a dissertação que abordar o tema proposto apresentando informações que ultrapassem o comum ou que lancem mão de reflexões baseadas em informações provenientes de textos escritos, de preferência, livros.

A segunda proposta também se constrói a partir da crise do país e da CPI do Orçamento, incorrendo, portanto, no mesmo direcionamento presente na Proposta I. Mas, esses acontecimentos giram em torno de duas posições diferentes, dentre as quais o aluno deve escolher

apenas uma com a qual deve concordar. O primeiro texto afirma que, como a corrupção faz parte da nossa cultura, não estamos amadurecidos para o regime democrático; o segundo declara que a transparência dos atos políticos (a divulgação da corrupção) é resultado da democracia conquistada nos últimos anos. Embora esteja assentada nos últimos acontecimentos, propõe reflexão sobre os mesmos, tomada de decisão e defesa do ponto de vista escolhido: falta de maturidade para o regime democrático ou crença na democracia de cujas bases uma é a transparência política (responsabilidade do cidadão). Embora o que esteja em questão seja a democracia (viável ou não-viável para o país), a proposta, em si, também favorece o uso maior de informações veiculadas pelos “media” – inclui-se a televisão - como o fator que diferencia o comum do original. Mais uma vez, a reflexão que fugir das informações veiculadas pelos “media”, extraída, portanto, dos livros será mais original, isto é, menos previsível, com maior grau de informatividade por constituir o novo.

3. INFORMATIVIDADE da PROPOSTA I

O tema proposto - o papel da imprensa - contextualiza-se nos acontecimentos recentes de corrupção político-administrativa e respectivas investigações. Esses são os fatos que, reiterativamente, constituem o contexto informativo, a rede informativa que fundamenta o tema nas redações, girando em torno do mesmo contexto da proposta. Poder-se-ia afirmar que, em uma situação tensa, o estudante se limitaria a reproduzir o texto da proposta?

À medida que a proposta suscita uma discussão sobre a vulnerabilidade da imprensa e, por conseguinte, a necessidade de que ela use de cautela, os estudantes vinculam o tema à importância da imprensa como aliada do povo, porque apresenta-se contrária à corrupção e a denúncia. Eles, porém, desconhecem que a imprensa possui uma história, um passado, e que, no seu decurso, muitas vezes vem representando o poder e não, a luta contra ele¹. Frases representativas ocorrem em torno da palavra imprensa²:

¹ No Brasil, basta apenas recordar do jornal *O Globo* (contrário a Getúlio Vargas), e o seu uso como atuação do jornalista Carlos Lacerda, especialmente na década de 50, como oposição ao governo e à sua política trabalhista; ou o papel desempenhado pelo jornal *O Estado de São Paulo*, na articulação do Golpe Militar de 1964; ou, ainda, o uso pelo governo Médici, de 1969 a 1972, de jornais e televisão para legitimação do poder; e, em 1989, a eleição de Fernando Collor de Mello, cuja imagem como candidato à presidência, foi produzida pela Rede Globo de Televisão com a conivência de jornais de grande circulação como o próprio *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* etc

(...) ...lutando pelas verdades do país, mostrando as injustiças,...

(...) ...se torna indispensável na vida de todos,...

(...) ...está lutando para cumprir seu objetivo, deixando de lado o oportunismo...

(...) ...devemos agradecer a imprensa, pois será o grande aliado para uma mudança...(sic)

(...) ... representante do povo na luta contra a corrupção no país.

(...) ..., estamos conseguindo exergar todos os fatos positivos ou negativos que estão ocorrendo...

(sic)

(...) ...podemos confiar na imprensa...

(...) ...e o país agradece a imprensa por ter levado toda esta imundície para praça pública.

(...) ..., limita-se apenas a mostrar à sociedade os problemas e as coisas boas...

(...) ...tem sem dúvida alguma, uma grande importância sobre os acontecimentos do dia-a-dia.

(...) ..., conseguirá levar o “país” a acabar com os corruptos...

(...) ..., ela percebeu que toda a Nação estava revoltada com as declarações feitas... (sic)

(...) É pela imprensa que as pessoas começam a posicionar os seus pensamentos, suas atitudes.(...)...que a imprensa leve a população a necessidade de uma luta. (sic)

(...) O empenho e a colaboração da imprensa beneficiará o leitor, apontando, na verdade, os homens que deveriam estar atrás das grades...

(...)...esta força super poderosa de persuasão. (...) é uma arma da sociedade (...) oferecer coisas boas...

(...)... é um meio que tem uma influência gigantesca sobre a população.

(...) ... vem desempenhando um papel fundamental na sociedade brasileira...

(...) ...passou a ser supervalorizada pela população (...) ...continue com seu trabalho profissional de alta competência...

(...) ... papel importante dentro os acontecimentos de nossa política...

(...) ...desempenhando assim um dos trabalhos mais importantes do mundo moderno.

(...) ...se coloca na vanguarda dos fatos investigando,vigiando e mobilizando grandes massas populacionais. (sic)

(...) ...representa a ânsia ,de uma população estafada de corrupções, onde se almeja uma justiça real e legal. (sic)

(...) ...assume um fator de fiscalização sendo assim os olhos de todos os cidadãos brasileiros...

² Procuramos manter também os erros dos estudantes, transcrevendo suas frases tal como ocorrem originalmente

(...) ...demonstra sua eficácia...

(...)...vem se mostrando como uma força de luta para o povo.

(...) ...conseguirá ajudar o Brasil a se desenvolver...

(...) ...possui um poder muito grande...

(...) ...,o papel da imprensa tem sido importantíssimo e definitivo –

(...) ...desempenha um papel importante essencial na sociedade,... (sic)

(...) ...está tendo um papel importante para a nossa sociedade. Mobilizando o povo e vigiando as falcatruas do nosso governo. (sic)

(...) ...é uma das principais armas sociais...

(...) ...além de estar em constante vigilância sobre os trabalhos...

(...) ...tem papel duplo, ela tem a função de investigar o governo,...e depois disso, transmitir para a sociedade,...

(...) ...responsável pela conscientização política...

(...) ...tem como seus dependentes milhares de indivíduos que buscam nela apenas a verdade...

(...) ...vem cumprindo com suas obrigações...

(...) ...a chave necessária para todas as mudanças que estão ocorrendo no Brasil.

O poder que a imprensa tem sobre o povo é incalculável,...

(...)...numa sociedade democrática tem um papel fundamental para sua consolidação que é ser a “voz do povo”,... (sic)

(...)...o povo brasileiro acredita na imprensa.(...)...é o maior aliado da população.(...)...o povo está para ela assim como o cristão para Cristo... (sic)

(...) ...O que seria do Brasil sem ela? (...)...está desenvolvendo um papel de máxima importância nesta floresta de corrupção...

(...) ...é de fundamental importância para a manutenção de uma sociedade consciente e democrática.(...)...o poder de mobilização das massas e...

(...) ...tornou-se o mais temível de todos os investigadores...(...) A força da imprensa é inegável,...

(...) ...tem suprema importância nos dias atuais,...(...) ...tem um papel fundamental no cotidiano brasileiro:...

(...) ...Ocupa a imprensa posição de destaque, como arauto da verdade...

(...) ...Ao nosso “Anjo da Guarda”, a Imprensa. Sem ela não conseguiríamos desencadear uma revolta em massa.

A imprensa brasileira tem feito um ótimo trabalho até então.

A imprensa possui um importante papel na sociedade.

(...) Mais do que a imprensa vem demonstrando a sua competência dentro de suas funções.

Chegamos a um ponto, onde confiamos mais no poder da imprensa, do que na própria polícia.

(sic)

(...)A responsabilidade da imprensa na atual situação do país é de fundamental importância...

(...) A imprensa exerce grande papel em nossa sociedade...

(...)A imprensa está para a população, assim como Cristo está para os religiosos. A crença é total?

(sic)

Não importa, pois, o adjetivo que qualifica o papel da imprensa: imprescindível, fundamental, importante – , a maioria das redações o empregam de modo a exaltá-la. Se considerarmos os conceitos apresentados no capítulo anterior a intencionalidade (emissor), a aceitabilidade (receptor) e a situacionalidade (contexto), características pragmáticas da produção do discurso, pode-se considerar que a intencionalidade está condicionada a um contexto específico, visto que os vestibulandos, em sua maioria, tomam a mesma posição – há homogeneidade - em relação ao tema proposto. Por esse motivo, a recepção, a aceitação, porque o receptor vive na mesma sociedade, no mesmo contexto histórico e partilha também das informações veiculadas, elas se tornam altamente previsíveis e insuficientes para o objetivo a que se propõem: o ingresso na universidade, que espera que seus alunos sejam capazes de exercício crítico. A intenção padronizada presente na maioria dos textos (há exceções) não ultrapassa os limites da reprodução horizontal da informação, não havendo, pois, aprofundamento.³ O conhecimento que se produz nas redações é totalmente partilhado, o que as torna redundante, portanto com grande perda de informação. A cooperação, princípio básico da comunicação, restringe-se ao nivelamento: os emissores produzem o texto e os avaliadores vasculham-nos em busca da informação nova, ou seja, daquela que seja crítica ou proveniente da leitura de livros.

³ A horizontalidade dos textos pode ser verificada também em relação ao uso da articulação sintática das orações, que, em geral, inexistem ou se limita ao uso de alguns articuladores mais simples como os adversativos ‘mas’ e ‘porém’, os explicativos ‘pois’ e os causais, principalmente, ‘porque’. Os articuladores de seqüência são, na maioria das vezes, ignorados ou desconhecidos. Mas esse é motivo para outra pesquisa.

Além disso, a ingenuidade, a ausência de malícia (que, pelo menos, deveria conter o grau necessário para o exercício da crítica), exibe-se na crença irrestrita no papel da imprensa, que se refere pouco aos jornais escritos, mas aos noticiários da televisão. Assim, o vestibulando lembramos “o espectador de cinema ou de televisão que passeia ingênuo e desarmado, buscando seu prazer em meio a um mercado que não é nem ingênuo, nem desarmado.” .⁴

Apesar de muitos textos informarem sobre a necessidade de cautela (o que é previsível na proposta repetida pelos textos), o uso do verbo “mostrar” (mostrar fatos, mostrar crises, mostrar as verdades etc) em vez de contar, relatar fatos, aponta para essa interferência da TV como referência informativa:

(...) Dotada de imagens atraentes, milhares de cores, palavras, frases e cenários bem construídos a imprensa vem criando um livre acesso em meio à população.(...) Armada com aparelhos que parecem hipnotizar a população,... (sic)

(...) A imprensa televisionada é totalmente responsável pelos atos irregulares em que algumas pessoas cometem,...(...) e a maioria destes vêem e acreditam em tudo o que a televisão fala. (sic)

(...) ..., as denúncias são levadas ao telespectador e a imprensa passou a ser vista com maior entusiasmo.

(...) ...Nos últimos meses, a televisão vem colocando dentro das casas a imagem do que vem acontecendo no Congresso Nacional./Todos esperam que a imprensa cumpra o papel de delatora das imagens. (sic)

(...) Se o trabalho com a imprensa for verdadeiro, ela juntamente com seus leitores, telespectadores, seriam uma poderosa força para ajudar a colocar, os atuais e vários políticos corruptos nas cadeias... (sic)

(...) ..., mas a vontade de informar os brasileiros é tanta, que acabam informando notícias falsas, o que também é devido a concorrência entre emissoras, que querem mostrar primeiro...

Quando visualizamos as necessidades do nosso país, percebemos a importância dos meios de comunicação.

(...) E cabe a eles o papel de nos enviar por um meio de comunicação (televisão)...Em toda essa dinâmica da comunicação, seja na televisão, a de mais acesso... (sic)

(...) Algumas pessoas chegam ao extremo de acreditar que a televisão seria “coisa do diabo”.

⁴ Milton José de ALMEIDA, *Imagens e Sons: A Nova Cultura Oral*, p. 23

Os meios de comunicação existentes no Brasil hoje são muito importantes, pois é através de rádio, revistas e televisão que todo o povo brasileiro recebe as notícias....(...)Vêm e acreditam em tudo o que a televisão fala. (sic)

(...) Economia, política, amor, T.V. em tudo se vê, se crê e se aceita a eterna disputa entre as forças do bem e as forças do mal. (sic)

(...) Antigamente, quando não existia a televisão, o rádio, as notícias eram levadas as pessoas por mensageiros,...Aos poucos o mundo foi se modernizando, agora com a invenção da TV, do rádio, as notícias chegam na hora que o fato está acontecendo.(...)Mas, a TV tem também o seu lado negativo,... (sic)

(...) Há uma verdadeira luta entre as emissoras de televisão, pois todas tem como principal objetivo passar a notícia da melhor forma possível. (sic)

(...) O objetivo maior dos meios de comunicação é a audiência; eles continuam fracos, impondo... Os meios de comunicação vêm cada vez mais confirmando sua importante participação no cotidiano das pessoas.(...) E graças a tecnologia qualquer fato extraordinário que ocorra num país distante, na Nova Zelândia por exemplo, é transmitido via satélite às empresas de rádio e televisão e posteriormente aos brasileiros. (sic)

Embora o tema da Proposta I deixe em aberto a indefinição sobre o significado da palavra imprensa que assume no texto outra forma semântica (por força da coesão textual?) – jornalismo –, e, no primeiro e no último parágrafos, amplia o significado para meios de comunicação (hiperônimo), supõe-se que os vestibulandos não poderiam centralizar seu texto apenas em torno da televisão, pois, como muitos fizeram, abordaram o jornalismo televisivo também, além do impresso. Um outro obstáculo que se interpõe na seleção temática de “meios de comunicação” em vez de “imprensa” é de caráter conceitual: o que são meios de comunicação e qual é sua abrangência - os transportes também são considerados meios de comunicação. Além desse, outro problema se evidencia, quando o texto proposto amplia o significado da palavra imprensa para meios de comunicação (ocorre três vezes no texto-proposta X imprensa, quatro vezes). Esse fato propicia ao candidato a possibilidade de confundir os conceitos, mas não lhe dá o direito de discorrer apenas sobre os meios de comunicação, como fizeram 91 candidatos das redações analisadas.

Se a informação, conforme Wiener, se reorganiza a partir de um universo de conhecimentos já transformados em informações, não é uma casualidade a repetição de informações que foram selecionadas para compor a dissertação. Isso é sintoma de que se buscam essas informações em uma fonte informativa comum aos candidatos, que se expressam horizontalmente, mas com informações irradiadas. Portanto, a informação, que pode ser infinitamente variada, nas redações restringe-se ao comum, havendo, pois, perda de informação ⁵.

Apenas alguns estudantes situaram a imprensa junto aos meios de comunicação e outros confundiram-nos, como mostram os exemplos a seguir:

(...) A verdade é que os meios de comunicação e a imprensa...só tem a nos oferecer coisas boas.
(sic)

(...) É certo que uma das tarefas dos meios de comunicação é estar sempre alertando o povo do que vem ocorrendo no Brasil,...(...)...a imprensa tem muitos outros papéis na sociedade...(sic)
A imprensa é o meio de comunicação mais ascendente no atual momento. Jornais, revistas, televisão,... (sic)

Os meios de comunicação existentes no Brasil hoje são muito importantes,... (...) Portanto todos os meios de comunicação, todas as imprensas existentes devem falar realmente o que acontece na realidade do país... (sic)

(...) A verdade é que os meios de comunicação e a imprensa em geral só tem a nos oferecer coisas boas... (sic)

A imprensa é um meio de comunicação que tem uma influência gigantesca sobre a população.
Os veículos de comunicação precisam ter um cuidado especial com as notícias publicadas,...
Enfim, os veículos de comunicação precisam ver que as palavras...não basta apenas vender jornais...(sic)

(...) ...é a imprensa mostrando a todos ...como meio de comunicação de massa...

Os meios de comunicação a cada ano aumenta surpreendentemente, a imprensa... (sic)

(...) ...mudanças nos meios de comunicação de massa e a imprensa como...

Todo meio de comunicação seja ela: escrita, falada ou visualizada,... (sic)

(...) ...porém a atual imprensa está sendo manipulada, assim como os demais meios de comunicação...(sic)

⁵ Gilbert Simondon, *op. cit.*, p.134

(...) ..., tanto a imprensa como os meios de comunicação não deixam de ganhar em cima de tantos escândalos...

Os meios de comunicação possuem sem dúvida nenhuma um extraordinário poder sobre a sociedade uma grande prova disso foi o fato de a imprensa não somente eleger um candidato,...

(sic)

(...) Quando os meios de comunicação tiverem como objetivo principal o leitor e sua livre interpretação, então sem medo poderemos defender a imprensa dos insultos... (sic)

Não se questiona a importância da imprensa e dos meios de comunicação em geral nas sociedades modernas.

(...) Quando os meios de comunicação querem manipular uma notícia eles conseguem, distorcer fatos através de recursos literários...

(...) Foi assim, que nos últimos anos, ela se tornou o principal meio de comunicação de todos os tempos, através de uma linguagem direta, fácil de entender...

(...) ...,os meios de comunicação...têm a missão de informar a sociedade com total imparcialidade.../...exigem que os meios de comunicação cumpram o seu papel e informem com imparcialidade.

(...) ...fique claro e transparente para o leitor que como meio de comunicação a Imprensa é... (sic)

(...) Entre os meios de comunicação escritos, o mais importante é o jornal, pelo fato de que...

(...) Um grande meio de comunicação para o homem são as reportagens feitas pela imprensa jornalística.

(...) ...os meios de comunicação, sobretudo a imprensa...

Atualmente nada nos é mais precioso do que a informação; e é através dos meios de comunicação que obtemos as mesmas.

etc

O texto da proposta I favorece também a reprodução dos fatos ocorridos em 1993, próximos à data do Vestibular : corrupção/CPI, amplamente veiculados e nos quais o texto-proposta se ancora. Mas, não são esses os únicos fatos veiculados pela televisão e divulgados pelos jornais que aparecem nas redações. Outros como o impedimento do presidente Collor de Mello (eleito em 1989 e empossado em 15 de março de 1990), o envolvimento de Paulo César Farias em corrupção e a passeata dos “caras-pintadas” contra o presidente são os fatos mais distantes (1992)

citados pela maioria das redações analisadas. Esses acontecimentos de um passado recente indiciam registros efêmeros de uma memória, ou seja, apresentação em contrapartida a poucas informações provenientes de livros que, por sua vez, registram um passado mais distante. Dividem-se, portanto, os exemplos que se referem a esses acontecimentos e, a seguir, as informações mais antigas e/ou provenientes de livros ou conhecimentos pela leitura.

Collor de Mello

(...) Um exemplo da força em que os meios de comunicação possuem é a famosa passeata dos “caras pintadas” que saíram às ruas para tirar o Sr. Fernando Collor de Mello da presidência. (sic)

(...) prova disso é a manifestação contra o governo Collor e os escândalos que envolvem nossos governantes.

(...) Fatos estes que podem até derrubar um presidente,...

O poder dos meios de comunicação é tão grande que já conseguiu derrubar um político do cargo mais alto que as leis oferecem... (sic)

Só não poderemos tolerar a imprensa que...apoiam ou ajudam certos políticos,...como ocorreu no governo Collor. (sic)

(...)...e foi este papel, de imprensa correta e honesta, que se desenrolou no impeachment do Presidente Fernando Collor. (sic)

(...)...foi um jornalista que encontrou o PC pela 1ª vez no exterior...

(...)Como ocorreu nas eleições para presidente onde a Rede Globo forjou dados e malogrou informações para eleger o então candidato Fernando Collor.

(...)... as manifestações pró-impeachment contra o ex-presidente Fernando Collor de Mello,... (sic)

(...)...seu apoio pode derrubar presidentes e eleger corruptos...”Caçador de Marajás”e.... destituir o presidente.

(...) Fato comprovado na eleição de Collor, ...Essa emissora teve papel fundamental na renúncia deste próprio presidente. (sic)

(...)...por exemplo o ex-presidente Fernando Collor, que foi eleito e deposto com o poder dos meios de comunicação...

(...) Observemos o caso Collor, o jardim da casa da Dinda, suas reformas, tudo com dinheiro dos cofres públicos, os jornalistas investigaram e...Logo depois a “bomba” Collor, o Brasil foi novamente atacado por P.C.Farias... mais uma vez a imprensa ataca,...(sic)

(...) Foi a imprensa que...levou a sociedade as irregularidades cometidas pelo ex-presidente Fernando Collor. A imprensa acompanhou o Impeachment de Collor e as passeatas realizadas pelos cara-pintadas. (sic)

Os meios de comunicação possuem ...um extraordinário poder sobre a sociedade...foi o fato de a imprensa não somente eleger um candidato, como ter provocado seu impeachment, no caso do ex-presidente Fernando Collor.(sic)

(...)Tais informações foram publicadas...,mobilização do povo brasileiro e cassação do mandato de um presidente. (sic)

(...) ...passamos por duas CPI'S, uma no Executivo, onde tivemos a queda do Presidente e uma que está por se concluir no Legislativo. (sic)

(...) O poder da imprensa é tão grande que, quem descobriu o paradeiro do “famoso fugitivo”, P.C. Farias, foi um jornalista e não a polícia.

(...)... basta lembrar como Collor, em sua campanha, foi visualmente ajudado pela rede Globo, e que depois esta mesma encabeçou seu “Impeachment”.(sic)

(...) ... vale lembrar um fato recente: o impeachment do então presidente Collor...; (sic)

(...)...depois da Liberação da Imprensa por parte do ex-presidente Fernando Collor de Melo...

(...) ... graças a ela um presidente corrupto foi tirado do governo e... (sic)

(...) Durante do governo Collor, quando se atingiu o ponto máximo da corrupção...

(...) ...da Rede Globo que apoiou Fernando Collor até os últimos instantes quando este foi acusado por corrupção. (sic)

(...)...a transformação de um mero “caçador de marajás” em Presidente da República.

(...) Um exemplo claro foi o exPresidente Collor que obteve grande ajuda da imprensa para se eleger e algum tempo depois foi impedido de continuar seu mandato graças a força popular e aos meios de comunicação juntos ao Congresso Nacional. (sic)

(...)..., no episódio em que o ex-presidente Fernando Collor de Melo, foi proibido de dar continuidade a sua gestão.

(...) – enquanto os PCs da vida continuam impunes. (sic)

(...) No processo de “impeachment” do ex-presidente Collor, a imprensa deu ao povo brasileiro a incumbência, mesmo que indireta de tirar o poder de um dos muitos que roubam descaradamente. Desde o Impeachment do ex-presidente da República Fernando Collor até as mais recentes provas de...(sic)

(...) No processo de “impeachment” do ex-presidente Collor, a imprensa deu ao povo ...

(...) As coisas seriam diferentes em 1989, quando a imprensa global elegeu o presidente se as telecomunicações não tivessem tanto poder. (sic)

(...) Para perceber o poder da imprensa basta lembrar como Collor,...foi visivelmente ajudado pela rede Globo...

4. A INTERTEXTUALIDADE na PROPOSTA I

(...) Exemplos do que foi dito acima são muitos. Como o caso do ex-presidente Collor, da máfia do orçamento, dos massacres de meninos de rua e dos índios, e muitos outros.

(...) Matança em Vigário Geral, prisão de Paulo Cesar Farias, ...

(...) Até que uma situação especial aconteceu: o impedimento do presidente da república elevada à posição de fiscalização que lhe cai bem,...(...)...como o escândalo watergate (EUA) PC-Farias e Cpi do Orçamento... (sic)

(...) Já se foi o tempo do AI-5, vivemos agora uma plena liberdade de expressão, conquistada a ferro e fogo...

Na década de sessenta, a imprensa brasileira foi bastante censurada. Os jornais eram obrigados a publicar receitas de bolo para preencher os espaços...

Na época de Getúlio Vargas, principalmente no Estado Novo, a imprensa era controlada pelo DIP

—

(...)..., mas de todos os meios de comunicação foi o fim do Apartheid. (sic)

(...) Tome-se como exemplo o rádio teatro que Orson Welles levou ao ar, no início do século nos Estados Unidos. Transmitindo uma fictícia invasão do planeta por alienígenas, provocou grande pânico e fuga da população de várias cidades americanas.

(...)”Marchartismo Moderno”, porém aqui no Brasil...

(...) Quem sabe, um dia, nós deixemos de viver nesse mundo tão impune, passando a desfrutar, apenas, da grandiosidade de “gigante pela própria natureza”.

Surpreende que apenas sete redações do total analisado contenham informações diferentes daquelas presentes nos outros textos, mesmo que elas sejam provenientes de documentários de TV, da aprendizagem em sala de aula ou mesmo de algum tipo de leitura. Mas, são informações não próximas da época do vestibular, de 20, 30, 40 anos atrás. Os estudantes que lidaram com elas, conseguiram situar o imprevisível em meio ao lugar comum. Mesmo que, algumas vezes as frases do exemplo apresentem críticas, por exemplo, à Rede Globo, a maioria das redações trabalham com o lugar-comum como se todos conseguissem receber apenas as informações mais recentes, sobre as quais pouco se havia escrito. A padronização perpassa os textos dos vestibulandos.

Embora as informações ali contidas sejam altamente previsíveis (apenas 7 contêm outro tipo de informação), pode-se extrair algum valor informativo, quando os estudantes fazem crítica ao período da Ditadura, iniciada em 1964, ou mesmo quando criticam a manipulação exercida pelos *media*, ou ainda, associam a liberdade de imprensa à conquista da democracia.

(...)...a liberdade de imprensa, conquistada a ferro e fogo por pessoas que acreditavam na democracia.

(...) É através da reestruturação dos valores sociais e culturais que poderemos ter no futuro um país realmente democrático.

(...) ... a imprensa é de grande importância para o bom andamento da democracia.

A liberdade de informação tem que caminhar junto com a democracia...

(...)...a importância dos meios de comunicação no fortalecimento da democracia...

(...) A imprensa nunca esteve tão sem censura, graças a democracia, em que... (sic)

A responsabilidade da imprensa é de fundamental importância... para... e o fortalecimento da democracia.

(...) A liberdade de imprensa é...num país que almeja alcançar a Democracia.

(...)...(só um detalhe: censura nunca, afinal estamos tentando nos tornar uma democracia) (sic)

etc

No entanto, a consciência crítica sobre o uso das tecnologias de comunicação como exercício do poder só aparece em relação à Rede Globo, quanto à eleição de Collor de Melo e não como uma prática possível, que vem sendo usada reiterativamente no decorrer da história.

6. INFORMATIVIDADE na PROPOSTA II

Diferentemente da I, que apresenta o texto do qual se deve depreender o tema e discorrer sobre ele, a Proposta II coloca duas posições opostas diante de um mesmo problema: a corrupção no Congresso Nacional . As teses são respectivamente:

Texto I: A corrupção, que faz parte da nossa cultura, prova que não estamos amadurecidos para a democracia.

Texto II: A conquista da democracia significou a conquista da transparência dos atos políticos, dentre os quais se inclui a corrupção, e o fim da impunidade.

O estudante devia assumir uma das duas posições apresentadas: a favor ou contra à democracia - e escrever uma dissertação argumentativa, a partir da crise política do país. Assim, supõe-se que a informação altamente previsível, porque temática e base dos dois textos seria a democracia, para a qual ainda não se está preparado, porque sua existência pressupõe ausência de crise (corrupção e, por conseguinte, CPI); ou porque seu exercício pressupõe a transparência dos atos políticos (incluem-se crise e corrupção) e o consequente fim da impunidade.

De novo, a proposta apresentada pela Universidade, diferencia apenas a tese, mas favorece a reprodução dos acontecimentos mais recentes do país, como o fez a Proposta I. A democracia (a favor ou contra) constitui, pois, a informação nuclear das redações, mas serão, previsíveis, com perda de informação, as redações que fizerem a abordagem apenas em torno da corrupção e CPI e do fim da impunidade, porque repetem as informações da proposta. O imprevisível será o novo: o conjunto de informações mais distantes – sobre o passado; e, como as informações previsíveis foram amplamente veiculadas pelos *media*, deverão dar suporte ao novo que se constitui, não unicamente na reflexão sobre os fatos, mas em informações extraídas de livros. A análise inicia-se a partir das informações sobre a democracia:

O primeiro texto, mais punitivo acaba por pecar quando diz que não estamos amadurecidos...(...) é tempo de recuperarmos aos poucos o bom andamento da boa e velha Democracia.

Para podermos implantar a democracia no Brasil, precisamos reformular os valores culturais do povo brasileiro, que...

Somente a democracia seria capaz de alterar esse quadro de impunidade a que estamos mergulhados. (sic)

A verdadeira e única culpa é do homem, pois é ele que inventou a democracia, (...)...pois na verdade essa tal de democracia não está resolvendo muito. (sic)

Hoje, a instituição chamada democracia está inserida em atos culturais de nossa sociedade... (sic)

A revolta que temos como cidadãos há de ser canalizada, para o efetivo exercício da Democracia. Não é por isso que temos que aceitar argumentos...e que não estamos prontos para a democracia. (sic)

Realmente, acredito que ainda não estamos amadurecidos para o regime democrático.

A causa..., é ainda a grande peste: “o capitalismo” Selvagem”, que barra a democracia que tenta entrar por rachaduras em nossa pobre e rica sociedade.(...)...ainda não estamos amadurecidos para o regime democrático. (sic)

Tudo está sendo possível graças ao início da democracia, que nos fez abrir os olhos,...

(...)...conquistar a união do povo e juntos com a democracia, exigir um governo mais transparente e menos manipulador.

(...)...para que aos poucos a democracia e a transparência política possam fazer parte de nossas vidas. O processo de reestruturação política é essencial à um país que deseja ser livre e democrático.(...)...,e só com um sistema democrático é que esta crise se tornou pública. (sic)

(...) É claro que a democracia contribuiu muito para que todo este caos fosse descoberto.

Dizemos que somos capitalistas, e portanto, democráticos. Mas isso não é verdade; a democracia está ausente.(...) Vamos dizer sim à democracia. (sic)

A prova de que não estamos amadurecidos para o regime democrático é...

O povo não está pronto para votar como uma pessoa analfabeta pode votar, um sego,...(...) Por esses e outros motivos é que a democracia deve acabar e voltar a ditadura,...(sic)

É um país que ainda não está preparado para democracia.

..., que acredito fielmente que a democracia não existe e que somente o militarismo...

(...)..., de adquirir direitos sociais: a democracia. (sic)

(...) A nação para ser democrática está tendo a necessidade de passar por uma revolução,...mas é moral e objetiva.(...)...será feita justiça democrática com a transparência de ideais... (sic)

(...)...já que graças à democracia todos os atos estão tendo transparência...

Estamos sim preparados à democracia, a imprensa tem provado dia a dia a luta... (sic)

A caminho da democracia justa/ ...percebemos uma mudança no Brasil, que mostra-se mais democrático e atuante,... (sic)

(...)... tem muito que ver com a influência da imprensa e da conquista da democracia...

(...) Conclui-se que, enquanto não estivermos preparados para conviver com a democracia,...Pode-se optar por um novo regime de governo coerente com a nossa cultura ou partir para a utopia de doutrinar todo o povo, compatível com o regime democrático. (sic)

Temos que tornar-nos democrático, para ai sim,...mudando o quadro com esse número estarrecedor de corruptos,... (sic)

A cada momento estamos perto de ter um país democrático,...

O Brasil que sempre fora chamado de “país do futuro”, parece que agora está começando a pensar com mais seriedade no futuro do país, e desde que a democracia aqui foi instalada,... (sic)

(...)... nenhum cidadão brasileiro está amadurecido para um regime democrático,...

O povo acostumado a não saber votar (por culpa dos poderosos que nunca investiu na educação), aos poucos com a abertura da democracia e... (sic)

(...) A esperança de que haja uma pessoa capaz de liderar o país...e...demonstrar uma democracia madura e não um sistema sujo e hipócrita...

(...) Acordemos para a realidade, estamos de quatro rumo a democracia, mas não pensemos apenas na democracia como regime político, e sim tragamos a para junto de nosso dia à dia. (sic)

Estamos vivendo momentos desastrosos em nossa democracia, nossa tão almejada democracia.

Após a primeira eleição democrática no Brasil depois do fim da ditadura militar que se alastrou por vinte e seis anos, o país passou a conviver com o exercício da nossa constituição que deu oportunidades para a sociedade política e civil.../Hoje, a constituição chamada democracia está inserida em todos os atos culturais da nossa sociedade,... (sic)

(...) ..., só aí então conheceremos a verdadeira Democracia.

Somente com uma democracia forte e respeitada poderemos acabar com uma política oculta e suja...

Democrácia sim, corrupção não. (...) e desse um pouco de esperança a essa gente carente que ainda acredita na democrácia. (sic)

Realmente, acredito que ainda não estamos amadurecidos para o regime democrático.

A causa disto tudo, é ainda a peste: “o capitalismo “Selvagem”, que barra a democracia que tenta entrar por rachaduras em.... (sic)

(...) Tudo está sendo possível hoje, graças ao início da democracia,...

(...) Com isso conquistar a união do povo e juntos, com a democracia, exigir um governo mais transparente e menos manipulador.

(...) ... aos poucos a democracia e a transparência política possam fazer parte de nossas vidas. (...) O processo de reestruturação política é essencial à um país que deseja ser livre e democrático. (sic)

(...) O amadurecimento de um sistema democrático foi vital para que chegasse à opinião pública... (sic)

(...) Mas a partir do momento em que começamos a viver um regime democrático, ... (sic)

(...) É claro que a democracia contribuiu muito para que todo este caos fosse descoberto. Então, esta democracia que fez com que fossem descobertas faucatuas políticas brasileiras. (...) A Democracia é muito importante para o nosso país. (sic)

(...) Chegamos a conclusão de que não estamos amadurecidos para o regime democrático. Isso é lamentável, já que houve tanta luta para se chegar a tão sonhada democracia brasileira. (...) Precisamos amadurecer para podermos ter um regime democrático verdadeiro, pois até agora a democracia só é aplicada aos cidadãos de poucos recursos... (sic)

Dizemos que somos capitalistas, e portanto, democráticos. Mas isso não é verdade a democracia está ausente. Presente e cada vez mais forte está a burocracia,... (sic)

(...) ... que todos precisam lutar democraticamente para que de uma vez por todas, isto não continue a acontecer esta impunidade. (sic)

A prova definitiva de que ainda não estamos amadurecidos para o regime democrático é mostrada com a grande frequência em que ocorrem as corrupções./O Voto no Brasil não deveria ser obrigatório, pois existe muita gente ignorante que não sabe votar...

(...)...devem ser punidos com a volta da ditadura, e ela deve voltar por alguns anos..., e quem sabe quando voltar a democracia elas saibam aproveitar... (sic)

Através do escândalo do Orçamento, pudemos, ..., honrar a democracia.

E enquanto encontrarmos o país nestas condições, continuaremos nos afastando do regime democrático.

A partir deste escândalo a democracia brasileira tende a se fortalecer. (sic)

A democracia nos trouxe a liberdade de expressão, transparência dos atos políticos, hoje os cidadãos podem cobrar a impunidade, ...

Apesar destes fatos serem revoltantes e horríveis, o povo brasileiro está diante da democracia.
(sic)

(...)Portanto estamos longe de viver uma democracia, um estado desenvolvido...

(...)...o Brasil irá para frente e mostrar a todos que somos amadurecidos para um ótimo regime democrático.(...)...o que se vê é a tentativa para se repor o atraso democrático... (sic)

(...) ... obviamente nos afastando da democracia e dos valores éticos-morais.

(...) ... a democracia foi uma das responsáveis pela transparência dos atos políticos,...

(...) ..., porque se lutamos tanto pela democracia, diretas e outros, o protecionismo não deverá ter lugar na atual fase em que vivemos. (sic)

(...) ...só foram possíveis porque vivemos numa democracia, pois se fosse uma ditadura...

(...) Pois uma democracia deve ter atos e pensamentos diversificados, mas todos com o mesmo propósito, o do bem da maioria... (sic)

(...) Isto prova que ainda não estamos prontos para a democracia.

(...)...é porque vivemos num sistema democrático, um sistema que da liberdade a imprensa,..e, isso é tudo democracia. (sic)

(...) ...; julgados culpados pela justiça, o Brasil terá atravessado de vez o caminho rumo a democracia. (sic)

A democracia, antes abalada, agora começava uma caminhada vitoriosa e...(...)...desde que cada cidadão indignado com toda essa situação, não se cale mais, e faça valer seus direitos democráticos,... (sic)

Democracia no Brasil virou sinônimo de manifesto, de bagunça, de greve.

(...)...que cada cidadão brasileiro se conscientize e lute por uma real e amadurecida democracia.
(sic)

(...) Esses covardes infratores da lei sempre saíam impunes, a cadeia existia somente para democráticos e ladrões do meio do povo. (sic)

(...) Não ficando de boca fechada e realmente valorizando nossa democracia.

(...) Florece o instinto de democracia partidária, tendo em vista os mesmos ideais de produção e lucros. (sic)

(...) Lógico que tudo isso é possível, por que vivemos em um regime democrático, onde temos liberdade de expressão e pensamento ao contrário se fosse em um regime fechado,...

(...)... e isso quer dizer que nos não estamos amadurecidos para um regime democrático.

(...) A Conquista da democracia significa o povo brasileiro votarem em verdadeiros políticos brasileiros, limpar as cavalarias do poder, ... (sic)

(...) Porém os brasileiros vêm conquistando gradativamente a democracia que tanto foi negada ao país,...no Governo Militar. (...) A verdadeira democracia, conquistada a duras brigas e “caras pintada”... (sic)

(...) A democracia (a liberdade de expressão) propicia a população um poder de cobrar, querer transparências sobre os atos de quem ela (a população) elegeu,...

(...)...esses foram apenas os primeiros passos para chegarmos à nossa verdadeira democracia,... Enquanto houver corrupção no Brasil, o sistema democrático será falho.

(...) Não devemos nos conformar com as corrupções, elas não fazem parte do nosso conjunto cultural e sim é fruto da irresponsabilidade de determinados políticos.(...) A democracia deve permanecer. (sic)

(...)...e o fim da impunidade equilibrará o país, colocando-o rumo à democracia.

(...)...a democracia vai se tornando algo mais real na vida de todos;...,porque de fato a maioria das pessoas não está amadurecida para o regime democrático, já existente.

Desde a época do presidente João Figueiredo, o regime político brasileiro que vigora é o de democracia, o qual pode ser dividido em dois tipos: aquela que fica apenas no papel e aquela que sai do papel e atua igualmente para toda a nação. Em vista disto, estamos no início de um amadurecimento da nossa consciência política e social e na iminência de fazer valer o regime democrático, já existente. (sic)

(...) Realmente creio que o nosso amadurecimento democrático, populacional ainda não chegou,...

(...) Bom, não seria agora, a hora exata de nos posicionarmos diante dessa crise? Lutamos tanto pela democracia, liberdade de expressão; sem dúvida nós nos fortalecemos muito nos últimos tempos. (sic)

(...) A C.P.I. foi mais um passo para a democracia.

(...) Amadurecido para o regime democrático talvez estamos. Só precisamos ver o que é o Brasil e valorizar a Terra que pisamos e respeitar nós mesmos. (sic)

(...) Não é hora de pensarmos em regime democrático, é cedo para isso, precisa se aprender muito ainda para se ter isso no país. (sic)

(...) E com isto a Democracia brasileira fica apenas em discursos longos e perfeitos nos palanques políticos. (sic)

(...) Para isso não podemos desacreditar da democracia, foi por ela que nossos antepassados lutaram e morreram.(...) A falta de democracia é certamente uma das piores formas de opressão:”Opressão psicológica” e física, também.(...) O homem já não é respeitado apesar da declaração de seus direitos e da aparente democracia,...(...)...”Hitler achava que um país não precisava de liberdade.” A democracia e a liberdade podem sim andar de mãos unidas,...pois a maturidade que a Liberdade e a Democracia exigem, só o tempo nos dará. É impossível nascer sem antes romper a “bolsa” e é isto que fazemos agora, “parindo” a liberdade que é filha e igualmente trás democracia; ... (...) E porque não disser: “Proletários de todo país, uni-vos” Karl Marx (sic)

O dever de cidadania e a vida política do brasileiro, vem mudando nos últimos anos, desde a implantação do regime democrático. (...) Não ensinou-se ao brasileiro os seus direitos, mas sim os seus deveres, e também nunca houve a possibilidade de fortalecer a democracia como agora. (sic)

(...) E nada mais justo que, a participação do voto democrático, que é a forma mais adequada que se tem para se expressar a própria vontade, a vontade de ver o país crescer sem fome,... Veio então o voto democrático, e atrás dele veio a nova constituição...(...) ...foi através dela que conseguimos destituir o presidente do país;... (sic)

(...) Isto tudo, se deve graças ao regime democrático adotado, o qual nos permite a livre expressão...(...) A causa de tais acontecimentos,...,só é possível graças ao regime democrático adotado, em detrimento do antigo regime ditatorial. (sic)

(...) A exemplo de países “bem sucedidos”, a Democracia foi conquistada pelo povo, e não por uma classe única e minoritária. (sic)

(...) Sendo assim a nossa conquista da democracia teve efeito duplo, os atos políticos agora estão bem nítidos. (sic)

A democracia é uma arma que adquirimos e devemos continuar usando em todos os caminhos de nossas vidas. (...) Mas só foi com a chegada da democracia e abertura dos meios de comunicação que tudo se tornou mais fácil...(...) Essa democracia brasileira jovem e muitas vezes feita pelos jovens... (sic)

(...) Está sendo bom por um lado, porque nós estamos vendo que a conquista da democracia significou muito para o país em geral.

(...)..., indo para as ruas pedindo mais democracia tirando os maus governantes do poder e tentando consertar esse país.

(...) Os discursos de nosso ex-presidente Collor eram, ... e de uma real perspectiva democrática, tão sonhada pelo cidadão brasileiro acostumado a ser um descamisado.

(...) Com a explosão da Democracia que iniciou em 1992, através do afastamento definitivo de Fernando Collor de Mello..., iniciando assim a dissolução da anarquia e a implantação da democracia.

(...) Alcançado novamente a cidadania e acabando com a velha política de fazer democracia corrupta nos levando a um novo país. (sic)

(...), mas um povo sofrido de pouquíssima cultura, não pode ter um avanço politicamente dizendo a curto prazo, ao ponto de consolidar a democracia. (sic)

(...) Os cidadãos brasileiros estão tomando consciência de seus direitos e de seus poderes, e estão lutando pelo aperfeiçoamento da democracia que vale muito para todos.

(...) O primeiro degrau foi alcançado em busca da democracia. (...)... por toda a imprensa que se torna hoje, não mais uma arma de manipulação, mas sim uma peça chave da democracia,...

(...) ..., a democracia favorecendo a burguesia, e a fome e miséria destacando na nossa nação. Além do mais à classe burguesa são as mais privilegiadas quando referece em democracia para todos. (sic)

(...) Ao contrário do que se pensa, estamos prontos para um regime democrático, justo a todos e assim caminhar para...

(...)..., ainda não estamos preparados para o regime democrático.(...) Concluindo e comprovando o fato de que não estamos preparados para a Revisão Constitucional, as eleições e a democracia podemos observar... (sic)

Com a queda da ditadura militar e a ascensão da democracia, os brasileiros passaram a ter oportunidade de saber, qual “grau” de competência e honestidade de nossos políticos. (sic)

(...) Sómente à partir do fortalecimento de nossas instituições democráticas foi possível que o país como um todo passasse a controlar e fiscalizar os atos e atitudes de seus governantes. (sic)

Apesar dos inúmeros escândalos,...., pudemos comprovar o poder da democracia e com ela a justiça.(...) A corrupção sempre existiu,...., mas com a chegada da tão sonhada e esperada democracia, ela (corrupção) é denunciada e...(...) Na época do regime militar, houve muitas pessoas exiladas do país, entre ela o cantor e compositor Caetano Veloso, porque ele era apenas

mais um dos revoltados da época. Famílias sofrendo o desaparecimento de um ente querido,..., como o pai do escritor Marcelo Rubens Paiva o qual foi dado como desaparecido. (...) (sic)

O Brasil é um país que, infelizmente ainda não consegue praticar a democracia. Viver num regime democrático é ter confiança no próximo. (...) No entanto, atualmente, o Brasil se encontra diante de escândalos que demonstram sua fragilidade frente a democracia. (sic)

“Um País de escândalos e corrupções mas democrático”(…) Pedimos democracia e ela nos foi dada, nós conseguimos o direito de votar.

Decididamente o povo brasileiro está assimilando o que é assumir a democracia.

(...) De maneira alguma, estamos preparados para um regime democrático.

(...) Não sei se conquistamos mesmo a democracia, acredito que em parte só teremos essa grande conquista, quando obtivermos direitos como cidadãos de verdade... (sic)

(...) ..., não seremos dignos de conviver com um regime democrático, pois ele não será totalmente democrático, já que alguns se beneficiarão mais que outros.

Do total de redações analisadas, apenas quatorze concordam com o Texto I, os outros valorizam o regime democrático mas, embora haja aceitação e valorização da democracia, apenas alguns textos citam fatos referentes ao passado (não tão distante). Alguns estudantes citam o regime militar; outro refere-se ao governo Figueiredo como início da democracia no Brasil, com um erro informativo, visto que ele foi o último presidente da Ditadura; outro cita aleatoriamente Hitler e Marx, sem mencionar a fonte; a informação que aparenta ser proveniente de uma fonte informativa mais segura (pode ser a escola ou o cursinho) é do vestibulando que cita o Regime Militar, a expatriação de Caetano Veloso e a morte do pai do escritor Marcelo Rubens Paiva, embora não se tenha a procedência dessa informação como proveniente de livros (ou revistas?). A impressão é de que as informações são colhidas aleatoriamente de qualquer fonte oral (?).

Do mesmo modo como fez a Proposta I, a Proposta II também ofereceu a oportunidade de se repetirem as informações sobre a corrupção e a CPI, assim os estudantes repetiram essas informações temático-secundárias:

(...) ...a tão falada Comissão Parlamentar de Inquérito (cpi)...

(...)... o Fato mais noticiado no país que é a CPI do Orçamento. (sic)

Acredito que através da CPI, a sociedade brasileira conquistou a transparência...

(...) Entre os mais famosos temas estão, a CPI do Orçamento,...

(...) A CPI do Orçamento trouxe a tona toda a sujeira que a muito tempo estava escondida no Congresso... (sic)

(...) As irregularidades são tantas que a CPI está assustada diante de tantas denúncias... (sic)

(...) Atualmente passamos a conhecer a CPI que até então nunca agiu com tanta eficiência, desmascarando políticos... (sic)

(...) Mas confiante no trabalho honesto que a CPI vem desenvolvendo,... Como disse Júlio Verne, o que um homem imagina o outro pode realizar.

(...) Mas as coisas começaram a mudar, quando a CPI do Orçamento começou a atuar em cima de seus parlamentares... (sic)

(...) Nada mais oportuno que a CPI do orçamento nesse momento de renovação e limpeza.

(...) Violência, chacinas, corrupções e a CPI, foram fatos que levaram a imprensa... (sic)

(...) Acompanhando diariamente os noticiários de TV e jornais,...ligados a C.P.I. e os eventuais envolvidos.

(...) Com a instalação da CPI do Orçamento, já começamos a acreditar que vamos ter uma década de muitos problemas e de muitas revelações...

(...) Contudo, este mesmo povo, machucado, acompanha passivamente, através de seus televisores, notícias sobre a CPI do Orçamento, e nela deposita suas esperanças...

A CPI da Corrupção está deixando claramente que percebamos a quantidade de culpa que temos pois somos cidadãos interesseiros e relapsos.

(...) Brasil sempre foi um país, onde existiu vários problemas políticos, sendo o mais recente da CPI que foi revoltante aos brasileiros,... (sic)

(...) Desde que o interesse de algumas pessoas foram prejudicadas por outras, e que a partir daí que passaram a surgir as CPI.(...) Porque desde que abriu a CPI do PC Farias foi que começou a descobrir o que os políticos faziam com o dinheiro do povo. (sic)

(...) A Cpi do Orçamento, foi só para desviar a cabeça dos analfabetos políticos em objetivando o desvio da mentalidade dos mesmos... (sic)

(...) Com a CPI a mascara de muitos políticos caíram, com isso o povo se fortalece... (sic)

(...) Com o caso PC, foi montada a Comissão Parlamentar de Inquéritos, que é responsável...

(...) Depois de todas as falcatruas cometidas pelo ex-presidente, a C.P.I., Comissão Parlamentar de Inquérito, começou a desvendar, toda a podridão que há por trás dos dirigentes do nosso país.
(sic)

(...) A única coisa, no meu ver, que infelizmente é ruim com a instalação da C.P.I. é o fato de quase todos os nossos representantes estarem atarefados com os inquéritos,... (sic)

A CPI do Orçamento desmascara os culpados dessa crise e mostra a verdadeira face daqueles que prometem falsos paraísos.

(...) A partir daí muitos escândalos foram mostrados à nós por intermédio da mídia e ao mesmo tempo a Comissão Parlamentar de Inquérito (C.P.I.) começou a trabalhar, buscando provas concretas, investigando o passado da vida política de muitas pessoas ilustres... (sic)

(...) Que essa CPI seja o começo para a grande limpeza moral do Brasil.

(...) Finalmente devemos ter certeza que desde a instalação da CPI, um processo de amadurecimento começa a germinar em nós,... (sic)

(...) Mas agora com a CPI investigando a vida de cada governador, que esta no comando de um parlamento, fica difícil por enquanto algum político querem roubar mais dinheiro dos pobres,...
(sic)

(...) A instauração das CPIs no Congresso Nacional, trouxe à tona a decadência de um sistema moral disfarçado. (...) É através das CPIs, das melhorias sociais, do investimento na Educação, que o Brasil poderá retomar a sua moral,...

(...)... e o caso da cpi do Orçamento que na minha opinião, não vai ser suficiente para resolver o problema,...Esse processo vai ser demorado porque, existem muitas pesosas envolvidas, e a maior parte delas com poderes até mesmo de interferir no andamento... (sic)

(...) O aprofundamento nesta CPI mostra a força que tem nossos deputados honestos e a vontade de punir os infratores, ... (sic)

Atualmente, o Brasil está todo em “estado de alerta” em relação a corrupção, pois, com a CPI do orçamento, estão vindo a tona verdadeiras barbaridades cometidas por integrantes do governo.
(sic)

(...) Difícilmente o povo brasileiro irá ficar sabendo de toda a verdade,..., pois muitos dos que compõem a CPI também são “ladrões”, só que ocultos da população. (sic)

O povo brasileiro está atento ao trabalho da CPI do Orçamento, que é fruto de um crescimento e amadurecimento da política brasileira. (sic)

(...) Com a abertura da CPI do Orçamento, a população brasileira vem “cultivando” as esperanças antes adormecidas em relação a situação do país. (sic)

(...)..., segundo a Folha de São Paulo, cerca de 60% do povo brasileiro não acredita em resultados convincentes por parte da CPI.

(...)..., desde que começou a investigação na C.P.I. do Orçamento várias denúncias de corrupção, vem tornando a imagem do nosso país nada agradável. (sic)

(...) Atualmente estamos tendo a CPI no Brasil que é uma comissão Orçamentária que está tratando das denúncias de corrupção, ... (sic)

(...) Não é ao acaso que o presidente da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) é um ditador de primeira classe.

(...) Um escândalo político... como o que está sendo denunciado atualmente, na CPI do Orçamento, revolta e decepciona a grande maioria dos cidadãos.

(...) Primeiro começou dando uma ordem, quando denise Frossard prendeu catorze organizadores do jogo do bicho, e agora está tirando o pesado com a C.P.I. do Orçamento. (sic)

Na proposta I, o papel da imprensa no contexto da corrupção e, conseqüentemente, da CPI produz o mesmo tipo de informações, mas que giram em torno do tema assim:

(...) Em relação a tão falada comissão parlamentar de inquérito (C.P.I.) os meios de comunicação não só investigam como...

(...) A população tem que estar bem informada sobre o trabalho da CPI, os políticos nela envolvidos e se eles são realmente culpados por seus crimes,... (sic)

(...) Citamos por, exemplo, hoje o fato mais noticiado no país que é a CPI do Orçamento,...

(...) ... onde são de extrema importância os trabalhos que vem sendo executados pelos meios de comunicação junto a CPI do Orçamento. (sic)

(...) Além de trabalhar na investigação, principalmente no escândalo do orçamento, a imprensa...

(...) Pois só saberemos das coisas que acontecem na C.P.I., no Congresso através dela. Por isso ela deve ser clara, rápida e objetiva, como uma redação.

(...)...a notícia, seja ela apenas uma denuncia verbal, isto é, sem provas concretas, causa grande repercussão social, um bom exemplo disso está explícito nos trabalhos de reportagem nas CPIs (Comissão Parlamentar de Inquérito) instaladas para apurações de irregularidades no país,...(...)

Embora lhe seja confiada todas essas responsabilidades, é lamentável a algumas empresas de comunicação se valhão disso aprenas para se promover no mercado,... (sic)

(...) Cobrindo todas as denúncias e resoluções da CPI e muito coerente para não injustiçar pessoas inocentes. (sic)

(...)...ela acompanhou os trabalhos da CPI

A imprensa possui grande responsabilidade, ela acompanhou os trabalhos da CPI nestes últimos tempos e,...

(...) Apenas houve uma divulgação de atos conclusivos há pouco tempo, instalando-se Cpis para apuração dos fatos. (sic)

6. A INTERSECÇÃO DAS PROPOSTAS

Ainda em relação às propostas I e II (esta a mais escolhida), outra informação bastante presente tem como núcleo a corrupção, que também está previsível no texto-temático de ambas, embora haja sempre expectativa de ocorrência original, mesmo que por força coesiva ela seja substituída por outras palavras como, por exemplo, crise e outras. A amostragem que segue, apresenta as informações das duas propostas pela ordem.

PROPOSTA I

A imprensa brasileira tem hoje um papel fundamental na sociedade, como representante do povo na luta contra a corrupção no país.(...) É através desse parâmetro, que nos momentos mais conturbados como este, num momento onde tudo é corrupção para todo lado que se olhe, e que podemos confiar num veículo de comunicação. (sic)

Em relação à corrupção e o tempo ou espaço de tempo que temos notado sua divulgação, não se pode dizer que o brasileiro não sabe que Corrupção existe, e há bastante tempo temos notado sua presença, ... (...) A crise existe há muito tempo sim,... (sic)

Com a instalação da CPI ..., nós brasileiros, ficamos de frente com um velho problema: a corrupção no país. (...) A corrupção não faz parte da nossa cultura assim como a preguiça não é familiar à cultura indígena. (...) Assim nós nos conformamos com a roubalheira e deixamos de lutar por nossos direitos. (sic)

(...) Hoje o nosso país sofre as conseqüências de uma crise política e econômica, onde os mais sacrificados são os homens...; da classe assalariada para baixo;...

(...) Nestas denúncias estavam envolvidos parlamentares, funcionários públicos e empresários corruptos que estavam desviando dinheiro do governo,...(...) Portanto, divulgando os fatos ocorridos ela mostraria que o Brasil pode mudar... (sic)

A imprensa ..., atingindo aquele que se considera corrupto e defendendo aquele que se diz inocente (...) para dizer um “basta” a toda corrupção do país...

(...)... de CPIs, vendo sendo descobertos inúmeros esquemas de corrupção, paraticados por parlamentares que eleitos com ajuda financeira das empreiteiras, agora trabalham aprovando projetos e leis que as beneficiem.

Desde que a corrupção no Brasil tornou-se uma coisa pública, temos assistido todos os dias uma notícia diferente,...(...) A corrupção faz parte da nossa cultura, do nosso dia-a-dia,... (...) Ainda não estamos amadurecidos para um regime que venha acabar com a corrupção...

O Brasil é um país de contrastes. De um lado, possui toda uma exuberância... De outro, porém, mostra o seu lado feio, medonho: a corrupção aliada à democracia.(...) A verdade é que existe essa corrupção vinculada à injustiça e à pobreza porque grande ... (sic)

(...) Mas infelizmente os empresários e empreiteiros tem grande culpa pela instabilidade do país, por ofertarem coisas que são impossíveis de recusarem através de favores... (sic)

(...) As fraudes no INSS, a Corrupção, a CPI, os massacres no Rio etc, são fatos primordiais para que a sociedade se revolte e a imprensa venha a trabalhar. (sic)

(...) É através de denúncias que a sociedade e o poder podem se mobilizar contra os acusados, estes na atual conjuntura, políticos e empresários, corruptos e corruptores. (sic)

(...) Através das notícias, o povo julga os atos políticos e pessoais dos homens que eles mesmos levaram ao poder,... Se por um lado, ficamos sabendo dos escândalos de corrupção, assassinatos e... Além disso, não podemos generalizar todos os políticos como corruptos,...

(...) Sempre atenta, sobretudo neste período turbulento pelo qual o país atravessa no tocante a economia e política sua responsabilidade é grande,... (sic)

A degradação sócio-política do país vem propiciando o surgimento de uma consciência crítica e austera da população.(...) Hoje, a imprensa representa a ânsia, de uma população estafada de corrupções, ...(...) Num país submergido num mar de corrupções; onde a população fica de mãos atadas... (sic)

Mantém os leitores informados e cientes da corrupção dos deputados e senadores,...

Em nosso país que atravessa uma crise inacreditável,... a imprensa é algo indispensável para o bom andamento das apurações sobre corrupção... (sic)

Neste momento em que o país atravessa por diversas crises em todos os setores como: a inflação, o desemprego, a fome, a corrupção dos políticos... (sic)

Mobilizando o povo e vigiando as falcatruas do nosso governo

Atualmente estamos cercados por uma enorme crise, e escândalos que tem assustado a toda população... (sic)

O povo brasileiro está acostumado com mentiras, falsas promessas e muita corrupção no ambiente político,...

Tomando como exemplo o momento histórico-político brasileiro e a avalanche de denúncias de corrupção...

Hoje, sem precisar colocar receitas de bolos em suas páginas, seu apoio pode derrubar presidentes e eleger corruptos de carteirinha.

Violência, chacinas, corrupções e a CPI foram fatos que levaram a imprensa...

É bastante gratificante vivermos este momento de crescimento cultural diante de tanta corrupção e miséria...

Não é só pelo fato da classe política brasileira estar sendo corroída por inúmeras denúncias de corrupção, que devemos acreditar em qualquer...

Violência, chacinas, corrupções e a CPI, foram fatos que levaram a imprensa...

O país já atravessou vários momentos de crise política como social ... por outros governos que podem até terem sido mais corruptos que o último. (sic)

(...)... o povo brasileiro vem tomando conhecimento de vários casos de corrupção no Congresso Nacional,...Mas o trabalho dos meios de comunicação..., colocando frente a frente o povo brasileiro e a corrupção.

A cobrança que fazemos para que corruptos que ha muito tempo existem, sejam punidos é resultado de notícias... (sic)

(...) ...se tem que analisar agora e se essa corrupção não está somente ligada aos políticos e sim bloqueando informação o que não daria em nada. (sic)

(...) Mas com esses corruptos sendo punidos...

(...)... graças a ela um presidente corrupto...(...)...das denúncias feitas por uma revista se chegou a um esquema de corrupção no orçamento. (...) ... saibam que foi através desta imprensa, que foi inserida em seus cotidianos as palavras como corrupção... (sic)

Todos os escândalos do governo chegam até nós pela imprensa...

(...) Nesse mar de lama que vive o país: corrupções, escândalos envolvendo estatais, ... (sic)

Um país rodeado, pelas denúncias de corrupção a única maneira de sabermos quem são, o que fazem e pra onde vão os culpados é através da imprensa...(...)A imprensa tornou-se um meio de comunicação suadável.... (sic)

(...)...não podemos viver sem a imprensa, porque sem ela...não sabemos...sobre nosso mundo de corruptos. (sic)

Dizem os desenhistas e redatores de humor que quanto maior a crise política e econômica do país, juntamente com seus protagonistas, maior é o material de informações que eles têm para trabalhar e criar estórias.

Nas primeiras páginas dos jornais, publicam as notícias que mais mobilizam a sociedade. Escrevem sobre a corrupção, economia e as investigações na CPI.

(...)...provocando um escândalo que não mais assusta o brasileiro, devido aos freqüentes acontecimentos de corrupção verificados. (sic)

Se o trabalho com a imprensa for verdadeiro, ela juntamente com seus leitores, telespectadores seriam uma poderosa força para ajudar a colocar, os atuais e vários, políticos corruptos nas cadeias... (sic)

PROPOSTA II

(...) ... corrupções, como o roubo da Previdência, onde muitos políticos, deputados, senadores estão envolvidos até o pescoço nessa roubalheira. (sic)

Em relação à corrupção e o tempo ou espaço de tempo que temos notado sua divulgação, não se pode dizer que o brasileiro não sabe que Corrupção existe,... (sic)

A corrupção faz parte da nossa cultura assim como a preguiça não é familiar à cultura indígena.

(...) Portanto, divulgando ..., ela mostraria que o Brasil pode mudar..., com a punição dos corruptos.

(...) (a imprensa)...atingindo aquele que se considera corrupto e defendendo para dizer um “basta” a toda corrupção do país para... (sic)

(...)...descobertos inúmeros esquemas de corrupção praticados por parlamentares... Fazem parte da lista de corruptos; deputados, senadores e até presidente da república,...

(...).. passaram a enxergar melhor as corrupções que estavam acontecendo no Congresso Nacional.

(...)...por meio de demonstrações de provas de corrupção no Congresso Nacional, e que “sair ganhando”, através da corrupção, não será mais permitido... (sic)

Mas será que só os políticos são corruptos, ou será um vício nacional?

(...) ..., tudo o que acontece dentro do Congresso se transforma em corrupção.

(...)... que a corrupção vem de séculos a traz,...(...) e faz a roda de corrupção crescer e deixar...(...) para a massa indefesa que vive sobre o mesmo chão desses corruptos. (sic)

(...) Com punhos fortes e com o ideal de poder revolucionar, não só a “máfia” do orçamento, mas também a “máfia” da sonegação fiscal. (sic)

Nosso país vem passando por um período conturbado desde as denúncias de corrupção no Congresso Nacional. (...) ...os meios de comunicação levando as notícias de corrupção junto ao domicílio do eleitorado.

A cada dia os brasileiros acordam com mais um episódio de corrupção e...(...) Nunca jamais a corrupção se fez parte da nossa cultura... (sic)

(...)... e principalmente a corrupção impera em todos os setores da sociedade.

A cada dia...vemos de frente um caso novo de corrupção no Congresso Nacional,... (...) ...o povo está se engajando na luta por um país mais honesto, denunciando a mais simples da corrupção que é sofrida,... (sic)

(...)...a maioria deles busca a carreira política com o objetivo de um enriquecimento ilícito, sem respeitar os princípios democráticos e a ética... (...) Devido a esse desinteresse do povo e a abertura inerente à democracia, os políticos aproveitam para derramar a corrupção e tirar... (sic)

(...) E a nossa sociedade, quantos estão querendo tirar proveito, sendo corruptos...? Os políticos corruptos deverão ser desimados, para que o próximo não se influencie... Deus não ajuda ninguém! Só ajudou um mister corrupto a ganhar duzentas vezes um jogo. (sic)

(...) Infelizmente é um país agora governado, por corruptos que só querem tirar proveito. (sic)

(...) ... colocando corruptos e incompetentes em órgãos públicos e governamentais, ... (sic)

A corrupção derrubou o país. Pois num país onde o próprio político rouba e não é punido pelo seu ato, já revela a desonestidade e a....(...)...pois a corrupção faz parte do cotidiano e da cultura brasileira. (sic)

Que a corrupção lateje em nossa política sempre foi do conhecimento de todos...(...) Agora, estava a corrupção aferida enfim se deixa mostrar e vemos como realmente é nossos políticos... (sic)

Revelam-se a cada dia, ondas alarmantes de uma vergonhosa corrupção...esquesse-se e vota novamente, dando poder ao corrupto. (sic)

É lamentável mas o Brasil é assim. Em todos os setores da sociedade encontramos a corrupção e os elementos que a caracterizam. (...) Reclamamos das autoridades, sim, elas são corruptas, mas qual brasileiro que perde a oportunidade de passar um semáforo vermelho ou...(...) Embora a corrupção esteja em todos os setores, existem otimistas que acham que o problema pode ser solucionado democraticamente. (sic)

Até tu Ibsen Pinheiro? Quem diria hem Genebaldo! Congresso Nacional, orçamentos, empreiteiras, Parlamentares, subvenções sociais... Impunidade...temos que aceitar argumentos de que a corrupção já faz parte de nossa cultura, de que não estamos prontos para a democracia. (...)...temos que limpar essa imagem, tirando de cena políticos e empresários desonestos e corruptos. (sic)

(...) Esta CPI ..., nos deixando boquiabertos e revoltados com as denúncias de corrupção,... Após estas denúncias de corrupção,.... A de ser tomada uma atitude para com estes corruptos que... (sic)

Democracia sim, corrupção não. (...) Mas ao se iniciar a caçada aos corruptos criou-se uma nova maneira de ver a verdadeira causa da crise... Mas tudo isso fez com que o gigante adormecido despertasse para a luta contra esses corruptos... (sic)

O ano de 1993 foi um grande circo, foi o ano que se iniciou o fim da bandalheira e o princípio da ética e da moral,... (sic)

São vergonhosos os escândalos, é muito dinheiro para uma minoria...

Num país são geradas uma grande diversidade de crises, consequência de estruturas político-social mal planejadas... A crise por qual está passando o país, mostrada por diversos meios de telecomunicação, retrata grande e vergonhosa corrupção do Congresso Nacional, que... (sic)

(...)....”bem intencionados” “salvadores da pátria”, consigam com seus discursos emocionados...tirar a atenção da nação para o problema maior, que é a corrupção. (sic)

(...) O país mergulhou em uma crise de valores éticos e morais, já estava nela... (sic)

(...) De que adiantará se descobrirem todos os corruptos e o..., se não serão punidos devidamente? (sic)

(...) Com derrocadas presidenciais, com a descoberta de políticos corruptos,...(...) Pessoas corruptas como os políticos brasileiros esqueceram-se dos princípios...(...)Chegará o dia em que o Brasil terá menos deslealdade, menos corrupção,... (sic)

(...) A sociedade passou a ver inúmeros casos de corrupção,...(...)...e sabe que precisa punir os corruptos e começar tudo...

(...) É triste saber que a corrupção faz parte do dia-a-dia do cidadão brasileiro,...

O valor da consciência. (...) Devíamos nos apoiar em Marx,...Mas, ao contrário parece que nos apoiamos em Stalin, homem russo represso e burocrático. (...) Essa crise precisa acabar. (...) ...ter a fidelidade da imprensa, onde possamos usufruir como arma contra político corruptos.... (sic)

A prova definitiva de que ainda não estamos amadurecidos para o regime democrático é mostrada com a grande frequência em que ocorrem as corrupções. (sic)

(...) ... o país é corrupto por si mesmo, todos são corruptos, por mais que digam o contrário, seu pai, sua mãe, até mesmo você,... (sic)

(...) ..., mas não com um presidente que é o próprio filhote da corrupção...

(...) ...um mar de lamas veio à tona, sujando o país, e revelando ...: o mundo da corrupção e do jogo de interesses. (sic)

Hoje, nós brasileiros estamos nos deparando com uma situação mais do que ridícula e sim imoral. Estamos vendo nosso governo em uma decomposição moral, ...

O escândalo do Orçamento Nacional transformou-se no assunto predileto dos jornais, revistas e televisão deste país. (...) Políticos como o deputado João Alves enfrentaram mais dificuldades em se eleger.

Corrupção, uma palavra tão falada, mas que só agora o povo brasileiro está descobrindo a verdadeira origem.(...)... se todos lutarem, não se ouça mais a palavra corrupção. (sic)

(...) Se faz necessário que tiremos e acabemos de vez com as idéias de que a corrupção faz parte de nossa cultura. Mas enquanto nos deixarmos devorar pelo fantasma do capitalismo selvagem a corrupção será mais um dos meios seguros de se chegar ao poder. (sic)

(...) que a corrupção que hoje faz parte do nosso cotidiano seja uma triste lembrança da escrevidão do homem pelo homem.

(...) A cabeça do brasileiro é muito pequena, por isso é que acontecem todas essas corrupções e continuarão...

(...) ...cidadãos brasileiros tentam tirar proveito da situação, onde há tanta enganação e corrupção,... (sic)

O país apresenta o seu pior defeito, um círculo de “contagiosas doenças”, como corrupção, ganancia, “Gersismo”, etc. (...) Os valores éticos são trocados pela enorme cadeia viciosa que forma o mundo da corrupção,...Portanto, para o mundo da corrupção, da vantagem, dos Gersons é... (sic)

(...) ... não tem dúvida de que o país está longe, mas a caminho de acabar com a corrupção na política. Felizmente essa quadrilha foi desmantelada e certamente os culpados serão punidos, mas isso é só o começo,...(...) Todos os acontecimentos..., ou seja, a retirada de um presidente corrupto,... pois se fosse uma ditadura, não aconteceria nada com o presidente corrupto e aos parlamentares também corruptos..., para que o país acabe de vez com toda a corrupção. (sic)

O Brasil está passando por uma enorme crise social, na qual a corrupção está tomando conta de nosso país como se fosse uma doença contagiosa e sem cura.

É com tristeza que ao ligar a TV, o rádio e ao desfolhar as páginas dos jornais, eu vejo com grande amargura mais um escândalo de corrupção...

Durante o governo Collor, quando se atingiu o ponto máximo de corrupção, não foi mais possível conter a revolta geral do povo. Não somos um povo viciado em tirar vantagens, e sim, um povo marcado pela corrupção, corroído pela desigualdade de classes.

(...) O Congresso Nacional, deveria chamar-se “ring de corruptos”, ...

Voltados apenas ao benefício próprio, políticos desencadeiam uma situação vergonhosa aos olhos do povo. (...) ... esses homens vem trazendo ao Brasil a mais “podre” situação econômica e social. Os corruptos existem e a justiça lhes cai bem. (...)... tentam limpar esse mar de lama, ou seja políticos corruptos, ladrões;... (sic)

A corrupção mais clara foi a do presidente afastado Collor e sua esposa e hoje estamos ai assistindo pelo radio, jornais, e televisão, as provas de corrupção no Congresso Nacional. (sic)

(...) Vários Parlamentares com mandatos longos, que estão sendo acusados de terem tomado de assalto os recursos do Orçamento,...

(...)...; a corrupção foi uma marca deixada pela política que se fez até os tempos atuais; política esta amarrada aos grupos minoritários que se beneficia do resto da nação ... (sic)

A corrupção faz parte do nosso cotidiano, e não poderia ser diferente no país em que vivemos. (sic)

(...) Corrupção faz parte do passado; cultura e moralidade bons costumes, este é nosso meu seu de todos nós cidadãos Brasileiros, dilema hoje. (sic)

(...) A sujeira que está por trás de nosso Sistema começa a aparecer. Estamos finalmente enxergando através dessa cortina de fumaça que envolve os poderosos.

(...) O povo está “deitado eternamente...”, mas desperto para lutar por um Brasil livre da corrupção e dos corruptos, sem pesadelos, sem fantasmas.

(...) A corrupção existe há anos, só que o povo brasileiro nunca se importou, porque é muito ambicioso, não se preocupa com nada referente ao país.

O Brasil está enfrentando a clareza da corrupção no Congresso Nacional, a qual, foi denunciada por pessoas que, também corruptas, foram apanhadas por outros crimes, e para tentar aliviarem a barra, denunciaram todo o esquema de corrupção...(…) ...o importante é se dar bem. (sic)

(...) É verdade que a corrupção e a desonestidade no quadro político do país, vem sendo praticada desde quando foi descoberto e colonizado pelos portugueses. (sic)

O estouro da crise do nosso país, nos trouxe um lado bom, pois foi causa desse estouro que foi instalada no país a C.P.I...(…) A política do nosso país, até agora só favoreceu aquela minoria de corruptos,... (sic)

(...) Apagar da nossa História a idéia de famigerado e corrupto país. (sic)

(...) Sempre houve corrupção em nosso Governo, desde os tempos de Reis aos de Militares, era o que todos diziam. (sic)

(..) numa simples investigação pela polícia federal aos poucos fomos descobrindo os grandes ladrões do país que são deputados, senados, prefeito,... (sic)

(...) o que antes não era divulgado, pois o povo não ouvir e nem ver as “maracutaias” do Congresso. (sic)

(...) ... imerso num mar de corrupções, existentes hoje no Brasil (...) Além de usarem o dinheiro, que não é deles, para manipular pessoas e instituições, o roubam, através de “maracutaias” ... (sic)

(...) Acredito que estamos avançando no caminho certo e que, bem mais cedo do que os italianos, vamos condenar os nossos tão bem votados políticos corruptos, e viver ...

(...) É o caso de PC Farias que fugiu do país, depois de ter sido capturado e condenado por corrupção.

(...) ...dos meios de comunicação, que se responsabilizaram em divulgar as revelações de corrupção, feitas pelo Congresso Nacional de Brasília,... (sic)

(...) A corrupção faz parte da cultura e da vida dos po(vo brasileiro)líticos brasileiros. (...) É sabido entre nós que o fato causador do mesmo nasceu de um ranço entre irmãos que disputavam hegemonia nos negócios e, assim, por si só, constitui um acontecimento ligado à corrupção.

“Limpar as cavalarias do poder é a primeira palavra de ordem”, frase adaptada por Paulo Sérgio Pinheiro retirada da Folha de São Paulo.

Estamos vivendo em um país onde a corrupção virou um dos principais assuntos dos meios de comunicação, onde... (sic)

O país caminha cada vez mais para o caos. A cada momento explode uma bomba denunciando crimes de corrupção e desmoralidades no Congresso Nacional. (...)... uma vez que a corrupção faz parte do cotidiano da sociedade;...

(...) O mais triste ainda é saber que dos políticos brasileiros, dez por cento são corruptos, e o restante, noventa por cento, sabiam da existência desses corruptos,...

(...) A corrupção, faz parte com toda certeza do nosso cotidiano.

(...)..., mas agora chegou a hora de acabar com a sujeira pesada. (...) Então, o que nos resta a fazer é torcer para que toda sujeira vá para o lixo e...

A corrupção é um problema cultural, que atinge todo mundo através do próprio sistema econômico, que o rege, ou seja, o Capitalismo. No Brasil, esse problema se propaga desde o tempo de sua descoberta até os dias atuais. O Brasil foi adotado como uma colônia de exploração que tinha como obrigação, através do pacto Colonial, fornecer tudo o que produzisse à sua Metrópole, ...

Se observarmos a amostragem apresentada, verificamos que a proposta II que implica uma posição tomada diante da democracia, acaba por substituir o tema pela abordagem da corrupção. Nela, o regime democrático se insere como um posicionamento frente à crise que o país atravessa. Embora uma redação mencione a *Folha de S. Paulo* – aqui há intertextualidade - ,

outra imite o estilo de José Simão ⁶ (do mesmo jornal) e algumas poucas associem a corrupção à colonização do Brasil, a grande maioria menciona as mesmas informações sobre esse episódio. Dentre elas, algumas deixam transparecer a origem dessas informações: a televisão (“a crise mostrada por diversos meios de telecomunicação”, “...assistindo pelo rádio, jornais e televisão...”; “ao ligar a TV, rádio e ao desfolhar as páginas dos jornais, eu vejo...”). É digna de nota a presença da padronização de informações na quase totalidade. De novo, se coloca a indagação: seria apenas uma reprodução da proposta?

O texto II da Proposta II vincula os meios de comunicação à conquista da democracia, o que torna previsível o uso dessa expressão também nessa proposta.:

(...) ... graças aos meios de comunicação, estamos conseguindo tirar... a escória...

(...) ... e graças a tecnologia empregada no Ramo da Comunicação e jornalismo...

(...) ... não sabíamos o que acontecia porque a censura proibia a mídia de divulgar...

(...) ... explosão de notícias...sobre corrupção que estão diariamente em nossos lares através dos meios de comunicação,...

(...) ... mostrada pelos diversos meios de telecomunicação,...

(...) através dos meios de comunicação, onde estes conscientizem a população... (sic)

(...)... quando os políticos contam com o apoio dos meios de comunicação, principalmente a televisão e, principalmente certos canais para “maquiar” as pesquisas eleitorais favorecendo certos candidatos... (sic)

(...) A ajuda da imprensa e dos meios de comunicação também é essencial, pois estão em toda parte, trazendo informação importantes ao leitor, ouvinte ou telespectador.

(...) Somos privilegiados pois temos vários meios de comunicação e de grande influência sobre nossa sociedade; pois através da televisão, rádio, jornais etc... conseguimos unir o país de ponta-a-ponta. (sic)

(...) ... através da notícia que vimos e ouvimos pelos meios de comunicação,...

(...) ... mostrando que hoje os atos são apurados e investigados, através dos meios de comunicação que são as principais fontes de observação e conclusão presentes em nosso mundo.

(...) Hoje podemos ver em jornais, televisão, enfim, todos os meios de comunicação, o que antes não era divulgado, pois o povo não ouvir...(sic)

⁶ José Simão é articulista do jornal *Folha de S Paulo*, cujos textos são marcados pela irreverência linguística: lança

(...) a corrupção virou um dos principais assuntos dos meios de comunicação,...

(...) Acompanhando diariamente os noticiários de TV e jornais pudemos...

(...) Vejamos: com a liberdade de imprensa, divulgando, investigando, a vida dos políticos..., nós podemos através da mesma, escrita ou falada ou televisada, a discutir com nossa comunidade as posições destes políticos,... (sic)

(...) ... os brasileiros nunca tinha visto... e muito menos presenciado na imprensa os fatos verdadeiros das notícias serem questionados ou censurados por órgãos de repressão ou ideológicos. (sic)

(...) ..., até mesmo os autores dos crimes como é o caso da família Collor e João Alves que teve coragem de dizer para toda a imprensa da televisão que “Foi Deus que o ajudou...” (sic)

Mais uma vez, as frases relacionadas acima indicam a ausência de informações provenientes da leitura de livros e revistas, do mesmo jeito que elas tornam evidente a importância dada pelos vestibulandos às informações veiculadas pela televisão. Nas duas propostas há expressões divulgadas por esse meio: a expressão “mar de lama”, por exemplo, é dita por uma das personagens da mini-série *Agosto*, produzida e exibida pela TV Globo e baseada na obra de mesmo nome, escrita por Rubem da Fonseca. Na proposta I ocorre assim: (...) Num país submerso num mar de corrupções,...; (...) Nesse mar de lama que vive o país:...; e na Proposta II ocorrem:

(...) começo do fim desse mar de lama...

Se começarmos a vasculhar mais profundamente este mar de lama, ...

(...)... o país atinge o auge do mar de lamas e...(...) ...que esteja trabalhando na construção de um novo país renascido da lama e cheio de paz. (sic)

(...) Veio a tona um mar de lama que arrastou um país inteiro a pagar o preço dos pecados. (sic)

(...) É certo que, o mar de lama instalado, abre espaço também para oportunistas e parasitas do poder,...(...) Aos abutres, aos vampiros e parasitas, restarão imagens de máscaras caídas e mãos enlameadas. (sic)

(...) Recentemente, no entanto, um mar de lamas veio à tona, sujando o país, e... (sic)

Nesse mar de lama que vive o país:... (sic)

mão de gírias, faz montagens de palavras com objetivo crítico e satírico.

(...) ... e tentam limpar esse mar de lama, ou seja políticos corruptos, ladrões;... (sic)

(...) Concordamos que o Brasil adentrou um “mar de lama” e o que ainda é pior esta “lama” atinge os mais oprimidos de maneira bem mais hedionda.

(...) ..., todos os cidadãos Brasileiros tomaram conhecimento do grande mar de lama que vivemos. (sic)

(...) ... pois essas denúncias e investigações são apenas a ponta de um grande iceberg imerso num mar de corrupções,...

(...) Na verdade, no ano que passou, toda a lama contida por um muro de pessoas...

(...) ..., um mar de lamas veio à tona, sujando o país e revelando...; o mundo da corrupção... (sic)

Outras expressões ditadas pela mídia televisiva ocorrem com menor incidência como nos títulos e no próprio corpo do texto a frase veiculada na música-tema da novela *Vale Tudo*: “*Brasil, mostra tua cara!*”:

“Mostra tua cara Brasil”; “Mostra a Cara”; (...)... está sendo feito hoje são esclarecer dúvidas e mostrar principalmente a verdadeira cara do Brasil, ... (sic)

Ou ainda, lembrando as vinhetas verbais veiculadas pela Globo durante algum tempo: esse país tem jeito:

(...) ...a imprensa nos leva a acreditar que esse país tem jeito.; É só mudando , os nossos atos, maneira de pensar, de que o Brasil tem jeito,...; (sic)

(...) Chegou a hora de acreditarmos que esse país tem jeito,... (sic)

Ou “passar o Brasil a limpo”, expressão bastante usada nos meios escolares (“passar o caderno a limpo”), no sentido de organizar, refazendo os conteúdos que foram anotados em aula ou pesquisados. Essa frase foi criada por Boris Casoy, jornalista da emissora SBT, e foi veiculada a fim de que fosse recuperada a credibilidade no país.

(...) Se a imprensa continuar agindo com eficiência, o Brasil, com certeza, será “passado a limpo”.

(...) ... todos os segmentos da sociedade,..., estão se unindo na tentativa de passar a limpo o país... Nosso Brasil necessita urgente ser passado à limpo, e nessa passagem deve-se esquecer todo aquele que envergonha nossa Pátria. (sic)

O Brasil Passado a Limpo.

(...) ... e agora nesta tentativa de passar o Brasil a limpo, isto foi um fator decisivo,... (sic)

Como a corrupção é vista como sujeira, a metáfora de limpeza do país, expande-se por outros textos, como se as redações do Vestibular tivessem que proceder ao esfriamento do texto para torná-lo mais acessível à grande massa que irá lê-lo. Mas, não há índice lingüístico que aponte o uso da metáfora como processo de esfriamento do texto.

(...) ... é agora o momento onde toda a roupa suja começa a ser lavada.

(...) Fazendo com que o Brasil , ficasse com a cara mais limpa. (sic)

Podemos dizer que somos ainda um povo “Feliz”..., é que com toda essa roupa suja sendo lavada,... (sic)

(...)... nesse momento de renovação e limpeza.

(...)... somente o militarismo pode limpar essa sujeira toda. Subir até o poder e fazer uma limpeza geral.

(...) Ao contrário, temos que limpar essa imagem, tirando de cena...

Lavando a Roupa Suja

(...) ... tentar limpar esse mar de lama,...Mas não é só a minoria de políticos que está conseguindo limpar toda esta sujeira,... Os meios de comunicação, ajuda e muito o trabalho de “limpeza” do nosso país exercendo pressões sobre governantes,... (sic)

(...) A política brasileira acaba de perder seu mérito e seu respeito frente aos outros países do mundo que acompanham essa “limpeza” no governo. (sic)

Há que se considerar a possibilidade dada pelas duas propostas de que as redações apresentassem informações veiculadas, porque previstas nos textos, mas outro fato digno de ser observado é que algumas informações previstas apenas na proposta I como “mobilização da sociedade” ou na proposta II, texto I: “tirar vantagem” – ou no texto II: impunidade - ocorram reciprocamente, ou seja, há uma intersecção informativa entre as duas propostas.

PROPOSTA I

Impunidade:

(...) Consciência de que , para acabar com a impunidade, com a corrupção, é necessário que cada um faça a sua parte.

(...) Quem sabe, um dia, nós deixemos de viver nesse mundo tão impune, passando a desfrutar, apenas, da grandiosidade desse “gigante pela própria natureza”.

(...)...pois pode ajudar a por fim na impunidade em que o povo desconhecia. (sic)

A responsabilidade da imprensa...para colocar um fim na impunidade,...

(...) e com a impunidade dos políticos antigamente também existiam, porém não ficávamos sabendo por não ser permitida a Imprensa. (sic)

(...)... para que juntos, possam dar um fim ao momento de crise que o país atravessa e talvez até acabar com a impunidade no Brasil. (sic)

Mobilização:

(...) Fatos estes que podem até derrubar um presidente,...

(...) Assim como precisa de Betinho, que mobilizou o país com sua campanha contra a fome.

(...) (a imprensa)...e mobilizando grandes massas populacionais.

(...)...e mobilização social são inquestionáveis,... sobretudo em períodos de crise.

Mobilizando o povo e vigiando as falcatruas do nosso governo.

(...)... a CPI ...que...e mobiliza a nação brasileira ávida por um pouco de decência.

(...) Tais informações foram publicadas e resultaram em investigações, mobilização do povo brasileiro e caçassão do mandato de um presidente. (sic)

Vale lembrar um fato recente: o impeachment...; a mobilização da população,... (sic)

A imprensa é importante não só ..., o que serve na mobilização da sociedade.

(...) um papel muito importante nas investigações,..., como também na mobilização da sociedade.

(...) publicam as notícias que mais mobilizam a sociedade.

(...) ... um papel muito importante nas investigações,...,como também na mobilização da sociedade.

(...) publicam as notícias que mais mobilizam a sociedade.

(...) e redobrem os cuidados quanto a verificação dos fatos para que não sejam enganados pelas “velhas rapozas” da política..., esvaindo-se assim o principal meio de mobilização da sociedade.

(sic)

(...) Somente a mobilização da população aliada às corretas atitudes de nossos dirigentes poderiam, talvez, amenizar as conseqüências da crise presente. (sic)

(...) ... acompanhou os trabalhos da CPI...e, sobretudo, a mobilização social (...) ...e o leitor que continuará bem informado pronto para se mobilizar quando necessário,... (sic)

A imprensa mesmo sem provas sobre o assunto em questão na sua reportagem mobiliza a sociedade,... (sic)

Levar vantagem:

(...) ... será muito difícil abolir do nosso cotidiano a famosa “lei de Gerson”, que estamos tão acostumados a viver, conviver e praticar.

O jeitinho brasileiro. Para podermos implantar..., precisamos, antes de tudo, reformular os valores culturais do povo brasileiro, que está acostumado a tirar proveito de tudo e de todos.

(...)...classe social desacreditada em que muitos querem tirar vantagem do cargo que ocupam.

PROPOSTA II

Impunidade

Como faz parte do contexto informativo dessa proposta sua incidência é bem maior.

(...) Consciência de que, para acabar com a impunidade, com a corrupção...

(...) ...; cada vez mais estamos deixando de ser acostumados ou melhor, conformados com a impunidade.

Atravessamos um momento importante,...que tem como desafio, o fim da impunidade. (...) o início do fim da impunidade...

(...) Fora instaurada uma CPI para apenas punir certos atos corruptos e...

(...) ... e também acabar com a impunidade desta pessoa.

(...) É hora de uma atitude severa, não podemos concordar com a impunidade...

(...)... sempre marcado pelo medo e impunidade. O trauma da ditadura...

(...)... para que de uma vez por todas, isto não continue a acontecer, esta impunidade. (sic)

Até tu Ibsen Pinheiro?(...) Impunidade.(...)...um momento importante, um grande teste que tem como desafio, o fim da impunidade.

Não devemos acordar e apenas ouvir mais uma impunidade descrita pela imprensa...

(...)..., pois isso que está acontecendo está servindo para a concentração do povo, e também para acabar com a impunidade destas pessoas. (sic)

(...) Todos os segmentos da sociedade, como nunca se viu, estão se unindo na tentativa de passar a limpo o país sempre marcado pela impunidade.

(...) De que adiantará se descobrirem todos os corruptos e o..., se não serão punidos devidamente? (sic)

(...) ... e a sociedade deveria unir-se para dar um basta na impunidade com a qual estamos convivendo.

(...)... que todos precisam lutar democraticamente para que de uma vez por todas, isto não continue a acontecer esta impunidade. (sic)

(...) E, juntamente com os meios de comunicação e a obrigação de defender os direitos e deveres de cidadãos, unem suas forças para acabar com uma impunidade que...

A democracia nos trouxe a liberdade de expressão, transparência dos atos políticos, hoje os cidadãos podem cobrar a impunidade,...

(...) A impunidade está chegando ao fim, pois muitos políticos estão pagando...

(...)...o atraso democrático em que mergulhamos sobre a máscara da impunidade. (sic)

(...) ..., o que poderá ser comprovado depois que toda impunidade for desmascarada...

(...)... a conquista da democracia, isso pode significar o fim de uma impunidade com a qual habituamos a conviver...

(...) Como também a impunidade e o pouco caso do assunto e que leva ao mal maior que é a corrupção. (sic)

(...) Os políticos estavam impunes diante à justiça.

(...) Esses covardes infratores da lei saíam impunes,...Chegou, enfim, a hora de apagar a frase que diz que o Brasil é o país da impunidade e colocar na cadeia quem mereça,...

(...)... e também pode significar o fim de uma impunidade com a qual já estavam habituados a conviver.

(...)..."brotando" na população brasileira que luta pelo fim da impunidade tão presente no cotidiano.

(...) A corrupção vem do pensamento da impunidade...

A insegurança se confronta com a vontade de resgatar a dignidade do país, fazendo com que o brasileiro peça justiça com o fim da impunidade. (sic)

(...) ..., a conquista da justiça é certa, e o fim da impunidade equilibrará o país, colocando-o rumo à democracia. (sic)

(...) O que ocorre no Brasil não é diferente; a roubalheira, a acomodação e a impunidade devem acabar, por isso é que surgiu a C.P.I. do orçamento,...

(...) Devemos então, lutar cada vez mais, pra que toda essa corrupção. O mau uso do nosso dinheiro, a violência e a canalhice, não fiquem impune. (sic)

(...) Temos vivido momentos de muita expectativa frente a C.P.I. do Orçamento, entretanto muitos ficarão na impunidade. (sic)

(...) Temos ainda muito que caminhar, acabar principalmente com a impunidade que aqui existe.

(...)..., pois assim poderemos por um fim na impunidade desses corruptos,...E com o fim dessa impunidade poderemos ter uma vida digna de um ser humano. (sic)

(...) Hoje também podemos reclamar com o dever da punidade para os que dirigem o país, ..., sem pensar nas conseqüências que podem causar, medidas não discutidas, que sempre são pensadas visando beneficiar os que estão no Congresso e os mais poderosos que manipulam as leis e as impunidades, mas se esquecem que... (sic)

(...) E o povo sem educação fácil vai ser enganá-los, sendo que à impunidade os incentivam. (sic)

(...) ..., mas com um pouco de esforço e objetividade encontraremos o fim da impunidade e o começo da dignidade.(...)”Milhões em ação, pra frente Brasil salve a Nação...”

(...) ... em um país onde todos acreditavam que não havia impunidade para essas pessoas.

(...)...e banir deverá a corrupção e a impunidade do País. (sic)

(...) Só assim mostraremos que a corrupção e a impunidade não fazem parte da sociedade que queremos para nossos filhos...

(...)...a conquista da transparência dos atos políticos, assim cremos que podemos acabar com a impunidade de muitos, com a qual já estávamos acostumados a conviver.

(...)..., um fantasma que assombra a maioria dos brasileiros e é a IMPUNIDADE. (sic)

(...) As pessoas estavam acostumadas a conviver com toda esta impunidade em que o país sempre viveu.(...) Agora chegou a vez de suspender a impunidade de toda a elite brasileira,... (sic)

(...) Chegamos ao clímax da questão: a imobilidade. A imobilidade anda de braços dados com a impunidade.

(...) Acredito que com essa faxina o país deva melhorar, acabando com a impunidade, cumplicidade e com a corrupção... (sic)

(...)..., e quando deixarmos esta acomodação e lutar-mos pelos nossos direitos a impunidade pode se tornar realmente verdadeira. (sic)

Mobilização

(...)... foram as ruas a fim de mobilizar a população. (sic)

(...) E só assim vamos descobrir o que viver em um país democrático, mas pena que ainda temos que lutar muito para isso um dia vir à acontecer. (sic)

(...) Estamos conscientes e mobilizados para que atos como estes não aconteçam mais.

(...) O crescimento da consciência nacional iniciou-se com os movimentos de Diretas Já, em que poucos, na sua maioria estudantes e artistas, reivindicaram... (sic)

(...), isto já vem das diretas já, onde o povo saiu a rua, de cabeça erguida e cara... (sic)

Levar vantagem

(...) ...será muito mais difícil abolir do nosso cotidiano a famosa “lei de Gerson”

Esse raciocínio de que “todo brasileiro quer levar vantagem em tudo” apenas demonstra o desejo que uma minoria tem em deixar tudo como está.

(...)...do povo brasileiro, que está acostumado a tirar proveito de tudo e de todos.

(...)...e que “sair ganhando”,...,não será mais permitido em um país...

(...) Pois nós cidadãos brasileiros só pensamos em tirar proveito, ambição e poder,... pois enquanto durar essa mentalidade de “tirar proveito”...

O povo brasileiro...procura seguir à risca as famosas leis de Gerson, o craque da seleção tricampeã em 1970: “O importante é se levar vantagem em tudo.” (sic)

(...) ...os políticos aproveitam para derramar a corrupção e tirar vantagens das oportunidades...(..)

Infelizmente a “Lei de Gerson” impera em nosso país.

(...)...quantos estão querendo tirar proveito, sendo corruptos...? O homem usa sua inteligência para corromper os menos inteligentes. “O mundo é dos espertos”.

(...) Infelizmente é um país agora governado, por corruptos que só querem tirar proveito.(sic)

(...) Onde todos querem ter vantagem nas mínimas coisas, querem sempre estar por cima de tudo...

(...) Com isso o país tornou-se alvo fácil da desonestidade, “jeitinho”, de levar vantagem em tudo,... (sic)

Nossa sociedade já nasce acostumada a tirar vantagem nas pequenas e grandes oportunidades.

(...) ..., a lei brasileira de tirar vantagem em tudo tinha que ser abolida...

A fama de que para tudo se dá um “jeitinho” vem de longos anos e de tentativas de levar vantagem em tudo.

Ao falar “O brasileiro gosta de tirar vantagem em tudo” isso é verdade se vemos a situação que cada um se encontra...(...)...um novo povo brasileiro digno, limpo que ninguém mais diga que o brasileiro “gosta de tirar vantagem” e que a corrupção... (sic)

(...) Por que os seus próprios colegas já estavam querendo tirar vantagem em cima deles. (sic)

(...)...cidadãos brasileiros tentam tirar proveito da situação, onde há tanta enganação e corrupção,... (sic)

(...)..., como corrupção, ganancia, “Gersismo”, etc (...) Portanto, para o mundo..., dos Gersons é necessário a reeducação do povo,... (sic)

As pessoas querem tirar vantagens umas das outras em qualquer lugar...

(...) Devemos todos, cada um de sua maneira se averiguar, e procurar acertar os erros de se querer levar vantagem em tudo.

Não somos um povo viciado em tirar vantagens, e sim, um povo marcado pela corrupção, corroído pela desigualdade de classes.

(...) ... onde deputados e senadores ficam às disputas para ver quem é o melhor e, tentando tirar vantagens uns sobre os outros. (sic)

(...)... e desenvolvimento de um país tão judiado pelos “Gérsons” da sociedade brasileira de antigamente. (sic)

(...) O famoso “jeitinho brasileiro” é uma arma poderosa, usada para tirar vantagem nas oportunidades oferecidas.

(...) Pois desde que o Brasil resolveu pedir justiça,...,ou seja, senadores e deputados que só querem tirar vantagens em tudo.(...) Para não termos mais vergonha de viver em um país que só usa a lei da vantagem. (sic)

(...) O país cada vez mais indo para o buraco e todos eles querendo tirar mais vantagens.

Hoje todos quer tirar vantagem de tudo. (sic)

(...) ..., de gente sem o menor caráter, cheio de levar vantagens em tudo que se faz. (...) A sociedade precisa aprender não ser tão viciada, chega de tudo o que se faz querer levar vantagem,... (sic)

(...)...o importante é se dar “bem”.

(...) São muitos políticos, empresários, cidadãos, que se aproveitam da crise..., para tirar alguma vantagem sobre isto. (sic)

(...) Deteriorando-se assim a nossa velha e conhecida “Lei de Gerson”, onde todos tirar proveito onde quer que tenham a oportunidade. (sic)

(...) Mas não é justo dizer..., que todo mundo tenta tirar vantagem...

(...) um país que é tão rico que tem tudo para ir para frente mais não todo mundo quer sempre tirar vantagem em alguma coisa. (sic)

(...) Todos querem sempre tomar vantagem em tudo, usando de meios muitas vezes ilegais,... (sic)

(...)..., no qual muitos políticos eleitos deixam de lado o verdadeiro papel de seus cargos e passam a buscar vantagem para si próprios...

(...) A população assistindo o que os políticos fazem, vão querer também tirar mais vantagens de pessoas que não tem meios de estudos apropriados. (sic)

(...) A sociedade, tem noção da presença da corrupção... através dos “tira vantagens” das situações, e não acredita que...(...)...que pede pela justiça e não concorda com os “tira vantagens”. (sic)

(...) Políticos que querem tirar proveito de todo lado, sonhando impostos, desviando verbas e muito mais.

(...) A verdade é que todos que entram para o Congresso, vêem facilidade de se tirar vantagens e aí começam as fraudes,...

(...) A sociedade há muito tempo não pensa em valores éticos, a maioria pensa em levar vantagens, obter lucros extras, aproveitar-se da inocência dos outros para enganar, para humilhar.

(...) Atualmente a sociedade está mutilada e massacrada pela simples e mera lei do domínio do mais forte e esperto sobre os outros.

(...) Enquanto nascer pessoas com o instinto de vencer na vida às custas das outras, não haverá afinidade entre elas e a tendência é caminhar sempre para baixo. (sic)

Mobilização

Mobilizando o Brasil

(...) Eleições diretas, o país se mobiliza numa convulsão unânime de poder falar o que sente e pensa, mas fomos freados, morre de “maneira estranha” nosso candidato eleito. (sic)

(...)... foram as ruas a fim de mobilizar a população. (sic)

(...) Estamos conscientes e mobilizados para que atos como estes não aconteçam mais.

(...) O crescimento da consciência nacional iniciou-se com os movimentos de Diretas Já, em que poucos, na sua maioria estudantes e artistas, reivindicaram...

(...)..., isto já vem das diretas já, onde o povo saiu a rua, de cabeça erguida e cara pintada... (sic)

A Proposta II, como a I, contém as informações que remetem a acontecimentos não tão imediatos: as que giram em torno do ex-presidente deposto (muito mais numerosas) e, as mais distantes, as que se baseiam na Ditadura Militar.

Collor de Mello

(...) ...saída do presidente Fernando Collor de Mello (...) ...até que prendessem PC Farias.

(...) Fazem parte da lista de corruptos; deputados, senadores e até presidente da república,...

(Caso João Alves) Hoje em dia verbas são desviadas, pessoas ganham muitas vezes na loteria.

(...) Como bom exemplo disso podemos citar o caso do presidente Collor, (...)...a imprensa mostrou... desde as primeiras denúncias até o impeachment... (sic)

(...)..., o caso PC Farias e o Impeachment de sua mais recente e terrível criação, Fernando Collor de Mello. (...)... a imprensa conseguiu auxiliar, ...a realizar o impeachment...de um presidente de uma República. (...) ...poderá vir a criar, quem sabe, um outro “Fernandinho”. (sic)

(...) ...que estamos vendo e convivendo todos os dias, como o “caso PC”;

(...)... até mesmo os autores de crimes como é o caso da família Collor e João Alves...

(...) ..., mas não com um presidente que é o próprio filhote da corrupção,...

(...) Primeiro foi o caso Collor, juntamente com PC Farias, agora é a vez de João Alves.

(...) Existem pessoas que preferem ignorar,... fatos... como o “caso PC”, “CPI da corrupção”, “CPI do orçamento”, etc (sic)

(...) ...e as eleições de 89..., depois de golpes de Estados um atrás do outro, conseguimos eleger nosso primeiro presidente (depois de mais de vinte anos de golpe militar),... (sic)

(...) Mesmo assim o povo não se intimida, vai as urnas e elege seu atestado de completa indução, elegendo um presidente sem conteúdo, apenas contem “casca”. (sic)

(...) Des das primeiras denúncias que envolvia o presidente Collor até a instalação... (sic)

Um país que é capaz de cassar seu mandatário maior...

(...) Tudo vem acontecendo desde o impeachment do Collor,... (sic)

(...)..., até mesmo os autores dos crimes como é o caso da família Collor e João Alves que teve coragem de dizer para toda a imprensa de televisão que “Foi Deus que o ajudou.”

(...) ...a farça que durou anos e anos e não só agora com o governo Collor, mas... (sic)

(...)..., mas não com um presidente que é o próprio filhote da corrupção, como é o caso do Senhor Jarbas Passarinho. (sic)

(...)...a Avenida Paulista foi invadida por “caras pintadas”, exigindo o “impeachment” do presidente Fernando Collor.

(...) ... para protestar contra a corrupção no governo Fernando Collor,...(...)... quando os jovens estudantes saíram às ruas.

(...) Políticos corruptos, como o deputado João Alves enfrentaram mais dificuldades...

A crise que...desde a saída do presidente Fernando Color de Mello, só nos tem beneficiado,...

(...) Deputados e senadores tirando proveito da situação e até o presidente da República envolvido no escândalo Nacional.

(...) Não existe exemplo melhor que do Collor, para derrubar qualquer político, e o povo se unindo... (sic)

(...) ... para que não aconteça a mesma manipulação contra Sr. Collor de Mello, que por sinal ainda continua solto e seu partido no poder tentando acertar algo. (sic)

(...) Prova de nossa insatisfação foi o movimento dos estudantes para a queda do expresidente Fernando Collor de melo visando melhorar as condições de vida. (sic)

(...) Sua vida seus passados, para que não repitamos mais uma era “Collor”, este foi o país de todos este escalabro... (sic)

(...) ... a retirada de um presidente corrupto...

(...)..., pois onde um presidente que rouba toda a população está em uma casa de praia tomando banho de sol...

(...)... resgatando a dignidade desde o impeachment do Collor. (sic)

(...) Foi ela uma das principais contribuindo para a forçada renúncia de Fernando Collor de Mello e das descobertas dos “braços-direito” e das contas fantasmas. (sic)

(...) Mesmo assim o presidente em questão foi denunciado, o povo saiu às ruas e este foi deposto do cargo, um fato inédito em nossa história.

Desde o impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello o país só vem recebendo denúncias de enriquecimento ilícito,...

(...) ... nossos meios de comunicação podem colocar um político no poder, através de um marketing bem feito, eles na mesma hora pode derrubar. (sic)

(...) A corrupção mais clara foi a do presidente afastado Color e sua esposa... (sic)

Desde que o país começou a entrar em crise depois da derrubada do Presidente Collor. A população parece estar tomando consciência... (sic)

(...) Isso começou quando derrubamos “Fernando Collor de Mello” da cadeira da presidência.

(...)..., pois através desta e de muitas como o Impeachment de Collor e a cassação de Paulo César Farias, podemos constatar que temos grande autonomia. (sic)

(...) As falcatruas dos deputados, senadores e até mesmo do ex-presidente da República, servem como espetáculo para o povo brasileiro.

(...) Contudo, de repente essa “monotonia” de problema foi quebrada, o ex-presidente Fernando Collor, depois que a sua máscara de bomzinho, social... (sic)

(...)...a luta pela democracia, pois foi através dela que conseguimos destituir o presidente do país;...

(...) Podemos verificar alguns acontecimentos inéditos que vem sucedendo-se: o impeachment do Presidente da República, a prisão de políticos poderosos (caso de Paulo César Farias), e as instalações das Comissões... (sic)

(...) Desde o governo Collor nós estamos conquistando cada vez mais forças, indo para as ruas pedindo mais democracia...

(...) Os discursos de nosso ex-presidente Collor era, sem dúvida nenhuma, inflamados de coragem e uma real perspectiva democrática,... (sic)

(...)... de 1992, através do afastamento definitivo de Fernando Collor de Mello da presidência, depois com a prisão de PC Farias e agora com a CPI do Orçamento...

(...) Pelo fato de nosso ex-presidente ter tido seus direitos caçados, abriram-se as portas para que novas denúncias fossem apuradas.

(...) É o caso de PC Farias que fugiu do país, depois de ter sido capturado e condenado por corrupção. (...) Um exemplo disso, foram as passeatas feitas pelos estudantes para pedirem o impeachment do ex-presidente Collor de Mello.

(...) Com as eleições para presidente, e na que Fernando Collor de Mello foi o primeiro presidente eleito pelo povo depois de anos, veio uma crise ainda mais profunda. Mostrou-se a atuação do povo. O presidente foi tirado de seu posto, o qual foi muito mal exercido, através do Impeachment. (sic)

(...) Algum tempo depois surgiram várias denúncias, culminando com o afastamento do nosso então Presidente Fernando Collor.

(...) Um deles se relaciona ao “impeachment “ do ex-Presidente Fernando Collor. (...) Daí podemos concluir que o próprio período de limpeza o qual vivenciamos hoje surgiu de uma denúncia, a princípio obscura, de um homem (Pedro Collor de Mello) que também estava envolvido nos negócios do irmão. (sic)

A CPI do orçamento,..., já que foi capaz de tirar um Presidente da República de seu poder.

Apesar dos inúmeros escândalos que vem acontecendo depois do ex-presidente Fernando Collor de Mello ter sido expulso da presidência do Brasil, pudemos comprovar o poder da democracia...

(sic)

(...)... revelou a verdadeira face de um dos nossos presidentes da república, o tão falado

“Fernando Collor de Mello”, além de “abrir nossos olhos” também cassou o seu mandato.

(...) Hoje em dia aquelas mesma pessoas, que votaram no Congresso a favor do “impeachment” do presidente ja citado, agora são investigada, julgada e se preciso punidas. (sic)

(...) ... pela CPI, e até mesmo no caso do ex presidente deposto Fernando Collor. (sic)

(...)... um muro de pessoas inescrupulosas ruiu, se espalhou sobre toda a classe política e esta que mal tinha se recuperado dos arranhões do caso PC viu um grande número de seus parlamentares obrigados a dar explicações sobre enriquecimento rápido e fácil.(sic)

(...) ..., pois outras passeatas vieram e conseguimos até a renúncia de um presidente.

(...) O povo brasileiro não saberia o que fazer se nas próximas eleições, entrasse para governar esse Brasil um segundo Collor.

(...) Um escândalo político como a atuação do último presidente ou... (...) O “impeachment” do presidente Collor e a prisão de Paulo Cesar Farias constituem fatos concretos de que realmente, o povo, unido, jamais será vencido! (sic)

Ditadura Militar

Vivíamos um regime ditatorial. Após o qual tomamos consciência, que através de uma transparência em nossas instituições, ... (sic)

(...) ... depois do fim da ditadura militar que alastrou por vinte e seis anos, o país... (sic)

(...) ..., durante o período da Ditadura Militar não se tinha acesso e a imprensa era proibida de publicar,... (sic)

(...) Não devemos pensar que com a ditadura...

(...) Pois se vivêssemos em um regime militar, com certeza não seriam feitas estas denúncias.

(...) ...a democracia deve acabar e voltar a ditadura,... e devem ser punidos com a volta da ditadura. (sic)

(...) ...a democracia não existe e somente o militarismo pode limpar...

Vivíamos um regime ditatorial, após o qual tomamos consciência que através...

Após a primeira eleição democrática no Brasil depois do fim da ditadura militar que se alastrou por vinte e seis anos, o país passou a conviver com o exercício da nossa constituição que deu oportunidades para a sociedade política e civil...

(...) ..., durante o período da Ditadura Militar não se tinha acesso, e a imprensa era proibida de publicar... (sic)

Não devemos pensar que com a ditadura tudo era mais fácil e não existia esse...

(...) O trauma da ditadura fez com que, por muito tempo, não houvesse uma voz discordante dos poderosos,... (sic)

(...) ...Pois se vivêssemos num regime militar, com certeza não seriam feitas estas denúncias.

(...) Por esses e outros motivos é que a democracia deve acabar e voltar a ditadura, ...

(...) ... devem ser punidos com a volta da ditadura, e ela deve voltar por alguns anos..., e quem sabe quando voltar a democracia elas saibam aproveitar... (sic)

O povo não teme mais a expressão do governo, que tinha poder absoluto durante o período de ditadura.

No passado a ditadura tomava conta do Brasil, os seus governantes, eram militares, cheio de proibição e era escondido do povo a verdadeira situação do país,... (sic)

(...) Além desse sistema não ter dado certo e continua não dando, o povo ficou com esse, porque tiveram medo da repetição do regime militar, trágico com sua história do passado.

(...) ..., como saímos alguns anos atrás de um censura terrível tudo isso se tornou fato novo em que a imprensa está sujeita a erros,... (sic)

(...) ..., pois se fosse numa ditadura, não aconteceria nada com o presidente corrupto...

(...) Quando alguns, geralmente mais velhos, só enxergavam uma solução, ou seja, entregar o poder aos militares.

Vocês se lembram do militarismo? Lembram, sim! Nós éramos felizes e não sabíamos.

Primeiro durante a Era Vargas e depois no período da Ditadura Militar.

(...) Não estamos mais na ditadura e a imprensa leva diariamente às nossas casas,...

(...) Com a queda da ditadura militar e a ascensão da democracia, os brasileiros passaram a ter oportunidade de saber, qual “grau” de competência e honestidade de nossos políticos.

(...)...a democracia que tanto foi negada ao país, principalmente no Governo Militar.

7. TELEVISÃO: O TEXTO PRIMEIRO

A partir da pesquisa, resta-nos proceder ao cotejamento das informações teóricas apresentadas no capítulo anterior. As redações possuem um alto grau de previsibilidade, isto é, os temas são previsíveis e necessários, porque constituem informações diretivas e condição “sine qua non” para a elaboração da dissertação (aquilo que se deve fazer forma): aquelas que vão garantir a unidade, o objeto das dissertações, que deverão abordá-los. As outras informações: corrupção, CPI, mobilização da sociedade, meios de comunicação, quarto poder, impunidade, “tirar vantagem” e democracia - possuem um grau pouco menor de previsibilidade, visto que são subsidiárias do tema.

As informações subsidiárias, mesmo previsíveis, não podem minar o texto dissertativo porque correm o risco de constituírem perda de informação. No entanto, mesmo que a maioria dos estudantes tenha abordado o tema proposto, houve uma exorbitância no uso de informações, primeiramente, sobre a corrupção e, depois, sobre a CPI do Orçamento. Aquelas citadas no parágrafo anterior (mobilização, impunidade, meios de comunicação, democracia) também repetem o texto-proposta e, por isso são previsíveis, não constituindo o novo (o imprevisível). Há, pois, uma atitude reiterativa quanto às informações indicadas nos textos-propostas. A universidade também colheu, no momento presente, fatos atuais veiculados, como proposta, o que poderia não confirmar que as informações das redações dos vestibulandos têm como referência a mídia televisiva. Isso, porém, não é verdade.

Os estudantes repetem e a repetição lembra o controle interno do próprio discurso, citado por Foucault ⁷. Essa atitude massiva lembra o comentário que se re-ocorre em determinada circunstância, no caso, o exame vestibular. Mas, resta saber se as redações correspondem às trocas, às falas coloquiais e diárias, que se perdem ou são discursos dos quais se originam atos novos. Sem sombra de dúvida, o Vestibular tem o caráter de um ritual. É uma circunstância previsível. A partir dela, não se espera que os estudantes retomem as informações de modo original, como fizeram os grandes escritores (isso é impossível dadas as condições: tempo exíguo, diretividade do tema, informações subsidiárias previsíveis). Espera-se, porém, algum grau de novidade em seus textos para que não houvesse perda informativa: a revelação do que estava articulado silenciosamente no texto primeiro ⁸ - ou que a repetição estivesse mascarada, menos óbvia. Contudo, poucos são os que se aproximam da ousadia da individualidade e da originalidade. Por esse motivo, as informações são semelhantes às trocas, embora provenientes de um discurso escrito. Sua repetição se faz por meio da previsibilidade e não pela revelação do não-dito, do sentido implícito do texto. Assim, em relação ao tema e às informações que o contextualizam observa-se que as redações remetem aos textos-propostas, no sentido próprio do comentário, mas que se contém e não ousa. Há, pois, esse momento em que o texto da redação provém de um outro texto (no caso, a proposta), no sentido como o entende Foucault em relação a todos os discursos produzidos.

⁷ Michel FOUCAULT, *A Ordem do Discurso*, p. 21 –“(…) ; são procedimentos que funcionam, sobretudo, a título de princípios de classificação, de ordenação, de distribuição, como se tratasse, desta vez, de submeter outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso.”

⁸ *Ibidem*, p. 25

A dimensão do novo, do original, a informação que garantirá aquele segredo que se revela no comentário será engendrada do texto primeiro? O tema implica a regularidade informativa, a estereotipia, que não se pretende que seja total, porque a busca do novo importa tanto quanto ela.

Nas redações, o novo não é o imprevisível, mas o que aconteceu em um tempo não muito distante do presente. É o acontecimento de um passado recente: as informações sobre o processo de “impeachment”, surgem como já mostrado anteriormente e os fatos mais distantes, em geral, não ultrapassam a ditadura militar – entre a década de 60 e a de 80. São eles que formam a base em que se apóiam os estudantes para se posicionarem em relação à crise social do momento. São esses fatos de um passado pouco distante que fazem o contraponto para justificar ou ilustrar o presente. Se o novo tem como pano de fundo o passado, a tradição, nas redações ele não é percebido, visto que se dilui nos fatos atuais.

Com exceção dos fatos relativos à ditadura, mais antigos, que devem ser provenientes de livros (não são temáticos, mas são comentários), os relativos ao presidente deposto e todos os que contextualizam esse episódio não são engendrados de textos escritos que poderiam se repetir. Estes têm como fonte informativa a televisão: ela é o discurso primeiro dos comentários dos quais se esperava que fosse mais rarefeito.

Nas informações colhidas, acha-se a confusão que se faz entre imprensa e meios de comunicação, embora o jornalismo escrito participe também dessa classe; as metáforas veiculadas pela televisão; os atos falhos dos estudantes que, em vez de escreverem que leram as notícias afirmam que as viram. Plagiando Cassiano Ricardo, pode-se dizer que ver não é a mesma coisa que ler.⁹

A ordem do discurso, observada por Foucault, não tem mais como referência o próprio discurso escrito, mas a oralidade centralizada pela televisão; nem mesmo o mundo se oferece como troca informativa. Dele não parte a informação que, transformada, a ele retorna. O mundo é aquele exibido na tela da televisão que o mostra ‘ao vivo’. Os textos escritos citados pelos estudantes são tão poucos que quase desaparecem em meio às outras informações televisivas. O iletramento representa-se pela escassez do comentário (informações provenientes de outros textos) e pela abundância das informações veiculadas.

⁹ Cassiano RICARDO, Introdução a *Jeremias Sem-chorar*, ou ainda “Ler é muito mais do que ver” em outro texto: 22 e a Poesia Hoje in *Anais do SEGUNDO CONGRESSO BRASILEIRO DE CRÍTICA E HISTÓRIA LITERÁRIA*, Faculdade de Filosofia de Assis/SP, julho 24 a 30 de 1961, p. 463

8. O CONTRAPONTO DO PASSADO

Se a maioria das informações não se originam mais dos textos escritos, não há preocupação em revelar os sentidos ocultos nos textos primeiros. A própria universidade propôs temas amplamente veiculados, portanto predispôs a que a informação escrita não ocupasse o lugar do imprevisível, do novo, do original. Mesmo assim, elas ocorreram de modo reduzido para comprovar que o discurso escrito, representa muito pouco do comentário. As informações televisivas puderam, porém, ser expostas como no trabalho minucioso e detalhista de um ourives sem a originalidade desse artesão; ocorrem massivamente e de modo uniforme nos textos. Entretanto, a fim de que a atitude da universidade em optar por temas televisivos não seja a força do contra-argumento, como se a análise não bastasse, acrescenta-se a ela uma outra feita em algumas redações de um Vestibular mais antigo.

Em 1991, a Pontifícia Universidade Católica de Campinas realizava o Vestibular de acesso a suas vagas com duas propostas para a elaboração de redação dissertativa: a primeira constava de um texto do qual os estudantes deveriam extrair um tema para abordagem. Ele tratava da importância do brincar para o desenvolvimento da criança. A segunda proposta apresentava dois textos:

PROPOSTA 2

Dissertação a partir de duas afirmações

Leia cuidadosamente as duas considerações apresentadas abaixo. Procure entendê-las. Há algum ponto comum entre elas? Reflita sobre as idéias nelas contidas.

Posicione-se em relação à problemática lançada, redigindo um texto dissertativo. Lembre-se de que “dissertar” é expor idéias de modo claro e coerente. Procure chegar a conclusões decorrentes da argumentação que você apresentou.

TEXTO I

Pense duas vezes antes de agir.

TEXTO II

Aja duas vezes antes de pensar.

A Proposta 1, embora apresentasse um texto-base mais longo, era mais diretiva, pois definia de modo claro o objeto sobre o que os candidatos deveriam discorrer; já a Proposta 2, colocava o pressuposto da relação da possível oposição entre “pensar antes de agir” e “agir para depois pensar”. Essa relação dava margem a uma série de desenvolvimentos sobre a valorização do pensamento em relação à ação em virtude de a primeira oração vir antes da segunda, mas poder-se-ia seguir outra linha dissertativa, explorando a equivalência entre pensamento e ação, supondo que aquele depende dessa e vice-versa. Outra possibilidade de abordagem seria a hesitação, a cautela necessária quanto ao pensamento e à ação; outra ainda, a observação do que já foi feito para se planejar (pensar em) uma nova ação etc.

Tendo escolhido o tipo de relação pretendida entre as duas idéias, o estudante teria uma infinidade de argumentos de razão, assim como de argumentos de fatos extraídos de sua própria vida, da História nacional ou mundial, da sociedade ou comunidade onde vive, de textos de literatura ou outros para sustentar a posição tomada diante do problema proposto.

O tema era bastante amplo para uma elaboração dissertativa diversificada: os caminhos eram muitos. A grande surpresa, no entanto, ao participar da correção das redações do Vestibular/1991, foi constatar a presença da Guerra do Golfo e de Saddam Hussein, na quase totalidade dos textos dos estudantes que optaram por essa proposta. A análise feita evidenciava ausência de senso crítico, visto que expressava somente a posição dos Estados Unidos, veiculada em cadeia nacional pelas emissoras de televisão, a partir da CNN. Saddam Hussein era o vilão da História naquele momento. Observe-se uma pequena amostragem colhida:

“GESTOS CONDIZENTES

(...)

Passamos por um momento que pode servir como exemplo: o conflito do Oriente Médio. Vários líderes mundiais discutiram, tentaram, apelaram para que não houvesse a necessidade de

um choque armado, porém não adiantou e a guerra estourou, ou seja, houve por parte desses políticos uma certa sensatez e boa vontade pois pensaram muito antes de agir, já que se conscientizaram das conseqüências brutais de um conflito militar.

(...) Como exemplo podemos citar um ditador de um país do Oriente Médio que sem mais nem menos, ou seja, ao seu bel prazer invadiu um país vizinho sem se dar conta do que poderia vir a acontecer, numa atitude precipitada e sem desculpas.(...) Isso mostra os danos que uma atitude precipitada pode acarretar.”

PROPOSTA 2

“(…)

Uma guerra que se estivesse sido pensada duas, dez mil vezes antes de ter ajido, se estivesse agido mentalmente antes de pensar não estaríamos assim nessa intranqüilidade. Pois aas pessoas (Sadam Housein) tem de pensar duas ou até dez mil vezes antes de agir pois há pessoas inocentes, mulheres, crianças, velhos morrendo sem a menor culpa em tudo isso.

(…) Não pensou nem um pouco em nossos incessantes pedidos de paz. Não pensou na destruição de seu país nem tão pouco na catástorfe mundial que ele está provocando. Não pensou no montante de dinheiro gasto com a guerra enquanto as pessoas aí no mundo inteiro morrendo de fome.”

“ESTADO HIPOCRISIA

(…)

Em 1990 surgiu no Iraque outro ditador, Sadam Hussein, capaz de mobilizar um povo pela força da religião e do exército. O homem novamente deixou de lado o pensamento, e como que por extinto ou fanatismo seguiu um líder. Hoje nós presenciamos a Guerra no Golfo sem sabermos a que lugar essa guerra pode nos levar.

(…) Na região do Golfo existem soldados iraquianos, americanos e de outros países, que matarão e morrerão por razões econômicas e por territórios que não os pertencem. (...)”

“PENSAMENTO OU AÇÃO, EIS A QUESTÃO

(…)

A crise atual, referente à Guerra do Golfo Pérsico é exemplo de pessoas que pensaram para agir. Soldados e fuzileiros, guerreiros e governantes, todos escolheram meticulosamente horários e razões e resolveram fazer a guerra, sabendo de todas as suas possíveis conseqüências. De uma mentira menos honrosa, também são eles possuidores de certa nobreza.

(...)"

“PENSE DUAS VEZES ANTES DE AGIR; AJA DUAS VEZES ANTES DE PENSAR.

(...)

No entanto, acredito que no Brasil tem-se pensado demais enquanto as ações nunca acontecem realmente. Várias constituições e muitos discursos foram escritos, pensados e lidos e nada foi concretizado. Então chega a hora de agirmos. Não agir como Sadam Hussein e George Bush que começam uma guerra com interesses particulares, mas agir em conjunto para uma mudança social e política neste “país de demagogos”.”

“COERÊNCIA

(...)

Mas há indivíduos que agem sem pensar e sim pelo simples prazer de satisfazer seu ego. São pessoas egoístas e egocêntricas, e o caso de Saddam Husein, homem que age sem ao menos pensar nas conseqüências que a guerra trará, com tragédias, e mortes de pessoas que não tem anda a ver com suam estúpida ambição.

(...)"

A proposta de elaboração de narrativa : PROPOSTA 3

Narração a partir de uma introdução proposta

Redija uma redação, isto é, um texto em que você contará uma história interessante, a partir da seguinte introdução:

“Ligou o telefone. Chamou, chamou sem resposta. Desligou, tocou para outro, a mesma coisa. Sempre assim, ninguém do outro lado do fio.”

O texto narrativo que deveria ser iniciado conforme a proposta, também foi motivo para registro da informação veiculada naquele momento como se pode observar a seguir:

“BASTOU UM TELEFONEMA, O PÂNICO AUMENTOU”

(...) Desta forma parecia que o conflito do Golfo Pérsico havia começado, uma vez que a capital Bagdá, totalmente destruída pelos mísseis americanos, pedia socorros para os países aliados.

Assim sendo, toda a população voltou-se para a guerra. O pânico aumentava, no entanto incapaz de impedir o restabelecimento das negociações entre os principais países envolvidos.

(...) Li a seguinte notícia: Jornalista foi morto por terroristas, pois havia publicado pronunciamentos contra os Iraquianos”.

“APENAS UM HOMEM

(...)

O Prazo dado pela ONU tinha-se findado há quinze horas e até aquele momento não recebera nenhuma notícia de ataque das tropas americanas. Mas sabia que era um de seus alvos. Cinco meses de ocupação e há apenas poucos minutos decidira pela retirada. Só agora notara como tinha representado bem o seu papel de líder intransigente, defensor divino da causa árabe, mas solitariamente fechado percebia que era um homem fraco, pretencioso, e até mesmo ingênuo.

Deu um grito, esmurrou a parede e começou a chorar.

Logo em seguida a porta se abriu rápida e repentinamente para lhe dizer que a guerra havia começado. Escondeu as lágrimas, tomou postura e ordenou que sua força aérea destruísse os poços de petróleo da Arábia Saudita.”

Se conforme Wiener, informação é o conteúdo do que permutamos com o mundo exterior ao ajustar-nos a ele, o que percebemos dessa amostragem das redações do Vestibular de 1991, é que mesmo que a proposta tenha dado margem ao desenvolvimento de um texto absolutamente

diferente dos conteúdos veiculados pela televisão, foram as informações relativas à Guerra do Golfo - a favor da posição americana -, que situavam o líder iraquiano como o vilão dessa guerra, que minaram o campo de batalha do texto dissertativo por uma vaga na universidade. Já nesse momento, a referência da escrita deixara de ser a realidade para transferir-se para a tecnologia televisiva, abandonando a referência informativa proveniente de outros discursos. Se fossem comentários como define Foucault, seriam originais, ou seja, a repetição estaria mascarada ou seria original dentro de um novo contexto discursivo, pois retomaria o texto primeiro sem se fechar. O comentário revelaria os significados ocultos, os que estão implícitos no discurso primeiro, e seria original. Mas, nas dissertações as informações reiteram o senso comum pelo discurso padronizado, repletos de informações já conhecidas, amplamente veiculadas sob o controle da televisão.

Assim, a forma dissertativa que é o a-priori representa a estereotipia previsível e os alunos têm consciência disso; são raros os casos que não usam os recursos lingüísticos que caracterizam o texto dissertativo (verbo na terceira pessoa, impessoalização etc). Supõe-se, por conseguinte, que o novo deveria se fazer pelo estilo do estudante (o modo como irá abordar o tema, a reflexão sobre ele) e a originalidade da informação. Mas quanto à informatividade, o estudante transforma-a em matriz a-priorística extraída da informação televisiva, que reproduz nos textos.

Essa observação reafirma o que havia sido apresentado por McLuhan em seu ensaio *A Televisão: o Gigante Tímido* :

*Talvez o efeito mais comovente e familiar da TV seja o comportamento das crianças que cursam o primário. Desde o aparecimento da TV, as crianças costumam ler com os olhos a apenas 15 centímetros, em média, da página – independente das condições de suas vistas. Procuram levar para a página impressa os imperativos da total envolvência sensorial da imagem da TV.*¹⁰

¹⁰ Marshall MCLUHAN, *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*, p.346.

A televisão provoca o envolvimento em profundidade numa situação (apud, p. 347) enquanto o texto escrito - ele especifica o jornal - vive do conflito de opiniões. Não só na leitura e seus resultados interfere a televisão, mas se ela modifica o comportamento, altera também o pensamento que se expressa pela escrita.

Passamos, portanto, a uma outra etapa de nosso trabalho, procurando entender esse fenômeno gerado pelas tecnologias visuais de comunicação. Para isso, tomamos o caminho da origem e da importância da linguagem para o homem, a partir de sua relação com a natureza, que era não apenas o depositário das primeiras marcas que interpretou, mas o referente dessa linguagem que tinha de interpretar para sobreviver. Assim, observamos que com a evolução que se fez pela linguagem e pelo fabrico, afastou-se da natureza.

SEGUNDA PARTE:

SIGNO E FRUIÇÃO

CAPÍTULO I: O PREDADOR

1. TÉCNICA E PENSAMENTO

Quando Oswald Spengler afirma, em seu livro *O Homem e a Técnica*, que o homem é um animal predador ¹, parece-nos uma visão por demais pessimista da realidade humana. Mas, ao seguirmos os olhos pelas veredas do texto, surpreende-nos a importante reflexão que faz sobre esse fato, quando analisa o significado da técnica para o ser humano. Introduzindo uma nova classificação dos seres vivos, que considera a relação eu-tu (os seres e seu contorno), baseia-se nas formas de movimentação, e em outra cujo fundamento é a diferença entre os órgãos sensoriais: os herbívoros superiores caracterizam-se pelo ouvido e olfato; os carnívoros, pelo domínio visual. Assim, a imagem do mundo recai sobre o que ele chama de “mundo circundante dominado pelos olhos” ². Ver não significa apenas revelar com os olhos objetos, cor e luz, mas perspectivas, posições, espaço e movimentos no espaço. São os olhos que determinam a meta: o que fazer para efetivar o exercício de poder, para dominar a presa, com o objetivo de sobreviver. Ainda, para Spengler, não é essa característica que, embora diferencie os animais dos herbívoros, distingue o homem dos outros animais.

A diferença entre os animais e o homem consiste no uso da técnica: os primeiros usam-na de modo invariável, ou seja, para eles ela não é aprendida, inventada ou aperfeiçoada. Dessa forma, classifica os animais pela sua movimentação no espaço e não, pela sua imobilidade, o próprio corpo é determinado pela maneira de agir. Outra distinção que acentua esta diferença está no fato de que para os animais a técnica está vinculada à vida, ao passo que o homem a faz independente da própria vida. Ao lado dessa importante característica, Oswald Spengler acrescenta que o homem se fez homem graças à mão, que identifica os objetos no espaço por meio do tato e que faz diferenciar o pesado do leve, o frio do quente, o duro do mole, etc. Juntamente com a mão surgiram os utensílios. Assim, a mão age segundo meios e fins e o olhar, ao associar a causa e efeito, atua para determinar a observação e o pensamento.

Mãos e olhos ou técnica e pensamento dirigiram a evolução humana. Há cinco mil anos a.C. inicia-se a “Ação Coletiva Combinada”, assim definida: “atos organizados de um número de

¹ Oswald SPENGLER, *O Homem e a Técnica*, p. 49

² *Ibidem*, p. 54

indivíduos mais ou menos elevado, em conformidade com um plano”³ (empreendimento). Observação e pensamento, associados a meios e fins adquirem grande impulso com a linguagem de que depende esse processo de ação planejada e conjunta. A linguagem surge com uma finalidade específica, que é o acordo mútuo realizado na conversação por meio de perguntas e respostas, que se expressam através do comando, da obediência, da concordância, da afirmação e da negação.

O pensamento, por sua vez, decorre das necessidades práticas ou do pensamento manual, portanto a linguagem é um ato gerado pelo pensamento com o concurso dos sentidos. Ainda no quinto milênio a.C., o pensamento que se emancipa graças à linguagem, responde pelo “espantoso aumento da artificialidade dos processos.”⁴ Fica claro, então, que duas categorias de homens se fazem necessárias: uma para planejar e outra para executar. A linguagem é conivente com o esquema de dominação, visto que ela sustenta a organização que reduz a liberdade humana. Em função da criação de oportunidades para a realização deles, tornam-se necessários os chefes e os subordinados, organização de espaços propícios como as cidades, assim como esquemas de poder que garantissem a consecução das metas (o Estado).

Com a proliferação das técnicas advém o poder e a massa e todo tipo de artificialidades que manietaram os homens distanciando-os de seu próprio corpo, da natureza, e, de sua própria linguagem que, de início, leva-os a uma ação comunitária pela conversação. Por isso, interessamos perscrutar um pouco o que representa o exercício da linguagem para os seres humanos, partindo das considerações de Spengler; como se caracteriza o signo verbal; o que representam os signos que se produziram pela técnica, principalmente o televisivo e verificar por que motivo os jovens da atual geração respondem de modo padronizado à nova realidade.

2. PENSANDO A LINGUAGEM

Se a linguagem foi o fundamento da divisão do coletivo em os que pensam e os que executam, deixando de lado sua função prática e definindo uma estrutura de poder, na qual os que observam e pensam colocam-se em uma posição de controle e de mando em relação aos que fazem, é preciso que se faça, agora, uma outra reflexão que tenha a possibilidade de situá-la junto a outras linguagens e verificar qual é posição que ocupa nesse conjunto.

³ Ibidem, p.77

Concordamos com Charles Sanders Peirce que conceitua signo como alguma coisa que representa algo para alguém, sob algum prisma ⁵. A representação é a característica mais importante e fundamental da linguagem. Se pensarmos sobre as representações, poderemos detectar marcas naturais ou corporais como sendo as primeiras formas de representação.

3. OS SIGNOS NATURAIS

A partir da reflexão de Spengler, pode-se inferir que sinais deixados na terra, no solo, por animais, homens e mesmo vegetais podem ter sido as formas primitivas de signos que se prestaram à observação e ao pensamento: marcas de pés humanos ou de patas de animais, ou ainda, galhos quebrados podiam ser vistos nos meios circundantes.⁶

Os sinais são todos os signos que constituem marcas naturais (feitas diretamente na natureza pelo próprio corpo) em quaisquer circunstâncias, não importa onde, passíveis de serem identificadas pelas diversas espécies animais. Por exemplo, o cão é capaz de reconhecer a presença de outro animal em seu território, por meio de identificação olfativa; não permite a invasão por outro animal de seu território delimitado pela urina. Para ele, o olfato constitui o meio mais importante de relação com a vida.

O signo⁷ sempre constitui uma informação de algum emissor para um receptor. É a base da comunicação, cria a solidariedade entre eles, porque é elemento constituinte da linguagem, não importa qual seja. Diferentemente de outros signos, nos sinais nem sempre há intenção de comunicação: o cão, ao delimitar seu território com a urina, o faz instintivamente. Ele não sabe

⁴ Ibid., p.80

⁵ Charles Sanders PEIRCE, *Semiótica e Filosofia: Textos Escolhidos*, p. 26. Acresce à concepção de signo em 4.3.1.: “Signo”, para Peirce, tem um significado amplo. Não precisa ser uma palavra; pode ser uma ação, um pensamento, ou enfim, qualquer coisa que admita um “interpretante” - isto é, que seja capaz de dar origem a outros signos.” p.27 - Tomaremos, porém, de empréstimo alguns conceitos que nos interessam, visto que a abordagem do autor é pragmática e lógica e, a nossa, será feita do ponto de vista da evolução signica.

⁶ Peirce não inclui os sinais em sua classificação dos signos. Mas alguns conceitos apresentados por esse autor são incluídos em nosso trabalho, por exemplo: “Um signo, ou *representamen*, é algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém” - op.cit., p.94

⁷ Ainda em relação à noção de signo, Peirce acrescenta a idéia do que seja *interpretante* que garante que a representação “cria na mente dessa pessoa um signo equivalente ou talvez um signo melhor desenvolvido. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Coloca-se no lugar desse objeto, não sob todos os aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que tenho, por vezes denominado o fundamento do *representamen*. - op. cit., p.94 Tornando o conceito mais complexo Peirce declara: “Um signo, ou *Representamen* é um Primeiro que se põe em uma relação triádica genuína tal para com um Segundo, chamado seu *Objeto*, de modo a ser capaz de determinar um Terceiro, chamado seu *Interpretante*, o qual se coloque em relação ao objeto na mesma relação triádica em que ele próprio está, com relação a esse mesmo Objeto. - p.115

fazê-lo de outro modo e, por isso, sua ação se repete automaticamente de geração a geração. Quando identifica, pelo olfato, a presença de outro animal em seu território, o instinto de preservação da vida, por exemplo, é acionado e, como consequência, procura garantir seu espaço, defendendo a própria vida e a dos filhotes diante da provável ameaça.

Os sinais, embora fossem marcas deixadas, sem intenção, pelo emissor, quando começaram a ser interpretados, revelando quem havia marcado aquele espaço com pegadas, o seu modo de andar (rápida ou lentamente), há quanto tempo esse fato ocorrera etc, esses sinais naturais tornaram-se representativos. A intencionalidade desses signos naturais parece que era adstrita ao receptor e não ao emissor: aquele os interpretava para atender a seus interesses e reformular ou reafirmar suas escolhas.

Depois dos ou além dos sinais, a observação ou a leitura do espaço levou o homem a perceber que pedaços de coisas também podiam apontar para outros objetos, fenômenos, seres, pessoas ou ações humanas. A constatação de que a presença da fumaça indicava fogo, ou que devorando uma parte do inimigo seriam assimilados seus poderes, conduz a uma nova percepção do caráter da representação. A marca que era visível por inteira no solo ou na natureza passa a ser uma relação indicial, metonímica com o todo ausente. Os índices não possuem obrigatoriamente um remetente, mas constituem-se informação entendida pelos receptores virtuais. Não houve propósito de comunicação, mas a parte leva ao reconhecimento do todo: as nuvens ou a fumaça (presentes, visíveis no meio circundante) indicam os referentes (aquilo a que o signo se refere) que são os fenômenos naturais: a chuva e o fogo.⁸

Esse tipo de signo faz a transição do natural para outros cujo referente se acha ausente; ele pode estar carregado de intencionalidade ou não, por isso tanto atende às espécies que vivem em função, apenas, da determinação biológica como aos seres humanos. Os animais, movidos pelo instinto de sobrevivência, ao sentirem o cheiro da fumaça procuram proteger-se do incêndio; o ser humano, que é livre para decidir, pode escolher dentre várias interpretações possíveis: ameaça à vida, que faz com que ele se proteja; ataque do inimigo, que o leva a pensar em como respondê-

⁸ Roman JAKOBSON, "A Procura da Essência da Linguagem" in *Linguística e Comunicação*, apresenta três variedades de signos: a) o ícone opera pela semelhança entre o significante e o significado; b) o índice opera pela contigüidade entre o significante e o significado e c) o símbolo opera por contigüidade instituída entre significante e significado. p. 100 e sgs. O que denominamos sinais foram incluídos pelo autor na categoria dos índices, diferente de nossa preocupação com o provável processo da origem dos signos e da leitura. Da mesma forma, optamos por deixar a denominação 'símbolo' para o signo que acopla ao primeiro um outro significado que se torna convencional, como a suástica nazista. Preferimos, portanto manter a expressão signo verbal porque diz respeito à fala e à escrita. Não há preocupação em trabalhar com a complexificação signica: as interrelações entre os signos, mas com sua evolução.

lo; enfim, decidir entre várias opções – fugir, apagar o fogo ele mesmo, chamar outros para que o ajudem, deixar o fogo alastrar-se porque deseja a destruição, nem se importar com a fumaça etc.

Os signos naturais deixaram de lado sua condição primitiva para tornarem-se culturais -muitos acreditam que o gato preto pressagia o azar – e, com essa interpretação tornam-se indicadores carregados de intenção, principalmente quando se baseiam em convenções como vários sinais de trânsito que, além do caráter indicativo, têm um alto grau de representação convencional, pois constituem normas sociais.

A marca que era visível por inteira no solo ou na natureza passou a configurar uma relação indicial⁹, metonímica com o todo ausente, iniciando-se, assim, um novo processo sógnico – o da substituição – que pela ausência do referente (ou objeto)¹⁰, determina um novo modo de pensar o mundo e mesmo vê-lo.

4. OS SIGNOS HUMANOS

A partir desse momento, a representação com a total ausência do referente deve ter coincido com o momento em que Spengler caracteriza a linguagem como signo mediador, aquele que favorece a ação coletiva combinada, mas que, em outro momento, passa a favorecer o exercício de poder.

O signo, que era participante da ação, desligou-se dela, descolou-se da realidade para aumentar seu sentido, estabelecendo relações de tempo (o que se passou, o presente e o que há de vir). Os índices já participavam, de alguma forma, da leitura da natureza, pois o céu coberto de nuvens podia indicar a possibilidade de chuva, substituindo parcialmente o objeto a que se referia e estabelecendo com ele uma relação futura. A grande conquista da linguagem verbal foi a possibilidade de substituir totalmente o referente. Essa característica, porém, não é privilégio da palavra, mas também da representação icônica (o desenho, por exemplo, que deu origem à escrita).

Segundo Leroi-Gourhan, o aparecimento do símbolo gráfico, no final dos paleantropos, pressupõe o estabelecimento de relações novas entre os dois pólos operacionais (mão e rosto) . Mas nenhuma representação sógnica com o referente totalmente ausente pertence a outro animal

⁹ Peirce afirma: *Se o signo for um Indicador ou Índice, podemos pensá-lo como fragmento retirado do Objeto, sendo os dois, em sua existência, o todo ou uma parte desse todo.* - *ibidem*, p.96

¹⁰ Peirce usa a denominação *objeto*.

que não o homem e, como esse autor afirma, “até ao aparecimento do *homo sapiens*, não existe nada comparável com o traçado e a leitura dos símbolos.”¹¹ As primeiras representações icônicas datam cerca de 35 mil anos a. C. e, já nessa época, os seres são representados com suas características sexuais. Isso pode significar que, assim como a representação, a observação da realidade para ser representada também teve caráter evolutivo, pois há muito mais tempo os animais eram representados apenas pela sua linha dorsal, indicando que representação e leitura dependeram também da observação do meio circundante. Enquanto o animal ficou condicionado à programação biológica com apenas a possibilidade de escolha que a vida lhe programou, ao homem, conivente com sua evolução, coube a pluralidade de escolhas; quanto mais complexificou o mundo à sua volta foram crescendo-se mais possibilidades mediadoras entre si e o mundo. Para ele há tanta variedade de interpretação como de reação ao meio.

Os signos que, até a ação coletiva combinada, eram participantes da ação, com a substituição, em vez de estarem no mundo em função de uma ação direta do homem sobre o mesmo, passam a representá-lo, para que ele possa, antes de agir, pensar e planejar. O pensamento não apenas incide sobre o mundo, mas também sobre o passado (o que já se fez) e projeta-se para o futuro por meio da fala e dos registros icônicos.

O signo icônico¹², menos convencional que a escrita, não necessita de conhecimento prévio para ser entendido: configura-se por meio de traços contínuos, diferente da fala e da escrita que se constituem por unidades discretas. Ele foi, durante milênios, o único registro das ações e da história primitiva do homem.

O signo humano de suma importância e que se coloca como um dos critérios de humanidade é a linguagem simbólica, que foi privilégio, segundo Leroi-Gourhan, dos últimos paleantropídeos, cuja história corresponderia, aproximadamente, de 200 a 300 mil anos até 50 mil anos de nossa era. O homem, do mesmo modo que fabricava utensílios, fabricava também símbolos, que antes da escrita, correspondiam à ação da face do mesmo modo que a fabricação dos utensílios correspondia à ação das mãos, ambas coordenadas pelo cérebro. Para esse autor, linguagem e

¹¹ André LEROI-GOURHAN, *O Gesto e a Palavra*, pp.187 e 189

¹² Charles Sanders PEIRCE, apresenta uma característica importante de ícone: “O único meio de transmitir diretamente uma idéia é por via de um ícone; ...” op.cit., p.117 - e antes, à p.116, “Assim, qualquer coisa tem condições de ser um *Substituto* de qualquer coisa que se assemelhe...” - e ainda: “ O ícone é desprovido de conexão dinâmica com o objeto que representa; ocorre simplesmente que suas qualidades fazem lembrar as daquele objeto e despertam no espírito, sensações análogas àquilo a que se parecem. Sem embargo e, em verdade, o ícone permanece desligado dos objetos.” - p. 129.

técnica são simultâneas porque estão ligadas neurologicamente e são indispensáveis à estrutura social da humanidade.

Embora os animais também possuam linguagem, ela, como tudo em sua vida, está adstrita à programação biológica; os seres humanos, por sua vez, embora a linguagem falada proceda do natural (faz parte do nosso corpo), é independente da vida dada sua variedade, ou seja, cada comunidade tem sua própria língua, que pré-existe ao nascimento. Se a fala fosse instintiva, todos os seres humanos reagiriam, em situação de comunicação, de forma invariável. Os signos da linguagem falada não se apóiam na univocidade mas na multiplicidade.

A linguagem, que era, inicialmente, falada para efetivação da ação combinada, de modo algum dissociou-se da técnica e passou, também, a ser exigência do pensar das mãos. A escrita, que surgiu há cerca de cinco mil anos aproximadamente, teve três fases: a pictórica, representação por desenhos; a ideográfica, pela combinação de pictogramas (como a chinesa e a japonesa) e a alfabética. Embora a linguagem se tenha desenvolvido em correlação total com a idéia de dominação do pensamento sobre o fazer, a escrita significou uma profunda integração entre o pensamento e a técnica, no sentido de que o pensamento, para ser gravado, dependia dessa aptidão manual. Isso apesar de as especialidades provenientes da técnica impedirem o acesso de todos à escrita, fez desse signo um privilégio milenar das minorias empreendedoras.

As transformações técnicas que acompanharam a realização do ato de escrever mostram a passagem dos desenhos gravados em pedras das paredes das cavernas para pedras não fixas, depois sobre pedaços de argila, sobre cacos de objetos de barro, imprimidos em rolos de papiro, depois sobre o pergaminho e o papel. Essa transformação também foi marcada pela evolução da escrita que se desligou gradativamente da iconicidade própria do desenho. Do traço contínuo, que procurava evidenciar a semelhança entre o objeto representado e o signo, a escrita foi, com o passar dos tempos, tornando-se digital e apelando para a convenção, visto que se tornava mais difícil a percepção do significado contido na representação. A figura percebida nos pictogramas e mesmo, depois, nos ideogramas, só se fazia reconhecida por quem tinha tido a oportunidade de acesso àquele código quase secreto para a maioria, porque caracterizava o poder da minoria: quem dominava a escrita, dominava também aqueles que participavam da execução. Compunha o avanço do privilégio a que aludimos, o fato de a escrita substituir os referentes desenhados por uma relação entre os sons da fala e a escrita (a fonetização). Também foi relevante a extensão das

mãos para escrever: o cálamo de bambu egípcio, a pena de ganso medieval, que condicionaram as diversas maneiras de escrever.

Concordando, ainda, com Spengler, observamos que as técnicas se multiplicaram e substituíram-se no decorrer do tempo. Sem dúvida alguma, Gutenberg, com a invenção da tipografia em 1439, contribuiu não só para a difusão da escrita, como levou o homem a ficar mais distante ainda da leitura signica da natureza.

Enquanto o signo verbal¹³, alicerçado no avanço de seu suporte técnico, garantia sua sobrevivência, sobretudo porque se acha colado ao ser humano por meio da fala que lhe é inata (o homem nasce equipado biologicamente para ela) a técnica avançou de tal modo que o homem criou outras formas de representação. Mas, antes de nos referirmos a elas é imprescindível registrar que a escrita tornou-se tão importante, que contaminou a fala dos detentores do poder em detrimento da fala coloquial da massa, mais livre e espontânea, sem obediência às regras gramaticais. A escrita condicionou, também, o olhar a perceber linearmente e, no caso do Ocidente, da esquerda para a direita, da mesma forma que alterou o modo de conceber o espaço e organizar o espaço urbano. Seu processo de avanço técnico foi tal que o uso das mãos para a execução dela está sendo substituído: o papel, pela tela e pelos disquetes; o manejo do instrumento para a produção desse tipo de representação, pelo toque dos dedos em um teclado de computador. A exigência dos movimentos finos motores para a habilidade de escrever, brevemente, será substituída pela agilidade de clicar o 'mouse'. Do mesmo modo, a leitura que teve como correlato ao seu, o movimento da máquina de escrever, indo de linha a linha, da esquerda para a direita, também se acha ameaçada pela leitura rápida e abrangente da tela.

5. OS SIGNOS TÉCNICOS

Embora a escrita se venha modificando, no decorrer do tempo, em função do avanço tecnológico, ela não deixa de ser, do mesmo modo que a fala, um signo produzido por e a partir

¹³ Peirce classifica o signo verbal como símbolo e o conceitua assim: “Um Símbolo é um signo que se refere ao Objeto que denota por força de uma lei, geralmente uma associação de idéias gerais que opera no sentido de levar o Símbolo a ser interpretado como se referindo àquele Objeto.” - p.102. Várias páginas depois, reitera a convencionalidade como característica básica do símbolo: “Um Símbolo é um Representamen cujo caráter Representativo consiste precisamente em ele ser uma regra que determinará seu Interpretante. Todas as palavras, sentenças, livros e outros signos convencionais são Símbolos.” - p.126. Acrescente-se ainda: “Creio que a significação que lhe dou, a de um signo convencional, ou que depende de hábito, nato ou adquirido, não é tanto um

dos seres humanos. A escrita, a partir da fala inerente à natureza humana, embora tenha tido, em dado momento de sua evolução, caráter icônico de representação, aproxima-se dos sons da fala devido à fonetização: sua relação primeira deixa de ser com o mundo para ser com a fala, que, sem dúvida, expressa a realidade. Além disso, os instrumentos usados para a expressão signica eram, a princípio, retirados da própria natureza como, por exemplo, a pena de ganso, usada na Idade Média.

A sofisticação tecnológica, no entanto, vai afastando da natureza o meio que é utilizado para isso, assim passando pelo lápis, caneta com pena e vidro de tinta, a união desses dois produtos: a caneta-tinteiro, as canetas com ponta porosa etc, mas cujo uso depende da motricidade manual para o exercício da letra cursiva. Depois, a máquina de escrever, que apareceu no século passado, substitui a habilidade manual necessária para a escrita pela digitação (datilografia) e, embora muitos desses meios ainda convivam, pode-se afirmar que a tecnologia desenvolveu-se de tal modo que máquinas-de-escrever elétricas e, depois, eletrônicas atenderam à “rapidez do progresso”. Essa reflexão leva à constatação de que se a técnica afasta, cada vez mais, o homem de sua capacidade signica natural, ainda mais distante fica se pensarmos na automação que reúne várias possibilidades de escrita e de impressão, mas que, ainda usando o teclado como a máquina-de-escrever, substitui o espaço do papel pela tela, modificando o modo de ler.

É inadmissível, porém, considerar linearmente, como a escrita, o avanço da tecnologia nessas considerações sobre o signo. Como nos propusemos a analisar o signo técnico, fotografia, cinema e, acima de tudo, a TV precisam ser diferenciados e comparados com o signo verbal, procurando ressaltar as influências que exerceram sobre a expressão signica humana.

Ao diferenciar o homem do animal, tendo como base a técnica, retomamos a afirmação de Spengler:

*A característica exclusiva da técnica humana, pelo contrário, está radicada no fato de ela ser independente da vida da espécie humana. O homem é, em toda a história do mundo dos seres vivos, o único exemplo de indivíduo capaz de escapar à coesão da espécie.*¹⁴

significado novo, como um retorno ao significado original. (...) Aristóteles diz que um nome é um “símbolo”, ou seja, um signo convencional. (*De Interpretatione*, II, 16a, 12) - p.128

¹⁴ Oswald SPENGLER, op.cit., p. 58

A técnica para Spengler não se traduz por fabricação de objetos, utensílios, instrumentos, mas pelo seu manejo ¹⁵ - esse é um outro ponto importante para o presente trabalho.

O que denominamos signos humanos - a fala, a escrita e o desenho ou toda representação que se presta a uma leitura -, caracteriza-se não unicamente pelo fato de o próprio homem manejar o instrumento de sua expressão, mas pelo fato de que a representação provém da natureza por meio da observação direta do olhar humano. Com esses signos, nenhum instrumento separa o olhar humano no ato de observação do mundo. Atualmente, o manejo do instrumento, mesmo que seja um ponto importante para a concepção da técnica, não basta para distinguir os signos, pois o instrumento também deve ser considerado.

Nunca, como agora, o instrumento adquire tamanho valor, porque, antes do século passado, a representação do mundo era realizada sem a interferência dele, que serve como mediação entre o olhar humano e a natureza. Logo, tendo especificado esse novo modo de representação do mundo, passamos a denominá-lo: signo técnico, aquele cuja expressão depende de olhar o mundo através de um instrumento.

Os ensaios “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” e “Pequena História da Fotografia”, de Benjamim, são relevantes para compreender este signo técnico, a que chamamos imagem, e sua importância em nosso século. No primeiro, o autor faz abordagem sobre a interferência desse signo em algumas características básicas da obra de arte, como a destruição da aura - caráter sagrado e eterno que se lhe atribuía e que lhe reservava um momento único de contemplação - o que abalou o conceito de autenticidade, tudo devido à possibilidade técnica de reprodução ¹⁶; no segundo, como indica o próprio título, relata a história da fotografia tendo em vista os diferentes modos de captar o referencial a ser fotografado e suas implicações.

A fotografia é um modo de representação que, como a imprensa, favoreceu a multiplicação signica e questionou a pintura enquanto arte (embora já existissem as cópias manuais) destruindo o caráter sagrado da obra de arte. Essa extensão técnica do olho humano, permite, também, ampliar a visão no sentido de perceber detalhes da realidade nunca antes percebidos, como, por exemplo, a série de fotografias feitas em 1878 por Muybridge, que identifica, na série que registra a seqüência dos movimentos de um cavalo a galope, alguns, que o olho não consegue

¹⁵ Ibidem, p.40

¹⁶ Walter BENJAMIN, *Magia e Técnica: Obras Escolhidas*. Em relação à autenticidade, afirma que: “O aqui e o agora do original constitui o conteúdo de sua autenticidade.” p.167; em relação à aura, que “É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja.” -, p.70

enxergar sem o uso da máquina fotográfica. O signo fotográfico, no entanto, mesmo diferente do signo verbal devido à inserção do aparelho para observar a realidade, mantém algo em comum com a linguagem humana: é o registro do momento que não se perde.

Como já afirmamos, o signo verbal é capaz de informar sobre o passado, registrando a história da humanidade e, também, traçar metas em relação ao futuro e executá-las (empreendimento, conforme Spengler). A fotografia, porém, pelo menos até o momento, não é capaz de projetar o futuro a não ser que se fotografe algo preparado para isso. Ela reafirma, porém, que a facilidade de reprodução questiona a obra de arte na mesma proporção em que a impressão gráfica, com mais ênfase, questiona a tipográfica, colocando em xeque a escrita manual (o manuscrito) e a própria individualidade de realizá-la (o estilo individual), embora instituições como a escola tivessem, sem muito sucesso, tentado a padronização. A imagem fotográfica suplanta, em precisão, o olho humano, que consegue com o avanço científico, com o uso de instrumentos outros que derivaram da câmera, desvendar mundos desconhecidos até então. Benjamin, citando um trecho do discurso do físico Arago, em 1839, na câmara dos deputados, assim destaca a importância do instrumento:

*"Quando os inventores de um novo instrumento", diz Arago, "o aplicam à observação da natureza, o que eles esperavam da descoberta é sempre uma pequena fração das descobertas sucessivas, em cuja origem está o instrumento."*¹⁷

Há ainda que considerar o valor da imagem em detrimento da escrita. A imagem, em sua relação com o objeto ou referente, diferentemente do signo verbal, representa-o por analogia, ou seja, a representação sígnica de algum modo remete ao referente, assim: o desenho de uma árvore faz com que se lembre dela, ao passo que o signo verbal nada tem de semelhante com o referente. A palavra cadeira não lembra o objeto; quem não é falante da língua portuguesa, ao ver a palavra, não é capaz de reconhecer o significado que a ela se amarrou por convenção. O mesmo acontece com a escrita que, em um dado momento, perdeu as características pictográficas ou ideogramáticas.

¹⁷ Ibid., p. 93

Tanto a escrita como a representação icônica não traduzem a dimensão do objeto: a primeira, de modo algum, a não ser no texto poético; já a segunda corresponde à exibição da analogia (traços que lembram o objeto) em superfície plana, apesar de a arte ter procurado outros tipos de relação com o mundo (essa é uma outra discussão). O signo técnico difere desses dois: a fotografia, como ficou dito, é uma técnica tão exata que é capaz de revelar ao homem um mundo, que, até então, desconhecia (de novo apontamos o segundo ensaio de Benjamin ¹⁸) como um signo mágico. Mas à reprodução exata do real, acrescente-se outro signo técnico que incorpora mais uma faceta do real não própria da fotografia, mas apreendida a partir dela: o movimento.

O signo filmico, assim como o fotográfico, não possui, como a linguagem verbal oral, a possibilidade de funcionar como mediação entre os homens, que a escrita, de certa forma, faz de modo reduzido. Os dois signos técnicos têm em comum o anonimato do produtor da mensagem. Não interessa a quem vê uma fotografia ou vê um filme o sujeito que os produziu, mas a atenção concentra-se exclusivamente no próprio filme e na fotografia. O filme, diferentemente da fotografia, pode projetar o futuro ou remontar ao passado, assim como a palavra, mas desde que a montagem seja feita no estúdio com a ajuda de efeitos especiais. Outro traço do filme que difere da fotografia e aproxima-o da linguagem verbal é que ele se constitui sequência e, por isso, é sucessão, tempo, o que lhe permite caráter narrativo, como o signo verbal, imitando a realidade da sucessão dos acontecimentos, que se organizam com coerência, mesmo que incoerentemente. Se o manejo da câmera cinematográfica envolve equipamentos, montagens, locação, enfim todo um aparato, não é a realidade que nos é mostrada, a não ser em poucos filmes realizados até agora, mas a ilusão da realidade, ou uma reconstrução possível. Assim, o verossímil nos envolve com a ilusão da verdade do real palpável e, como uma obra de arte fechada, permite que o fruidor retome, como na Grécia Antiga (a.C.), o efeito catártico desse signo.

Apesar de a linguagem verbal ter sido usada durante milênios como exercício de poder, aquela mediação entre seus usuários a que nos referimos (o diálogo) não é mais possível devido à distância entre emissor e receptor produzida pela técnica (manejo do instrumento). A identificação do sujeito que elaborou o discurso oral ou escrito, como vimos, perde-se com o signo técnico, mas o caráter de remissão ao passado mantém-se em ambos apesar da especificidade de cada um.

¹⁸ Ibid., p. 94 e 95

Quanto à analogia, podemos, com ousadia, substituí-la pela relação homológica dos signos técnicos com a realidade, porque procuram substituí-la pela imagem buscando estabelecer com ela uma similaridade cada vez maior (como na magia simpática), incorporando a bidimensionalidade.

A TV, enquanto representação signica, merece atenção especial não só porque participa da vida doméstica do cidadão atual, mas também por ser um signo que possui distinção em relação aos próprios signos técnicos, embora seja um deles, e em relação à própria linguagem humana. Se a fotografia é capaz de representar, pela imagem estática, um dado momento que pode ser retomado pela observação posterior; se o filme mantém a noção de tempo como sucessão de acontecimentos; se a própria linguagem representa, também, pela justaposição dos sons da fala (fonemas) a linearidade que também ocorre na escrita, a TV altera essa face dos signos através da simultaneidade. Inúmeras informações são apresentadas ao mesmo tempo, enquanto os outros signos, mesmo com a possibilidade de ambigüidade, transmitem uma única mensagem por vez. Outra característica desse signo técnico é a perda da dimensão histórica do tempo - o passado, como da relação possível de representação, que se faz com um dado objeto do qual, de algum modo, a distância se coloca através do instrumento. Para a TV não existe qualquer arranjo signico, pois o aqui e agora é o que satisfaz. Não há, pois, representação, mas apresentação. A expressão "ao vivo" apaga a possibilidade mnemônica presente nos outros signos pela elipse do passado. McLuhan esclarece:

A imagem da TV é de baixa intensidade ou definição diferentemente do filme, portanto, ela não fornece informação detalhada sobre os objetos. A diferença é parecida à que se observa entre os velhos manuscritos e a palavra impressa. Onde antes não havia mais do que uma textura difusa, passou a haver intensidade e precisão uniforme, graças à imprensa, que pôs em voga o gosto pela medida exata e pela repetibilidade (...) ¹⁹

Ele considera a TV como um meio frio porque não projeta o autor sobre o telespectador, que é ativamente participante, ou seja, envolvido. A imagem da TV, por não fornecer informação detalhada sobre os objetos, exige que o espectador complete-a, pois não é delineada, completa,

¹⁹ Marshall MCLUHAN. Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem, p. 356

ela se faz processo. Observe-se que o completo configura uma distância entre a representação que se conclui e a fruição: a simultaneidade e a apresentação são marcas prevalentes desse signo. Nem é preciso mencionar que por suas características, esse signo técnico gera relações de fruição, evidentes no comportamento humano, e em suas formas de expressão, diferentes de todos os outros. Assim como a linguagem permitia o planejamento, o empreendimento e o controle sobre a execução, a geração-TV não consegue admitir um objetivo porque é formada para o envolvimento rápido e fragmentado. O melhor exemplo desse indivíduo nos é oferecido pelo livro *Being There* (traduzido como *O Videota*) de Jerzy Kosinski. A personagem principal, Chance, não possui identidade, portanto nem passado; vive somente o momento presente, condicionada pela TV, não é letrada, muito menos alfabetizada, sua linguagem é reduzida e estruturada como a da TV, mas consegue atender aos anseios de poder de outras personagens que sabem como manipular a imagem para alcançar seus interesses.

6. LEITURA E PODER

Antes de concluir, achamos oportuno nos deter, por algumas linhas, na perspectiva da recepção de cada tipo de signo, tentando identificar como podem ocorrer as manipulações de cada um deles pelo poder.

O signo verbal oral pressupõe um emissor e um receptor (ou vice-versa) que possuam um código em comum, portanto, que sejam conhecedores de suas regras de uso, estejam em uma dada situação comunicativa e pertençam ou tenham laços de linguagem com a comunidade que utiliza o repertório da mensagem. O entendimento desta depende também da percepção da intenção comunicativa de quem a formulou, com o objetivo de que ela seja atendida ou respondida.

*A finalidade primeira da linguagem é desencadear uma ação, em conformidade com uma intenção e com o tempo, o lugar e os meios disponíveis.*²⁰

Spengler afirma que a linguagem não brotou do pensamento, mas da necessidade prática de comando para garantir a ação combinada coletiva. As leis são o exemplo mais adequado da

²⁰ Oswald SPENGLER, *op.cit.*, p. 81

presença da dominação realizada através da linguagem. Mas antes de ler a palavra, o homem como já ficou dito, fazia a leitura dos sinais que não eram representações intencionais, mas naturais. Através dessa leitura, ele não só reconhecia seu espaço circundante, como o defendia e buscava alimento como a caça. Mas o domínio da escrita representou poder como bem resume McLuhan no mito de Cadmo que semeou os dentes do dragão que se transformaram em homens armados; em seguida, esse autor faz analogia entre os dentes do dragão e o alfabeto fonético, reduzido, mas cujo uso pela técnica da escrita serviu para mudar a cultura tribal emotiva e compressiva na civilização cujas marcas são a continuidade do espaço, do tempo e a uniformidade dos códigos que pretendem, também, a uniformidade dos homens (“Todos são iguais perante a lei”). Com a imprensa e decorrente reprodução técnica, expandiu-se a abrangência do poder, que se definiu ainda mais pelo desejo de que os que manejavam a técnica em número cada vez maior atendessem ao comando dos empreendedores. Ao mesmo tempo, contudo, que a escrita significou dominação, possibilitou a relação antitética, fundamentando idéias de sustentação de movimentos sociais contra o poder.

Enquanto a escrita favoreceu a observação e o pensamento, apesar de cúmplice do poder, a leitura favoreceu não apenas a visão e a interpretação; mas também, o conhecimento da realidade já devidamente pensada ou vivenciada (como no caso da poética), ou analisada em se tratando da ciência.

Isso não aconteceu com o signo fotográfico, a não ser com fotógrafos como Atget que pretendeu desmascarar a realidade. A fotografia presta-se mais à recepção contemplativa e à observação do passado pontual, que contrapõe ao passado durativo do filme. Este representa o mundo graças à câmera e todo um aparato cênico, que dá a impressão ao espectador de que a realidade se movimenta diante dele, por isso, conforme Benjamin,

*...a natureza que se dirige à câmera não é a mesma que se dirige ao olhar. A diferença está principalmente no fato de que o espaço em que o homem age conscientemente é substituído por outro em que sua ação é inconsciente*²¹

A leitura do signo filmico possui semelhança com a obra de arte da Grécia aristotélica, porque além de trabalhar com o mito, a maioria dos filmes são narrativas, produz reação catártica no

²¹ Walter BENJAMIN, *op.cit.*, p. 189

público. Ou mesmo que um filme leve à reflexão e à ação o faz pela identificação do espectador com as ações das personagens. O filme que favorece a fruição coletiva, resultado da reprodutibilidade técnica, difere do livro ou jornal que se destina à fruição individual, solitária. Logo, o signo filmico também se presta ao controle ideológico do público como, por exemplo, em muitos filmes tipo James Bond.

A fruição que menos permite o exercício da crítica, é a do signo da TV, que, por características já mencionadas, produz um envolvimento tal, que favorece a manipulação não diferenciada das massas. O poder que ela exerce com seu imediatismo sígnico, pois é pura recepção que não permite diálogo, é tamanho que mobiliza multidões em torno de acontecimentos sociais de efeito catártico globalizadores. As pessoas envolvidas reagem emocionalmente com estranhos como se com eles convivessem diariamente, esquecendo-se que é a imagem e não a pessoa que entra em sua vida doméstica. Além disso, distancia o homem de sua individualidade e identidade pela padronização do comportamento, dos costumes e da própria linguagem. Por isso, a linguagem do senso comum e do lugar comum ocupa as redações dos estudantes, que deveriam ser o espaço do pensamento, da observação e da criatividade. Esse tipo de representação oferece espaço apenas ao inconsciente, ao subliminar e os poderes instituídos têm plena consciência disso. Basta lembrar que, na Guerra do Golfo, o comando das forças militares usaram a CNN como um outro poder, pois, no momento, interessava ganhar a opinião pública em favor de suas ações.

Assim, a TV, como aperfeiçoamento do signo técnico, disciplina a multiplicidade das assimetrias humanas através desse olho eletrônico que se coloca em qualquer ambiente, em todos os meios circundantes de cada habitante da Terra, ou no espaço através dos satélites, ou nas ruas, ou por meio de helicópteros tornando pública a privacidade do cidadão, assim como qualquer gesto.

É o ônus que pagamos pelo avanço tecnológico que cria um novo ser, fechado dentro de sistemas ou redes de TV, que vai perdendo a origem telúrica que lhe permitia ler a natureza e, depois, o signo que ela lhe deu. Assim, o homem que foi capaz de criar técnica independente da vida, perdeu a dimensão do avanço tecnológico fazendo-se predador de si mesmo pela perda da capacidade de pensar, escrever e ler, oportunidade que lhe foi propiciada pela linguagem; do mesmo modo, fez-se predador da natureza (meio circundante) porque diante da multiplicidade tecnológica, cujo protótipo é a TV, esqueceu-se dela, buscando a referência de sua vida na

própria técnica, onde se espelha para viver. É o novo homem que surge funcional e disponível à manipulação.

Partindo dessa constatação, pretende-se, a seguir, analisar as razões por que surge o novo ser, sabendo-se que o *homo sapiens*, que foi caracterizado por sua dimensão verbal, também é, desde sua origem, o *homo faber*, propenso ao fabrico de objetos a fim de atuar sobre a natureza. E, embora a linguagem verbal tenha evoluído, acabou por adquirir estabilidade, reduzindo seu processo evolutivo, ao passo que a fabricação foi-se acelerando de modo que acabou por interferir na fala e na escrita, com a produção de outras linguagens (signos técnicos).

Como este trabalho se debruça sobre as linguagens visuais, é necessário que se faça uma reflexão sobre a evolução das imagens, signos das linguagens visuais produzidas por objetos fabricados pelo homem.

SEGUNDO CAPÍTULO: IMAGEM, EVOLUÇÃO E PERCEPÇÃO

1. O HOMEM PRIMITIVO E A REPRESENTAÇÃO

A figuração gráfica nasce com o desenvolvimento do *homo sapiens*, que corresponde a 30 mil anos de evolução comparada aos 5 mil anos, aproximadamente, de escrita. Os sentidos importantes para a figuração são a audição, a visão e os gestos, porque tanto para os mamíferos superiores como para o homem, são os sentidos de referência dominantes (visão e audição) e de motricidade. Por outras palavras, a figuração recorre às mesmas vias usadas pela técnica e pela linguagem: o corpo e a mão, o olho e o ouvido.¹

Tanto linguagem como figuração partem da e voltam-se para a realidade, que se faz referente, para a construção da imagem simbólica, ou signo: representação. Há uma relação proporcional entre linguagem, técnica e figuração: no domínio da linguagem, a sintaxe e as palavras são os equivalentes dos utensílios e dos gestos manuais. Eles garantem o domínio sobre o mundo da matéria e das relações, enquanto a figuração fundamenta-se num campo biológico comum a todos os seres vivos: a percepção dos ritmos e dos valores.² Há, portanto, uma correlação entre evolução da técnica e da linguagem com o ritmo: os ritmos técnicos, sinais sonoros repetidos sustentavam a fabricação e o uso dos primeiros objetos.

1.1 O Insólito e a Magia

As primeiras figuras explícitas conhecidas, conforme Leroi-Gourhan, estão distantes de nossa época pelo menos cerca de 20 mil anos. Nessa época também se encontram os primeiros testemunhos de identificação da forma, que se origina na curiosidade em relação ao incomum. O insólito (o incomum, o desconhecido), que precede a visão refletida na forma, só existe, quando o sujeito confronta uma imagem organizada do seu universo de relação com os objetos que invadem o seu campo de percepção.³ O contato com o desconhecido, com o mistério, levou o homem primitivo a relacionar sua curiosidade à magia. Os inúmeros fósseis, de 35mil a 10mil

¹ André LEROI-GOURHAN, *O Gesto e a Palavra: Técnica e Linguagem*, vol. 2, p.180.

² *Ibidem*, p.180

³ *Ibid.*, p.183

anos antes de nossa era, recolhidos pelo homem estavam acompanhados de pedras bizarras (cristais de galena, cristais de quartzo, pirrites de ferro etc) e objetos insólitos, que possuem uma conotação que revela a relação entre a estética, a magia e a farmacopéia.

Além do contato com a forma insólita que o atraiu devido ao impacto que lhe causou, como os cristais, cujo brilho deve tê-lo impressionado, junto aos fósseis do homem primitivo foram encontrados também os desenhos de ossos (de 35mil anos antes de nossa era) marcados com incisões regulares, que denotam intenção de repetição (ritmo), que representam o primeiro testemunho de uma verdadeira figuração. ⁴ Nesse momento, o homem já possuía domínio do ritmo e da figuração. As manifestações da arte de pintar e de esculpir (30 mil a 8 mil anos antes de nossa era), representam grupo de figuras masculinas e femininas e de animais, principalmente o cavalo e o bisonte, que traduzem a figura de um mito e como as figuras das cavernas, expressam um pensamento religioso coerente e, não, figuras dissonantes.

1.2 O surgimento da forma

É aproximadamente em 30 mil a.C. que aparecem as primeiras formas e, pelo modo como se inscrevem, “a arte figurativa está, na sua origem, diretamente ligada à linguagem e muito mais próxima da escrita no sentido lato do que a obra de arte”.⁵ As primeiras figuras são transposições simbólicas e, não, decalque da realidade: há grande distância entre a representação e o objeto representado. Nesse sentido, as cenas mais antigas representadas não são descrições da realidade, mas suporte de um contexto oral perdido (apud), portanto de caráter mitológico. O ritmo é, portanto, anterior às figuras explícitas cuja evolução se dá no decurso dos tempos. Deduz-se que o conteúdo verbal já havia sido dominado e precede os esforços de tradução manual que se processa lentamente por mais de 10mil anos. A representação icônica evolui junto com a percepção do mundo, que se faz pelos sentidos.

1.3 Os detalhes (o pormenor)

A evolução dos três aspectos do realismo paleolítico: forma, movimento e pormenor – foi uma aquisição extremamente lenta na vida das artes e tudo conduz para o ponto de coincidência entre

⁴ Ibid., p.186

imagem e realidade, procurando, assim como as técnicas o fazem, um ponto ideal em que a representação não mais se distinguisse do modelo. Então, um mesmo estilo mantém-se invariável por milênios e, quanto às formas, a sua exatidão, o movimento e o pormenor são pouco realistas porque mulheres, bisonte e cavalos obedecem a uma mesma convenção: em torno do corpo inscrevem-se atributos de identificação.⁶ Os contornos dorsais dos animais são quase idênticos para todas as espécies.

1.4 O Movimento

Nos animais ou nas figuras humanas nenhum movimento é perceptível, a não ser por volta de 15 mil anos antes de nossa era “o realismo de movimento já começa a aflorar. Assim, certos membros surgem contorcidos para exprimir a deslocação, havendo inclusive um cavalo que se encontra realmente empinado, enquanto outros trotam com uma verossimilhança bastante aceitável...”⁷ Para Leroi-Gourhan, a evolução do realismo na arte paleolítica corresponde a um processo de amadurecimento que se compara às etapas da evolução técnica e, assim, “o acumular das inovações gráficas ou plásticas orienta-se para uma aproximação cada vez maior à reprodução fisicamente exata.”⁸

Pelo fato de as figuras serem incompletas, constata que precisavam da ajuda das palavras para se tornarem inteligíveis e que, desde 20 mil antes da nossa era, podiam afastar-se do realismo, até mesmo do mais relativo, para tomarem a forma de signos não convencionais como os de qualquer escrita.⁹

Retomando o processo de distanciamento da natureza por meio de sua representação sígnica e da evolução da técnica, Leroi-Gourhan caracteriza o afastamento do homem da sua ligação com o mundo vivo, o qual, envolvido pelo progresso, cria um mundo de processos e objetos artificiais, mas, que, na verdade não é diferente daquele ser primitivo que data, pelo menos, de 40 mil anos.

⁵ Ibid., p.19

⁶ Ibid., p.192

⁷ Ibid., p.195

⁸ Ibid., p.197

⁹ Ibid., p. 201

1.5 Ritmo e movimento

A mobilidade, que diferencia os animais dos vegetais, fez o homem superior aos outros animais porque lhe propiciou maior domínio do espaço, assim como a constituição da linguagem não instintiva, livre e móvel, possibilitou-lhe desenvolver o pensamento e evoluir e ambas ofereceram-lhe maior liberdade. Embora a capacidade de configurar o movimento tenha demorado tantos milênios depois da representação da realidade, parece que a mobilidade sempre foi a sua estratégia para mostrar sua superioridade sobre o mundo natural. Do fascínio pela imagem representada, embora completada e integrada pela palavra, o fascínio pelo movimento foi tardio em sua representação, talvez porque lhe fosse inerente, talvez porque a palavra o suprisse ou, talvez, porque o ritmo o suprisse. A representação do ritmo nada mais é que a significação dos movimentos do próprio corpo e da fala, que é essencialmente rítmica.

Assim, ritmo e imagem, embora aquele seja mais primitivo, durante milênios fizeram-se expressão da realidade, ou pela representação figurativa ou pela fala e, depois, pela escrita. Como caminharam e qual o significado que adquiriram no decorrer de sua evolução? Na tentativa de responder a essa indagação, procuramos fazer uma reflexão sobre a evolução da imagem como linguagem produzida, não apenas apreendida pelos olhos e reproduzida pelas mãos, sempre com o concurso da inteligência, mas como signo técnico, cuja tessitura (sintaxe) se fez linguagem por meio da fabricação de objetos.

2. A ALMA APRISIONADA

2.1 A Imagem Refletida

A imagem sempre exerceu fascínio absoluto sobre o ser humano. Desde tempos imemoráveis tem-se notícia de mitos e lendas marcados pela sua presença. Não se sabe quando o homem a observou pela primeira vez, mas o mito de Narciso mostra-nos como foi esse primeiro contato.

A impressão que teve Narciso ao ver a própria imagem refletida nas águas foi tão profunda que não conseguiu nunca mais desprender-se do encantamento que lhe causou. Em vão foram os apelos de Eco, por ele apaixonada, que tentou libertá-lo do torpor egocêntrico. Em vão foram

porque jamais conseguiram afastá-lo da obsessão pela própria imagem, que o isolou até a morte, impedindo-o do convívio mediador da linguagem e do amor.

O mito revela a essência humana, de modo que as amarras da imagem narcísica não foram suficientemente exemplares para que o homem dela se afastasse. Das águas para o espelho passou muito tempo, durante o qual o homem continuou amarrando-se à própria imagem. Em Branca de Neve, a madrasta consulta o espelho reiterativamente para obter a certeza de que a verdadeira imagem da beleza lhe é exclusiva. Mas o espelho não mente e mostra-lhe a realidade: a jovem enteada é muito mais bela. Se o espelho mentisse, ou se a verdade fosse outra, a estória não teria continuidade, encerrando-se como a de Narciso, com a morte pelo isolamento egocêntrico. Há, sempre, na estória, a busca da confirmação da beleza no espelho mágico “muito antes da beleza de Branca de Neve eclipsar a dela”¹⁰ – e, ainda mais, o espelho ao refletir a realidade da mulher já madura e transformada, fala pela enteada, que é “mil vezes mais bela que a madrasta”.

Muitas outras narrativas retomaram esse tema, como o conto de mesmo nome, escrito por Machado de Assis, em que o personagem despe-se diante do espelho, despojando-se de todo o jogo de aparências exigidas pela sociedade, desnudando-se em completo vazio. E assim, fazendo o contrário do que fez o personagem do conto, o espelho corresponde ao limite entre a vida egocêntrica, que se prende à própria imagem, e a vida social, palco de múltiplas imagens de interação entre o eu e os outros.

Mas tanto a madrasta como Narciso precisavam prender-se à própria imagem, porque refletida no espelho, ela é fugaz, não se amarra e depende do objeto (referente) para a fixação.

Umberto Eco¹¹ diz que o espelho diz a verdade de tal forma que “nem mesmo se preocupa em reverter a imagem” como faz a fotografia. Ele não se presta à interpretação, pois a imagem reflete o objeto e só existe enquanto ele estiver presente para ser refletido. A imagem especular não permanece na ausência do objeto, por isso não é um signo (algo que representa alguma coisa).

*Ele não “traduz”. Registra aquilo que o atinge da forma como o atinge. Ele diz a verdade de modo desumano, como bem sabe quem – diante do espelho – perde toda e qualquer ilusão sobre a própria juventude. O cérebro interpreta os dados fornecidos pela retina, o espelho não interpreta os objetos.*¹²

¹⁰ Bruno BETTELHEIM, *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, p. 242

¹¹ Umberto ECO, *Sobre os Espelhos e Outros Ensaios*, p.17

¹² *Ibidem*, p. 17

Esse autor define “o espelho como qualquer superfície regular capaz de refletir a radiação luminosa incidente” acrescentando que o espelho plano “fornece uma imagem virtual correta, ou simétrica, do tamanho do objeto refletido. A imagem é virtual porque “o espectador a percebe como se estivesse dentro do espelho, quando o espelho, obviamente, não tem “dentro”.” Diferente do olho humano, cuja retina inverte a imagem recebida, o espelho não a reflete invertida, mas situa a lateralidade tal como é na realidade (nele há congruência) e não como faz a câmara escura. Assim, define-o como prótese, ou seja, “todo aparelho que aumenta o raio de ação de um órgão”, podendo estender sua ação: aumentar como fazem as lentes ou diminuir como as pinças como extensão da habilidade de apreensão manual. Acrescenta que os espelhos são canais – “Um canal é cada *medium* material que permite a passagem da informação” e ressalva que informação refere-se a sinais cuja quantidade é computável, mas não realiza uma semiose. Enfim, reitera a idéia de que ele não produz linguagem, mas dependendo do arranjo que se faz de vários espelhos pode “revestir-se de função semiótica”. Como exemplo, a utilização do espelho para emitir sinais que constituam mensagens previamente combinadas.¹³

Reconhecendo a magia dos espelhos, em milhares de anos de uso, Umberto Eco a situa na possibilidade de nos vermos como as outras pessoas nos vêem, ao fornecer uma “duplicata absoluta do campo estimulante”, porque a imagem só se mantém em presença do campo estimulante, ao qual poder-se-ia ter acesso, olhando o próprio objeto. “ É exatamente dessa experiência de iconismo absoluto que nasce o sonho de um signo que tenha as mesmas características.”¹⁴

Apesar do iconismo absoluto – o desenho, por exemplo, não exhibe as características da duplicação própria do espelho - é fenômeno de total fluidez, a qual exemplifica com o fato possível de se enviar um espelho para a namorada, com o objetivo de lhe fazer um presente da imagem do emissor e o que ela encontrará na superfície regular, quando a olhar, será a própria imagem e não a do namorado. A imagem especular é fugaz; desaparece com a troca do objeto; ela não se fixa, é momentânea; dura enquanto permanecer diante dele o objeto refletido. O espelho corresponde ao em-si-mesmo do objeto refletido, que lá se fixa desconhecendo a outridade. Umberto Eco, ao comparar a imagem especular com as palavras assim se expressa:

¹³ Ibid., p. 18

*...seriam iguais aos pronomes pessoais: como o pronome eu, que se eu mesmo o pronuncio quer dizer "mim", e se uma outra pessoa o pronuncia quer dizer aquele outro.*¹⁵

Dessa forma, o objeto que o espelho nomeia é sempre o que está à sua frente, como se o objeto referente cuja imagem se reflete, nesse momento de magia efêmera, a ele estivesse ligado por um cordão umbilical que se rompe no momento em que se afasta. Portanto, a imagem só se configura como tal em presença do objeto, não havendo a representação "in absentia"; além disso a imagem só existe em realidade e verdade – não se pode mentir a partir dela (a não ser que intencionalmente proceda-se a um arranjo (sintaxe) de espelhos); o objeto espelhado é sempre ele mesmo, não sendo possível uma imagem mental, porque vemos o que se espelha; não há relação indicial entre a imagem refletida e o objeto-referente, cuja imagem possui iconicidade absoluta e não apresenta uma relação de contiguidade com o objeto representado; também, a imagem especular não se faz independente do canal ou medium (espelho) como os signos em geral; ela somente faz ver o que nele está, e não dá a oportunidade de conhecer algo mais sobre ela. Logo, os espelhos não produzem signos.

Enfim, a imagem especular constitui a relação entre duas presenças, das quais o referente (o objeto) nunca pode estar ausente (é produzida na presença do objeto e, não, em sua ausência); não se pode mentir com ela e através dela; não se relaciona a um conteúdo; estabelece sempre uma relação entre ocorrências; não é independente do canal; e não é interpretável, pois não possui conteúdo, não permite inferências, definições, descrições.

Ainda mais, ela não se fixa, tornando prisioneiro momentaneamente apenas o objeto refletido. A presença do objeto (e não a ausência como no signo) garante a existência da imagem especular, por isso Narciso, entrou em profundo êxtase na relação com a própria imagem, preso umbilicalmente a ela, única possibilidade de fixar para sempre a contingência de sua verdade. Ele perderia a si mesmo - porque a duração (como Bergson a entende) é a nossa realidade - se não se aprisionasse reflexivamente, no sentido de voltar-se para si mesmo (em-si-mesmando-se) – em uma atitude de alienação em relação à principal característica do ser humano que é a comunicação que se realiza pela linguagem, mediação da vida em sociedade. Narciso optou pela fixação do momento, pela apreensão do tempo - o presente - , ou pela própria imagem de que

¹⁴ Ibid., p. 20

nunca mais se desligou até a morte. A prisão ao seu ego projetado como objeto, isolou-o do outro e da realidade do mundo, diferente da madrasta da Branca de Neve que o admitiu, sob protesto, e, movida pelo ciúme, reagiu, mesmo de modo negativo, ao tempo irreversível que transforma a beleza e a juventude que passam e cuja realidade o espelho reflete, mas não fixa.

2.2 A Imagem Aprisionada

A imagem sempre conviveu com o homem, presa no interior de seus olhos. A visão comandada pelo cérebro, demarcou o espaço de seu domínio (limitado?), determinando os limites do meio circundante e determinando para ele a meta em função da presa que lhe era submissa. Foi a partir do olhar que o pensamento se lançou no espaço para ampliá-lo continuamente, assim como pela linguagem pôde associar-se com outros homens para esse exercício do poder.

A diferença entre o olho humano e o dos outros animais para a realização da semiose configura toda a diferença entre aquele e esses que jamais foram capazes de representação sígnica e de evolução. Embora o homem não tenha a maior acuidade visual dentre os vertebrados – ela é privilégio dos pássaros – e tenha maior capacidade de interpretação visual graças ao desenvolvimento do cérebro, sabemos que um “aparato capaz de atender ao sentido de visão altamente desenvolvido depende tanto da representação nervosa central que interpreta suas imagens como do aparato periférico sensorial que recebe e desenvolve.”¹⁶

Embora os olhos sejam importantes órgãos de recepção para os insetos, que são capazes de interpretar os movimentos, não o são para a maioria dos vertebrados que usam muito mais o olfato e a audição do que a visão. Ela é subsidiária para a maioria dos animais: é importante para os predadores na captura da presa e, também, para coelhos e lebres, cuja visão serve para esquivarem-se, porém, de objetos relativamente próximos. O cão só é capaz de reconhecer seu dono a uma distância cerca de 500 metros (para ele o olfato é predominante); o gato não vê um homem parado a 8 metros e sua visão no escuro não dispensa as “vibrissae” táteis. Somente o homem possui excelência em sua performance visual devido ao desenvolvimento do sistema nervoso central de coordenação e percepção. Ele é uma criatura marcadamente visual, dotado de privilégios visuais em relação aos movimentos, que são suplementados pelos movimentos do pescoço, que faz com que a cabeça se volte rapidamente para um objeto de atenção colocado no

¹⁵ Ibid., p. 21

campo binocular; serve à regulação da conduta, para exame próximo de objetos manipulados; a bipedia, como base de sua percepção do espaço e a conseqüente liberação das mãos também colaboraram com a visão para maior julgamento fino.

O campo de visão dos outros animais, cujo corpo se manteve condicionado ao esquema biológico pré-determinado pela vida, permanece limitado pelo uso instintivo de todos os sentidos. Já a supremacia humana, em decorrência da alteração mecânico-funcional de seu corpo, adquiriu liberdade em relação à própria vida, ampliando, por isso, a excelência de uso da capacidade de percepção visual, dentre outros sentidos. Assim, ele pôde prender a imagem em seu olho, graças à memória visual e à sua capacidade de decidir dentre as várias opções que a vida sempre lhe ofereceu. A imagem também constituiu-se para ele em algo a ser pensado, projetado e modificado a partir da inteligência.

2.3 A imagem liberta do olho

Como sempre fez, do mesmo jeito que interiorizava em seus olhos as imagens recebidas instintivamente do mundo, passou a pensar sobre elas e projetá-las em forma de objetos que a representassem. Por esse motivo, lançou mão da magia para, por meio da imagem, satisfazer seu desejo de dominação. A imagem projetada para fora do olho adquiria a forma da pessoa ou animal que se pretendia prejudicar ou, no caso do totemismo, o objeto considerado ancestral do clã ou de uma tribo tornava-se símbolo e era reverenciado por todos os seus membros.

Assim, ela se desprende do olho e adquire a função semiósica de representação; o totem não é o objeto em si mesmo, mas o seu representante. Não eram próteses, extensões do homem, mas reuniam significados importantes, simbolizando a própria origem da comunidade. Foi a imagem que se projetou do olho humano para dar forma ao objeto que a representou.

A magia tinha por objetivo submeter os fenômenos naturais à vontade do homem, proteger o indivíduo de perigos e de inimigos, bem como conceder-lhe poderes para prejudicar o outro. Segundo Freud, “o princípio da magia consiste em tomar equivocadamente uma conexão ideal por uma real.”¹⁶ O princípio que rege um dos procedimentos mágicos mais difundidos para prejudicar o inimigo consiste em fazer uma efígie dele com qualquer material adequado. O que se

¹⁶ Sir Stewart DUKE-ELDER, *The Eye in Evolution*, cap. IX

¹⁷ Sigmund FREUD, *Totem e Tabu e Outros Trabalhos*, p. 101

fizer à efigie acontecerá ao original. Para produzir chuva, muitas vezes, os povos primitivos realizavam atos que se assemelhassem à chuva (magia imitativa ou homeopática). O inimigo podia também ser prejudicado desde que se apoderasse de um pouco de seus cabelos ou unhas ou produtos de excreção ou pedaço de roupa; o que se fizesse à parte se refletiria no todo. Nesse segundo exemplo, a semelhança é trocada pela afinidade ou contigüidade. O canibalismo entre os povos primitivos assentava-se na crença de que, devorando-se partes do corpo do inimigo, adquiriam-se poderes ali contidos ou representados (magia contagiosa). Certamente, esse tipo de magia corresponde à origem do signo indicial, assim como a magia homeopática ao ícone – representação da imagem.

Os desejos levaram os homens a praticarem a magia ¹⁸. Quando Freud compara as fases do desenvolvimento humano (animista, religiosa e científica), afirma que a fase animista corresponde à narcisista e à magia corresponde a onipotência dos pensamentos. No uso da efigie, o pensamento exerce seu poder. A imagem representada na efigie afeta o referente (ausente) representado. Quando a imagem era submetida aos desejos humanos, a eles estava agrilhoadada. O poder exercia-se sobre o outro como na estória de Branca de Neve.

Na fase animista, Narciso ficou preso para sempre sem possibilidade de agir ou reagir sobre o outro; ele é o princípio da imagem, em contraposição à fluidez sonora da fala que se presta à relação com o outro. Em vão, mais uma vez, Eco chamaria o amado, pois embora efêmero (“as palavras, o vento as leva”) o seu apelo se constrói na e pela comunicação. A imagem do espelho ou a refletida na água só viveriam se o objeto refletido lá permanecesse para sempre em estado de letargia lingüística.

2.4 A imagem liberta do objeto

Desde tempos remotos, os homens fizeram estudos sobre a reflexão da luz. Conheciam os espelhos, como os de bronze do tempo de Moisés, espelhos planos de metal ou obsidiana, espelhos de prata dos romanos, espelhos côncavos de Arquimedes. No século XIII, Vincent de Beauvais falava de espelhos revestidos de chumbo e Raymond Lulle descreveu os processos de fabricação deles. Muito mais tarde, fabricaram-se espelhos de vidro ou cristal que se tornavam refletores graças a uma camada de amálgama de estanho (aço dos espelhos = estanho dissolvido

em mercúrio), há menos de cem anos substituída por uma camada delgada de prata depositada quimicamente.¹⁹

A imagem, ao libertar-se do objeto e do olho humano pela magia homeopática, expandiu-se pelas paredes das cavernas em representações icônicas (os desenhos) que fixavam a história do homem. Tanto efígie quanto desenho iniciam o processo da fixação da imagem, memória da evolução humana. Mas processos, instrumentos e meios de representação não possuíam mobilidade e estavam sujeitos à ação do tempo. Da mesma forma, embora estando o objeto ausente, a representação jamais conseguia ser verdadeira e real como a imagem especular.

A evolução, como característica principal do homem, não se satisfaz com o desenho que se direcionou para a escrita, embora tenha descaracterizado o referente, e nem com a efígie que também possuía pouca semelhança com o objeto representado.

A visão, tão importante para o domínio do espaço, não se satisfaz com o real, palpável e visível a olho nu. Surgiram então as próteses que se multiplicaram a partir da Renascença e nos forneceram “mais e melhor o não-visto do universo”. Elas

*alteram gravemente os contextos de aquisição e restituições topográficas das imagens mentais, a exigência de se representar, esta transformação da imaginação em imagens,... No momento em que pretendemos procurar as formas de ver mais e melhor o não visto do universo, estamos no ponto de perder o frágil poder de imaginar que possuíamos.*²⁰

Segundo Virílio, “o telescópio projeta a imagem de um mundo fora de nosso alcance” e uma nova forma de percepção “cria o encaixe entre o próximo e o distante, um fenômeno de aceleração que abole nosso conhecimento das distâncias e das dimensões.”²¹ Esse fenômeno aconteceu com qualquer tipo de lente, luneta, microscópio. Se o modo de ver o mundo tornou-se dissociado, porque dependente de próteses ópticas, a representação da imagem obviamente também seria afetada e não se faria apenas como representação real visível, mas como representação do real invisível, ou seja, daquele que depende da interposição do instrumento

¹⁸ Ibid., p.106

¹⁹ Enciclopédia Delta-Larousse, vol. XI, p. 5792 a 5814

²⁰ Paul VIRILIO, *A Máquina de Visão*, p. 18

²¹ Ibid., p.19

entre o olho e o objeto para ser reconhecido. Uma nova forma de ver associa-se a novos meios e instrumentos expandindo o exercício de poder que se dá pelo domínio do espaço.

Assim, o avanço técnico caminhou no sentido da tecnologia, a fim de que se pensasse em um olho técnico capaz de representar e fixar a imagem cuja percepção é modificada de acordo com a evolução da visão instrumental. Da mesma forma, a multiplicação das próteses visuais exige uma codificação de imagens mais elaborada ²², que implica redução de tempo de retenção pela memória, sem grande possibilidade de recuperá-las depois. Parece que a redução da retenção mnésica corresponde à exigência, cada vez maior, da fixação signica da imagem e de seu arquivamento.

2.5 A Alma Aprisionada

A obsessão pela imagem é histórica: iniciada por Narciso continua até nossos dias. Foi buscada por Alhazen, no século X, com a câmara escura de paredes opacas com um pequeno orifício em uma das paredes e um vidro fosco na parede oposta, onde a imagem se projeta invertida. Nos séculos XII e XIII, o observador permanecia no interior da câmara e olhava o lado oposto ao orifício. Quanto menor fosse o orifício, mais nítida a imagem observada.

Segundo McLuhan, já no século XVI, o passatempo de se observarem imagens móveis projetadas nas paredes de uma sala escura, chegava ao mesmo tempo que a escrita mecânica com os tipos móveis. Mas essa visão da imagem ainda era invertida e foram necessárias as lentes para que as figuras aparecessem em posição normal.

Embora as próteses tenham sido fundamentais na alteração do modo de ver e de conceber o espaço, assim como uma etapa da linguagem visual para a invenção de máquinas que produzissem signos técnicos, elas não fixaram a imagem. Os mundos distantes – micro ou macro – que se aproximavam por meio delas somente eram fixados por meio de esquemas e desenhos.

No século XIX, o momento é de Niepce, cujas experiências o levaram a entender que era possível fixar a imagem graças à ação dos raios luminosos, o que fez com que descobrisse o negativo, embora não conseguisse fixar a imagem. Em 1827, encontra-se com Daguerre em Paris. Mas só em 1829, depois da morte do irmão Claude, que inventara o movimento contínuo e de ter gastado sua pequena fortuna em pesquisas, associa-se com Daguerre. Niepce morre em 1833,

²² Ibid., pp. 21-22

desconhecido. Foi o primeiro que conseguiu reproduzir, com a luz e sem qualquer ajuda humana, uma imagem do mundo, que pretendia fixar.

Narciso deixa de ser único, proliferando-se - pois a luz tornou possível a fixação da imagem de cada um, como afirma Baudelaire: “Uma loucura, um extraordinário fanatismo, apoderou-se dos admiradores do sol.”²³ - a sociedade, como Narciso, pára para contemplar sua imagem trivial. Todos desejam, por meio da luz, apanhar a própria imagem nas mãos e a luz que se fizera por si, torna possível refletir a imagem. Enfim, por meio da luz as pessoas podem contemplar-se indefinidamente.

O projeto sacrílego, crença que muitos possuíam no século XIX e à qual se refere Walter Benjamin - “Fixar efêmeras imagens de espelho é um “projeto sacrílego”. O homem foi feito à semelhança de Deus e a imagem de Deus não pode ser fixada por nenhum mecanismo humano.”²⁴ - estava consumado. O homem já havia expressado o pensamento por meio da fala, que era um frágil suporte para a memória. Depois, registrou-o por desenhos que se tornaram imotivados e arbitrários com a escrita que se fonetizou e distanciou-se do mundo. A escrita registrou o pensamento, a vida, a história do homem, mas não a sua imagem, que só se realizou pelo desenho que ele próprio fez: traços que o insinuavam e o decifravam como forma e, não, enquanto pensamento, legado da linguagem que o diferenciou dos animais.

Narciso não se encantou só com a própria beleza, mas com a imagem que o fez estático. O torpor da imagem impediu-lhe a reflexão, o exercício do pensamento. A visão inebria porque dimensiona o tempo em sua estaticidade momentânea, a pseudo-parada do tempo. A efemeridade da imagem a que Narciso teve que se prender como garantia de eternidade, cuja presença não é própria desta vida, só podia levá-lo à morte.

Já a madrasta de Branca de Neve, mesmo dirigindo sua ação para o outro, também não conseguiu fixar a imagem da beleza que se esvaía com o tempo, pois, observando a enteada, constatava, com revolta, que a beleza da juventude não era mais seu privilégio: a imagem refletida pelo espelho compara-se à realidade da própria juventude, que se ostenta na enteada.

²³ Jean KEIM, *Historia dela Fotografia*, p. 43

²⁴ Walter BENJAMIN, *Pequena História da Fotografia*, in *Obras Escolhidas*, p.92. O autor cita o que publicou um jornal chauvinista, *Leipziger Anzeiger*, que pretendia “combater a invenção diabólica”: “Querer “fixar efêmeras imagens de espelho não é somente uma impossibilidade, como a ciência alemã o provou irrefutavelmente, mas um projeto sacrílego. O homem foi feito à semelhança de Deus, e a imagem de Deus não pode ser fixada por nenhum mecanismo humano.””

Então, sente ódio pela perda (para haver perda é preciso que exista um objeto que, no conto, se identifica com a beleza).

Por isso, é preciso que a imagem seja signo, independente de quem e do que nele se faz presente, para que a forma perdure, para que se tenha a ilusão da permanência da própria imagem. A memória pela imagem fixada pode reduzir o fetiche egoísta da pretensão humana pelo eterno. A memória é a parada do tempo que flui. O significante da fala, como foi dito, é vento, efêmero como o Poema-Vento de Fukiko Kobayashi que diz com palavras sua própria realidade fugidia: a sonoridade ²⁵ (“poema é vento”). Assim, se os desenhos não correspondiam à imagem tal como é, embora os artistas tenham se esforçado durante milênios para que assim fosse, a câmera fotográfica fixou-a pela luz, tornando presente a vida que se faz passado. Não há mais motivo para a morte e para a destruição do outro que substitui a madrasta no tempo da juventude. A imagem se fixou no papel como interrupção da fugacidade do movimento que se faz e como suporte da memória que se pode perder na consumação do tempo.

Merleau-Ponty (filósofo francês) diz que “as tomadas instantâneas petrificam o movimento”. Na pintura e na escultura, a impressão de movimento é dada pela ação simultânea da personagem ou do animal enfocando aspectos distintos e sucessivos, por meio da combinação de momentos que se sucedem no tempo. O conjunto é falso em sua simultaneidade, disse Rodin, mas é verdadeiro quando se observa sucessivamente as partes, e é essa a única verdade que nos interessa, pois é a aquela que vemos. ²⁶

A memória e o pensamento por meio da escrita, mesmo significando o distanciamento do homem em relação à natureza, é uma conservação mnemônica mais duradoura; com o signo fotográfico, não só a memória se altera, porque restringe a imaginação suscitada pela escrita, mas a própria visão, porque relegada ao olho mecânico e à luz artificial:

*...a retirada da órbita anatômica da visão, a delegação da visão às retinas artificiais de Niepce assumem aqui um sentido preciso. (...)
Só se vêem porções instantâneas tomadas pelo olho de ciclope da objetiva e a*

²⁵ Haroldo de CAMPOS, A Arte no Horizonte do Provável, p.75

*visão passa de substancial a accidental. Apesar do longo debate acerca do problema da objetividade das imagens mentais e instrumentais, a mudança de regime revolucionário da visão à visualização são instaladas sem dificuldade nos costumes. Na medida em que o olhar humano se congela, perde sua velocidade e sensibilidade naturais, os instantâneos se tornam, ao contrário, mais rápidos.*²⁷

Em relação às transformações que a objetiva operou, Virilio refere-se à “padronização do olhar”, que resulta na “proliferação de logotipos, siglas hitleristas, silhueta chapliniana, pássaro azul de Magritte ou boca carnuda de Marilyn”²⁸ que constrói “um sistema de intensificação da mensagem.”²⁹, porque decorrentes da reprodutibilidade técnica da comunicação visual, a que Benjamin aludiu em seu ensaio ³⁰.

A fotografia é a apreensão metonímica do todo – momento tomado do espaço que também se transforma. Nem passou pela cabeça de Narciso, inebriado, em êxtase pela imagem, que ela é apenas uma parte do todo capaz de ser percebido pelo olho humano. Da mesma forma, a imagem fotográfica acentua detalhes, pelo fracionamento e imobilização de um pedaço apenas da realidade intensificado pela iluminação. A fotografia é um detalhe selecionado pelo fotógrafo que deseja sedimentá-lo, pois se faz testemunha ocular de fragmentos da realidade.

A imagem fixada produziu o signo fotográfico, que se prendia ao papel representando o objeto ausente. O instante fotográfico, no momento de sua revelação já se tornava passado, porque o presente não se fixa. Mas um novo mundo havia sido descoberto.

A alma não só havia ficado prisioneira do signo, como se multiplicara e banalizara-se; a luta extenuante de tantas mentes privilegiadas para prender a imagem tornara-se a luz nossa de cada dia. Narciso, Alhazen, Niepce, Daguerre, Arago (defendeu o instrumento óptico na Câmara dos Deputados em Paris, apesar dos protestos dos pintores de retrato), Talbot (1800-1877) e muitos outros continuam ainda a evolução desse invento que valorizou, não o todo apreendido pelo olho

²⁶ Paul VIRILIO, *op. cit.*, p.61

²⁷ *Ibid.*, p.25 e p.30

²⁸ *Ibid.*, p.31

²⁹ *Ibid.*, p.31

³⁰ Walter BENJAMIN, “A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica”, in *op. cit.*, p.31

humano, mas os detalhes, as especificidades relativas da realidade do espaço que se modifica e não permanece graças à ação do tempo.

Da letargia de Narciso à raiva manifestada em ação pela madrasta de Branca de Neve e à personagem machadiana do conto mencionado, que se esvazia diante do espelho, a fotografia alterou o modo de ver o mundo e agir sobre ele, incluindo a concepção de beleza, que se situa em pequenos momentos e detalhes. Talbot, em 1844, ao publicar o primeiro livro ilustrado com fotografias, *O Lápis da Natureza*, conseguindo dominar os recursos da fotografia, por meio dos quais vê a possibilidade de apreender o belo, escreve:

Um raio de sol fortuito ou uma sombra que atravessa o caminho, uma roble ressequida, uma pedra coberta de musgo, podem despertar uma série de pensamentos, de sensações e de imaginações pitorescas. ³¹

Do mesmo modo, Jean Eugène Auguste Atget (1856-1927), também detecta a beleza metonímica de Paris, gravando aspectos pitorescos das ruas: os monumentos, as fontes, os prostíbulos, o vendedor de guarda-chuvas – e vende suas fotos aos pintores. A fotografia deixa de ser cópia servil da realidade, usando recursos que valorizam detalhes que nos chamam a atenção mais que outros e, como arte, questiona as artes convencionais, redirecionando a pintura, por exemplo. Sabe-se que os pintores que copiavam as imagens de Muybridge, não conseguiam dar a seus cavalos posições verossímeis; as imagens instantâneas do movimento os assustavam. Géricault havia representado em sua obra *Derby de Epsom* os cavalos no ar sem que qualquer das patas tocasse o chão e a fotografia provou que isso era impossível.

Da banalização da imagem cotidiana, ao encontro com a beleza única do momento que se desfaz sem cessar, o signo fotográfico modificou nosso modo de ver e de pensar o mundo, mostrando as veleidades da beleza fixada na imagem e não apenas dita (falada/escrita); ao prender a alma, limitou a imaginação, aprisionou o fato no tempo em que acontece, tornando-o espacial, flagrante, estático, impossível à realidade humana; diferenciou a verdade da ciência do verossímil da arte, que procurou representar a realidade como a vemos e não como o olho fotográfico a apreende; enfim, com a reprodutibilidade técnica, atenuou a ambiciosa busca humana pela eterna beleza. Afinal, ela se espalha por todos os lugares públicos e privados,

³¹ Jean A. KEIM, *op.cit.*, p. 17-19. Em 1845, Talbot publica outro livro *Quadros da Escócia Feitos pelo Sol*.

desfazendo o momento único de êxtase que aprisionou Narciso até a morte; agora são milhares de armadilhas (cada um possui a sua câmera fotográfica) fixando nossas almas e sem as quais não conseguimos mais viver; somos todos narcisos e madrastas para quem a imagem é a própria alma que se aprisiona incessantemente a cada tomada.

Os ensaios “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” e “Pequena História da Fotografia”, de Benjamin, são relevantes para compreender este signo técnico, a que chamamos imagem, e sua importância. No primeiro, o autor faz abordagem sobre a interferência desse signo em algumas características básicas da obra de arte, como a destruição da aura - caráter sagrado e eterno que se lhe atribuía e que lhe reservava um momento único de contemplação - o que abalou o conceito de autenticidade, tudo devido à possibilidade técnica de reprodução ³²; no segundo, como indica o próprio título, relata a história da fotografia tendo em vista os diferentes modos de captar o referencial a ser fotografado e suas implicações.

A fotografia é um modo de representação que, como a imprensa, favoreceu a multiplicação signífica e questionou a pintura enquanto arte (embora já existissem as cópias manuais) destruindo o caráter sagrado da obra de arte. Essa extensão técnica do olho humano, possibilitou também, ampliar a visão, no sentido de perceber detalhes da realidade nunca antes percebidos, como, por exemplo, a série de fotografias feitas em 1878 por Muybridge, que identifica, na série que registra a seqüência dos movimentos de um cavalo a galope, alguns, que o olho não consegue enxergar sem o uso da máquina fotográfica. O signo fotográfico, no entanto, mesmo diferente do signo verbal devido à inserção do aparelho para observar a realidade, mantém algo em comum com a linguagem humana: o registro do momento que não se perde.

Como já afirmamos, o signo verbal é capaz de informar sobre o passado, registrando a história da humanidade, também, traçar metas em relação ao futuro e executá-las (empreendimento, conforme Spengler). A fotografia, porém, pelo menos até o momento, não é capaz de projetar o futuro, a não ser que se fotografe algo preparado para isso. Ela reafirma, porém, que a facilidade de reprodução questiona a obra de arte na mesma proporção em que a impressão gráfica, com mais ênfase, questiona a tipográfica, colocando em xeque a escrita manual (o manuscrito) e a própria individualidade de realizá-la (o estilo individual). A imagem fotográfica suplanta, em

³² Walter BENJAMIN, *Magia e Técnica: Obras Escolhidas*. Em relação à autenticidade, afirma que: “O aqui e o agora do original constitui o conteúdo de sua autenticidade.” p. 167; em relação à aura: “É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja.” p. 70

precisão, o olho humano, que consegue com o avanço científico, com o uso de instrumentos outros que derivaram da câmera, desvendar mundos desconhecidos até então.

Há, ainda, que considerar o valor da imagem em detrimento da escrita. A imagem, em sua relação com o objeto ou referente, diferentemente do signo verbal, representa-o por analogia ou seja, a representação sígnica de algum modo remete ao referente. Assim, o desenho de uma árvore faz com que se lembre dela, ao passo que o signo verbal nada tem de semelhante com o referente.

Tanto escrita como representação icônica não traduzem a dimensão do objeto: a primeira, de modo algum, a não ser no texto poético³³; já a segunda corresponde à exibição da analogia (traços que lembram o objeto) em superfície plana, apesar de a arte ter procurado outros tipos de relação com o mundo (essa é uma outra discussão). O signo técnico difere desses dois: a fotografia, como ficou dito, é uma técnica tão exata que é capaz de revelar ao homem um mundo, que, até então, desconhecia (de novo apontamos o segundo ensaio de Benjamin ³⁴) como um signo mágico. Mas à reprodução exata do real, acrescente-se outro signo técnico que incorpora mais uma faceta do real não própria da fotografia, mas apreendida a partir dela: o movimento.

3. IMAGEM E MOVIMENTO

3.1 Ritmo e movimento

O homem demorou milênios para representar a figuração realista, porque antes dela configurou a expressão do ritmo, que por ser incompleta, era acompanhada pela fala, e por esse motivo, sempre cercada de simbolismo. A representação do ritmo é anterior a do realismo figurativo, assim como a incorporação do movimento nas figuras.

A mobilidade, que diferencia os animais dos vegetais fez o homem superior aos outros animais porque lhe possibilitou maior domínio do espaço, assim como a constituição da linguagem não instintiva, livre e móvel, possibilitou-lhe desenvolver o pensamento. Ambas ofereceram-lhe maior liberdade. Embora a capacidade de configurar o movimento tenha demorado tantos milênios depois da representação da realidade, parece que a mobilidade sempre foi a sua

³³ O poema *Violões que Choram*, do poeta brasileiro Cruz e Sousa, emprega sons graves fazendo lembrar a sonoridade típica do instrumento.

³⁴ *Ibid.*, pp 94 e 95

estratégia para mostrar sua superioridade sobre o mundo natural. Do fascínio pela imagem representada, embora completada e integrada pela palavra, o fascínio pelo movimento foi tardio em sua representação, talvez porque lhe fosse inerente, talvez porque a palavra o suprisse ou talvez porque o ritmo o suprisse. A representação do ritmo nada mais é que a signização dos movimentos do próprio corpo e da fala que é essencialmente rítmica.

A vida animal baseia-se na movimentação para busca e apreensão de alimentos (de modo diferente dos vegetais), caracterizando-se pela mobilidade no espaço e por movimentos mais precisos e numerosos que correspondem ao maior desenvolvimento do sistema nervoso. A consciência fundamenta-se na mobilidade, ou seja, na capacidade de voltar-se para o passado e retomá-lo, por meio da percepção de imagens ou da linguagem que dá sustentação à inteligência, e redirecionar o futuro, a partir da liberdade de decidir dentre muitas escolhas. Isso é consciência, é o que envolve duração. Significa invenção, criação de forma, elaboração contínua do novo.³⁵

O movimento faz parte da vida e ele não é uma série de tomadas, porque não se limita e não se confina a elementos justapostos, mas a conjuntos; assim, a percepção não é um processo fotográfico, pois as imagens fazem parte do mundo e a percepção não produz imagens, mas seleciona as que têm a possibilidade de levar a ações. A percepção humana é impregnada pela memória de imagens.

Se o homem primitivo representou o ritmo antes da figura, justamente porque o movimento - que não era desordenado, mas regular - já fazia parte de seu universo de significações, antes mesmo que conseguisse expressar o real; se a representação do ritmo seria suprida pelo verbal - a fala - (sabe-se da antiguidade do verso que atendia à magia), e se o movimento é mais antigo do que a própria fala, foi preciso haver a confluência entre desenho e movimento para que a escrita se fizesse. Do mesmo jeito que a fabricação de objetos, em seu processo evolutivo, caminhou no sentido da técnica para interferir na natureza, houve convergência entre fabricação e representação, aquela já pensada e incorporada ao discurso fez com que o homem acabasse por fabricar objetos que produzissem linguagem. Assim foi com a câmera fotográfica.

A confluência entre fabrico e linguagem não foi, apenas, no sentido da fixação da imagem figurativa do real. A inteligência sempre insatisfeita não se contentou em ampliar o campo de visão do homem, no sentido de que seu espaço se estendeu para o universo (macrovisão) ou para o micro-mundo até então desconhecido, pois foi preciso que a máquina reproduzisse também essa

³⁵ Henri BERGSON, *A Evolução Criadora*, p.21

característica humana que fez com que ele se libertasse da vida instintiva, tornando-se senhor do espaço e superior aos outros seres pelo pensamento. Seria preciso representar, também, o movimento por meio de um objeto técnico. A percepção da forma, sua representação técnica por meio dos desenhos assim como o movimento representado, mas fixo, não lhe bastaram.

3.2 Movimento e Percepção

Na representação das “sombras chinesas”, que produziam o efeito do movimento, era preciso contar com o concurso da luz, que era interceptada pelas mãos do artista executando o movimento, cuja sombra projetava-se em qualquer superfície para a qual incidia a luminosidade. No século XVIII, com o abade Nollet, tem-se notícia da lanterna mágica, que conseguia reproduzir algum movimento na imagem projetada, por exemplo, as pás de um moinho de vento. Em 1829, o belga Joseph Plateau (1801-1885), diplomado em Letras, Direito e Física, apresentou uma tese de doutorado sobre a persistência das impressões retinianas e inventou o feneticistoscópio, no qual são acoplados dois discos paralelos: um com a reprodução do movimento e outro com fendas regulares como as imagens. Girando-se ambos, tem-se a impressão do movimento. Ao feneticistoscópio, sucede, em 1833, o zootrópio de Faraday, que reduz as imagens a uma seqüência máxima de 20, que se repetem. Em 1877, o professor primário Émile Reynaud registra a patente do praxinoscópio. Esse possui um dispositivo que comporta um espelho central facetado, que elimina a impressão dos movimentos bruscos e, com a decomposição do movimento por meio do desenho, reproduz o movimento fiel à realidade. Tendo aperfeiçoado sua invenção, em 1889, Reynaud registra o “teatro óptico”, que encadeia uma variedade de cenas, por meio de tiras perfuradas e projeta a cena em uma tela transparente ou em parede branca. Ele não inventou o cinema, mas o desenho animado. Pierre Jansen, em 1874, grava 47 vistas do planeta Vênus, com o aparelho a que chamou de revólver fotográfico, conseguindo registrar as diferentes etapas de um movimento completo, mas não se interessa em fazer evoluir essa invenção; ele era astrônomo. Nessa mesma época, Étienne Jules Marey, médico, cria um processo semelhante para observar os movimentos dos animais e dos homens. A fim de estudar os movimentos dos músculos e tratar certas doenças das articulações, inventa a cronofotografia que capta diversas tomadas de um mesmo movimento, conforme um tempo preciso. Edison, nos Estados Unidos inventa o cinetoscópio, que possui o inconveniente de

receber apenas um espectador por vez. Mas, a invenção do cinema deve-se, sem dúvida, aos irmãos Lumière – Louis e Auguste – filhos de um industrial, Antoine, cuja fábrica comercializava placas fotográficas. Interessados nos aparelhos inventados até então, acabaram por fazer uma demonstração em 22/03/1895 em Paris, quando os espectadores assistem à projeção de fotografias animadas – *A Saída da Fábrica Lumière*. O cinematógrafo, acionado manualmente, exibe 16 imagens por segundo e têm sua primeira exibição em dezembro de 1895.

O cinema surgiu numa cadeia evolutiva que se iniciou com o movimento natural do ser humano, cuja mobilidade se expressou na linguagem e no fabrico e teve, há 30 mil anos atrás, primeiramente a representação do ritmo – ritmo é movimento – antes de ser imagem. Depois, com a expressão icônica da arte figurativa primitiva. Do mesmo modo que a escrita significou uma confluência do pensar com o signo verbal oral e do pensar com as mãos, o cinema significou a confluência de duas habilidades humanas: a percepção e o movimento. Aquela, pelo ato de selecionar imagens e este, de colocá-las em movimento repetido uniforme, retomando os esquemas rítmicos do homem primitivo, para oferecer a ilusão da realidade que se move.

A percepção da realidade, porém, segundo Merleau-Ponty, não se realiza por meio de elementos justapostos, mas de conjuntos, pois o aspecto do mundo ficaria tumultuado para nós caso conseguíssemos ver, como coisas, os intervalos entre as coisas; isto é, o espaço entre as árvores na avenida ³⁶ – e da mesma forma, os nossos sentidos atuam conjuntamente e, não, separadamente como se poderia supor. Segundo ele, quando percebo, não imagino o mundo: ele se organiza diante de mim ³⁷ e a própria percepção do movimento é um elemento da organização global do campo: assim o ponto de referência é a nossa própria visão. A partir dessa concepção, esse autor afirma que um filme não é uma soma de imagens, porém uma forma temporal – como se fosse uma unidade melódica da qual, se retirarmos uma nota, a melodia sofrerá alteração. Assim como a música, o filme possui um ritmo cinematográfico: uma determinada ordem de tomadas e, para cada uma dessas tomadas ou ‘planos’, uma duração tal que o todo produza a impressão desejada com o máximo efeito. ³⁸ Para a constituição da montagem é necessária uma seleção de cenas ou seqüências, segundo uma ordenação e uma duração, que consiste na decupagem. Como a fala, o filme do cinema requer uma sintaxe que combina partes.

³⁶ Maurice MERLEAU-PONTY, O Cinema e a Nova Psicologia (in *A Idéia do Cinema*), p.18

³⁷ *Ibidem*, p.22

³⁸ *Ibid.*, p.26

O filme não é mera fotografia em movimento, do mesmo modo que o som que a ele se integra, não é simples reprodução de ruídos e de palavras, mas deve fazer parte de uma totalidade. Como a poesia, que deve colocar o leitor em determinado estado poético, embora sempre possua uma idéia ou uma história, o filme as possui não em função da inteligência, mas da imaginação. Para o autor, é mediante a percepção que podemos compreender a significação no cinema; um filme não é pensado e sim, percebido.³⁹ A consciência se funde com o universo, visto que o cinema, enquanto forma (conjunto) insere-se na intuição (concepção bergsoniana) e, seu processo técnico, coloca-se também como metáfora da inteligência por causa de seu caráter metonímico .

O *homo sapiens* é, simultaneamente, *homo faber*, por isso sua ação depende do pensamento e do fabrico. Para fabricar e falar, é dotado, também, da capacidade de percepção, que é atividade prática e não mais especulativa (reflexão cognitiva, própria da linguagem). Por isso, faz sua abordagem em termos espaciais e, para tanto, possui uma tendência para dissolver tudo quanto reparte em unidades homogêneas. A inteligência fica à vontade quando trabalha com o estático, motivo pelo qual, para compreender o movimento, recorre a unidades imóveis como pontos no espaço ou instantes no tempo, fora do qual o movimento é reconstruído. Para Bergson, a inteligência compara-se a uma câmera cinematográfica que traduz o movimento em uma série de “construções” estáticas.⁴⁰

Se a percepção seleciona imagens (diferentemente do que propõe Merleau-Ponty) que têm possibilidade de levar à ação e se a inteligência (que é social) fabrica objetos a partir do pensamento e da linguagem – princípio da comunicação humana – base da consciência que se faz pela memória, a imagem em movimento da linguagem do cinema não é apenas o exemplo, mas a metáfora bergsoniana. A montagem cinematográfica seleciona imagens da realidade (trabalha com a percepção), organizadas como se configurassem o real tal como ele é. Fotografa e cada tomada é como se fosse o seccionamento da realidade (atividade própria da inteligência): secciona, analisa o real, toma-o de fora, em sua exterioridade, e relaciona em unidade seqüencial as imagens percebidas. Assim, faz como se retomasse a linearidade da fala (sucessão de sons) ou da escrita (justaposição linear de caracteres). Mas como as imagens são complexas, cada tomada em si é uma unidade de memória, ou seja, um complexo de figuras coerentes que se fazem memória: o caráter da maioria dos filmes é essencialmente narrativo.

³⁹ Henri BERGSON, *op.cit.*, p. 30

⁴⁰ Henri BERGSON, *La Pensée et le Mouvant*, p. 9

O cinema não é apenas percepção (seleção de imagens) e inteligência. Ele se exterioriza, analisa metonimicamente e relaciona as imagens, ele é sobretudo intuição, porque é capaz de refletir sobre a própria vida e ampliá-la indefinidamente. E, além de produzir uma experiência estética, a partir da qual se permite produzir conhecimento, essa linguagem produzida por um objeto tecnológico, por meio de imagens, nos transporta para o interior da história que narra, fazendo, exatamente, coincidir o que possui de único e de inexprimível com nossas experiências passadas ou, a partir delas, com as expectativas em relação ao futuro. Tanto na fotografia como no cinema, a imagem nos envolve, dispensa símbolos (os nossos) e produz conhecimento.

O cinema corresponde a um corte na evolução tecnológica por meio da qual, mais uma vez, o homo sapiens demonstra que inteligência e fabricação são duas faces de uma mesma moeda, que convergem em termos de evolução técnica e signica (pensamento e intuição).

3.3 Movimento e fruição

Para distinguir a arte pictórica e o cinema, Herbert Read define o filme como imagem mais movimento e estabelece as seguintes diferenças: a pintura é composta subjetivamente e o filme, objetivamente; a pintura é uma síntese e o cinema é, essencialmente, análise. Tanto o pintor como o diretor de cinema compõem a partir de uma experiência visual: a do pintor é subjetiva e a do diretor limita-se ao seu material.⁴¹ Esse é obrigado a proceder a uma ruptura em sua percepção do mundo para analisar os aspectos significantes que devem compor a cena. Embora o instrumento condicione a linguagem, não é apenas dele que depende a realização do filme. A câmera é a ferramenta do diretor e o seu meio é a luz.⁴² Comparando ainda o filme com a escultura, declara que o objeto é modelo para atingir um estado imóvel, absoluto; no filme, a imobilidade dos objetos existe para se chegar a um objeto móvel. Assim, o cinema é a arte do espaço-tempo. Há três direções de movimento: o movimento da câmera, o movimento da luz e o movimento do objeto fotografado. Ele é a arte de cortes, onde cada parte remete ao todo: sua única unidade é a continuidade.

Sobre a relação com o espectador, Read alude ao fato de que ela se realiza pela imaginação, que é a capacidade para perceber semelhanças entre dois objetos, de outro modo desiguais - é o que ele denomina *ingenium*, que é o princípio da metáfora (o símile, a analogia).

⁴¹ Herbert READ, A Estética do Filme, in *A Idéia do Cinema*, p.36

*O cinema produz seus efeitos mediante imagens projetadas. Essas imagens lançadas na tela, estão de imediato, associadas com as imagens armazenadas na memória do espectador e, através de suas disposições e associações, fluem as emoções de surpresa, encanto, prazer, orgulho ou tristeza que sentimos nas salas de espetáculo.*⁴³

Como a memória envolve duração, conforme a concepção bergsoniana, que é fluxo, portanto movimento do passado que nos impulsiona para o futuro, o cinema desperta em nós o que estiver adormecido ou recompõe um movimento do fluxo do passado ou desse transformado em expectativa, ou futuro.

Para entender melhor, a ação do cinema sobre o espectador, tomemos a comparação feita por Susanne Langer, na qual mostra o caráter onírico do filme. Ele tem a forma de um sonho no sentido de que nos faz lembrar o passado, mas não como faz a narrativa verbal. Como no sonho, gera um presente virtual⁴⁴: a pessoa que sonha participa do próprio sonho. No cinema, a câmera ocupa o lugar desse sujeito; é por meio desse instrumento que nos fazemos presentes em meio a imagens, ação e acontecimentos que constituem a história. Diferente do sonho do qual podemos ser agentes, a câmera e o microfone não aparecem na tela e, sim, no olho da mente; e, em termos de estrutura, o sonho é diferente do filme, que é uma composição poética, orgânica, dirigida por uma visualização preconcebida em definitivo, e não, condicionada por impulsos emocionais contingentes.⁴⁵ O sonho, como imediatismo da experiência, é diferente do filme que abstrai da atualidade. A câmera é o olho do espectador (o microfone, o seu ouvido), que substitui a pessoa que sonha de modo objetivado, porque não faz parte da história, mas possui um desenrolar uno e contínuo. O filme possui outra característica estética do sonho: a natureza do seu espaço, que é móvel, e sempre uma ilusão secundária (apud).

Acontecimentos de sonho são intervalos espaciais (muitas vezes em conexão com o espaço real), estradas sem fim, gargantas sem fundo, coisas demasiado altas,

⁴² Ibid., p.37

⁴³ Ibid., p.43

⁴⁴ Susanne K. LANGER, Uma Nota Sobre o Filme, in op.cit., p.51

⁴⁵ Ibid., p.51

demasiado perto, demasiado longe – mas não se orientam de nenhum espaço total. ⁴⁶

Mesmo com uma posição surrealista a respeito da relação do espectador com o filme, diferentemente do que se poderia observar sobre a leitura de um texto, que depende do conhecimento anterior do código lingüístico, depende de aprendizagem e está a serviço do pensamento, o contato com a imagem parece corresponder exatamente ao que propõe a autora. Importa ressaltar, contudo, que, como o filme, a parte do espectador propõe-se ao discernimento se não através do gosto, pelo menos por meio de debates opinativos sobre a qualidade do filme. Assim, o espectador do cinema define-se como público, porque muitas vezes pretende produzir não apenas uma reação emocional, mas também estética. Mas, não é a primeira fruição que permite a crítica.

4. A MENTE CONTROLADA

4. 1 A Mediação Sígnica

Os signos filmico e o fotográfico não possuem, como a linguagem verbal oral, a possibilidade de funcionar como mediação direta entre os homens, que a escrita, de certa forma, faz de modo mais reduzido. Os dois signos técnicos têm em comum o anonimato do produtor da mensagem. Não interessa a quem vê uma fotografia ou vê um filme o sujeito que os produziu (a não ser que se proponha como arte), mas a atenção concentra-se exclusivamente no próprio filme e na própria fotografia. O filme, diferente da fotografia, pode projetar o futuro ou remontar ao passado, assim como a palavra, mas desde que a montagem seja feita no estúdio com a ajuda de efeitos especiais. Outro traço do filme, que o difere da fotografia e o aproxima da linguagem verbal é que ele se constitui seqüência e, por isso, é sucessão, tempo, o que lhe permite caráter narrativo, como o signo verbal, que imita a realidade dos acontecimentos como sucessão, que se organizam com coerência, mesmo que incoerentemente. Se o manejo da câmera cinematográfica envolve equipamentos, montagens, locação, enfim todo um aparato; não é a realidade que nos é mostrada, a não ser em poucos filmes realizados até agora, mas a ilusão da realidade, ou uma reconstrução

⁴⁶ Ibid., p.53

possível. Assim, o verossímil nos envolve com a ilusão da verdade do real palpável e, como uma obra de arte fechada permite que o fruidor retome, como na Grécia Antiga (a.C.), o efeito catártico desse signo.

Apesar de a linguagem verbal ter sido usada durante milênios como exercício de poder, aquela mediação entre seus usuários a que nos referimos (o diálogo) não é mais possível devido à técnica (manejo do instrumento que cria distância entre emissor e receptor. A identificação do receptor com o emissor, sujeito que produziu o discurso oral ou escrito, como vimos, perde-se com o signo técnico, mas o caráter de remeter ao passado mantém-se na fotografia e no cinema, apesar da especificidade de cada um.

Quanto à analogia, podemos, com ousadia, substituí-la pela relação homológica dos signos técnicos com a realidade, porque a substituem pela imagem procurando estabelecer com ela uma similaridade cada vez maior (como na magia simpática), incorporando a bidimensionalidade.

A TV, enquanto representação sígnica, merece atenção especial não só porque participa da vida doméstica do cidadão atual, mas também por ser um signo que possui distinção em relação aos próprios signos técnicos, embora seja um deles, e em relação à própria linguagem humana. Se a fotografia é capaz de representar pela imagem estática um dado momento que pode ser retomado pela observação posterior; se o filme mantém a noção de tempo como sucessão de acontecimentos; se a própria linguagem representa também pela justaposição dos sons da fala (fonemas) a linearidade que também ocorre na escrita, a TV altera essa face dos signos através da simultaneidade. Inúmeras informações são apresentadas ao mesmo tempo, enquanto os outros signos, mesmo com a possibilidade de ambigüidade, transmitem uma única mensagem por vez, ou relacionam-nos em linearidade temporal, por meio da seqüência de imagens como no cinema. Outra característica desse signo técnico é a perda da dimensão histórica, do tempo - o passado, como da relação possível de representação, que se faz com um dado objeto com o qual, de algum modo, a distância se coloca através do instrumento. Aparentemente, a TV não possui qualquer arranjo sígnico, pois o aqui e agora é o que satisfaz, não há pois representação, mas apresentação. A expressão “ao vivo”, pela supressão do passado, apaga a possibilidade mnemônica dos outros signos

Vejamos, então, quais são as causas por que a televisão, que vem se tornando referência da escrita, se fez fonte de informação para a humanidade. Do mundo, os homens extraíam as informações que lhes eram necessárias para a vida em comum e, depois de devidamente

processadas pelo pensamento, retornavam a ele a fim de modificá-lo. Assim, sempre se processou essa troca feita por meio da palavra oral. Mas essa relação comunicativa foi-se distanciando do mundo, à medida que a técnica foi-se fazendo tecnologia, provocando o distanciamento entre os homens no próprio processo de comunicação. A mediação entre eles deixou de ser direta, face a face pela palavra oral reduziu-se por causa da distância no envolvimento comunicativo. Depois, com as linguagens visuais: a fotografia, cuja emissão-recepção mantém uma relação de um emissor para muitos receptores, faz-se referência do narcisismo humano e relega a relação biunívoca da fala coloquial; o cinema industrializa a comunicação, porque se faz linguagem produzida por equipe (empresa: a comunicação passa a ser um empreendimento), diluindo a figura do emissor e apagando a identidade da grande quantidade de receptores. Mas, eles ainda podem reagir como público, porque podem emitir opinião, ao pensar sobre o produto que recebem.. Já a televisão, com as especificidades (como o exercício de poder a ser analisado, em seguida), amplia determinadas características do cinema, cuja linguagem foi usada a serviço do poder durante as grandes guerras, conflitos mundiais e Guerra Fria.

Sem nos alinharmos junto aos apocalípticos ou aos integrados, em uma posição destrutiva ou reiterativa, procuramos entender de que modo a imagem da televisão interfere na vida humana e se a relação que possui com os receptores de sua linguagem altera irreversivelmente a expressão do pensamento.

4.2 A Recepção Tátil

Segundo Mcluhan, na obra citada, “O modo da imagem da TV nada tem em comum com o filme ou a fotografia – exceto a disposição de formas ou *gestalt* não-verbal. Com a TV, o espectador é a tela.”⁴⁷ A imagem da televisão requer uma participação maior do receptor porque exige que, a cada instante, “fechemos” os espaços da trama por meio de uma participação convulsiva e sensorial que é profundamente cinética e tátil, por que a tatilidade é a inter-relação dos sentidos, mais do que o contato isolado da pele e do objeto.”⁴⁸ Para reforçar sua posição em relação à TV, Mcluhan critica os “indivíduos semiletrados” que possuem uma visão de mundo centralizada na informação conteudística dos livros e que desconhecem as outras linguagens da comunicação, colocando-se a favor da censura dos programas, por exemplo, quando comentam

⁴⁷ Marshall MCLUHAN, *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*, p.356

sobre a violência na TV. Mas, se a televisão é um meio inclusivo (envolve emissor e receptor), não funcionando como pano de fundo, não seria esse contato com a imagem e não com o conteúdo dela, que foi responsável pelo aumento da violência no mundo moderno?

John Condry ⁴⁹ realiza uma pesquisa que parte da seguinte indagação: Em que se ocupam, hoje, as crianças americanas, nomeadamente de 3 a 11 anos de idade, nessas cento e doze horas? (refere-se às horas de vigília) A resposta resume-se em 40 horas por semana (4 ou 5 horas, por dia, durante a semana e 7 ou 8 horas no fim de semana), diante da televisão ou jogando jogos de vídeo, 40 horas na escola ou fazendo seus deveres e apenas 32 horas para o convívio familiar. Acrescentam-se outras indagações e respostas como as crianças vêem televisão para “melhor compreenderem o mundo”, mas em seu entretenimento, quando vêem os desenhos animados, assistem a 25 cenas de violência por hora. Ao lado desses dados, comentam o problema da obesidade e o fato de que as crianças que vêem TV, lêem menos e são mais agressivas do que as que não vêem. Condry, todavia, imputa aos conteúdos dos programas a responsabilidade pelos problemas que são expostos no livro, embora aponte algumas das características do próprio meio pela mudança do comportamento infantil. Não seria o contato com a imagem mais importante para explicar tudo isso do que o conteúdo veiculado, visto que a criança não possui (como o próprio autor afirma) capacidade de discernir o que lhe convém ou não? O discernimento desenvolve-se a partir das regras que lhe são passadas verbalmente pela família, escola etc.

Mcluhan, quando observa que a interpretação na TV é de tal modo íntima, que a audiência participa da vida do teleator, o que faz com que não seja reconhecido na rua um ator que vemos sempre no vídeo, torna evidente que o ponto de vista da abordagem dos “semiletrados”, a que nos referimos acima, está errado. Eles percebem as alterações havidas em decorrência da imagem sem contudo perceberem que o próprio meio gera transformações comportamentais. Concordamos com o autor que constata que o advento da TV propõe uma participação tátil na vida de tal forma que provoca uma passagem mais rápida da infância para a vida adulta. Ao comparar o signo verbal escrito com a imagem televisiva, sustenta que a escrita corresponde a uma extensão do olho, ao passo que a imagem da televisão é uma extensão do sentido do tato (Isso faz com que as crianças procurem envolvimento total no agora, por isso são incapazes de ver longe e não conseguem aceitar um objetivo no aprendizado ou na vida).

⁴⁸ Ibid., p.35

⁴⁹ Karl POPPER & John CONDRY, *Televisão: um Perigo para a Democracia*, p. 35

Se os meios de comunicação fossem unicamente extensões do corpo seriam próteses, cuja função seria complementar ou substituir um órgão em suas funções primeiras, como os óculos são extensões dos olhos para aumentar o campo de visão. Embora essa tenha sido sua função primeira – como a do telescópio, por exemplo - o processo de complexificação e de síntese das funções primárias do corpo foi aumentando e acabou por estender-se para o difícil processo de produção de linguagem. A extensão reduziu-se ao processo de recepção com a ampliação do ato de ouvir no caso do rádio, da telefonia, ou da visão, mas o processo de produção fez-se de tal modo complexo que depende de muitos instrumentos para se fazer linguagem.

Ainda sobre a recepção da imagem, Umberto Eco⁵⁰, citando Cohen-Séat diferencia a recepção da imagem da recepção verbal. A experiência com a imagem denomina-se “fortuismo inicial”, que diz respeito à expectativa que se tem diante da tela branca quando as luzes se apagam; em seguida, quando a imagem se delinea, há “várias possibilidades de empenho psicológico que vão do mais total distanciamento crítico, (...), ao juízo crítico, que acompanha a fruição; ao abandono inadvertido; a uma evasão irresponsável; até à participação, à fascinação ou (em casos patológicos) a própria hipnose.⁵¹ Mas o juízo crítico só parece possível, depois que o espectador (o crítico, no caso), vê o filme pela segunda vez, ao passo que “as massas passam rapidamente do fortuismo inicial a um estado de participação-fascinação.”(apud) Para comprovar sua afirmação cita o fenômeno da indução pósteromotoriz:

(...)...se, naquela tela, uma personagem dá um murro, o eletroencefalograma revela no cérebro do espectador, uma oscilação equivalente a um “comando” que o órgão central, por uma espécie de instintiva mimese, dá ao aparelho muscular; comando que não se traduz em ação só porque, na maioria dos casos, o comando é mais fraco do que o seria necessário para passar da realização nervosa à ação muscular autêntica.⁵²

Isso é diferente da reação diante da palavra que, quando recebida, põe em movimento todo um sistema semântico correspondente a todos os significados armazenados do qual se extrai apenas aquele que se deseja pôr em evidência num dado contexto, a imagem faz com que se associe a ela

⁵⁰ Umberto ECO, *Apocalípticos e Integrados*, p. 340

⁵¹ *Ibidem*, p.340

⁵² *Ibidem*, p.341

um “todo indiviso” de emoções e significados que suscita. Não se pode isolar apenas uma emoção adequada ao contexto que interessa. A linguagem verbal é lógica e a imagem, intuitiva.

O espectador raramente possui atitude crítica diante da imagem, porque, em uma comunicação, é preciso ter consciência da relação em que se encontra e desejar essa atitude. Isso pode acontecer em duas situações: pública, um debate por exemplo, ou privada, de intimidade como a leitura de um livro. Segundo o autor, a audiência de televisão possui uma recepção de intimidade, que, diferente da leitura, constitui uma aceitação passiva, como uma hipnose, pois o espectador em situação de relaxamento aceita o que lhe é oferecido.

A aceitação passiva, a relação intuitiva que se tem com a imagem da TV resulta no conformismo apontado por Hannah Arendt – O fenômeno do conformismo é característico do último estágio dessa evolução moderna.⁵³ Conformismo e padronização são características dessa sociedade em que o debate público, a mediação pelo diálogo deixam de ser válidas para a manutenção da pluralidade humana e da divergência de opiniões, típicas da democracia para, abandonando a riqueza das diferenças de pensamento – as controvérsias – guiar-se pelo entretenimento que define o comportamento e o pensamento uniformizado.

Mas não são apenas esses pontos que fazem o novo homem que se vislumbra, mas outros como o da passagem da mediação dialógica entre os homens para o imediatismo e a simultaneidade.

4.3. Imediatismo e Perda da História

Diferente da comunicação verbal oral que é direta e atendeu, primeiramente, a uma função mediadora, os signos técnicos gradativamente vão produzindo o distanciamento entre emissor e receptor. A distância entre esses dois constituintes da comunicação aumenta na mesma proporção em que se multiplica a artificialização dos processos de intervenção no mundo: a relação emissor-receptor passa a ser intermediada por uma infinidade de instrumentos e, agora, de equipamentos. Enquanto o processo de emissão de mensagens torna-se mais abrangente, porque passa a atingir, cada vez mais, um maior número de receptores, a comunicação visual até o advento da televisão substitui o processo dialógico iniciado com a fala pela comunicação massiva. Quanto maior for a abrangência da comunicação mais difícil é o retorno do fluxo de informação.

⁵³ Hanna ARENDT, *A Condição Humana*, p.50

Uma das razões desse fato é o imediatismo que se tornou característica atual: para ser imediata, a informação precisa ser veloz – Tudo deve circular o mais rapidamente possível: os veículos, os enunciados, as imagens, as informações, os homens. “No entanto, tudo parece estar no lugar, todas as diferenças se anulam, tudo se tornou intermutável.”⁵⁴ - Imediatismo e apresentação não estão presentes apenas na vida, mas estão afetando a expressão lingüística que se torna o campo de realização das mudanças verbais que nos marcaram. A história se rarefaz nos textos dos jovens e neles permanecem os fatos que foram veiculados insistente e diretamente. O homem tipográfico que se fez a partir da imprensa, com suas relações formais e individualistas, dá lugar ao homem massa. A tecnologia nos afeta em profundidade.

A civilização que se construiu a partir da sucessividade ou da seqüência linear dos fatos que têm como base a linguagem verbal, a qual expressa a noção de tempo, bastante definida em presente, passado e futuro, dá lugar à velocidade do imediatismo e da simultaneidade. Paul Virilio esclarece:

*“Ao contrário do cinema”, dizia ainda Hitchcock, “na televisão não há tempo para o suspense, nela só pode existir a surpresa.” Esta é a própria lógica paradoxal do videograma. Uma lógica que privilegia o acidental, a surpresa, em detrimento da substância durável da mensagem, como era o caso na era desta lógica dialética do fotograma, que valorizava de uma só vez a extensividade da duração e a ampliação da extensão das representações.*⁵⁵

O suspense depende da elaboração narrativa que o prepara, organizando as seqüências de ações de modo que o segredo que prende a atenção do leitor, não seja revelado antes da hora. Embora os fatos narrativos se sucedam, suspendem-se intencionalmente os acontecimentos, preparando o momento exato da revelação. Ele é uma estratégia narrativa que faz com que o espectador fique preso ao desenrolar da história do livro ou do filme. A surpresa, no entanto, faz parte do tempo real. Para apreender o tempo real é preciso anular a sucessividade da história, que acontece no cinema, como simulação do real e dar lugar à simultaneidade dos fatos, nova lógica imposta pela intensividade revelada pela tecnologia.

⁵⁴ André Parente, Introdução: “ Os Paradoxos da Imagem-Máquina” in *Imagem-Máquina*, p.17

⁵⁵ Paul VIRILIO, *A Máquina de Visão*, p.94

Para que a realidade seja apanhada em sua multiplicidade e abertura, o passado e o futuro ficam restritos à era tecnológica que os produziu. A memória fica confinada ao território do tempo presente, que, para atender à multiplicidade e à simultaneidade, reduz ao máximo o tempo de exposição dos fatos e das cenas na tela da televisão. Diferente da leitura da escrita e da observação fotográfica, como observa Paul Virilio:

Existem numerosas afinidades entre o instante da escrita e o instantâneo fotográfico, cada um se inscreve menos no tempo que passa do que no tempo de exposição. Com a impressão, já se estabelece uma nova interface técnica em que o meio de comunicação retém o imediato e desacelera-o para fixá-lo em um tempo de exposição que escapa à duração diária ao calendário social, aprofundando a separação entre o instrumento de transmissão e nossa capacidade de assumir a existência presente.⁵⁶

Segundo Virilio, o que estava escrito era absolutamente confiável, porque cada leitor em seu contato individual, no momento da leitura, tinha a impressão de que era o único a ver o que estava no texto. A verdade, atualmente é a da imagem projetada ‘ao vivo’ ou, em tempo real. Com a tecnologia televisiva, o importante não é apenas ver muito ao mesmo tempo, mas ver depressa.

Virilio nos chama a atenção para o desaparecimento do tempo de exposição da leitura silenciosa “no olho anatômico da câmera, provocando nos países subdesenvolvidos uma enorme onda de analfabetismo: os jogos eletrônicos renovam a antiga sideração leve porque, a partir de então, se trata menos de compreender do que de ver.”⁵⁷

Ainda sobre a recusa da história, retomemos esse apocalipse da história tal como o apresenta Umberto Eco:

(...) ...: enquanto a informação tradicional era, o mais das vezes, de ordem histórica, (aquilo que acontecera – tendo-se do que estava acontecendo notícias imprecisas e retardadas), o homem da era “visual” passa a ter uma massa vertiginosa de informações sobre as ocorrências temporais (mesmo porque a notícia visual envelhece, a comunicação jornalística baseia-se na novidade, o fato

⁵⁶ Idem, ibidem, p.66-67

de ontem não faz mais notícia, e acontece que o cidadão da cidade contemporânea sabe tudo sobre quanto ocorre hoje na cidade de Nova Iorque, mas não recorda mais nada, nem mesmo as datas, sobre o conflito coreano). Essa perda do senso histórico é indubitavelmente grave, mas o que Cohen-Séat deixa na sombra é que a informação sobre tudo quanto “está acontecendo” é sempre uma garantia de liberdade. ⁵⁸

O imediatismo da informação tem suas vantagens como afirma o próprio Eco, uma vez que “saber o que está acontecendo faz-me sentir co-responsável pelo acontecimento.” (apud), e o contra-argumento reforça sua idéia visto que de nada adianta ficar sabendo de um acontecimento, dez anos depois; não se pode modificá-lo. Essa reflexão pode ser reforçada pela divulgação que foi feita, no Brasil, sobre os problemas havidos no governo Collor e a conseqüente reação da massa para que o presidente fosse deposto. Mas, deve-se lembrar que o movimento em favor do impedimento do presidente também foi, como a sua eleição, desencadeado pela televisão. Da mesma forma que, na década de 70, no governo Médici, a Copa do Mundo foi trabalhada politicamente, no sentido de fazer com que o governo mais repressivo da Ditadura Militar ganhasse credibilidade. Portanto, a intenção da co-responsabilidade seria legítima, se acreditássemos na neutralidade e na imparcialidade da transmissão televisiva, mas, por ora é uma atitude bastante ingênua, principalmente em um país onde as emissoras de TV dependem de concessão governamental e do mercado para o qual desejam vender produtos.

Apesar da co-participação ser importante, por exemplo, pudemos nos posicionar em relação à guerra do Timor Leste contra a Indonésia, não só devido às notícias veiculadas (foram poucas), mas ao trabalho de líderes e intelectuais timorenses que nos visitaram em busca de apoio. Além disso, tomar uma decisão participativa (política – o mundo hoje é a *pólis*) depende do conhecimento histórico, da memória dos acontecimentos, da consciência que se fez a partir deles para uma participação crítica e não ingênua. No entanto, é a linguagem televisiva a que mais afeta os jovens estudantes.

Por esse motivo, iletramento, ou com outra denominação, o *analfabetismo funcional*⁵⁹, tem sido por isso uma característica dos estudantes que chegam à universidade. Muitos não mais

⁵⁷ Idem, A MÁQUINA DE VISÃO, p. 95

⁵⁸ Paul VIRILIO, *Guerra e Cinema*, p.68

⁵⁹ Essa expressão foi usada pelo Prof. Paulo Freire.

diferenciam os atos de ler e ver denunciando-se pelo uso de verbos como ver, assistir e mostrar em lugar de ler, relatar ou escrever. Assim, escrevendo sobre a imprensa, muitos acabam confundindo o jornalismo televisivo com o jornalismo impresso e seus textos, na sua maioria, circulam em torno das informações veiculadas pela televisão.

4.4 A Televisão e a Leitura

Corrigindo redações do Vestibular da Pontifícia Universidade Católica de Campinas durante vários anos, observamos que a escrita tornou-se padronizada, porque as informações que nelas ocorrem são, quase na totalidade, as mesmas. A intertextualidade é rara e o que mais ocorre nos textos escritos é a informação proveniente dos textos rápidos. Procurando compreender esse fenômeno, foi realizada a pesquisa sobre as redações e outra bibliográfica que respondesse o motivo por que a leitura, que deveria ser uma prática contínua a partir da alfabetização, estava desaparecendo dos textos dos estudantes com nível médio de escolaridade que buscavam a universidade.

Como já foi esclarecido, a televisão participa do universo doméstico das pessoas, de sua intimidade, portanto constitui uma fonte de conhecimento tão imediata como foi, durante milênios, a linguagem oral. É um meio que exige percepção e não compreensão, possui como características a aceleração, a simultaneidade e não necessita, para ser fruída, de conhecimento prévio de seu código como é o caso da escrita. Passamos, então, a dimensionar, através de alguns autores selecionados, que interferência esse meio exerce na leitura. Tomemos, em primeiro lugar, a visão de Umberto Eco sobre o problema.

...: a prática da TV não parece ter desviado da leitura dos jornais (os únicos capazes de fornecer certo tipo de informação, ligados, além do mais, a uma espécie de ritual doméstico, estreitamente conexo com a primeira refeição e o percurso até o local de trabalho);..”⁶⁰

Fazendo um balanço sobre as modificações nos hábitos de leitura, Umberto Eco apresenta, em sua análise, o que se integra no âmbito da leitura à diretividade da televisão e o que se exclui, ou

⁶⁰ Umberto ECO, *Apocalípticos e Integrados*, p. 355

seja, o que é compatível com a derrota apocalíptica. Do lado apocalíptico encontram-se: os magazines populares que publicavam novelas muito semelhantes, no empenho moral e no nível artístico, às estórias de TV; os semanários de atualidades, derrotados no tempo pelos noticiosos de TV; as publicações mensais de alto nível. Ao lado dos integrados, alinham-se os jornais que se viram obrigados a “visualizarem-se” mais, tomando o aspecto de revista; as revistas “monográficas”. Quanto aos livros, comenta “o sucesso que sorri aos editores (...) ao lançarem suas novas edições de obras célebres, por ocasião da encenação de um romance”. Continuando sua posição de intermediário entre derrotistas e integrados, Eco refere-se à possibilidade de a televisão provocar mudanças em “grupos humanos adormecidos em resignações seculares e insanáveis.”⁶¹

Se a TV modifica o homem tipográfico, ela não se limita somente a uma ação apocalíptica em relação a tudo que foi produzido por ele. Teria ela a possibilidade de levá-lo a uma escolha consciente e crítica em relação ao que produz e veicula? Parece pouco provável. Ao lado da divulgação de livros, cujo enredo foi feito roteiro e transformado em novelas, minisséries etc, muitas vezes com bastante qualidade, divulgam-se também outros que atendem ao nivelamento do gosto, padronizado pela TV em sua constante busca pelo aumento de audiência. No Brasil, pode-se citar *O Caminho das Borboletas*, escrito e lançado pela última namorada de Ayrton Sena, piloto de Fórmula 1, o qual, em vida e após a morte, foi transformado pela mídia em herói nacional. Assim, a indústria cultural empenha-se em vender, mais raramente os produtos do gosto estético e, com mais frequência, os seus próprios, carregados de interesse comercial e que reafirmem a divulgação de seus profissionais e produtos.

Uma das causas principais do nivelamento do gosto situa-se na audiência, ou seja, “a população mundial passa, anualmente, diante da imagem eletrônica, 300 bilhões de horas, que chegarão a mil bilhões com a utilização industrial dos satélites retransmissores.”⁶² Só que a “lareira das famílias” (como a designa Umberto Eco) assistida por grande parte do globo, apesar do caráter democrático que muitos lhe atribuem⁶³, visto que é *uma linguagem recebida passivamente* [o grifo é nosso] pela maioria da população, é produzida por uma minoria que atende aos interesses do poder no qual se inclui.

⁶¹ Ibidem, p.351 - Umberto Eco refere-se a Cohen-Séat, *Problèmes du Cinema et de la Information Visuelle* (Paris, P.U.F., 1961)

⁶² Ibidem, p.351

⁶³ Ibid., p.354

Por outro lado, não nos parece que o fato de ser um meio de massa faça com que a televisão se torne democrática; o que se sabe é que a democracia se realiza pela mediação, ou seja, por um fluxo informativo de dupla mão de direção e não pela unilateralidade do controle centralizado da produção informativa.⁶⁴

Outro ponto relevante a se considerar, abandonando o ponto de vista daqueles que colocam a televisão como gênero artístico ao lado do cinema, teatro, poesia lírica, é que ela presta serviços e um dos mais importantes é o serviço publicitário, que se propõe a criar necessidades para vender produtos. E para fazê-lo, não importa se são realmente necessários ou não. Lança-se mão de estratégias mercadológicas bastante sutis e inteligentes. Como vimos na pesquisa com as redações do Vestibular, muitos estudantes têm consciência disso, quando comentam o fato de a Rede Globo ter lançado o candidato a presidente, Fernando Collor de Mello, utilizando-se de estratégias adequadas para ganhar as eleições a que concorreu. Era uma pessoa desconhecida do grande público, com uma imagem de jovem bonito, simpático, inteligente, sem passado que o maculasse (embora também tivesse, foi feita a denúncia apenas contra o passado do candidato da oposição) cujas propostas apresentadas revestiam-se do caráter de superherói, que salvaria a pátria dos responsáveis pela corrupção, embora ele mesmo estivesse com ela envolvido (os marajás não foram caçados). Isso mostra que a televisão associa-se ao poder ou nele se insere e, como serviço, acaba por vender o produto que lhe interessa. No Brasil, ganhar as eleições ou destituir um presidente requer uma estratégia mercadológica que implique uma representação do real, a fim de atender às expectativas da grande massa de eleitores.

André Parente⁶⁵ explica-nos que a constituição do real para o cinema depende de uma montagem, que busca mostrar o real por meio da ficção. Citando Baudrillard, o cinema pode se definir como encenação da ficção como realidade, enquanto a televisão pretende encenar a realidade como realidade, mas é a encenação da ficção como realidade. A apreensão da realidade por meio da ficção sempre se constituiu a preocupação do filme, por isso, conforme o autor, pertence ao campo do imaginário, enquanto a televisão, que pretende encenar a realidade como

⁶⁴ Dominique Wolton, *Elogio do Grande Público: uma Teoria Crítica da Televisão*, p.65 – “Ela é, ao mesmo tempo, uma formidável abertura para o mundo, o principal instrumento de informação e de divertimento da maior parte da população e, provavelmente, o mais igualitário e o mais democrático. Ela é também um instrumento de libertação, pois cada um se serve dela como quer, sem ter de prestar contas a ninguém: essa participação à distância, livre e sem restrições, reforça o sentimento de igualdade que ela busca e ilustra o seu papel de laço social.”

⁶⁵ André PARENTE, Introdução: “Os Paradoxos da Imagem-máquina”, in *Imagem-máquina*, p.p. 20 -29

realidade, é, de fato, a encenação da ficção como ficção. A realidade como um todo é inapreensível.

4.5 Da Recepção Solitária à Massa

Na pesquisa realizada com as redações dos estudantes que prestaram Vestibular, pudemos verificar que a presença dos fatos veiculados recentemente é muito mais marcante do que dos mais antigos. Além disso, deixam transparecer em seus textos as marcas da visualidade em contraposição às da leitura. Os clichês lingüísticos veiculados pela TV também lá se encontram; os textos tendem à padronização informativa e à uniformização dos fatos pela linguagem. O envolvimento provocado pela televisão é tão grande que interfere na escrita com o abandono das fontes de leitura, que aparecem de modo muito reduzido nos textos.

A relação (a que nos referimos anteriormente) que se processa no ato da leitura silenciosa, quando o leitor compreende o que lê e o tem como verdade, porque possui um contato solitário com essa “verdade” do texto, suscita a imaginação. A palavra não é imagem, é um signo vazio, arbitrário, cujo sentido depende de todas as referências não apenas verbais, mas da lembrança das imagens que se acumularam em nossa memória durante a vida. Quando afetada pela imagem virtual da televisão, que se passa por real, a memória que se preservou na escrita e no cinema, é substituída por uma infinidade de imagens transmitidas no momento presente. Instaure-se a apresentação.

O livro preserva o passado, como a fotografia e o cinema permitem, *a posteriori*, que o tempo seja retomado para uma atitude crítica que implica novas escolhas em relação ao futuro. Dão oportunidade à controvérsia, à reflexão e à formação da opinião resgatando a antiga idéia da Grécia Antiga do cidadão participante politicamente da vida pública, como também a idéia mais recente da formação do público que se reunia em torno dos livros, jornais e filmes para debatê-los. Não é porém o que acontece com a televisão.

A tecnologia definiu também o tipo de recepção, que pretendia. Assim, à escrita coube a possibilidade de um mesmo texto ser recebido silenciosamente por um leitor de cada vez, que pode ainda, no caso de livros, jornais e revistas, formar um público pensante que emite opinião, a partir da compreensão do conteúdo, cujo entendimento depende de conhecimento prévio do signo escrito. A fotografia possibilitou uma fruição da imagem captada em um momento presente, mas

que se revela, em seguida, um fragmento da realidade que se fixou no tempo que fluiu. Tendo substituído, primeiramente, o retrato que, em geral pertencia à intimidade familiar, converte-se em fruição pública, porque toma a forma da padronização do olhar, conforme Virilio, pois um só vê e registra a realidade para os outros admirarem. A máquina toma o lugar da multiplicidade de pares de olhos que viam o mundo de formas diversas. A tecnologia fotográfica inicia o processo de intensificação do olhar, que passa a ser referência informativa recebida por um grande público. Não é mais o olho humano que vê e oferece a visão como verdade, mas o olho da máquina registra como verdade, o que é recebido. A partir da fotografia, o cinema preocupou-se em transformar a ficção em realidade e, embora a recepção fosse catártica na maioria das vezes, favoreceu a relação mnemônica com a vida de cada espectador, que poderia, pela crítica, converter-se em público. Já a televisão determina um esquema de recepção ampla e imediata: os telespectadores indentificam-se como massa. Passamos a conceituar massa e suas características de recepção.

4.6 A Massa Televisiva

Elias Canetti ⁶⁶, ao estudar a massa, refere-se ao temor que o ser humano possui de ser tocado e afirma que todas as distâncias que o homem criou em torno de si surgiram desse temor. Resultam, então, os fechamentos nos quais as pessoas sentem-se seguras, como exemplo, as próprias casas. Essa aversão, segundo Canetti, remonta à idéia de garra, raiz do verbo agarrar que com duplo sentido pode significar tanto contato inofensivo como agressão. O medo do contato não nos abandona quando estamos em lugares públicos, no meio de inúmeras pessoas. Mas o homem só escapa desse medo do contato quando está “imerso na massa”. No meio dela, as diferenças se apagam, as distâncias sociais se anulam, logo a massa inverte o temor de ser tocado.

Dentre os tipos de massa e suas inúmeras características, Canetti apresenta a massa aberta que surge repentinamente. Todos têm pressa de chegar aonde se encontra a maioria. Há uma certa espontaneidade, ânsia de crescimento sem limites prefixados e quando a massa pára de crescer desintegra-se. Mas sua característica principal é a presença da meta, o ponto magnético de atração para formação da massa.

⁶⁶ Elias CANETTI, *Massa e Poder*.

A partir de Canetti, apontamos os tipos de massa. Uma concentração espontânea de indivíduos para ver um incêndio no centro da cidade é um exemplo de massa aberta. A massa fechada, tem como característica diferenciadora da massa aberta, o limite onde se estabelece (casa, templo, estádio de futebol etc) O limite se identifica por um ato de recepção, por exemplo, pagar ingresso para entrar em um estádio, a fim de assistir a um jogo de futebol; quando o espaço está repleto, ninguém mais é admitido, para impedir um aumento desordenado e, assim, retardar e dificultar a desintegração. Sua estabilidade é compensada pela contenção do crescimento e conta com a repetição, o que garante a sua existência (os membros da massa voltam a se reunir). A massa fechada, porém, pode sofrer o estouro que é a repentina transição para a massa aberta.

Dentre as propriedades da massa, cita a ânsia de crescimento, que não tem limites, exceto nas massas fechadas, mas nelas pode ocorrer o estouro; a igualdade absoluta que jamais é colocada em dúvida pela massa; o amor à densidade que é máxima no momento da descarga; e a direção que é comum e intensifica o sentimento de igualdade: é a meta comum a todos, que se faz pela descarga das diferenças individuais e hierarquias sociais, no momento em que os homens libertam-se de suas diferenças.

A massa possui um sentimento de perseguição, que corresponde a um inimigo fora da massa, pelo qual ela se sente ameaçada de destruição, por exemplo, o governo ou os latifundiários no caso do movimento dos Sem-terra. Esse inimigo aparece como alguém que se contrapõe ao seu desejo de crescimento e cuja ameaça torna-a mais coesa. Mas a massa possui inimigos em seu interior que podem atacá-la. Estes, ao contrário dos primeiros que a fazem mais coesa, representam uma verdadeira ameaça, por exemplo, no caso de uma greve em que os operários conseguem algumas das reivindicações e começam o processo de desintegração da massa. Canetti metaforiza expressando que, como uma fortaleza, a massa possui um inimigo do outro lado das muralhas e um outro em seu próprio porão.

Além dos limites e da repetição da massa fechada que garantem sua existência, outro modo de contenção das massas é a domesticação como ocorre nas religiões universais. Elas aspiram a uma massa universal formada por uma relação de dependência de cada uma das pessoas e que todas elas lhes pertençam. Canetti afirma que as religiões possuem uma certa desconfiança em relação à massa devido à possibilidade de deserção do corpo constituído, por esse motivo desejam um rebanho obediente. Portanto, colocam sua meta a uma distância muito grande (além da vida), que para ser conseguida exige uma grande quantidade de submissões e esforços. Outro

fator importante para a domesticação é a reunião da massa em determinados espaços e momentos com atividades sempre idênticas (o ritual).

A preocupação com a impressão da quantidade de componentes da massa foi dada originalmente pelo ritmo. O homem primitivo conhecia os animais pelo ritmo de seus movimentos e a forma mais primitiva de escrita que aprendeu a ler foi a das pegadas – “era uma espécie de notação musical rítmica que sempre existiu; ela se imprimia automaticamente no solo mole e o homem que a lia a associava aos ruídos inerentes a sua formação.”⁶⁷ Observava a quantidade de animais pela maior ou menor proximidade de pegadas. Como viviam caçando, essa observação indicava-lhes a quantidade de alimento que poderiam obter e, para tanto, eles também desejavam ser mais numerosos para consegui-lo. Em atitude de ameaça, para amedrontar o inimigo (animais ou humanos) e inibi-lo, procuravam usar o ritmo dos próprios pés marcados em uma dança com tal intensidade que lhes supria o número deficitário de caçadores (ou guerreiros). Movimentavam-se dessa maneira, pisando com maior intensidade para produzir ruído mais forte, simulando uma quantidade que não era real. Fazendo a mesma coisa com igualdade, todos os participantes tornavam-se equivalentes.

Outra característica da massa que impressiona devido à sua atualidade é o estancamento, que mostra a possibilidade de ela estar contida e, por conseguinte, ser compacta. Canetti explica que sua passividade é uma forma de espera, na qual os desejos de ação se reprimem e, por isso, se rompem com uma violência maior. A atitude de contenção da massa mostra-lhe sua densidade, o que causa admiração de seus componentes, porque todos abandonam suas diferenças, suas defesas e o temor recíproco deixa de existir. Mas a paciência da espera torna a descarga indispensável, então ocorrem gritos quando o time marca o gol que foi esperado durante todo o jogo ou quando a polícia exhibe o provável criminoso à massa, que deseja sua morte etc.

Segundo os sentimentos que dominam a massa, classifica-a como as mais antigas: de perseguição e de fuga (ocorre tanto entre os animais como entre os homens, que os usaram como modelos); e as mais recentes: de proibiçã; de inversão e a festiva.

A massa de perseguição procura atingir a meta de forma rápida, está disposta a matar e avança com determinação em relação à meta, que pode ser a vítima, mas desintegra-se rapidamente depois da execução do condenado ou vítima. Ela é muito antiga; a aversão de matar coletivamente é muito recente. Mas ainda hoje, todos participam das execuções públicas através

⁶⁷ Ibidem, p.31

dos jornais (e da televisão). Sentado em sua casa, cada um participa da morte do outro, sem sentir culpa e como não é preciso, como na Idade Média, que os indivíduos se reúnam para participar da execução, a massa não se desintegra. As massas de fuga formam-se quando são ameaçadas, então, para fugir do perigo, a meta transforma-se em direção. As massas de proibição têm como característica principal, a resistência e a proibição representa um limite, por exemplo, a greve que exige responsabilidade de cada participante. As massas de inversão tem como exemplo uma situação revolucionária, quando a massa que esteve durante tanto tempo oprimida, descarrega numa liberação conjunta as regras da opressão a que esteve submetida. Por fim, as massas festivas têm como meta a vida e o prazer e a atmosfera é de distensão e não de descarga. A festa é a própria meta. Como exemplo, cita o carnaval.

Procuramos, agora, entender as massas televisivas, a partir do estudo feito por Canetti. Os constituintes da massa televisiva ou eletrônica participam de algumas características apresentadas pelo autor. Esclareça-se que as massas eletrônicas podem ser abertas, quando um evento foi produzido por uma empresa de televisão e é retransmitido 'ao vivo' para os espectadores que se encontram em um espaço aberto sem qualquer limite; além desse, as massas eletrônicas podem concentrar-se em recintos fechados, tendo seu crescimento contido pelo pagamento de ingresso e cuja repetição pode ocorrer todos os anos, por exemplo, o espetáculo "Criança-Esperança". Mas a característica predominante das massas eletrônicas é a sua concentração doméstica, por isso elas são difusas, ou seja, não se circunscrevem a um determinado e único lugar nem aberto, nem fechado. Elas, simplesmente, localizam-se no espaço da intimidade doméstica, em sua maioria, como se tivessem optado pela estratégia do disfarce da fragmentação.

A meta, que é a característica fundamental, condição *sine qua non* para a existência da massa, segundo Canetti, corresponde à diretividade, ao ponto para onde a massa converge, que é relevante para a formação das massas eletrônicas. Assim, embora dispersos (fragmentados em unidades de observação visual) todos os constituintes dessas massas têm como meta assistir à televisão, o que se pode traduzir em ver novelas, programas de auditório, noticiários etc. A meta, porém, é a mais imediata possível e definida pelo conjunto de imagens que se modificam de modo acelerado e fazem com que os espectadores se mantenham coesos em torno da meta.

Outro ponto importante a ser considerado é o nivelamento: as distâncias individuais e as hierarquias sociais são abandonadas, mas não são os componentes da massa que se despem de suas diferenças, e, sim, própria TV que os coloca em equivalência, pela imagem, abolindo a

hierarquia de personagens e mantendo a pluralidade de informações. É só lembrar o filme *Ginger e Fred*, que exemplifica como se dá o nivelamento pela imagem. Outro nivelamento realizado é por meio da linguagem verbal: como a televisão pretende atingir uma grande audiência e a maior parte da população concentra-se nas camadas com menor escolaridade, produz uma linguagem que possa ser recebida pela maioria da população.

Embora nem sempre se constitua massa aberta, tem o poder de formar uma, a partir de um acontecimento que permita a cooptação massiva, como ocorreu por ocasião da morte de Ayrton Sena, ou ainda do grupo Mamonas Assassinas, quando uma quantidade incontável de pessoas saíram às ruas, participando pessoalmente e emocionalmente do féretro. O crescimento da massa televisiva depende da intensidade com que o fato vai ao ar e do modo como a emissora preparou o programa para atender à maioria, no jogo pela audiência. A desintegração da massa televisiva não ocorre nunca, embora seja mutante, porque sua concentração em torno de uma dada meta pode terminar, passando a concentrar-se em outro programa. Ainda no jogo pela audiência, a ânsia de crescimento não é inerente à própria massa, mas à produção dos programas ou à emissora de televisão. O sentimento de perseguição também não diz respeito ao espectador, mas à concorrência que ameaça reduzir a audiência.

É importante notar que a televisão garante a sua permanência, por meio da repetição e da domesticação das massas. Ela sempre organiza sua programação cronologicamente, para que o ritual dos programas garanta a manutenção dos telespectadores pretendidos, mas de vez em quando precisa fazer inovações porque a repetição da imagem acaba por desgastar a informação (torna-se cansativa). A domesticação define-se pela manutenção das massas em torno de uma programação que possui a mesma pretensão das religiões universais: formar uma relação de dependência de cada uma das pessoas para que todas lhe pertençam. A deserção de espectadores significa a redução da audiência assim como a redução de mercado para os produtos veiculados.

A preocupação com a quantidade também é fundamental não para as massas eletrônicas, mas para o líder eletrônico. Nesse sentido, como fazia o homem primitivo, quando a quantidade não é visível também é possível fazer a simulação, não com o próprio corpo, pela dança, por exemplo, mas com uma grande quantidade de recursos eletrônicos que simulam os aplausos, as multidões nas ruas, os cortes etc. A simulação da quantidade não mais é uma questão de sobrevivência alimentar, como a caça, mas de sobrevivência na guerra pela ocupação dos espaços em um mercado acirrado. A simulação inteligente da quantidade significa reproduzir pela imagem o

ideal do ego (como nos explica Freud), de modo que cada um deseje alcançá-lo. A maioria, ou seja, a massa passa a ter como característica a perda das diferenças individuais: todos se tornam iguais.

Além disso, a massa televisiva está contida em suas casas, apenas recebendo passivamente as informações em um inacreditável conformismo. Mas se ela se concentra para assistir a um jogo de futebol, a reação no estádio ou em casa é de gritos de euforia, de raiva etc. Ela possui também a feição da massa de perseguição, pois devido ao caráter de aceleração das informações, a TV a incita a atender rapidamente a meta imposta pelo meio de comunicação. Como se fazia na Antiguidade, na Idade Média, por exemplo, faz com que seus espectadores participem das execuções públicas, ou das punições públicas. O exemplo mais recente a ser citado é o do Maníaco do Parque, em torno de quem se formou uma única posição: ele deveria morrer – foi a posição tomada pelos alunos da universidade, assumindo a posição da emissora de TV que o caracterizou de tal forma, que todos se esqueceram do direito ao julgamento, à justiça, que faz parte do exercício da democracia. Às vezes, também, a televisão é responsável pela formação da massa de inversão (a deposição do presidente), mas continuamente ela forma a massa festiva como princípio do entretenimento.

Outra indagação nos incita a buscar uma resposta sobre a relação entre os membros da massa, sobre o que faz com que as pessoas se destituam de suas individualidades para aderir à uniformidade do grupo, agindo como ele, pensando como ele, o que fez com que os estudantes de escolaridade média aceitassem a padronização e, não, a originalidade como base de seu pensamento escrito.

Freud⁶⁸ ao apresentar a posição de Le Bon sobre a atuação grupal, vai-lhe acrescentando os fundamentos da Psicanálise. Diante da observação de que o indivíduo em grupo perde o sentimento de responsabilidade e “adquire um sentimento de poder que lhe permite render-se aos instintos.”, Freud explica as razões desse fenômeno, porque dentro do grupo eliminam-se as repressões de seus impulsos instintivos inconscientes, visto que tudo o que é mau na mente humana aparece como uma predisposição. No grupo, há o desaparecimento da consciência.

Ao observar que, no grupo, há um tipo de contágio que se classifica como um fenômeno de ordem hipnótica, Le Bon diz que o indivíduo perde sua personalidade consciente e obedece a todas as sugestões do operador, sacrificando seu interesse pessoal em função do interesse

⁶⁸ Sigmund FREUD, *Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e Outros Trabalhos*, p.97

coletivo. Freud observa que “um grupo é crédulo e aberto à influência, não possui faculdade crítica e o improvável não existe para ele. Pensa por imagens, que se chamam umas às outras por associação”⁶⁹, possui sentimentos simples e exagerados, desconhece a dúvida e a incerteza. Le Bon também comenta a repetição como importante para a sustentação do grupo, a obediência à autoridade etc.

Segundo Freud, no grupo “os indivíduos devem ter algo em comum uns com os outros, um interesse comum num objeto, uma inclinação emocional semelhante numa situação ou noutra e certo grau de influência recíproca.”⁷⁰ Os indivíduos são arrastados por um impulso comum, com exaltação e intensificação da emoção, cujo contágio se faz por reação simpática: através do contágio emocional. Resumindo, há profunda alteração na atividade mental dos indivíduos: intensifica-se sua submissão à emoção; sua capacidade intelectual é reduzida; esses dois processos provocam a aproximação dos indivíduos e isso tudo só pode ser alcançado pela remoção da inibição aos instintos. O indivíduo sofre essas alterações mentais por meio da sugestão - fenômeno irreduzível e primitivo - que se baseia na libido que corresponde à energia dos instintos que são abrangidos pela palavra amor (união sexual) que sustenta a relação grupal. Nos grupos a intolerância entre os indivíduos se desvanece e dá lugar à identificação que “é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa, como o caso do complexo de Édipo, que toma o pai como modelo”. No grupo, a relação com o líder tem o pai como modelo. O fenômeno da sugestão no grupo não é só exercida pelo líder, mas de um indivíduo sobre o outro.

Freud também relaciona a formação dos grupos às hordas primitivas. O “definhamento da personalidade individual consciente, a focalização de pensamento e sentimentos numa direção comum, a predominância do lado afetivo da mente e da vida psíquica inconsciente, a tendência à execução imediata das intenções tão logo ocorra: corresponde a um estado de regressão a uma atividade mental primitiva...”⁷¹ Explica que o líder do grupo é o pai primitivo, por cuja força e extrema autoridade o grupo deseja ser governado, assim “o pai primitivo é o ideal do grupo, que dirige o ego no lugar do ideal do ego.”⁷² A necessidade de um chefe forte estabelece a realização

⁶⁹ Ibidem, p. 101

⁷⁰ Ibid., p. 109

⁷¹ Ibid., p. 155

⁷² Ibid., p. 161

vertical do ideal do ego, que se propaga por sugestão aos outros indivíduos, através da identificação.

As explicações, via psicanálise, justificam a relação das massas eletrônicas com a linguagem da televisão que exhibe para elas o ideal do ego, ao exibir imagens mais coloridas do que as vividas na relação com o pai, por meio de personagens que realizam a beleza narcísica idealizada para o próprio pai. E como isso faz parte do inconsciente primitivo, por meio da recepção imediata e não pensada das imagens, os estudantes juntos a todos os componentes da massa aceitam todas as informações veiculadas, sem qualquer crítica.

Todas essas explicações, porém, levam a refletir sobre a condição humana no momento atual. Sem tomar qualquer posição contrária à linguagem televisiva ou alinhar-se a ela, pretende-se apenas entender como o homem se situa diante das novas tecnologias e se realmente interessa-lhe a perda de capacidades que desenvolveu no decorrer da evolução, que o transformaram em um ser pensante pela linguagem - mediação entre os homens para pensar sobre o mundo – e que lhe permitiram fabricar objetos que nem sempre atenderam a uma relação humana democrática, mas ao exercício de poder. Assim, o capítulo a seguir propõe-se a uma reflexão sobre a tecnologia e o lugar do homem.

TERCEIRA PARTE:
LINGUAGEM COMO CRITÉRIO DE HUMANIDADE

CAPÍTULO I: LINGUAGEM E TECNOLOGIA E O LUGAR DO HOMEM

1. Os Objetos Técnicos e a Escrita

No capítulo "O Predador" e seguinte, que tomam como ponto de partida *O Homem e a Técnica* de Oswald Spengler, foi feita a distinção dos signos: a) os naturais, que são passíveis de serem interpretados também pelos animais; b) os humanos, aqueles cujo referente é a própria natureza apreendida por meio do olhar sem a intermediação de instrumento tecnológico, como a câmera, e cuja representação depende da habilidade das mãos, a escrita e o desenho; b) os técnicos, aqueles que representam o mundo por meio do uso do instrumento tecnológico que se interpõe entre o olhar e a natureza e que reduzem a habilidade manual que se modifica, alterando, conseqüentemente, também a leitura. Agora, torna-se necessário um aporte sobre o que significou a técnica e o que significa a tecnologia para o ser humano, e o papel da linguagem no processo de conhecimento, que se estrutura e se dimensiona no humano e fora dele.

É fácil perceber que os signos lingüísticos constituíram, quase exclusivamente, a corporificação da cultura e da ciência, contrapondo-se, como afirma Gilbert Simondon, a essa outra expressão humana que se denomina objeto técnico.

*A cultura se constituiu em sistema de defesa contra as técnicas; ora, esta defesa se apresenta como uma defesa do homem, supondo que os objetos técnicos não contenham a realidade humana.*¹

Do mesmo modo como entendemos a linguagem verbal como mediação entre o homem e o mundo e entre os próprios homens, esse autor chama desequilíbrio o fato de a cultura inserir o objeto estético no universo das significações, não fazendo o mesmo com os objetos técnicos. Ao lado da injustiça, coloca duas contradições relativas aos objetos técnicos: uma que os considera como conjuntos de matéria desprovidos de significação, apresentando somente utilidade; outra, que os vê como seres capazes de intenções hostis ao homem. Em busca da significação desses objetos na cultura, propõe-se a reintroduzir nela a consciência da natureza das máquinas, de suas relações mútuas e delas com os homens e os valores implicados nessas relações. Para isso,

¹ Gilbert SIMONDON, *op.cit.*, Introduction, p.9

destaca, como importante, o papel do engenheiro e o ensino universal de esquemas fundamentais de causalidade e regulação, axiomas da tecnologia, do mesmo modo como se ensina a cultura literária.

Partindo dessas considerações apresentadas por Simondon na Introdução de seu livro, pretendemos tomar, dentre elas, somente alguns fundamentos importantes para a sustentação de nossa reflexão sobre essa forma de expressão humana, que se desenvolveu tanto quanto a linguagem verbal, embora ele a considere desprovida de sentido no que se refere à sua relação com o homem.

Para ele, essa relação se faz de duas maneiras: uma, pelo estatuto da minoridade, que se processa na infância e é própria do artesão, quando o objeto técnico faz parte do cotidiano do indivíduo, de seu ambiente e a aprendizagem técnica se opera de modo costumeiro e não refletido, no período em que o manuseio da ferramenta passa de pai para filho de forma iniciática. Com esse objeto técnico, que funciona como extensão do corpo, o homem age sobre o mundo, facilitando essa ação no processo de transformação. A outra, pelo estatuto da maioridade, decorre do conhecimento racional elaborado pelas ciências, por isso “corresponde, ao contrário, a uma tomada de consciência e a uma operação pensada do adulto livre”.² Tanto uma como a outra, através do trabalho do artesão e do engenheiro, incorporam-se à cultura.

Simondon relata que, na Antiguidade, a maior parte das técnicas foram proscritas do pensamento, principalmente as que correspondiam às ocupações servis, ou seja, da mesma forma como os escravos eram excluídos das cidades, os objetos técnicos eram banidos do discurso, do pensamento, da reflexão e da cultura. Enquanto as técnicas que utilizavam ferramentas ficavam fora do domínio da cultura, as artes nobres receberam estatuto da maioridade: a agricultura e a navegação fornecem, por exemplo, a Cícero quase todas as suas metáforas. Assim, o povo hebreu privilegiou as técnicas pastoris em detrimento das voltadas para a terra; já os evangelhos utilizam-se de exemplos extraídos da experiência agrícola.

Com essas observações, o autor deixa claro que foi através do discurso que se pôde constatar que a cultura privilegiou ou não cada uma das atividades técnicas. Por isso, pretende dar-lhes na cultura o mesmo lugar de que dispõe o objeto estético. O registro escrito é o campo da significação que se quer atribuída aos objetos técnicos do mesmo modo que nele se evidenciam

² Ibidem, p.86

os preconceitos quanto aos tipos de trabalho que os utilizavam. A ausência da maioria das técnicas no discurso indica que elas eram aprendidas por meio da intuição.

*Sua ciência estará ao nível das representações sensoriais e qualitativas, muito próximas dos caracteres concretos da matéria; este homem será dotado de um poder de intuição e de convivência com o mundo que lhe dará uma habilidade marcante que se manifestará somente na obra e não na consciência ou no discurso; o artesão será como um mágico, e seu conhecimento será operatório mais que um intelectual; ele será uma capacidade mais que um saber; por sua própria natureza, será segredo para os outros, porque será segredo para ele mesmo para sua própria consciência.*³

Embora muitas técnicas não tivessem sido registradas pelo discurso, o que comprova a discriminação existente com elas, observa-se que os objetos técnicos (as ferramentas, os utensílios) estavam, como a escrita, presentes no mundo de uma forma iniciática, quase esotérica, no modo como os homens se relacionavam com ambos: a escrita, privilégio da minoria, reservava para si a possibilidade de entrada no mundo fechado do registro da cultura; e os objetos técnicos circunscritos ao universo do artesão, âmbito da concretude, apesar desse caráter iniciático, eram disseminados pelo exercício do trabalho artesanal da maioria. Assim, como afirma o professor Hilton Japiassu, havia uma “ciência” desinteressada⁴, desvinculada da escrita, cuja forma de poder era a habilidade.

Embora a escrita gozasse de privilégio em relação aos objetos técnicos, ambos possuíam, de certa forma, participação direta na natureza. Extensões do corpo humano, interferiam no mundo, modificando-o, transmutando o natural em cultura no sentido de que ela resulta dessa intervenção humana. Já a escrita fazia do mundo seu referente porque era ele que ela expressava, assim como as ações exercidas sobre ele, quer na realidade objetiva quer na subjetiva, pois a natureza humana também participa do natural. Ambos também se faziam presentes: aqueles enquanto materialidade cuja significação (requerida por Simondon) achava-se no nível da prática cotidiana, enquanto a escrita, como representação através do signo já definido quanto à forma e cujo caráter

³ Ibid., p. 89

⁴ Hilton JAPIASSU, *O Mito da Neutralidade Científica*, cap.II, p.54

em termos de evolução se tornara estável. Nesse momento, também, a técnica se exercia sobre uma natureza estável.

A ação através da escrita era mais poderosa e direta com relação aos homens devido ao controle exercido pelas leis, por exemplo, e indireta em relação ao mundo; ao passo que a técnica derivada da prática cotidiana possuía ação incisiva (direta) sobre o mundo, embora mais disseminada no saber intuitivo dos homens (o modo de manejo do instrumento e sua ação sobre o mundo fazia parte do trabalho da maioria). Portanto, os objetos técnicos estavam mais próximos da intermediação do homem na natureza do que a própria escrita. Assim, embora os objetos técnicos não fossem valorizados pela cultura escrita, não se podia conceber o trabalho sem a presença deles (das ferramentas), cujo significado dependia do homem que deles se utilizava. Nesse momento, portanto, os objetos técnicos não são hostis ao homem e nem desprovidos de significação que depende da habilidade manual de uso. Ela não pode, porém, (aqui concordamos com Simondon) ser considerada inferior a uma que utilize símbolos intelectuais.

A importância das mãos para o uso da ferramenta, assim como para escrever, significa que as duas atividades estavam acopladas ao ser humano da mesma forma que a intervenção direta do olhar sobre a natureza a ser transformada respondia pela precisão do trabalho e pelo registro da escrita. A ferramenta criava objetos que atendiam às necessidades humanas de interação com o meio circundante; assim como o instrumento para escrever registrava fatos importantes para a memória social, distinguindo-se, somente, como já ficou dito, quanto ao produto final: a primeira, ao mesmo tempo que era objeto, criava objetos que ocupavam lugar no espaço circundante; e a escrita criava textos, objetos específicos, tendo em vista a durabilidade do que era efêmero à memória humana. Mas, se os objetos técnicos são formas que resultam em outras formas, tanto eles como os seus resultados contêm significação como os textos.

É possível entender os objetos técnicos como signos que nos permitem interpretar o modo como os homens agiam sobre a natureza, revelar o caráter esotérico do saber técnico, o valor do trabalho artesanal etc, podendo situá-los no mesmo nível que os signos verbais, dada sua materialidade significativa repleta de significados, mesmo que não tenham ocupado na 'cultura' o mesmo lugar valorativo que as formas estéticas. Mas, embora tenham significado e sejam construídos com caráter volumétrico, eles não podem negar sua natureza primeira: a de objeto - por eles perpassa uma ação que os diferencia do objeto estético, visto que são associados ao fazer e não somente à categoria do olhar, do admirar, da contemplação do belo. Também os objetos

estéticos são construídos, embora objetos, para dizer significados que se fazem opacos, pois se distanciam da linguagem transparente do fazer cotidiano. Eles se revelam como linguagem, porque são construídos para dizer algo que é novo, que não se repete no dia-a-dia.

A energia que o homem troca com os objetos técnicos não é a mesma que troca com o objeto estético: com aqueles é uma energia para transformar, mudar, construir; e com este a energia que dele emana nos envolve, nos comove e leva-nos a agir sobre o mundo não de uma única maneira. Os primeiros recebem nossa energia para o empreendimento e os segundos, embora o trabalho do artista na produção da obra se assemelhe à energia de quem constrói os objetos técnicos ou de quem deles se utiliza, distinguem-se pela fruição, que representa uma troca de energia cuja fonte pode emanar energia maior do que a do fruidor.

2. A Incorporação do Conhecimento Técnico ao Discurso

O segundo tipo de conhecimento técnico, do estatuto da maioridade, é racional, teórico, científico e universal, de acordo com Simondon⁵. A Enciclopédia (de Diderot e d' Alembert) constitui o modelo desse tipo de conhecimento, porque foi movida pelo enciclopedismo técnico: incorporou esquemas e modelos de máquinas, adotou o método racional e universal ao empregar a medida, o cálculo, figuras geométricas e análise descritiva, trabalhou com explicações objetivas, apelando para resultados de experiências por meio da exposição precisa das condições, configurando como hipóteses o que não passava de conjeturas e observando os fatos.⁶ O conhecimento é universal por dois motivos: dirige-se a um grande público e oferece informação exata sobre especialidades que se ligam entre si, constituindo assim o universo técnico, “um cosmo onde tudo é ligado em lugar de ser, por ciúmes, guardado por uma corporação.”⁷ O mundo técnico toma consciência de si pela universalização.

É com o enciclopedismo que a técnica conquista seu lugar no discurso, não apenas com o signo verbal, mas, sobretudo, com o icônico. A partir de então, todo conhecimento técnico passa a ter (como o do artesão) um caráter mágico circunscrito não mais às pequenas comunidades, mas ao

⁵ Gilbert SIMONDON, *op. cit.*, p.92

⁶ *Ibidem*, p.92

⁷ *Ibidem*, p. 93

livro que o amplia universalmente (cf Mallarmé : "tudo o que existe, existe para culminar em um livro"⁸) e que o torna recorrente nos conhecimentos básicos.

Esse é o motivo que nos leva a verificar como os objetos técnicos ou a tecnologia passam a ocupar um lugar de destaque no discurso, nesse encontro com as ciências no espaço do discurso e, para isso, qual o papel da linguagem humana, até chegar aos dias atuais, a fim de compreender por que os objetos técnicos que passaram a produzir signos exercem poder sobre os homens do mesmo modo que a ciência o fez em séculos anteriores.

No século XVI, período do Renascimento, o conhecimento se objetiva no livro tendo em vista a busca da verdade na Antiguidade, assim como a valorização do saber formal. O caráter de exclusão pelo conhecimento restrito às comunidades substitui-se pelo de inclusão do universo técnico na Enciclopédia. Segundo Simondon, o Renascimento foi a primeira manifestação do espírito enciclopédico: a busca dos textos gregos originais, abandonando-se as más traduções latinas, representa a recusa às limitações do pensamento impostas pela escolástica. Essa volta ao passado expressa a vontade de "alargar o círculo do saber". Embora o humanismo tenha se voltado para o saber formalizado, as técnicas ainda não possuíam um desenvolvimento suficiente para que fossem formalizadas; sendo as ciências muito pouco desenvolvidas, os meios de formalização das técnicas não estavam prontos.⁹ Foi o século XVII, através da enciclopédia que fez essa preparação, embora tenha sido o Renascimento que as valorizou enquanto paradigma e meio de expressão.

No século XV, a invenção da imprensa tipográfica alargava o conhecimento no sentido que facilitava a divulgação, ainda que restrita, dos textos da Antiguidade. A contribuição da ciência situa-se no heliocentrismo, revolução de Copérnico (1473-1543), que ao mudar a perspectiva do movimento, possibilita a Giordano Bruno (1548-1600) dar um sentido novo ao universo - cada estrela é um sol - o que leva o conhecimento ao infinito, que se torna o limite do pensamento.

Mas a contribuição de Galileo Galilei (1564-1642), que estudou o movimento pendular foi decisiva para a fabricação do relógio, instrumento técnico que se constituiu metáfora do saber incluindo o saber sobre o homem. Além dessa descoberta, foi com a utilização de uma luneta, cuja invenção é atribuída por uns a Jansen (inventor do microscópio, por volta de 1608) e por outros, a Hans Lippershey, que Galileu, aumentando-a trinta vezes, fez descobertas como os satélites do planeta Júpiter, as manchas do sol etc.

⁸ Stephane MALLARMÉ, *Oeuvres Complètes*, p. 378

O instrumento técnico coloca-se entre o olho humano e o objeto do conhecimento - o espaço infinito - como marco da importância da tecnologia para o avanço científico. O conhecimento passa a ser mais verdadeiro, graças ao instrumento que permite uma informação mais exata e precisa do objeto observado.

Quanto à linguagem, no século XVI, ela não possui, como nos ensina Michel Foucault, aquela transparência que reflete as coisas e sua verdade, mas é opaca, fechada sobre si mesma e enigmática, misturando-se e confundindo-se com as coisas do mundo, não constituindo, portanto,¹⁰ um sistema arbitrário de representação, porque, como as próprias coisas, comporta-se como enigma que se propõe a ser decifrado, vista assim, como herdeira de Babel.

Esse é motivo por que o projeto enciclopédico, no final do século XVI ou no início do século seguinte, (afirma Foucault) não reflete o elemento neutro da linguagem: o uso do alfabeto como ordem arbitrária, só aparecerá na segunda metade do século XVII. O projeto procura representar a própria ordem do mundo: encadeamento das palavras e sua disposição no espaço, imitando a forma de um círculo, formas análogas ao mundo.¹¹ Apesar disso, a linguagem é o espaço onde a verdade se enuncia, privilegiando a escrita que, embora não seja mais semelhante às coisas que denomina, estabelece com o mundo uma relação mais de analogia do que de significação.

A natureza é vista como um texto a ser interpretado pela busca de analogias, pois apresenta-se enigmática da mesma forma que a linguagem que reside no mundo entre plantas, animais etc. Essa não é semelhante às coisas que nomeia, mas “continua a ser o lugar das revelações e a fazer parte do espaço em que a verdade simultaneamente se manifesta e se enuncia.”¹² Foucault reforça ainda a importância da escrita nesse século assim:

*A linguagem passa a ter por natureza primeira o ser escrita. Os sons da voz constituem apenas uma transitória e precária tradução dela.
(...) a natureza é, em si mesma, um tecido ininterrupto de palavras e de marcas, de narrativas e de caracteres, de discursos e de formas.*¹³

⁹ Gilbert SIMONDON, *op.cit.*, p. 93

¹⁰ Michel FOUCAULT, *As Palavras e as Coisas*, p.57

¹¹ *Ibidem*, p.61

¹² *Ibid.*, p.59

¹³ *Ibid.*, pp. 62 e 63

A função da linguagem consiste em interpretar as coisas e a si mesma, em processo infinito, como uma metalinguagem inesgotável.

No século XVI, origina-se a idéia da expansão do círculo do saber, rompendo-se os limites da escolástica, pela inclusão das técnicas e dos objetos técnicos no âmbito do discurso (na enciclopédia), pela expansão da ciência ao infinito através do uso de instrumento de precisão que se interpõe aos olhos, pela descoberta de princípios científicos que servirão de modelo ao conhecimento do próprio homem, mas com um discurso que se revela interpretação inclusive de si mesmo, porque repleto de opacidade.

3. Enciclopedismo, Progresso Técnico e Linguagem

Foi o século XVII que concretizou a enciclopédia (com Diderot e d'Alembert) devido ao desenvolvimento das técnicas e sua formalização. O racionalismo substitui a analogia pela análise e aquela só será aceita se for provada por comparação, que conduzirá aos graus de diferenciação, pois “conhecer é discernir”.¹⁴ A linguagem abandona a opacidade para tornar-se transparente, como esclarece Foucault:

(...) o texto deixa de fazer parte dos signos e das formas da verdade; a linguagem já não é uma das figuras do Mundo, nem a marca imposta às coisas desde o princípio dos tempos. A verdade encontra a sua manifestação e o seu signo na percepção, evidente e distinta. Compete às palavras traduzi-la, se o puderem; já não lhes assiste o direito de serem as marcas dela. A linguagem retira-se do meio dos seres para entrar na sua era de transparência e neutralidade.¹⁵

O saber clássico fundamenta-se na ‘mathesis’: ciência universal da medida e da ordem e a linguagem verbal converte-se em instrumento de análise, visto que “o signo deve encontrar o seu espaço no interior do conhecimento”¹⁶ situando-se entre o certo e o provável; é por meio dele

¹⁴ Ibid., p.82

¹⁵ Ibid., p.83

¹⁶ Ibid., p.87

que o mundo se oferece à análise e à combinatória e se torna suscetível de ser ordenado; ¹⁷ o signo separa-se das coisas e institui-se como signo do conhecimento.

A transparência do discurso traduz-se na possibilidade de se perceber, de conhecer através da linguagem que passa a ser o lugar dos conceitos. Fica instituída a função pragmática da linguagem, cuja finalidade assenta-se sobre a idéia de que “ “falar é explicar os pensamentos por meio de signos que os homens inventaram com este intento”.”, apresentada por Ivan Domingues.

¹⁸ A tarefa da gramática passa a ser a investigação da razão dos usos da linguagem que supõe, assim, um saber discursivo e um outro normativo que prescreve as regras do bom uso.

Há, retomando esse autor: “a redução do vivido ao pensado, a imagem concebida (o conceito) é mais real que a realidade vivida a que se reporta (...)”. ¹⁹ A episteme do século XVII define-se pelo matematismo (Descartes); mecanicismo (Newton) (“*modus operandi* dos fenômenos: forma de conhecimento em que bastam a força e a composição matemático-mecânica dos movimentos”); a associação matemática-experiência: as descobertas de Galileu, que, com a ajuda da luneta, começam a associar as matemáticas à experiência; *mathesis cum taxionomia*, que visa a uma ciência universal da ordem e da medida (*mathesis* refere-se à ordenação da natureza simples pelo método universal (a Álgebra) e taxionomia diz respeito à instauração de um sistema de signos para pôr em ordem as naturezas complexas; e o prometeísmo que substitui o mundo da vida pela imagem pensada. ²⁰ A verdade do discurso depende da organização dos conceitos no interior dele, assim como da verdade das coisas. Tudo se reduz ao pensamento: as coisas e a linguagem que as representa, que é meio pelo qual as palavras se ligam a elas e pelo qual o conhecimento se organiza em um sistema de saber fechado de tal forma que não se pode modificar uma parte sem que se comprometa o todo. ²¹ Ivan Domingues ainda observa que o homem do século XVII põe a natureza, que se lhe apresenta como máquina auto-regulável e matematizável, a seu serviço, como um senhor que habita um universo mecânico. A natureza humana também é mecanicamente determinada como um relógio e a sociedade é vista como um mecanismo movido pelos instintos e pelas paixões que se regulam pela racionalidade. O signo, embora arbitrário, é pensado como contrato coletivo, que se submete à razão universal da

¹⁷ Ibid., p.90

¹⁸ Ivan Domingues, *O Grau Zero do Conhecimento*, p.141

¹⁹ Ibidem, p.55

²⁰ Ibid., pp.55 e 56

²¹ Ibid., p.70

gramática. Ele é representação da representação, porque substitui a idéia assim como ela substitui a coisa, ou seja, ele fica no lugar da idéia significante e no do objeto significado.

A constituição de um novo modelo de racionalidade baseado nas matemáticas reduz a natureza a elementos mensuráveis e busca leis que a governem segundo a linguagem do número e da medida. Esse modelo estende-se a todos os outros domínios: moral, social e político. O conceito adquire mais valor do que a realidade vivida, o discurso científico se volta sobre si mesmo constituindo um discurso fechado. Descartes propõe a visão do homem como ser que pensa e que, portanto, duvida de todas as coisas.

Os objetos técnicos beneficiaram-se do avanço científico, assim como a ciência ganhou com o aperfeiçoamento deles. Embora haja um número significativo de invenções e aperfeiçoamentos no século XVII, que varia da máquina para elevar água (Worcester, 1630), passando pela bomba de êmbolo (Moreland, 1675), pela primeira tentativa de um tear mecânico (Gennes, 1678), aplicação do pêndulo ao relógio (Hooke e Clément, 1680), até a máquina a vapor para elevar água (Savery, 1698)²² - a máquina ainda não compete de modo significativo com o ser humano, mas deixa de ser extensão dele para assumir o que se pode denominar alteridade. Os objetos técnicos com o cientificismo e seu rigor metodológico conquistam seu lugar no discurso, ao mesmo tempo que se interpõem entre o homem e sua atividade, ao abandonar seu caráter de complementação da ação humana para situar-se como esse outro que, com seu corpo mecânico, ocupa um lugar no espaço do trabalho como um outro indivíduo.

No século XVIII, (retomando Simondon) o pensamento científico foi libertado e foi ele que libertou o pensamento técnico. A técnica atinge o comércio, a agricultura e a indústria que se desenvolve mais devido à racionalização o que beneficia as descobertas científicas. Há reformas sociais e administrativas. Mas o homem permanece ligado ao mundo vegetal e animal e à sua natureza biológica. Segundo ainda o autor, a tecnologia exige um meio de expressão que não o verbal, pois a palavra é exclusiva, necessita de um código anterior de significações, utiliza conceitos já conhecidos e pode transmitir emoções, é subjetiva. Por esse motivo, “A civilização da palavra dá lugar à da imagem.”²³; a leitura cede lugar à percepção visual dos esquemas e, com Descartes, o uso da geometria favorece a universalização da tecnologia.

A idéia de progresso estimula a continuidade criadora das invenções. O progresso se fez de maneira contínua, quando o manuseio habitual pôde se completar com instrumentos mais

²² T. S. ASHTON, *A Revolução Industrial*.

precisos, obtendo, assim, melhores resultados. Para Simondon, o século XVIII foi o momento do desenvolvimento das ferramentas (objeto técnico que permite prolongar e preparar o corpo para completar o gesto, (p. ex. o martelo)) e dos instrumentos (objeto técnico que permite prolongar e adaptar o corpo para obter uma melhor percepção; o instrumento é a ferramenta da percepção, por exemplo, a luneta).²⁴ A ferramenta, que age sobre o mundo, distingue-se do instrumento que serve para recolher uma informação sem realizar uma ação prévia. Fundamentando-se na mecânica estática e dinâmica e nas descobertas da óptica geométrica e da física, os elementos técnicos puderam ser aprimorados. O progresso deve-se a essa interação entre investigação científica e seus resultados técnicos, visto que os instrumentos mais precisos atendem melhor à investigação científica. Nesse século, a noção de progresso contínuo também se baseia no princípio do agrupamento por conjuntos técnicos que comportam uma pluralidade indefinida de elementos técnicos.²⁵

A título de ilustração, podemos citar algumas das cerca de 160 invenções e descobertas enumeradas por Ashton: em 1701, primeira máquina de semear (Tull) e forno (cúpula) de fundição (Wright); em 1708, máquina a vapor de Newcomen; em 1714, máquina de cavar movida por cavalo (Tull); em 1717, montagem de uma fábrica na Inglaterra inspirada na técnica italiana (máquina italiana de fiar seda), (Lombe); em 1726, relógio de precisão (Harrison); em 1730, Sistema Norfolk de rotação das culturas (Visconde Towshend); 1733, máquina de tecer com “lançadeira volante” (Kay); em 1737, diferenciação científica do ferro e do aço (Bazin); em 1747, transmissão da eletricidade por fio isolado (Watson); em 1748, campos de petróleo na Pensilvânia (EUA); em 1752, pára-raios (Franklin); 1753, primeiros planos do telégrafo (Morrison e Marshall); em 1756, fabrico do primeiro cimento moderno (Smeaton); 1763, cronômetro (Le Roy); em 1767, via férrea (Reynolds) e primeira bicicleta (Edgworth); em 1771, fábrica de Arkwright, com teares automáticos movidos a água; 1774, telescópio de Herschelem e primeira submersão em submarino em Plymouth (Day); em 1776, barco a vapor no rio Doubs (d'Abbans); 1777, linhas de estrada de ferro (Curr) e lançamento na água do primeiro navio de ferro na Inglaterra; 1781, invenção do “sistema solar” (engrenagens planetárias) (Watt); 1782, primeira viagem aérea em balão (Irmãos Montgolfier); 1784, tear inteiramente mecânico (Cartwright) e primeiros modelos de locomotivas (Symington e Murdoch); 1786, máquina de

²³ Gilbert SIMONDON, *op.cit.*, p.97

²⁴ *Ibid.*, p.114

²⁵ *Ibidem*, p.113

calcular com operações de subtração (Von Müller); 1787 tear mecânico a vapor (Cartwright); 1790 experiências relacionando eletricidade e luz (Franklin); 1792, iluminação a gás (Mardocho); 1795, invento da lata de conservas (Appert); 1799, máquina para a fabricação automática e contínua de papel utilizada na Inglaterra (d'Essomes); 1800, pilha elétrica (Volta), máquina de impressão (Stanhofo); etc.

Retomando Simondon, a evolução do elemento a qual se completa no interior dos conjuntos técnicos já constituídos conduz à melhoria dos resultados da fabricação e permite ao artesão conservar os métodos habituais que se aperfeiçoam devido à precisão dos instrumentos, o que gera um grande otimismo. Ele advém da relação íntima entre o progresso da investigação científica e o conseqüente progresso dos elementos técnicos, sendo verdadeira a recíproca..

Diante do progresso contínuo ocorrido na tecnologia do século XVIII, o mundo se modificou, mesmo que para Bronowski “a mudança essencial trazida pela Revolução Industrial não residiu nas máquinas mas no método”²⁶, o que pode ser verdadeiro se encararmos método como matriz epistêmica (“conjunto das crenças básicas e das idéias valorativas que institui um modelo para a interpretação da realidade, originadas ambas - crenças e idéias - da dinâmica complexa da historicidade humana”²⁷) e não como “mudança na organização industrial”. Mas estamos de acordo com esse autor quando afirma que uma grande mudança foi trazer as indústrias de casa para a fábrica, o que não ocorria antes de 1760, quando o trabalho era levado à casa dos camponeses.

Retomando Ivan Domingues, no século XVIII, em vez da matemática do século XVII, é a física que se constitui paradigma do conhecimento, das ciências naturais às humanas, havendo também a elaboração de uma “estratégia fenomenista”, de acordo com o pensamento de Newton, que nos oferece “um mundo de forças concebido como física do movimento”²⁸.

Diferentemente do século anterior cujo conhecimento ia do geral para o particular, nesse, o fato é o ponto de partida enquanto o princípio é questionado, valendo a indução e a experiência, que se expressam pelo número e pela medida. As ciências positivas desligam-se da filosofia, que é considerada um saber ilusório²⁹, e caracterizam-se como modelo de cientificidade, rigor e

²⁶ J. BRONOWSKI e B. MAZLICH, *A Tradição Intelectual do Ocidente*, p. 322

²⁷ Regis de MORAIS, *Em Torno ao Conceito de Matriz Epistêmica* (Notas) p.5

²⁸ Ivan DOMINGUES, *op. cit.*, p.167

²⁹ *Ibidem*, p. 171

precisão; e o sentido positivo debruça-se sobre o *modus operandi* das coisas cujo conhecimento depende da observação e da experiência.

Para Newton, a natureza é entendida como positividade: conjunto de massas, forças e sistemas de forças que têm como centro a idéia de fenômeno que “são as coisas tais como elas se oferecem à observação e à experiência”³⁰ e as leis são relações constantes entre fenômenos. Deus é apartado do mundo, surgindo em seu lugar a noção de uma natureza mecânica auto-regulada (máquina), o que dá origem a uma nova concepção de homem. Desaparecendo a noção de alma, a vida e os homens enquanto fenômenos renascem submissos à ciência positiva.

O discurso se faz responsável pela ordem dos fenômenos e o signo constitui-se como signo do conhecimento e segundo Foucault, “é ele que estabelece a divisão entre o homem e o animal”³¹. A instauração do arbitrário permite a análise, a decomposição e as possíveis combinações. O sistema de signos deve ser transparente para expressar a manifestação do fenômeno, deve representar sendo sinal daquilo que representa, sem discurso prévio, ou seja, qualquer elemento intermediário entre o signo e o seu conteúdo; não há opacidade.³²

*O limite do saber seria a transparência perfeita das representações dos signos que as ordenam.*³³

A relação significante/significado instala-se a fim de tornar evidente o conteúdo observado que se pretende ordenar. É imprescindível que o discurso apreenda a coisa tal como ela se mostra à observação e à experiência (exigência do empirismo), mas que devem ser traduzidas pela linguagem do número e da medida (matematismo). A linguagem se pretende transparente e, portanto, neutra de modo que veicule, informe apenas e nada revele sobre sua opacidade possível.

Os avanços do século XIX correspondem ao surgimento do que Simondon chama de indivíduos técnicos completos, que substituem somente os animais, por exemplo, a máquina a vapor substitui o cavalo para puxar vagões, aciona a fiação etc. As fábricas substituem as oficinas dos artesãos, ocupando o lugar também do homem, que se torna espectador dos resultados das máquinas automáticas. O progresso, entendido como domínio da natureza pelo homem, é

³⁰ Ibid., p. 193

³¹ Michel FOUCAULT, *op.cit.*, p.90

³² Michel FOUCAULT, *op.cit.*, p.90

³³ Ibidem, p.96

pensado de modo universal, levando-se em conta os resultados obtidos e quem o pensa são os matemáticos. A idéia de progresso sustenta o tecnocratismo e quem o experimenta é o engenheiro ou o usuário, não o trabalhador. Simondon refere-se ao progresso do século das luzes com ufanismo e emotividade:

*Os poetas do fim da primeira metade do século XIX sentiram o progresso como marcha geral da humanidade com sua carga de risco e de angústia. Há nele alguma coisa de uma imensa aventura coletiva, de uma viagem também e mesmo de uma migração para um outro mundo. Esse progresso tem algo de triunfante e de crepuscular.*³⁴

O levantamento, realizado por T.S. Ashton até o início do século XIX, consegue listar cerca de 95 inventos e descobertas, dentre os quais podem ser citados: 1801, máquina de fabricar papel (Didot); primeiro esboço de iluminação elétrica na França; primeira fábrica de açúcar de beterraba na Alemanha; 1805, utilização do gás como combustível em alguns moinhos de algodão de Lancashire (Murdoch); aparecimento do acendedor químico por fricção (os fósforos); 1807, primeiro ventilador mecânico (Buddle); 1808, arado de ferro com peças substituíveis (Ransome); 1810, máquinas para fabricar calçados (Brunel) e de fiar linho (Girard); máquinas de compor (Foster); 1812, mecanização do acabamento textil (Dorr); 1815, caleidoscópio e nova técnica de construção de estradas com infra-estrutura, na Inglaterra; 1817, primeira máquina inteiramente automática de fabricar parafusos, na Alemanha; 1818, bicicletas com pedais (Barão von Draise); 1819, primeira travessia do Atlântico em barco a vapor; 1819-1822, impressão em cores, Savage; 1820, magnetização pela eletricidade (Arago); 1821, descoberta da termo-eletricidade (Seebeck); 1823, impressões digitais como processo de identificação (Prof. Purkenge); 1823-1839 invento e aperfeiçoamento da fotografia (Niepce e Daguerre); 1825, primeira estrada de ferro na Inglaterra; máquina de fiar automática (Roberts); 1827, descoberta do alumínio (Woehler); 1830, máquina de costura (Thimonier); aperfeiçoamento do microscópio (Chevalier); 1831, primeiro motor elétrico (Henry); 1832, hélice (Sauvage).

Em meio aos avanços científico e tecnológico que envolvem o homem, mudando-lhe o modo de viver e de comportar-se, como é a linguagem no século XIX? Para Foucault, “acontece à

³⁴ Gilbert SIMONDON, *op.cit.*, p. 117

linguagem surgir por si mesma num ato de escrever que nada mais designa do que ela própria.”.

³⁵ Quando readquire a espessura que havia perdido com a transparência e a neutralidade, corporifica-se e se faz forma para ser compreendida.

Por que a linguagem perde a transparência e a neutralidade no século XIX? A resposta advém do livro de Ivan Domingues que denomina este período de “a idade da história”, acrescentando que “Antes de mais nada, os homens do século XIX sentiram passar o vento da história (Gusdorf): (...)” ³⁶ e aponta-o como “ponto de ruptura e de inflexão” porque abrange a ciência, a técnica e o modo de organização das sociedades humanas, constituindo a “civilização técnico-científico-industrial” ³⁷. A economia caracteriza-o como tempo da segunda revolução industrial: mundo das usinas e do maquinismo; mundo das cidades operárias e dos subúrbios, do lucro, da racionalização da técnica e da eficiência do trabalho; mundo do capital que submete o operário às máquinas. A política situa-o como a era das revoluções e contra-revoluções políticas: revoluções burguesas (1ª metade), da revolução operária; dos projetos socialistas; a era do progresso; da revolução técnico-científica com grandes descobertas; e outras descobertas no campo das ciências humanas. Tudo isso exige uma nova episteme: a história - “o homem agora instala na história sua morada e busca no devir o sentido da experiência de seu ser - aberto e lacunar” ³⁸. A importância da história para a linguagem gera a lingüística histórica, que possui duplo caráter: “procura ater-se à linguagem como matéria da observação e da experiência, e histórica, pois em sua ‘*démarche*’ gênese lingüística e gênese histórica andam juntas.” ³⁹ Assim, rompe-se o elo que prendia a linguagem ao pensamento, para colocar-lhe como objeto, o signo (matéria e forma) e a significação que não mais é pensada como relação signo/idéia, mas signo com signo. A linguagem insere-se na cultura com seu poder de construir cultura e mesmo de criar mundos ⁴⁰. Além de mediar a relação homem-natureza, ela mediatiza a relação entre homens; além de ser meio de comunicação, ela é, também, meio de conhecimento, porque participa da natureza do homem que é um ser simbólico.

A revolução industrial do século XIX colocou o homem em situação de servidão em relação à própria máquina, mas a linguagem, com o nascimento das ciências humanas, expandiu suas

³⁵ Michel FOUCAULT, *op.cit.*, p.397

³⁶ Ivan DOMINGUES, *op.cit.*, p.267

³⁷ *Ibidem*, p.268

³⁸ *Ibidem*, p. 272

³⁹ *Ibid.*, p.333

⁴⁰ *Ibid.*, p.349

funções, pois além de continuar a ser discurso da tecnologia, transformou-se no discurso das utopias. O devir, por exemplo, define-se como um lugar a ser conquistado, existente apenas no espaço da linguagem. Há uma distância entre as funções que a linguagem pode exercer como mediação entre os homens e deles com a natureza e outra função através da qual se efetuam os exercícios de poder. Assim, descobrir que a linguagem pode criar outros mundos significa que ela se desvia do mundo real, vivido, do trabalho extenuante nas fábricas, nas minas etc., da presença da máquina que substitui o homem e que o domina, para reservar-lhe uma mediação com o futuro, a esperança.

A natureza, que correspondia ao mundo natural, o espaço a ser transformado por meio do instrumento, para que o homem retirasse dali o necessário para o seu trabalho, pois trabalhar significava atuar sobre o mundo natural, embora no mundo do saber esse trabalho não ocupasse um lugar de destaque, afasta-se do olhar humano. Quando, porém, os objetos técnicos, extensões do homem, inseriram-se no discurso através da linguagem verbal e, com mais adequação, da icônica (uso de desenhos, gráficos etc), no enciclopedismo, unindo-se à ciência que avançou graças ao instrumento e vice-versa, a tecnologia avançou de tal forma que surgiram os indivíduos técnicos, que substituíram o trabalho humano e transformaram a ação sobre a natureza em ação junto às máquinas. Bronowski nos indica como isso aconteceu na Inglaterra: o tecelão, dono de seu próprio tear, comprava o fio, tecia-o em sua casa e vendia o tecido; essa era, porém, uma ocupação sazonal abandonada na época da sementeira e da colheita. Em tempos de crise, endividava-se e era obrigado a penhorar o tear para obter crédito, o que fazia com que acabasse perdendo seu instrumento de trabalho, passando, assim, a trabalhar como assalariado para o comerciante de lã. O trabalho era feito na própria casa do tecelão sob o controle do comerciante que exigia que ele o realizasse durante 12, 14, 16 horas por dia. A organização das fábricas oferecia ao patrão o controle dos materiais e das horas de trabalho. O trabalho mudava da casa do aldeão e, envolvendo mulheres e crianças (mão-de-obra mais barata), passava para a fábrica sob uma disciplina férrea. Mas, no início do século XIX, as fábricas que até então situavam-se no campo, mais perto da energia (a força da água), com a máquina a vapor (a de Watt), cuja energia dependia do carvão, puderam mudar-se para a cidade. Com a migração de grande número de pessoas para as cidades para trabalharem nas fábricas, não importando as condições de vida que

lá tivessem, formou-se o proletariado. Foi nessas condições sociais que surgiram as ciências humanas e as utopias (o comunismo, o socialismo etc).⁴¹

Embora os discursos tenham-se configurado como o lugar das ciências e da tecnologia e, de certa forma, do saber voltado para o homem, como objeto individual (Psicologia) ou objeto coletivo (Sociologia) do conhecimento, as grandes massas trabalhadoras jamais conseguiram se tornar sujeito da própria história (nem no espaço do discurso), em virtude de o progresso técnico-científico torná-las seres passivos, alienadas quanto ao processo de produção e, mais ainda, quanto à máquina que utilizam.

Logo, pode-se afirmar que os objetos técnicos, ao lado da ciência, conquistaram seu espaço no discurso, como pretendia Simondon, na função que a linguagem tem de exercer poder. Além disso, os objetos técnicos, diferentemente da linguagem, possuem alteridade (são indivíduos, embora técnicos, ocupam lugar no espaço e multiplicam-se em ritmo demasiadamente acelerado), enquanto ela não possui essa característica porque depende sempre dos falantes ou escreventes que a produzem, está limitada a regras de uso sob o risco de não ser entendida. Possuindo um caráter relativamente estável quanto à sua evolução, ela não se modificou substancialmente no decurso da história, enquanto algumas línguas se transformaram, atingindo, porém, certa estabilidade: possuem número de fonemas e letras reduzidos, sendo, pois, econômicas

O ideal para Simondon seria que o homem não estivesse nem em posição inferior e nem superior em relação aos objetos técnicos, que passaram a ser a natureza mecânica com quem ele se relaciona em sua atividade de trabalho nas fábricas. Mas este é um desejo e, não, uma realidade.

Partindo da terceira noção de progresso que se formula no século XX, Simondon⁴² constata que ainda não se conseguiram os modos de expressão universal, que haviam sido formulados na enciclopédia com o uso do signo icônico, porque deu-se espaço à expressão oral. Acrescenta que a informação transmitida por telefonia, telegrafia ou radiodifusão hertziana traduz o esquema espacial em série temporal, reconvertendo-a em seguida em esquema espacial, consagrando assim o primado do som. Ele argumenta que

(...) uma civilização é guiada por um paradigma latente, a nível de sua informação valorizada; esse paradigmatiso voltou a ser oral; o pensamento se

⁴¹ J. BRONOWSKI E B. MAZLICH, *op.cit.*.

desenvolve de novo segundo semantemas verbais da ordem do 'slogan'.⁴³

Para reforçar sua tese, cita o cinema, que coloca no passado tudo que incorpora, e a TV que se submeteu a ele e, por conseguinte, também faz uso da série temporal, desperdiçando informação.

Simondon pretende um humanismo enciclopédico (“Todo enciclopedismo é um humanismo.”⁴⁴), pela busca de um simbolismo comum ao homem e à máquina, o qual propicie a relação entre eles, e julga isto possível porque acredita que “o homem não pode ter vários tipos de pensamento” (p.100). Propõe um enciclopedismo de base tecnológica cujo ponto de partida é o pensamento cibernético, que, através da teoria da informação, já estuda a relação do homem com a máquina. Como considera o progresso técnico como um processo de libertação (Renascença: buscou a liberdade do pensamento intelectual; século XVIII: o pensamento humano aplicado às técnicas encontrou, com a idéia de progresso, a continuidade criadora das invenções (técnica tipo artesanal); século XX: busca o humanismo capaz de compensar a alienação do homem em relação ao mundo técnico e supõe que o homem não tem mais necessidade de libertação mas de mediação. Esse enciclopedismo tecnológico implica que o homem conheça a máquina e lhe organize a finalidade a fim de superar o servilismo, para que tenha a oportunidade de retorno ao social; a finalidade não é o aspecto mais importante da vida, mas sim a adaptação ao meio. Faz-se necessário que o homem conheça a máquina (“Entender a máquina é reinventá-la.”)⁴⁵ e para isso a contribuição pela educação tecnológica da criança é fundamental, pois é preciso aprender a historicidade do devir técnico através da historicidade do sujeito, visto que o tempo participa da natureza infantil, enquanto a simultaneidade, da vida adulta. A universalidade do simultâneo só é possível por meio da relação sinérgica do homem com a máquina, a qual mediatiza a ação humana no mundo, integrando-os na cultura, e é possível por meio da transdução que implica auto-regulação. Essas máquinas precisam do homem como técnico, não antes da fabricação, mas durante o funcionamento. Regulação é traduzida por Simondon como troca de informação que se traduz como “a significação que resulta de uma relação de formas, uma extrínseca e a outra intrínseca em relação ao sujeito.”

⁴² Gilbert SIMONDON, op.cit., p.99

⁴³ Ibidem, pp.99 e 100

⁴⁴ Ibid., p.101

⁴⁵ Ibidem, p.107

*Portanto, para que um objeto técnico seja recebido como técnico e não unicamente como útil, a fim de que seja julgado como resultado de invenção, portador de informação e não como utensílio, é preciso que o sujeito que o recebe possua nele formas técnicas. Por intermédio do objeto técnico cria-se então uma relação inter-humana que é modelo da transindividualidade.*⁴⁶

Apesar da riqueza do texto desse autor, algumas reflexões se fazem necessárias. Sem sombra de dúvida, o homem se acha escravizado pela máquina que, por sua vez, é escravizada pelo capitalismo, e, por isso, são fundamentais a preocupação e a proposta para desalienar o homem de sua condição servil. Mas, apesar de todo esforço, os objetos técnicos não estão no mesmo nível que o ser humano para troca de informação, visto que este não possui apenas uma única maneira de pensar e é capaz, tanto intrinsecamente, como em suas formas de expressão (extrinsecamente) de converter informações em grande variedade de formas significativas, sendo a arte uma delas. Embora os objetos técnicos ou os conjuntos possuam alteridade e mereçam ser tratados como um outro, o próprio Simondon aponta uma característica própria de seu ser que se contrapõe a do ser humano: não são vivos - são funcionais. Mesmo que mudemos o modo de conhecê-los, entendê-los e regulá-los, o homem não pode abrir mão da sua condição de sujeito de qualquer processo de mediação dele com a cultura e com os próprios homens.

Há que considerar também o processo de aceleração, a que se refere Buckminster Fuller⁴⁷, das invenções e descobertas em nosso século, que impossível de serem enumeradas, apresentam um grau de multiplicidade diretamente proporcional ao aumento de capital, atendendo ao jogo de mercado e não apenas às necessidades humanas. O finalismo parece mais presente em nosso século o que mostra que, embora o objeto técnico, ao interagir com a ciência, tenha conseguido seu espaço no discurso científico, sua libertação não correspondeu à libertação humana. A própria linguagem humana se dilacera diante da tecnologia, pois apesar de a imagem (o icônico) ser inclusiva (permite percepção imediata, não requer conhecimento prévio de um código para ser entendida e está isenta de subjetividade) não abrange toda a essência humana cujas características superam o pensamento. Assim, ao observarmos as invenções que penetraram e se aperfeiçoaram em nosso século, destacamos a seguir somente as que se relacionam com a linguagem.

⁴⁶ Ibidem, pp. 247 e 248

4. Objetos Tecnológicos e Linguagem

A fala foi valorizada já no final do século passado graças ao telefone de Graham Bell (1876), ao fonógrafo de Edison (1878), ao disco de Berliner (1887) e ao rádio inventado por Marconi em 1896 (em 1903 os EUA ouvem os ingleses). A eletricidade favoreceu a comunicação e utilizando-a, Morse, em 1844, faz a primeira ligação telegráfica entre Washington e Boston. A fotografia com registro de movimentos desenvolve-se devido aos trabalhos de Muybridge (1830-1904); os trabalhos de Rudge e Greene na Inglaterra, de Demeny na França e de Edison nos EUA levaram à invenção do cinema no final do século, mas foi somente no século XX, que ele aparece como linguagem narrativa, ou seja como criação de filmes narrativos. Além de se ter tornado arte, foi usado também como poder de influenciar as massas com filmes tipo James Bond, que colocam os ingleses como os heróis do mundo ocidental, capitalista. Enquanto arte, o cinema mudou aperfeiçoou de tal forma a comunicação por meio da imagem que a arte de representar fez-se mais completa, prescindindo da linguagem verbal, pois com menos recursos técnicos, conseguia maior aproveitamento do meio enquanto produção de linguagem não deixando dúvida em relação à codificação da narrativa filmica. Os filmes de Chaplin são admirados até nossos dias (dizem tudo em silêncio).

O telefone, o telégrafo, o fonógrafo e o rádio valorizaram os sons e por isso a própria fala; os dois primeiros como meios de comunicação mais individualizados, pois permitiam o contato entre pessoas, favorecendo, no caso do telefone, uma comunicação direta, dialógica, em termos de perguntas e respostas. O rádio, mesmo valorizando a fala e o ouvido, estabelece uma comunicação monológica à distância que não permite retorno, dirigindo-se como o cinema a um grande público, mas diferenciando-se deste porque o público receptor ouvinte recebe a informação em sua própria casa, o que não ocorre com o cinema.

Mas, o aparelho que mais interfere na vida humana como imagem, apesar de se utilizar amplamente e ruidosamente do som, é a TV. Tomemos conhecimento de alguns dados importantes de sua história: 1887, ondas hertzianas; 1907, tubo catódico; 1927, o iconoscópio; 1932-1933 primeiras difusões de imagens de TV nos EEUU; 1951, primeira emissão pública em cores; 1962, o satélite *Telstar* permite contato com o mundo; em 1968, as imagens da lua.

⁴⁷ R. BUCKMINSTER FULLER, *Critical Path*, cap VII e seguintes

Embora em 1905, Einstein, com a teoria da relatividade, tenha vindo, de acordo com McLuhan⁴⁸, para anunciar a dissolução do espaço uniforme newtoniano, esta uniformidade já se incorporara à tecnologia com tal intensidade que o universalismo não participa somente do enciclopedismo, mas da capacidade de expansão comunicativa da TV (ela alcança todo o universo). Por isso mesmo, permite o exercício de poder através da manipulação da informação como na Guerra do Golfo, quando a CNN apenas transmitiu imagens selecionadas pelo Pentágono, para quem era importante a adesão do mundo à guerra, a fim de que não fosse repetida a experiência do Vietnã, quando a população americana desaprovou as atrocidades lá ocorridas.

A TV, enquanto aparelho produtor de linguagem, dá forma à idéia de universalidade (é o aparelho enciclopédico, por excelência), pois o mundo todo a ela se liga e se submete, como se fosse o panóptico de Bentham, e com sua linguagem icônica, superior à verbal no entender de Simondon, envolve os espectadores que reagem sensorialmente à estimulação da imagem. Ela não oferece espaço para o pensamento que depende do distanciamento para se formalizar e faz com que a simultaneidade que alterou a noção de espaço linear (o espaço do adulto em oposição ao tempo que é próprio da criança, cf Simondon) desintegre o caráter constitutivo linear dos signos verbais que propicia a reflexão. O servilismo concretiza-se por meio da manipulação a que a TV se presta para o exercício do poder, a fim de vencer guerras, eleger presidentes e dar credibilidade a produtos e planos econômicos. Se os objetos técnicos conseguiram lugar no discurso, quando se uniram à ciência, conseguiram também no “enciclopedismo tecnológico” fazer-se linguagem, ou melhor, tornarem-se produtores de linguagem, ocupando, então, importante lugar no comportamento e na fala das massas, assim como nos textos escritos analisados em nossa pesquisa, que repetem os clichês lingüísticos da TV.

5. Tecnologia e Regeneração

A natureza deixou de ser aquele meio circundante com vegetais e animais de que nos fala Oswald Spengler em *O HOMEM E A TÉCNICA*, e dos quais diferenciou o homem, único ser capaz de fazer técnica independente de si (o caráter da alteridade dos objetos técnicos a que já nos referimos). Os produtos da técnica constituem, hoje, o meio circundante, deixando a

⁴⁸ Marshall MCLUHAN, *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*, p.187

natureza como depositária do lixo técnico e tecnológico. O homem atual, distante da natureza, perde sua capacidade de reflexão e, portanto, de crítica, sem levar em conta a produção do texto criativo; o discurso natural torna-se confuso. Como resultado da universalização, criam-se as massas televisivas de ação e comportamentos controlados, cujas especificidades culturais são substituídas pelas propostas globais da mídia produtora até mesmo da “subjetividade coletiva”⁴⁹. Para que integrar os objetos técnicos na cultura se eles são a própria cultura?

O universalismo técnico-científico não só favoreceu a tecnologia, mas caminhou de mãos dadas com o capitalismo que se tornou mundial e integrado, automatizado, gerando desemprego e, em consequência, imensa miséria decorrente da exploração do trabalho humano. A condição do trabalho feminino e de crianças nada mudou em relação ao século XIX.

O professor Hilton Japiassu em *O Mito da Neutralidade Científica* denuncia a anexação da ciência e da tecnologia à ideologia, através de uma anexação imperialista; o dogmatismo cientificista; a exclusão do domínio da ciência de outro saber que não se baseie na razão; a “neutralidade” da ciência em relação à moral e à responsabilidade social; o fato de o cientificismo justificar as políticas nacionais que se alicerçam na filosofia do progresso e do desenvolvimento a qualquer preço. Afirma o caráter mítico do cientificismo: a) do progresso: “a ciência conduz necessariamente ao progresso” é um dogma; b) da neutralidade (ou da ciência pura): a ciência está acima do bem e do mal, sem teleologia. Sua vulgarização deve-se à vigência, em nossa sociedade, da tecnocracia que se subdivide em ciência realizada em técnica e o conjunto de tecnocratas que vêm gerindo o sistema econômico.

A evolução que nos conduziu até este contexto é irreversível, logo não se pode lamentar o “paraíso perdido” (se é que ele existiu), pois do mesmo modo que a ciência e a técnica depredaram o universo, muito foi realizado em benefício da humanidade. Mas é preciso ponderar os seguintes itens e ter consciência de que: a ciência com toda a objetividade pretendida, depende do sujeito que a constrói, o qual vive em sociedade, está inserido na cultura, possui ideologia e, portanto, é um ser histórico; os objetos técnicos, embora tenham alteridade, estão a serviço do homem e não podem ser instrumento de alienação e escravização humana; aqueles produtores de signos técnicos não podem se prestar à descaracterização cultural do homem, anulando sua subjetividade e depredando-lhe a linguagem; da mesma forma a natureza (não a tecnológica), se

⁴⁹ Felix GUATTARI, *As Três Ecologias*, p. 14

for depredada (ar, água, terra, animais e vegetais), dificultará a vida sobre a terra, afinal o homem é um ser natural e, não, um objeto técnico.

De acordo com Guattari, a saída para essa crise requer uma articulação:

*da subjetividade em estado nascente, do socius em estado mutante, do meio-ambiente no ponto em que pode ser reinventado.*⁵⁰

Acrescente-se às instituições e grupos que já atuam no sentido da regeneração da vida humana em seu meio-ambiente, o papel fundamental da escola no que diz respeito à devolução ao ser humano de sua própria linguagem, através de uma política de educação que o situe (individual ou coletivamente) como sujeito crítico-criativo da construção da vida humana, por meio da regeneração do universo e de sua própria linguagem, a fim de que seja sujeito de toda e qualquer mediação com a natureza, rechassando quaisquer formas de manipulação.

Outra reflexão necessária diz respeito à era da informação, especificamente à Informática, e à Inteligência Artificial (computadores) diante das quais o mundo se extasia e se transforma, mas que envolve interesses mercadológicos que espalham aparelhos por todos os setores da sociedade e, como muito bem analisou Roszak⁵¹ (com quem concordo), merecem reflexão especial e decisões a respeito.

Neste capítulo, tivemos a pretensão de caminhar no sentido de subsidiar a análise da linguagem técnico-visual, comparando-a com a escrita. Diante da constatação de que o homem é um animal predador, porque se distancia da natureza, por meio de uma grande multiplicidade de processos artificiais e, tendo analisado a dupla direção que o caracteriza: a fabricação e a linguagem – responsáveis pela evolução e pelo progresso, resta-nos outra angústia que nos conduz a uma nova indagação. As duas características humanas evoluíram (a de fabricação muito mais que a linguagem, que atingiu seu limite enquanto meio), sendo valorizadas de formas diferentes, mas que acabaram por se interpenetrarem de tal modo, que a tecnologia televisiva ameaça usurpar o lugar da capacidade de pensar e criar ocupado pela linguagem, condenando-a à banalização e à uniformidade desencadeadas pela televisão. Surge uma nova forma de pensar com a TV que modifica o pensamento, cuja base é a linguagem humana? Por que o controle lingüístico, a

⁵⁰ Felix GUATTARI, *op.cit.*, p.55

⁵¹ Theodore ROSZACK, *O Culto da Informação*

reprodução da linguagem veiculada, representa uma ameaça ao pensamento (em nosso caso, escrito)? Por que a linguagem é tão importante para o ser humano, a ponto de nos sentirmos ameaçados com sua padronização e controle? Os capítulos seguintes procuram encaminhar algumas respostas para essas questões que se situam nos desvãos das atitudes massivas do nosso tempo.

CAPÍTULO II: SIGNO E PODER

1. O Poder da Linguagem Verbal

Diante da constatação da interferência da linguagem televisiva na escrita, via redações do Vestibular, vale a pena fazer uma comparação entre as diferentes linguagens em questão, a fim de observar que tipos de influência e de poder exercem sobre o homem. Para tanto, é oportuno nos deter na perspectiva da recepção de cada tipo de signo, tentando identificar como podem ocorrer as manipulações de cada um deles para o exercício do poder.

O signo verbal oral pressupõe um emissor e um receptor (ou vice-versa) que possuam um código em comum e que sejam conhecedores de suas regras de uso, estejam em uma dada situação comunicativa e pertençam ou tenham laços de linguagem com a comunidade que utiliza o repertório da mensagem. O entendimento desta depende também da percepção da intenção comunicativa de quem a formulou, com o objetivo de que ela seja atendida ou respondida.

*A finalidade primeira da linguagem é desencadear uma ação, em conformidade com uma intenção e com o tempo, o lugar e os meios disponíveis.*¹

No capítulo *O Predador*, já evidenciamos a posição de Spengler que observa também que a linguagem não brotou do pensamento, mas da necessidade prática de comando para garantir a ação combinada coletiva. Para desencadear a ação, unem-se os olhos e as mãos: aqueles para determinar a meta a ser atingida, o espaço a ser dominado; e estas para fabricar o utensílio (independente da vida) e determinar o seu uso. Segundo o autor, ao lado do pensamento dos olhos para o domínio do espaço junta-se o pensamento das mãos, prático e atuante. O olhar atua na ordem da causa ao efeito, enquanto a mão manobra segundo os meios e os fins.² Por essa razão, o homem e os animais observam como nasce o fogo (causa e efeito), mas somente ele é capaz de reproduzi-lo (meios e fins). Logo, o homem descobre sua capacidade e habilidade de substituir a natureza no ato de criar, mas o que ele cria, não é apenas a técnica (por exemplo: como produzir fogo) mas objetos artificiais que, à medida que evoluem, fazem com que ele se

¹ Oswald SPENGLER, *op. cit.*, p.81

² *Ibidem*, p.67

afaste da natureza. Por conseguinte, também em relação ao exercício da guerra as armas dos homens são artificiais enquanto as dos animais predadores são naturais.

Segundo Spengler, a grande virada na História do homem foi decorrente não da evolução dos objetos, mas da Ação Coletiva Combinada (ou seja, os atos organizados de um número de indivíduos, mais ou menos elevados, em conformidade com um Plano.³) A ação coletiva pressupõe uma plano, a divisão de tarefas e tem, como condição *sine qua non*, a linguagem. Portanto, a linguagem nasceu do diálogo, cujas frases se ordenavam segundo a conversação entre várias pessoas, ou seja, sua finalidade não era o juízo, o conhecimento a partir do raciocínio, mas o acordo mútuo obtido por meio de perguntas e respostas⁴, mas uma forma era o comando, o testemunho da obediência ou concordância, a pergunta, a afirmação e a negação. A fala era usada apenas quando estritamente necessária. A finalidade primeira da linguagem era desencadear uma ação, que se realizava coletivamente (empreendimento), de acordo com uma intenção e com o tempo, lugar e meios disponíveis. O pensamento, para o qual a palavra é um ato de matriz intelectual, que se realiza com o auxílio dos sentidos, brotava da prática. A partir do V milênio a.C., o intelecto (pensar e raciocinar) emancipou-se devido ao exercício da linguagem.

Com o intuito de obter mais poder, ampliar sua superioridade além de suas forças físicas, aumenta-se a artificialidade dos processos⁵, o número de braços para executar as tarefas necessárias ao empreendimento que se projeta conforme um plano e realiza-se pelo comando, por meio da linguagem. Há, então, uma técnica de dirigir e outra de executar, com a separação das atividades mentais e manuais⁶, assim formular projetos e executá-los passam a ser atividades distintas. Nesse período, desde quando a linguagem dirige os empreendimentos há dois tipos de homens: os que planejam (técnica de dirigir) e os que executam (técnica de executar).

Na ânsia de expandir o poder, surge a guerra como empreendimento com chefes e guerreiros e batalhas organizadas e para domínio dos vencidos, impõe-se-lhes a lei, perante a qual todos (ou seja, a maioria) deveriam ser iguais, mas que é sempre do mais forte, diante de quem tem que se curvar o mais fraco⁷.

³ Ibidem, p. 77

⁴ Ibid., p.80

⁵ Ibid., p.84

⁶ Ibid., p.86

⁷ Ibid., p.90 Segundo Spengler, quando a lei é reconhecida e instituída por um longo tempo, constitui a paz e a política é um substituto temporário para a guerra, o qual utiliza armas intelectuais.

Retomando o pensamento de Spengler, técnica, linguagem e empreendimento estão associados de modo a atenderem ao exercício do poder e, para que isso se efetivasse, surgiram as leis elaboradas pelo mais forte para submeter a maioria que executa as tarefas que lhe foram impostas pela minoria que planeja.

O domínio da escrita representou poder como (vide o capítulo citado acima) bem resume McLuhan, citando o mito de Cadmo, ao retomar a relação entre escrita e civilização. O alfabeto fonético⁸, acha-se associado aos dentes, que, junto com as garras, denotam agressividade, ataque, domínio, poder militar. Essa associação de poder às garras e aos dentes permite outra interpretação sobre a origem mítica da escrita: os dentes, além de representarem a expressão da agressividade, significam também a fonetização da escrita, a relação do número reduzido de letras com a quantidade maior de sons da fala. A idéia mítica de que dos dentes do dragão que foram lançados surgiu o alfabeto, pode ser interpretada como se alguém tivesse espalhado a fala (sucessão de sons no tempo) no espaço da escrita: o registro da sucessividade sonora pela seqüência linear das letras combinadas. A fala subjetiva, que brota do próprio corpo, da respiração, do ar, do sopro, supre a consciência de si e dos outros, a identificação, o princípio da consciência (*No princípio era o verbo*) de muitos egos que se comunicam e, por isso, associam-se. O gesto de lançar representa a objetividade da escrita, o distanciamento, pois para se conseguir a objetividade, é necessário que se desfaça a proximidade entre o eu e o objeto, ou o eu e os outros, entre os próprios indivíduos. Todos os constituintes da fala não são mais acompanhados pela complementação do gesto, da expressão do próprio corpo, porque se transformaram na objetividade da escrita. O emissor controla à distância, sem perigo de trair-se pelo gesto, pela expressão facial, pela entonação da fala, que denunciavam as emoções: medo, raiva etc. A técnica da escrita serviu para mudar a cultura tribal emotiva e compressiva na civilização, cujas marcas são a continuidade do espaço, do tempo e a uniformidade dos códigos que pretendem, também, a uniformidade dos homens (“Todos são iguais perante a lei”). Além disso, a objetividade fez brotarem homens armados, visto que a comunicação pela fala, porque inclusiva, provoca muito mais a luta corpo-a-corpo direta, como é a fala, do que indireta, por meio de armas. O poder se exerce melhor pela organização mais estruturada, fixada pelo registro da escrita, do que pela fala que se perde e se transforma ao passar de um indivíduo a outro. O registro da escrita permite que a informação permaneça fria e objetiva. Além disso, a objetividade

convoca a uniformidade: se a informação é o registro único, todos têm que aceitá-la de uma única forma e reagir do modo indicado. Isso facilita o comando, o exercício do poder.

Com a imprensa e decorrente reprodução técnica expandiu-se a abrangência do poder, que se definiu ainda mais pelo desejo de que os que manejavam a técnica em número cada vez maior atendessem ao comando dos empreendedores. Ao mesmo tempo, contudo, que a escrita significou dominação, possibilitou a relação antitética, fundamentando idéias de sustentação de movimentos sociais contra o poder. Ela propicia o pensamento crítico.

Além do controle imposto pela lei e da ampliação do poder pelo empreendimento que se fazia pelo pensamento através de um plano, para cuja execução necessitava-se que um chefe desse as ordens e a maioria obedecesse, outros tipos de limitações foram impostas pela escrita. Uma delas diz respeito ao distanciamento entre emissor e receptor. Tudo concorre para que a vastidão da realidade, cuja ausência se faz representar pela sonoridade da fala, seja retomada. Mas há um sentimento de impotência, porque a fala jamais foi capaz de abranger a realidade: “Falar mete-me medo porque, nunca dizendo o suficiente, sempre digo também demasiado.”⁹ Assim, o falar se faz pelo sopro que instaura a vida, mas significa a limitação imposta pelo processo da articulação, que diferencia cada som que se relaciona para remeter ao significado do mundo. Essa quebra do som, que o faz unidade, diferencia a linguagem dos homens da dos animais.

As limitações impõem à fala uma responsabilidade, mas a escrita a exige muito maior, porque representa um corpo mais independente e um registro mais estável, ao mesmo tempo que apaga a horizontalidade da relação emissor-receptor e toda a carga expressiva dessa relação. Como escreve McLuhan, a fala é inclusiva e a escrita, exclusiva. Assim, ela exclui o emissor e só revela o seu corpo frio pelo ato da leitura, que o aquece. Derrida expressa-se a respeito:

Escrever é retirar-se. Não para a sua tenda para escrever, mas da sua própria escritura. Cair longe da sua linguagem, emancipá-la ou desampará-la, deixá-la caminhar sozinha e desmunida. Abandonar a palavra.¹⁰

⁸ Elias Canetti, *Massa e Poder*. Mostra que as garras e os dentes representam a agressividade animal, os meios de ataque. E McLuhan compara a justaposição dos dentes com a justaposição das letras na escrita.

⁹ Jacques Derrida, *A Escritura e a Diferença*, p.21

¹⁰ *Ibidem*, p.61

A ausência do emissor torna ausente, também, parte do sentido que ele, individualmente, morador da História, situou num espaço determinado, mas deixa presente todos os sentidos que possam ser revelados pelos receptores a partir daquele(s) que permanece(m) no texto. A leitura é um outro momento em outro espaço, que desvendará o segredo do labirinto do texto. A primeira declaração de poder que se faz pela letra constituída palavra, combinada em frases e textos pensados é a do mistério oculto que ali se fixou no primeiro momento, no ato de escrever, e dificilmente revela o sentido primitivo, mas contamina-se com outros advindos das diversas leituras. Cada texto escrito é criptográfico, porque sempre esconde algo - ou o dissimula - que nunca se revela à cada nova leitura. Todo mistério admite em seu círculo apenas um número restrito de iniciados, que são partícipes e guardadores do segredo. Por isso, escrever-ler é um privilégio que ainda não se desfez, dada a grande massa de analfabetos e de iletrados, que não conseguem, a não ser funcionalmente, penetrar nesse mistério.

Se a escrita ainda não é do domínio da totalidade da população, ela também não é veiculada em dupla mão de direção. A maioria acata as leis, recebe as informações em uma recepção vertical, mas pode perfazer o caminho de volta a partir do texto, ao pensar sobre a escrita usada para a manutenção do poder, do *status quo* a fim de questioná-lo.

Outro motivo para que a escrita atendesse ao poder, foi, com a criação dos tipos móveis, a possibilidade de difusão que, segundo McLuhan, é necessária à criação de públicos em escala nacional ¹¹. Os públicos se fizeram necessários ao consumo dos livros produzidos em série, da mesma forma que a existência da autoria, desnecessária na Idade Média, quando o conhecimento era considerado integrante de um todo. Com a imprensa de Gutenberg, escrever passa a ser importante.

A cultura letrada produz uma nova sociedade de cultura visual de processamento uniforme. A uniformidade facilita o controle associando-se à leveza do papel e à facilidade de se transportar ordens escritas para lugares distantes. A portabilidade deu condições para que informações escritas (ordens, por exemplo) fossem deslocadas para lugares e situações estratégicas e, assim, ampliassem o exercício do poder.

Mas a palavra, é signo vazio, porque não transporta em seu corpo o significado, assim como não exhibe seu referente, favorece a imaginação e a memória no sentido de que a preenchemos com as imagens de nossa memória. Igualmente, sua mobilidade – as palavras deslocam-se

¹¹ Marshall MCLUHAN, *A Galáxia de Gutenberg*, p. 15

continuamente - faz com que possamos adaptar o pensamento a diferentes contextos, os signos que combinamos. Embora tenha sido usada como exercício de poder e tenha tido como consequência uma civilização visual, linear, com relações mais formais, devido a seu caráter individual de escrita e de leitura, valorizou o indivíduo dentro das fronteiras da nação, delimitadas pela língua nacional. Essa se torna estável a partir da escrita e, mais importante, não perdeu até agora, o privilégio de ser o lugar do pensamento e da originalidade.

A civilização da escrita foi tão importante, que foram organizadas instituições que lhe dessem suporte - a escola - cuja técnica precisava ser aprendida: não apenas escrever (desempenho manual), mas a relação entre letras e sons, como combiná-los e também decodificá-los. Ela é tecnologia porque sai do âmbito familiar e precisa ser aprendida de modo diferente da fala (intuitiva). Ir à escola, no entanto, significa não apenas aprender uma nova forma de pensar, mas todas as consequências a partir dela: as relações objetivas entre as pessoas, que se expressam pelas condutas formais ou regras sociais que extrapolam a família. A Literatura mostra-o amplamente:

O Menino de Engenho, de José Lins do Rego, através da fala das personagens, aponta a escola como o lugar onde Carlinhos vai deixar de fazer suas safadezas para civilizar-se (educar-se).

2. O Poder de Testemunho

Para entender o uso do signo fotográfico para o exercício do poder, acrescentemos ao que já foi exposto no capítulo *A Alma Aprisionada*, algumas informações. Um dos grandes valores da fotografia, sem dúvida alguma, é o seu valor de prova. Ela testemunha um acontecimento apreendido em um momento presente que não volta a se repetir: “ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente.”¹² Como a escrita jamais abrange a totalidade dos acontecimentos (isso é uma utopia), mas prende-se à contingência, ao momento, fixa uma particularidade do mundo que se movimenta continuamente. Ao fixar um pedaço, uma particularidade, um momento de qualquer objeto, ela traz consigo o seu referente. Apesar disso, é signo (já foi esclarecido no capítulo citado), porque continua a mostrar o referente, embora ele não exista mais: ela o representa. Essa aderência do referente ao signo torna-a diferente da escrita, que mesmo sendo um signo visual, não possui essa propriedade específica da imagem.

¹² Roland BARTHES, *A Câmara Clara*, p.13

Para identificar-se o referente do signo verbal, é preciso conhecer o código e a relação significativa no texto e no mundo.

Além disso, a escrita literária conserva a autoria, o emissor da mensagem, cujo pensamento e imaginação se expõem na escrita; a relação do fruidor é de suprir com imagens de sua memória os espaços descritos, as personagens caracterizadas, acompanhar, descobrir o pensamento do escritor e, se possível questioná-lo. Já a fotografia faz objeto o sujeito fotografado que passa a ser imagem fixada pela ação da luz e de substâncias químicas: imagem no papel. Mesmo com o poder de fazer com que o sujeito se transforme em objeto, a idéia de tempo adquire feições interessantes, uma vez que, ao fixar o momento presente, no momento da revelação ele já se fez passado. No entanto, esse passado que só era apreensível pela memória humana, pelo desenho ou pela palavra é retido pelo presente fixado.

O poder do signo fotográfico é de testemunho, de transformar o sujeito em objeto, assim como suas limitações em relação à realidade que se movimenta continuamente. Virilio, citando Rodin sobre o poder de testemunho da imagem fotográfica afirma: "..., pois se a imagem instantânea visa à exatidão científica dos detalhes, o congelamento da imagem ou antes o congelamento do tempo da imagem da instantaneidade falsifica invariavelmente a temporalidade sensível do testemunho, este tempo que é o movimento de uma coisa criada."¹³

A percepção desse olhar deficiente da câmera, como o entendeu Rodin, não se compara com a percepção do olhar humano: a aquisição da imagem mental jamais é instantânea, ela é uma percepção consolidada.¹⁴ Mas, apesar da diferença, esse novo modo de ver também interfere, segundo constata Virilio sobre a dificuldade que as gerações atuais têm de compreender o que lêem porque são incapazes de re-presentar (apud).

*(...)...as imagens percebidas mais rapidamente deviam substituir as palavras; hoje em dia elas nada têm a substituir e os analfabetos e os diléxicos do olhar não param de se multiplicar.*¹⁵

A influência da iluminação sobre os olhos também faz parte do texto de Virilio: enfraquece-se a visão central (foveal), alvo das sensações mais agudas, em benefício de uma visão periférica; e

¹³ Paul Virilio, *A Máquina de Visão*, p. 16

¹⁴ *Ibidem*, p. 23

¹⁵ *Ibid.*, p.24

o cristalino perde sua amplitude de acomodação, por causa do excesso de luz; os olhos movimentam-se com mais rapidez; a visão passa de essencial a acidental. A iluminação também gerou fenômenos sociais como o das multidões, imagem produzida pela luz.¹⁶ Segundo o autor, a intensidade de iluminação condena o homem “a não mais ver o dia em lugar algum”, por causa da homogeneização do olhar, ou seja, o dia é uma imagem que se prolonga durante a noite.

Durante a Primeira Guerra Mundial, a fotografia já havia sido intensamente usada para a observação aérea, produzindo um grande fluxo de imagens de cuja interpretação, leitura ou deciframento dependia a vitória.¹⁷ A luminosidade já tinha sido uma arma durante esse conflito, em 1914, grandes holofotes foram acoplados aos canhões não só para localizar o avião bombardeiro, “mas para criar uma mistura instantânea de dados e fascinação, a qual destrói a percepção consciente do espectador e o conduz à hipnose, ou a qualquer outra condição patológica análoga”.¹⁸

A descaracterização da visão humana com a luz e a imagem fotográfica, acontece pela perda de sua velocidade e sensibilidade, porque a ação das câmeras é mais rápida (os instantâneos), corresponde a uma dependência tecnológica: a percepção da imagem é o modelo que tem como consequência a padronização do olhar. A expansão da visualização, devido também aos processos de aceleração (reprodução técnica) provoca a intensificação da mensagem visual: logotipos, iniciais, siglas, silhuetas etc (sobre o que já comentamos anteriormente).

O testemunho, com o advento da câmera fotográfica, deixa de ser verbal para ser icônico; as câmeras suplantam o olho humano para revelar a verdade: “graças à fidelidade implacável dos instrumentos” (...) “lhes permitia fixar e mostrar o movimento com uma precisão e riqueza de detalhes que escapam à visão”, porque “decupa no espaço e fixa no tempo quadros inimitáveis, que eternizam o minuto fugidio em que a natureza se mostra genial... este olho é o da objetiva.”¹⁹

A crença no registro fotográfico como verdade arraigou-se de tal modo na mente humana, que durante a Primeira Guerra Mundial, segundo Mattelart, ele é usado para conseguir sucesso na gestão da opinião de massa e persuadir a China a juntar-se aos aliados. São duas fotos: uma com

¹⁶ Ibid., Virilio cita o exemplo de Paris, onde o delegado de polícia La Reynie inventa os ‘inspetores de iluminação’ para dar segurança aos parisienses e estimulá-los a sair à noite. Nomeado comandante de polícia, ele sai do posto em 1697, deixando 6.500 lâmpões iluminando a capital, logo chamada de cidade-luz..., p. 24-25 Sobre o fenômeno das multidões, leia-se *O Homem das Multidões*, de Edgar A. Poe.

¹⁷ Paul VIRILIO, *A Máquina de Visão*, p. 74

¹⁸ Paul VIRILIO, *Guerra e Cinema*, p. 19

cadáveres de soldados que são transportados para serem enterrados; outra com pedaços de cavalos mortos que são enviados para uma fábrica de sabão. A troca de legendas impressionou os chineses cuja cultura não admite a profanação de cadáveres.²⁰

Tanto a experiência de fruição do livro como da fotografia – instante da escrita e instantâneo fotográfico – inscrevem-se menos no tempo que passa do que no tempo de exposição²¹, pois diferentemente da fala, ambos superam a duração diária e aumentam a distância entre o instrumento de transmissão (a imprensa e a câmera fotográfica) e a nossa capacidade de assumir o presente. Mas o olho da câmera é capaz de suplantar o tempo de exposição da leitura silenciosa, ampliando excessivamente o tempo de exposição, afastando as pessoas de sua própria memória – sua história – que passam a preferir o envolvimento da imagem, que tem como consequência uma enorme onda de iletramento, visto que é mais importante ver do que compreender (ler). Os valores se modificam com a tecnologia.

A produção do signo (pelo ser humano ou pela tecnologia) não é neutra e nem imparcial, mas ideológica porque está eivada pela História, contextualizada em uma época e em um dado lugar. Sua ação é substitutiva, fazendo que, cada vez mais, o homem se descaracterize, transformando sua dimensão lingüística por outra cuja base seja a imagem.

É evidente, pois, que a natureza que se dirige à câmera não é a mesma que se dirige ao olhar. A diferença está principalmente no fato de que o espaço em que o homem age conscientemente é substituído por outro em que sua ação é inconsciente.

22

¹⁹ Idem, *A Máquina de Visão*, p.41

²⁰ Armand MATTELART, *Comunicação Mundo: História das Idéias edas Estratégias*, p.59

²¹ Paul VIRILIO, *Guerra e Cinema*, p.66-67 - Assim se expressa o autor: “A inovação da leitura silenciosa faz com que cada um acredite que o que se escreve é verdadeiro, pois, no momento da leitura, tem-se a ilusão de que se é o único a ver o que está escrito,...Existem numerosas afinidades entre o instante da escrita e o instantâneo fotográfico, cada um se inscreve menos no tempo que passa do que no tempo de exposição. Com a impressão,...o meio de comunicação retém o imediato e desacelera-o para fixá-lo em um tempo de exposição que escapa à duração diária e ao calendário social...”

3. Cinema e Poder

3.1 Guerra, Movimento e Alucinação

O arranjo filmico para o cinema nem sempre significa intuição que produz conhecimento de dentro e, portanto, nem sempre representa consciência desperta, principalmente porque muitas imagens apresentadas que nos levam ao interior do filme podem significar controle para legitimação do poder instituído, levando-nos a reações programadas diante de determinadas situações. Usado para exercício de poder, o cinema pode nos condicionar a movimentos reiterativos, automáticos, sem o exercício da crítica. Tendo sido percebida essa possibilidade desde a Segunda Grande Guerra e sabendo que, na fruição filmica, “se é transportado para o interior do objeto a fim de coincidir com o que há de único e conseqüentemente de inexprimível sobre ele”²³, o cinema tornou-se uma faca de dois gumes. Se a imagem leva o espectador para dentro de sua realidade pode tanto fazer adormecer a consciência pela geração de atitudes controladas e por isso automáticas, como despertá-lo para decisões necessárias e importantes dando-lhe conhecimento, a fim de agir sobre a realidade.

Passamos, portanto, a verificar de que modo a tecnologia do cinema é usada para exercer poder e que alterações se fazem a partir dela. O cinema afetou a vida e tal modo, que sua tecnologia modifica a concepção de guerra.

*Não existe, portanto, guerra sem representação ou arma sofisticada sem mistificação psicológica, pois, antes de serem instrumentos de destruição, as armas são instrumentos de percepção, ou seja, estimulantes que provocam fenômenos químicos e neurológicos sobre órgãos do sentido e sistema nervoso central, afetando as reações e a identificação e diferenciação dos objetos percebidos.*²⁴

O olhar não é mais subjetivo, a visão não é mais uma relação direta do olho humano com o mundo, a fim de apreendê-lo em conjunto ou imagem por imagem, mas percebê-lo só é possível com a interceptação do olho pela câmera. Como a visão natural se converte em tecnológica, a

²² Walter BENJAMIN, *op.cit.*, p.189

²³ Henri BERGSON, *A Intuição Filosófica*, p.61, NRP 79

²⁴ Paul VIRILIO, *Guerra e Cinema*, p.12

percepção dos fenômenos naturais ou produzidos pelo próprio homem passa a depender também de todos os efeitos gerados pela luz e pelo movimento.

Segundo Virilio, a guerra depois da tecnologia do cinema modifica-se, transformando-se em espetáculo pleno de efeitos sonoro-luminosos. Na Segunda Guerra Mundial, o Junker 87, bombardeiro alemão em vôo rasante sobre seus alvos, emitia um uivo dilacerante de sirene, aterrorizando e paralisando os adversários que não conseguiam adaptar-se ao ruído. Por isso, os ataques eram bem sucedidos. A percepção, a seleção de imagens da realidade, foi reconhecida e aproveitada em função do nazismo por Goebbels, que sabia da sua importância como arma de guerra. A grandiosidade do espetáculo filmico (as grandes produções) ganha a mesma proporção na guerra: “a grandeza única de uma operação militar consiste no que ela tem de monstruoso”²⁵.

O ministro da Propaganda de Hitler utiliza-se não unicamente dos efeitos especiais, mas também do filme como narrativa, que cria a surpresa técnica ou psicológica; e como linguagem icônica em movimento, coloca o espectador por ilusão dentro da história narrada. Ou em relação à percepção como conjunto de imagens (Merleau-Ponty) ou procedendo à seleção de imagens por meio de cortes, o fato é que, como Susanne Langer observou, a relação onírica do espectador com o filme, esse momento presente de participação e assimilação de uma realidade similar a situações já vividas, fundamenta a sedução ideológica de que o poder se aproveita. Com essa finalidade, o nazismo produziu *O Judeu Süß*, de caráter absolutamente tendencioso e foi exigente em relação a filmes que não atendiam às expectativas técnicas: proibiu a projeção de um filme alemão em cores (*A Bela Diplomata*), porque ao compará-lo com filmes americanos, achou as cores abomináveis. Investiu, por isso, depois, no aperfeiçoamento do Agfacolor e, em 1943, possibilitou ao cineasta J. Von Braky, lançar *As Aventuras do Barão de Münchhausen*, que contava também com efeitos especiais.

A relação tecnologia-estado foi de tal modo eficaz que, nesse mesmo ano, a UFA (Universum Aktion Film) que completava 25 anos de fundação (1917), “tornou-se o principal complexo de produção, distribuição e comercialização da Alemanha em guerra.”²⁶ Virilio observa que a UFA sempre esteve aliada ao grande capital da Krupp (indústria bélica) assim como aos subsídios do Estado. Goebbels que antes tivera uma relação de desprezo para com os profissionais do cinema, depois que toma consciência da importância do cinema, submete os atores e diretores ao regime

²⁵ Ibidem, p.14 - Virilio faz uma citação de J.P. Goebbels.

militar alemão. Entre as duas guerras, o ministro (ex-jornalista) enviou cerca de 50 mil discos de propaganda às casas que possuíam fonógrafo e exigia que os cinemas exibissem curtas-metragens de veiculação ideológica.

A imagem que se faz na guerra constitui-se um olhar sobre o que se move.²⁷ Em vez das sombras serem as aliadas para o ocultamento e a camuflagem, a luz desempenha esse papel, porque condicionada pela tecnologia do cinema (luz e movimento), sua recepção fica restrita ao estado onírico que impede que a realidade seja percebida. Produz-se, pela luz, a camuflagem da realidade.

Não apenas na Alemanha, mas nos Estados Unidos, na Segunda Grande Guerra, o Alto Comando Militar acompanhava a produção cinematográfica, quando não o próprio Pentágono era produtor e distribuidor de filmes de propaganda. Conforme Virilio, Luiz Buñuel era visto rodando documentários para o exército americano e as canções de Fred Astaire convidavam dissimuladamente a uma nova mobilização. Durante o período da Guerra Fria, o cinema continuou como arma ideológica, porque um sem número de filmes de propaganda ideológica, foram produzidos. Neles, sempre os ocidentais eram apresentados como super-heróis, além de machões sedutores, em luta contra os soviéticos: os eternos vilões.

Mas não é somente a percepção que importa durante a guerra : “Segundo Napoleão, ” *a aptidão à guerra é a aptidão ao movimento* ”²⁸ - não foi casual a colocação de Fred Astaire com sua dança como centro das atenções, pois além do movimento, as cenas estavam repletas de apelos visuais, não organizados de forma rítmica como os primeiros objetos fósseis encontrados, mas misturados de forma que a fascinação destruísse a percepção consciente do espectador. A inundação espetacular da luz junto com o movimento levam-no à automatização da consciência pelo excesso de estímulos imagéticos, conduzindo à desorganização do campo perceptual do indivíduo, o que impede que ele selecione as imagens, porque as recebe como lhe são impostas: previamente selecionadas.

A aviação e o cinema são contemporâneos e, por esse motivo, tornaram-se nas guerras, simultâneos: o piloto de guerra, ao disparar uma arma, acionava uma câmera. Alterando a percepção, a guerra mistura “as performances dos meios de destruição ao desempenho dos meios

²⁶ Ibid., p.16

²⁷ Ibid., p.25

²⁸ Ibidem, p.19

de comunicação da destruição”²⁹: adultera aparências, distâncias e dimensões. São comparáveis, pois, a estória de *Alice no País das Maravilhas* que se modifica muitas vezes, com a vida cinematográfica de Marilyn Monroe, cujo corpo nunca foi exibido em suas dimensões naturais, mas que foi a *pin-up* dos alojamentos dos soldados durante a guerra da Coreia. “Na guerra, a realidade não importa: a primeira vítima de uma guerra é a verdade.”³⁰

3.2. O imediatismo e o mediatismo

O avanço da tecnologia do século XIX trouxe uma nova concepção de guerra, que lança mão da luz e do movimento como armas, porque ambas alteram a percepção, criando estrategicamente uma outra realidade. A luz não mais é utilizada para desvendar, mas para confundir e ocultar e o movimento (cinema/avião) altera a velocidade do tempo vivido para imprimir a da tecnologia. O olhar não é mais o contato direto do olho humano com o meio circundante, mas um outro campo de visão que se coloca pela interposição da câmera (como já dissemos anteriormente).

Não é suficiente saber que olhamos através de uma fenda, é igualmente necessário ver a fenda (...) De qualquer forma, fica demonstrado que a forma das aberturas determina a identificação dos objetos percebidos e que a busca visual é um dos elementos constitutivos da percepção anartoscópica de uma figura em movimento...

31

Do mesmo modo que a realidade havia se alterado totalmente, transformada pela tecnologia, o olhar a olho nu não serve mais como testemunho da informação. Por esse motivo, verdadeiras são as informações coletadas pela câmera, porque a tecnologia, além de colhê-las com mais rapidez e precisão, presta-se à veiculação ampla que não mais abrange grupos de pessoas, mas grandes multidões. Hitler e Mussolini usaram a propaganda – “*A propaganda é a minha melhor arma!*, dizia Mussolini.”³² – servindo-se da tecnologia de comunicação como arma de guerra.

Além de todo o aparato simbólico usado como propaganda nazista, Hitler coloca em ação milhões de desempregados alemães para uma superprodução. Em 1934, para realizar *O Triunfo*

²⁹ Ibidem, p.45

³⁰ Ibidem, p.61

³¹ Ibid., p.101

³² Ibid., p.126

da Vontade fornece a Leni Reifensthal: um orçamento ilimitado, uma equipe de trezentos técnicos e nove cinegrafistas, a fim de divulgar para o mundo o mito nazista, a partir do registro do congresso do Partido Nacional-Socialista.

Tudo se torna espetáculo, até mesmo a morte, que se realiza como se fosse a última cena de um filme. Segundo depoimento de Virilio, “os aliados só conseguiram atingir a infalibilidade carismática de Hitler quando se colocam na vanguarda das técnicas cinematográficas.”³³

A guerra da tecnologia do cinema, não pára no momento quando termina a Segunda Guerra, pois depois dela o campo de batalha transfere-se não apenas para a diplomacia que procura resolver a possibilidade de um grande conflito por meio da dissuasão, mas para as salas de cinema com a exibição de filmes de caráter ideológico que buscam a adesão do grande público para a política do lado ocidental no mundo dividido. O cinema foi também uma importante arma da Guerra Fria, usado como instrumento de luta ideológica, que determinou a diretriz política de quarenta anos.

A tecnologia modificou o mundo e transformou também as guerras, que substitui o enfrentamento físico, o corpo-a-corpo pelo massacre à distância; as armas automáticas superam as armas individuais (na Primeira Guerra) ; ao ocultamento das trincheiras sucede-se a exposição (devido às armas automáticas e aos aparelhos ópticos: objetivas fotográficas, cinematográficas, periscópio, lunetas de regulagem de tiro etc); à guerra do ocultamento (homens escondidos em trincheiras) advém a guerra relâmpago (1940) essencialmente de iluminação que desvenda objetivos noturnos. A força militar preocupa-se com a sua aparência: camuflagem, disfarce, medidas de defesa eletrônicas, interferências radiofônicas etc – e com a imagem que se projeta para a população. Ela se torna não apenas a guerra da velocidade e da luz, do imediato, mas a guerra dos “media” . A imagem do poder torna-se importante como qualquer equipamento bélico.

Da leitura individual e silenciosa, do uso da escrita como poder (a leitura e a escrita eram privilégios de uma minoria); do ato de compreender – desvelar significados camuflados no texto à exposição máxima das luzes, câmera e ação, não é possível saber se a transformação do homem lúcido para tomar decisões e decidir seus caminhos representa uma escolha de cada cidadão, visto que o espetáculo gerado pela tecnologia do movimento e da luz provoca alucinação. Um novo homem aparece: aquele que se presta a compor o espetáculo, satisfeito com o uso extremo da

³³ Ibid., p.136

percepção que lhe apaga a consciência e condiciona-o como massa de manobra do poder também destrutivo da tecnologia. O *homo-faber* arrisca-se a deixar de ser *sapiens*, pois “plugado” aos “media”, embora meios, abandona a comunicação como mediadora entre os homens (princípio básico da comunicação) e passa a agir em função da velocidade, do movimento, enfim, do imediato. Mediatismo e imediatismo são duas faces integradas de uma época em que o presente e as sensações do sonho tornam-se mais importantes do que a memória, o passado, cujo fluxo gera a consciência que possibilita escolhas e decisões que se tomam por meio da inteligência e do pensamento.

4. Televisão e Exercício do Poder

Diante das observações feitas no capítulo *A Mente Controlada*, observamos que há relação entre os meios de comunicação visual e o modo de reagir dos respectivos receptores. Verificamos que televisão, diferente da linguagem verbal e mesmo do cinema que permitem a formação do público, caracteriza-se por ser um veículo aglutinador e mobilizador da massa. Pelas características apontadas nesse capítulo, constatamos que, por esse motivo e pelo fato de ser prestadora de serviços (venda, por exemplo) torna possível, de modo eficiente, o exercício do poder. Assim, passamos a analisar-lhe esse aspecto.

A fruição que menos permite o exercício da crítica, é a do signo da TV, porque produz um envolvimento tal, que favorece a manipulação indiferenciada das massas. O poder que ela exerce com seu imediatismo sígnico, pois é pura recepção, não permite diálogo. Mobiliza multidões em torno de acontecimentos sociais, provocando efeito catártico globalizador. Por ser uma tecnologia doméstica, está em todas as casas. Os telespectadores reagem emocionalmente com os artistas, jornalistas e outros, que lhes são estranhos, como se com eles convivessem diariamente. Além disso, distancia o homem de sua individualidade e identidade pela padronização do comportamento, costumes e da própria linguagem. André Parente³⁴ prefere entender que as máquinas são expressões sociais inseridas no contexto social que as produziu e que se articulam com a produção discursiva de uma sociedade em um dado momento. Assim, considera as rupturas e as mutações tecnológicas em função das tendências da territorialização, que é a

³⁴ André Parente, Introdução: “Os Paradoxos da Imagem-Máquina”, in *Imagem-Máquina: A Era das Tecnologias do Virtual*, p.15.

tendência à homogeneização universalizante e da desterritorialização, que é a tendência à heterogeneização singularizante da subjetividade.

Observa, também, que a televisão ameaça a subjetividade de paralisia. Sobre essa tomada de posição, a razão circula pelo parágrafo seguinte a partir da indagação: “Como não acreditar que um novo regime de Controle e Poder, com seus suportes de propaganda, suas mídias, seus veículos audiovisuais e televisuais, atue de modo a produzir clichês que circulem do exterior ao interior das pessoas, de tal modo que cada um só possua clichês psíquicos dentro de si, clichês que as impedem de ver as imagens que vêm de fora?”³⁵ Entende clichês como imagens que supõem a interioridade, porque são territórios imóveis, que desafiam o que produz imagens, que permitam o devir. O devir, no entanto, que se projeta da história, torna-se impossível porque tudo parece calculado, programado, construído. Assim, a tendência dessa nova tecnologia é a formação de uma consciência única, “um sistema nervoso planetário.”³⁶ Essa consciência única manifesta-se nas redações analisadas na primeira parte deste trabalho, segundo capítulo, que, repletas de clichês informativos, veiculados pela televisão, são escritas como se os sujeitos que as fizeram pensassem de maneira uniforme.

A outra indagação colocada é a seguinte: o controle do tempo por meio das novas tecnologias da imagem modifica positivamente ou não o processo e o exercício do pensamento? Essa questão responde-se em nosso capítulo *A Referência Informativa* e justifica-se nos capítulos seguintes. Mas vale retomar que o pensamento é característica da linguagem humana, visto que a relação sígnica verbal entre ambos suscitou simultaneamente a ação no mundo. A intervenção humana sobre o meio circundante não foi programada pela vida como a dos animais; o homem sempre precisou pensar para agir sobre o meio a fim de dominá-lo. O signo televisivo caracteriza-se notadamente pela recepção perceptiva e passiva; não há ação pensada que dela resulte. As reações são massivas e predisponíveis, conforme as necessidades do poder.³⁷

Em relação ao problema do tempo, destaca-se a posição de Virilio, que considera que a administração da velocidade e do tempo nos são interditas pela impermeabilidade do processo

³⁵ *Ibidem*, p.18

³⁶ *Ibidem*, p. 18

³⁷ Noam Chomsky, *A Privatização da Democracia* in Folha de S.Paulo, Caderno Mais!, 9/03/1997, 5-10. O entrevistado comenta a relação entre a mídia e o poder: “ (...) Os maiores órgãos de imprensa são empresas enormes que integram conglomerados ainda maiores. São estreitamente integrados com o nexa Estado-Privado que domina a vida econômica e política. Como outras empresas vendem um produto a um mercado. Seu mercado é composto por outras empresas (anunciantes). O “produto” que vendem é a audiência;...”

de automação da percepção e de industrialização da visão provocada pelas novas tecnologias.³⁸ O ato de ver simultaneamente substitui-se pela aproximação: ver depressa. Dadas as nossas limitações visuais, a máquina de visão é destinada a ver em nosso lugar. Conforme analisado anteriormente, o signo verbal, principalmente o escrito, porque vazio (imotivado = não possui qualquer analogia com o referente) desencadeia no ato de recepção o exercício da imaginação, ou seja, as imagens necessárias para preencher o sentido, nós as selecionamos dentre as que foram armazenadas em nossa memória. A televisão inibe esse exercício, porque completamos os sinais luminosos que nos envia; a imaginação acomoda-se, torna-se dispensável., porque a percepção é automática. Além disso, a aceleração do tempo, a velocidade, não dá oportunidade ao exercício do pensamento; não há tempo para voltar-se sobre o fato: o produto oferecido, enfim para se pensar sobre o conteúdo veiculado, porque a aceleração solicita-nos a ver outra imagem.

O espaço e o tempo, tal como eram concebidos, anulam-se; não são mais reais, do mundo, cujas distâncias se devem percorrer, mas eles nos são oferecidos. São rápidos e não se fixam; continuamente se alteram. Vemos a metamorfose contínua do espaço e do tempo.

A representação entra em crise, porque surge com ela a questão do novo. O novo não é cópia, mas a emergência da imaginação no mundo da razão³⁹ que se liberou dos modelos de verdade. É o tempo que põe em crise a verdade e o mundo, a significação e a comunicação. Ao tempo da verdade (verdades eternas) se substitui a verdade do tempo como produção de simulacros (o novo como processo) (apud)⁴⁰. André Parente conclui sua reflexão, se as novas tecnologias nos empolgam porque põem em crise o sistema de representação que não diferencia mais a cópia do original, o falso do verdadeiro, a realidade da ilusão, implicam também a redução do simulacro ao clichê, cuja essência é a repetição. Há pois um fechamento da representação sobre si mesma, visto que sempre programada. A televisão é incapaz de encenar a realidade como tal, limitando-se a torná-la ficção (ela é sempre programada, produzida). A imagem não reproduz o real, mas ela o produz, por meio de um programa de linguagem e números, ela o produz fragmento por fragmento sem relação direta com o real. O contato visual com a imagem não corresponde mais à percepção do insólito, no campo visual organizado pela nossa percepção, não é o diferente que é percebido, mas a imitação na qual o espectador penetra para completá-la. Há uma fusão entre a imagem produzida: a objetividade numérica e a nossa subjetividade.

³⁸ André PARENTE, *op. cit.*, p.18

³⁹ *Ibidem*, p.19

⁴⁰ *Ibid.*, p.19

A vida se faz sem o tempo da história e sem a observação do real, inapreensível em sua totalidade, mas se constrói a partir de programas e clichês. O contato imediato, acelerado e simultâneo nos faz relegar para o passado, a mediação sgnica responsável pela interação entre os homens e o passado que se faz história e produz consciência para projetarmos o futuro. O tempo da simulação do real é o tempo rápido da exposição da imagem. Não há tempo para se conceber o tempo.

Tendo consciência das possibilidades de controle, os poderes público e privado lançam mão das novas tecnologias e utilizam-nas estrategicamente para o exercício do poder. Durante a Guerra do Vietnã, iniciada em 1954, o poder de cooptação televisiva transformou os telespectadores em participantes, como afirmava McLuhan em 1974, mas a população americana diante das atrocidades cometidas pelos seus soldados, foi às ruas: o governo perdia politicamente e foi obrigado a retirar suas tropas daquele país. O Pentágono não repetiu o mesmo erro durante a Guerra do Golfo, pois, a fim de ganhar politicamente a guerra, não apenas militarmente, produzia *softwares* e os distribuía aos jornalistas, impedidos de exercer sua função. Os Estados Unidos ganharam ⁴¹a guerra eletronicamente como foi mostrado na pequena amostragem das redações do Vestibular de 1991. Todos, sem questionar, assumiram a posição imposta pelo controle da televisão americana.

De todas as novas tecnologias de comunicação, a que mais possibilitou o exercício do poder foi, sem dúvida, a televisão, o que era bastante comum durante a Guerra Fria. A televisão via satélite gerou nessa época, um conflito internacional. Em 1972, na 27ª Assembléia Geral da ONU, a delegação soviética propõe a elaboração de uma “Convenção Internacional sobre os Princípios de Utilização pelos Estados de Satélites Artificiais Destinados à Televisão Direta”, isso porque a União Soviética via-se ameaçada pelo ocidente com a invasão de suas fronteiras ideológicas; estava em jogo o princípio de soberania das nações, firmado após a Segunda Guerra Mundial.⁴² Embora o bloco soviético tivesse, dentro de seu território, imposto sanções aos cidadãos que assistissem à televisão via satélite, não conseguiu manter fechadas suas fronteiras ideológicas.⁴³

Dentre os poucos exemplos citados, retomamos um dos casos brasileiros, que mostra bem o poder exercido pela linguagem da televisão, que não brota do corpo ou das mãos de cada cidadão,

⁴¹ Laymert Garcia dos Santos, “A Televisão e a Guerra do Golfo”, in *Imagem-Máquina*, p. 155-161

⁴² Essa proposta não foi aceita pelos Estados Unidos.

mas da centralização do pensamento que é recebida por milhares de pessoas. O pensamento não é direito de cada cidadão: as pessoas não são iguais em relação ao direito de pensar, mas apenas em relação ao ato de receber informações devidamente pensadas. O caso da Rede Globo de Televisão historiado e discutido por Daniel Hertz⁴⁴ em seu livro, mostra que a emissora possuía, na época quando fez seu estudo, 80 milhões de telespectadores, retirando do mercado dois terços das verbas publicitárias, abrangendo 98% do território nacional. Cita ainda a famosa frase de Roberto Marinho em entrevista à revista Times: “Sim, eu uso o poder.” -, indicando que a elite o detém, tem consciência da importância do que possui, sabe realmente como usá-lo e qual é a sua eficiência. O autor comenta o fato de o presidente das Organizações Roberto Marinho, fiscalizar o Jornal Nacional. A simulação da realidade sobre a qual comentamos anteriormente, não é apenas a base da produção tecnológica da imagem, mas concomitantemente da produção dos programas. Além disso, é sobejamente conhecida a participação política da Globo, por meio de seu presidente, com a Ditadura Militar iniciada em 1964, quando ocorreu a expansão da televisão no país, que sempre contou com o apoio de Antonio Carlos Magalhães. Essa relação de longa data representa o poder político-econômico no Brasil, que até hoje (muitos candidatos ao Vestibular têm consciência disso) se exhibe nas telas dos televisores, muitas vezes é mostrado pela ausência de informações. Por exemplo, quando o Movimento dos Sem-terra dirigia-se a Brasília, houve um vazio informativo entre o início do movimento e sua chegada à capital. Qual é a dimensão desse poder?

A dimensão do poder, além de ter como um dos princípios o modo de recepção e a abrangência da imagem, não apenas o conteúdo veiculado, possui também a consciência do uso da *media* televisiva como estratégia para a domesticação da massa. Na época da Ditadura Militar, havia confrontos entre a Força Pública, o Exército e a própria polícia com os movimentos contrários ao regime, mas, atualmente, como muito bem assinala Chomsky, no artigo citado:

*Líderes empresariais reconheceram que o maior perigo com que os industriais se defrontam é “o recém reconhecido poder político das massas” e que seria necessário travar e vencer “a eterna batalha pelas mentes dos homens, usando todos os meios disponíveis.”*⁴⁵

⁴³ Armand MATTELART, *Comunicação-Mundo: História das Idéias e das Estratégias*, cap. 8

⁴⁴ Daniel HERTZ, *A História Secreta da Rede Globo*.

⁴⁵ Noam CHOMSKY, artigo citado.

Pudemos constatar a importância da linguagem da televisão para o exercício do poder. Mas seria apenas esse seu uso? Sobram experiências educativas sobre o uso da televisão em função da aprendizagem. A própria Fundação Roberto Marinho, associada à TV Cultura apresenta o Telecurso Segundo Grau. O canal fechado da Net (TV a cabo) vem apresentando programas do National Geographic Institute e outros, que são contribuições interessantes para a educação. Mas não são suficientes, embora necessárias, para o desenvolvimento do pensamento crítico. Diante dessa situação, indagamos: com a padronização do pensamento, de que modo se pode reagir frente ao conformismo e à passividade impostas pelo signo televisivo em favor do poder? De que modo se pode favorecer o exercício do pensamento para se fazer frente a essa situação? É importante uma reação ou vamos aceitar a idéia do surgimento de um novo homem com novas concepções de tempo e espaço, mas controlado? Como equacionar o problema sem perder a condição humana que se fez historicamente? O *homo faber* tem que abandonar sua condição de *homo sapiens*, ou deve deixar a última como privilégio de uma minoria e a primeira adstrita à maioria privada do pensamento?

A evolução tecnológica é irreversível. O controle da mídia prende o cidadão dentro do circuito fechado da TV como o Panóptico de Bentham, analisado por Foucault :

*é o diagrama de um mecanismo de poder levado à sua forma ideal; (...); é na realidade uma figura de tecnologia política (...)*⁴⁶

Assim, a TV como aperfeiçoamento do signo técnico disciplina a multiplicidade das assimetrias humanas através desse olho eletrônico que se coloca em qualquer ambiente, em todos os meios circundantes de cada habitante da Terra, ou no espaço através dos satélites, ou nas ruas, ou por meio de helicópteros tornando pública a privacidade do cidadão, assim como qualquer gesto.

É o ônus que pagamos pelo avanço tecnológico que cria um novo ser, fechado dentro de sistemas ou redes de TV, que perdeu a sua origem telúrica que lhe permitia ler a natureza e, depois, o signo que ela lhe deu. Assim, o homem que foi capaz de criar técnica independente da vida, perdeu a dimensão do avanço tecnológico fazendo-se predador de si mesmo pela perda da

⁴⁶ Michel FOUCAULT, *Vigiar e Punir*, p.181

capacidade de pensar e ler, oportunidade que lhe foi propiciada pela linguagem; do mesmo modo, fez-se predador da natureza (meio circundante), porque diante da multiplicidade tecnológica, cujo protótipo é a TV, esqueceu-se dela buscando a referência de sua vida na própria tecnologia, na qual se espelha para viver. É o novo homem que surge funcional e disponível à manipulação.

O homem inserido na rede da visualidade como o entendemos, está perdendo algumas características que o diferenciaram dos animais e que foram razões fundamentais para se lhe constituírem critério de humanidade. Além da linguagem e do fabrico independentes da vida, a primeira é considerada critério de humanidade, porque a partir da bipedia, permitiu-lhe desenvolver o pensamento e a intuição; e o segundo possibilitou-lhe a evolução da técnica, o que não aconteceu com os outros animais. Portanto, diante do impasse em que a linguagem televisiva nos situa, passamos, antes de concluir, a fazer mais uma reflexão sobre a importância da linguagem para a formação da consciência, a fim de tentar equacionar que tipos de características desejamos com as novas tecnologias e que outras pretendemos conservar. Seria o pensamento uma delas, porque é o espaço da crítica diante do exercício do poder?

1. Imobilidade e Mobilidade

Quando pretende determinar a relação do homem no conjunto do reino animal e o lugar dele no conjunto do mundo organizado, Bergson, em sua obra *A Evolução Criadora*¹, diferencia o animal do vegetal a partir das seguintes características: alimentação, locomoção e consciência. O vegetal que possui um processo de nutrição unicamente química, toma seu alimento diretamente do solo sob a forma mineral: o carbono e o nitrogênio; já os animais, cuja nutrição implica recolha de alimentos, que está ligada à movimentação dos órgãos de captura e do dispositivo de detecção, tomam esses elementos já fixados pelas plantas ou pelos animais que os devem a elas. Logo, é o vegetal que alimenta o animal. Pelo fato de retirar seu alimento diretamente do solo, o vegetal possui fixidez; o animal, por sua vez, porque precisa buscar seu alimento, é móvel. A vida animal caracteriza-se pela mobilidade no espaço e, por isso, os animais superiores são providos de órgãos sensoriais para reconhecer a presa, órgãos locomotores para deslocarem-se e um sistema nervoso para coordenar movimentos e sensações. E quanto mais se desenvolve o sistema nervoso, mais numerosos e precisos tornam-se os movimentos.

Depois de diferenciar o animal do vegetal, Bergson informa que a consciência depende da mobilidade², por esse motivo os animais possuem consciência desperta, enquanto nos vegetais ela se acha adormecida. Mas a liberdade do animal que se baseia na mobilidade e na consciência, que lhe oferece oportunidade de escolhas em relação à evolução, pode se sufocar por hábitos, que a própria materialidade a que se submete cria, se ela não se renovar.

*Nossa liberdade, nos próprios movimentos pelos quais ela se afirma, cria os hábitos nascentes que a sufocarão se ela não se renovar por um esforço constante: o automatismo a espreita.*³

¹ Henri BERGSON, *A Evolução Criadora*, p.100

² *Ibidem*, p.103

³ *Ibidem*, p.117

A vida como uma ação sempre crescente fez com que, no decorrer da evolução, o vegetal renunciasse à consciência; alguns animais que se enclausuraram, fossem condenados à sonolência; e, aqueles em que houve um despertar, fossem levados adiante. O progresso desses últimos consistiu no desenvolvimento do sistema nervoso sensório-motor, que conduziu à mobilidade, à maleabilidade e à variedade de movimentos. O protótipo dessa evolução, sem dúvida alguma é o homem, cuja mão executa qualquer trabalho. Ele é que conseguiu sucesso na evolução, devido à sua aptidão para se desenvolver nos ambientes mais diversos, com grande variedade de obstáculos e com maior expansão territorial.

Uma espécie que reivindique todo o planeta por domínio será verdadeiramente uma espécie dominadora e, por conseguinte superior. Assim é a espécie humana, que representará o ponto culminante da evolução dos vertebrados. ⁴

Não há dúvida de que a mobilidade é uma característica fundamental para a evolução humana, mas há que considerar ainda o desenvolvimento do cérebro que, segundo Leroi-Gourhan, em *O Gesto e a Palavra*, “aproveitou dos progressos da adaptação locomotora em vez de os provocar.”⁵ Essa adaptação locomotora só foi conseguida graças à organização bilateral, que consiste na “polarização de diferentes órgãos, que constituem um campo anterior onde se desenrolam as operações complexas da vida dos animais”⁶ em oposição às espécies que possuem simetria radial.

A título de esclarecimento, o campo anterior está dividido em dois territórios: um delimitado pela ação da cabeça, ou pela ação dos órgãos faciais e outro, pela ação do membro anterior, ou seja, pela extremidade do membro anterior. Pólo facial e pólo manual “agem em estreita relação nas operações técnicas mais elaboradas.”⁷

⁴ Ibidem, p.123

⁵ André LEROI-GOURHAN, *O Gesto e a Palavra: Técnica e Linguagem*, p.32. Nessa obra, o autor procura unificar critérios de humanidade que sejam comuns a todos os homens e seus ancestrais: “posição ereta, face curta, mão livre durante a locomoção e posse de utensílios amovíveis, são verdadeiramente os critérios fundamentais de humanidade.” Mas ao evidenciar o desenvolvimento neuropsíquico busca provar que a evolução do cérebro humano representa mais do que um aumento de volume, graças à “íntima relação entre a mão e a face” que se traduz em “utensílio para a mão e linguagem para a face” (p.26)

⁶ Ibidem, p.33

⁷ Ibidem, p.36

Já para animais como os carnívoros, insetívoros e roedores, o membro anterior, além de ter importância para a locomoção, intervém na captura e preparação alimentar e serve como preensão no decurso da marcha, em meio terrestre ou arborícola. Para essa característica que surpreende, no entanto, nos primatas, Leroi-Gourhan chama a atenção, citando o *Tratado da Criação do Homem*, de Gregório de Nisa, que viveu no século IV, tempo em que já observara essa relação.

"E, no entanto, foi antes para a linguagem que a natureza acrescentou mãos ao nosso corpo. Se o homem estivesse desprovido delas, as partes do rosto teriam sido formadas como as dos quadrúpedes, a fim de lhe permitirem alimentar-se: o rosto teria uma forma alongada, adelgada na região das narinas, com lábios proeminentes, calosos, duros e espessos, a fim de arrancar a erva; teria entre os dentes uma língua diferente da que têm, carnuda, resistente e rude, a fim de malaxar os alimentos juntamente com os dentes; seria úmida, (...) Se o corpo não tivesse mãos, como se formaria nele a voz articulada? A constituição das partes que rodeiam a boca não estaria de acordo com as necessidades da linguagem. O homem nesse caso seria obrigado a balir, a gritar, a ladrar, a relinchar, a berrar como os bois ou burros ou a emitir mugidos como os animais selvagens. (...)"⁸

Leroi-Gourhan, apesar da restrição que faz às explicações anatômicas de Gregório de Nisa, concorda com que a mão participa da linguagem, não como possibilidade gestual, mas como relação orgânica, visto que o tecnicismo manual liberta os órgãos faciais para a fala.

Coerente com a escolha teórica do autor, que se fundamenta na Paleontologia Funcional⁹, a qual se baseia no exame das formas que tomaram os seres mais evoluídos na integração técnica, no decurso da história dos seres vivos, os principais elementos funcionais dessa integração, assim podem ser resumidos:

⁸ Ibidem, p. 40

⁹ Ibidem, p.42

- 1º) organização mecânica da coluna vertebral e dos membros, que limita a locomoção: os órgãos de deslocação são o instrumento motor da vida de relação ;
- 2º) a suspensão craniana, para a qual destaca a importância do orifício occipital nos vertebrados: pela situação topográfica, o crânio é o elemento mais sensível do dispositivo funcional;
- 3º) a dentição: importante para a vida de relação, considerando-se a captura, a defesa e a preparação alimentar;
- 4º) a mão, ou a extremidade do membro anterior, na sua possível integração no campo técnico;
- 5º) o cérebro cuja função como coordenador é primordial e, funcionalmente, é o locatário do dispositivo corporal.

O período quando se resolve a evolução dos vertebrados superiores situa-se entre 200 e 500 milhões de anos antes de nossa era e as primeiras formas “são ínfimas criaturas de meados da era secundária, que levam cerca de 100 milhões de anos para darem origem à onda dos mamíferos da era terciária.”¹⁰ Pela observação do comportamento dinâmico desses animais, classifica-os conforme a cabeça esteja implicada nos atos de relação, ou a mão tenha mais importância nas operações do campo anterior: a) os caminhadores possuem as extremidades especializadas para a marcha, crânio com arquitetura comum a todas as formas com a presença dos cornos frontais dos ruminantes etc; e b) os preensores (omnívoros ou carnívoros) com as seguintes características: extremidades com quatro ou cinco dedos funcionais dentre os quais o anterior serve à preensão e crânio que conserva a arquitetura dos répteis teromorfos mas que foi se modificando pela evolução postural, seguindo a tipologia funcional da mão. Há cerca de 50 ou 60 milhões de anos, os mamíferos evoluem para formas que se consideram como a origem daquelas ainda vivas.

Dos mamíferos preensores, Leroi-Gourhan agrupa dois tipos: a) os macacos, que possuem preensão constante durante as operações manuais em posição sentada e durante a marcha arborícola, quando agarram os ramos entre os dedos e o polegar oponível e b) os outros cuja preensão se faz por garras, como a dos roedores e carnívoros. A partir desse fato, constata que a preensão é decorrente da locomoção e exemplifica com os macacos cuja mão posterior e a mão anterior são instrumentos de deslocação “mas só a mão anterior é um instrumento de caráter técnico”.¹¹ Conclui que foi a preensão locomotora que fez dos macacos primatas e a locomoção

¹⁰ Ibidem, p.54

¹¹ Ibid., p.59

bípede fez os antropianos. Em relação aos primatas, constata que o fato de o dispositivo de oposição dos dedos ser cada vez mais preciso e eficaz corresponde à locomoção cada vez mais baseada na proeminência preensora da mão em relação ao pé, à posição sentada cada vez mais erecta, à dentadura cada vez mais curta, às operações manuais cada vez mais complexas e um cérebro cada vez mais desenvolvido, detendo-se aqui na importância do orifício occipital para se conseguir a postura erecta.

Diferente dos macacos que são quadrúpedes, a característica fundamental do antropomorfismo consiste na adaptação da estrutura corporal à marcha bípede, embora compartilhem do polegar opositor e da posição sentada. A posição ereta determinou o desenvolvimento do cérebro, a face curta possibilitou o desenvolvimento da linguagem, a mão livre durante a locomoção propiciou a fabricação de utensílios. Foi essa libertação do corpo para uma maior variedade de movimentos, ou seja, a mobilidade conduziu o homem e à formação da consciência.

2. Cérebro: Linguagem e Técnica

Segundo Leroi-Gourhan, “a evolução traduz-se por uma dupla linha de fatos”¹²: por um lado, o aperfeiçoamento cumulativo das estruturas cerebrais, por outro, a adaptação do corpo ao equilíbrio do ser vivo e móbil, o que prova que há laços estreitos entre as duas tendências evolutivas, a do sistema nervoso e a da adaptação mecânica; as espécies que possuem maior libertação da mão são aquelas cujo crânio contém o cérebro mais desenvolvido. Assim, a característica fundamental da forma humana encontra-se na adaptação da estrutura corporal à bipedia.

Devido à marcha bípede, a mão liberta-se e a cabeça repousa em equilíbrio na extremidade superior da coluna vertebral, com a libertação completa da abóboda craniana. O fato que comprova essa situação característica é a descoberta, entre o final do terciário e o começo do quaternário de uma população de marcha bípede na África, que possuía utensílios estereotipados e alimentação parcialmente carnívora.¹³ As condições para se considerar antropídeo encontram-se

¹² *Ibidem*, p.62

¹³ *Ibidem*, p.68

no zinjantropo, cujo cérebro não é o de um macaco, mas o de um ser que talha utensílios. Ele já tem um cérebro com a forma de um cérebro humano, posição vertical, rosto curto, mão livre e utensílios, fato que comprova a hipótese de que a técnica está presente nas formas humanas mais primitivas. Outra prova da presença da inteligência técnica no homem se sustenta nas diferenças entre o cérebro deste e dos animais que são: diferença de proporção que afeta os lobos frontais, acréscimo no peso total do cérebro, superior ao dobro em relação ao do australopiteco - e a complicação das circunvoluções.

O cérebro como coordenador das atividades motrizes, responsáveis pela vida de relação, assim se apresenta já na motricidade primitiva:

*Como o dos mamíferos superiores, o cérebro do homem possui, ao longo do sulco de Rolando, nas circunvoluções frontais ascendentes, uma zona motriz primária (área 4) na qual podemos separar com precisão, desde a base até o topo, os grupos de neurônios que controlam a face, os dedos da mão, os membros superiores, o tronco e os membros inferiores.*¹⁴

Da área 4, oitenta por cento destinam-se ao controle motor da cabeça e dos membros superiores (os dois pólos do campo de relação mobilizam 8/10 do dispositivo motor primário); metade do total da área 4 controla língua, lábios, laringe e faringe e os dedos. Embora “homem e macaco tenham a mesma representação neural da face e da mão, ou seja, tenham uma marca cerebral de uma atividade igualmente partilhada entre os órgãos faciais e o membro anterior”¹⁵, no homem atual as ações coordenadas de apreensão e de preparação alimentar, ataque e defesa pertencem à mão; ou seja, ela não intervém na locomoção. Ela funciona como um órgão de fabricação enquanto a face é o instrumento da linguagem. Homem e macaco possuem a mesma fórmula no plano da organização da motricidade piramidal, mas com aplicações diferentes, que poderiam ser esquematizadas assim:

Ações coordenadas da face :

¹⁴ Ibidem, p.86

¹⁵ Ibidem, p.86

| | | |
|--------------------------|--|---------------------------------|
| <i>no macaco</i> | | <i>no homem</i> |
| .mastigação e deglutição | | idem |
| .alguns gestos de mímica | | fonação organizada em linguagem |

Ações coordenadas pela mão:

| | | |
|----------------------------------|--|-----------------------------------|
| <i>no macaco</i> | | <i>no homem</i> |
| .preensão e preparação alimentar | | .preensão e preparação alimentar; |
| .ataque e defesa | | . ataque e defesa; |
| .locomoção; | | . não interessa à locomoção; |
| .limpeza de piolhos. | | . um órgão de fabrico. |

Gourhan reporta-se ainda ao fato de que a mesma situação (topografia e contigüidade entre os territórios da mão e da cara na área 4) produz a coordenação entre a ação da mão e dos órgãos anteriores da cara, que, comum aos macacos e aos homens no caráter alimentar, possui forte ligação entre a mão e a cara no exercício da linguagem.

Ela se exprime no gesto como complemento da palavra e reaparece na escrita como transcrição dos sons da voz. ¹⁶

Por esse caminho argumentativo, Gourhan observa a técnica como uma das formas de inteligência, fenômeno precoce nos antropídeos; a outra, sem dúvida, é a linguagem, a que chega pela análise do dispositivo cortical do homem atual. Nele, estão: a área 4 (área motora primária); a área 6 (área pré-motora situada à frente da área 4); áreas 41 e 44 (região temporal, centro do enrolamento do crânio dos antropídeos), que dizem respeito à linguagem. Assim, recorda que o avanço dos estudos da linguagem deveu-se, principalmente, ao conhecimento de sua patologia, que desde Broca (em 1861) teve grande importância, porque estabeleceu relação entre as lesões cerebrais e dissolução da linguagem verbal ¹⁷, assim:

¹⁶ *Ibidem*, p.88

¹⁷ Roman JAKOBSON, nascido em 1896, no início deste século escreveu um ensaio intitulado *Dois Aspectos da Linguagem e Dois tipos de Afasia*, no qual além de ampliar o campo de interesse da Lingüística: “pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução.” (p.34) –

- . lesão na área 44 resulta na afonia;
- . na 41 e 42 (auditivas) produz a surdez verbal;
- . na base da 2ª frontal, que se acha em contato com as áreas motoras da mão tem como consequência a agrafia (impossibilidade de escrever);
- . na área 19 (pré-occipital visual) leva à alexia (impossibilidade de ler)

Pelo conhecimento de que essas lesões afetam: a possibilidade de ler, de escrever ou da expressão simbólica, conclui que os símbolos ou são ligados a operações manuais como gesto - a escrita - ou como a fala, delas se separam. A partir desses estudos há também que se considerar que a possibilidade física de organizar sons e gestos existe desde o primeiro antropídeo.

Tendo observado em Leroi-Gourhan que os mecanismos funcionais da evolução humana: a bipedia, a libertação da mão e o desenvolvimento do crânio - resultaram na mobilidade, na técnica e na linguagem, faz-se necessário diferenciar o uso da técnica do homem daquela de que são capazes os animais, verificando como a linguagem se apresenta no quadro que passamos a desenhar. É com Bergson que será trabalhada a distinção entre inteligência e instinto para separar águas que importam para compreensão da técnica e da linguagem humanas. Iniciamos o próximo capítulo de nosso trabalho, partindo da seguinte premissa:

*Toda a evolução do reino animal realizou-se em duas vias divergentes: uma em direção ao instinto que se desenvolveu ao máximo nos insetos e outra em direção à inteligência.*¹⁸

3. Consciência, Inteligência e Instinto

Para Bergson, tanto inteligência quanto instinto não se acham em estado puro, embora conservem algo de sua origem comum. Mas, de acordo com Leroi-Gourhan, no momento em que

explicita a importância do estudo da afasia, que acontece com os dois aspectos da linguagem (seleção e combinação) para entendimento do processo de aquisição e dissolução verbal e para a compreensão da metáfora e da metonímia.

Esse texto encontra-se na coletânea *Linguística e Comunicação*.

¹⁸ Henri Bergson, *op.cit.*, p.123

situa a fabricação dos primeiros utensílios como critério para reconhecer o aparecimento do homem, são eles também que indicam a presença da inteligência humana, embora animais como macacos, elefantes e a raposa (ela reconhece a armadilha) cheguem a fabricar instrumentos toscos ou utilizar em proveito próprio um objeto feito pelo homem. Mesmo sendo capaz de uso da técnica, a inteligência do animal é limitada, porque não atende à condição básica para o seu desenvolvimento: a inferência, “que consiste no aproveitamento da experiência passada no sentido da experiência presente.”¹⁹ Portanto, é a faculdade de pensar, que distingue a inteligência humana da inteligência animal.

Apesar de alguns animais terem inteligência suficiente para serem capazes de fabricar e utilizar objetos artificiais, assim o fazem porque os instintos os preparam para isso.

Qual é a diferença, então, entre instinto e inteligência, embora ambos sejam hereditários e inatos? Em primeiro lugar, o instinto corresponde ao uso que o animal não inteligente faz das ferramentas que seu próprio corpo possui: ele sabe como usá-las. Funciona como uma atividade automática, que organiza os instrumentos e o próprio órgão a ser utilizado, continuando o trabalho pelo qual a vida organiza a matéria. O animal tem a seu alcance o instrumento acabado que se fabrica e se restaura a si mesmo. As ações instintivas são processos vitais de funcionamento, visto que o instinto atende com perfeição sua finalidade (“faz com perfeição o que é destinado a fazer”), mantendo a estrutura quase invariável; e como está incorporado à estrutura dos indivíduos, só se modifica com a modificação da própria espécie e implica conhecimento da matéria com e sobre a qual está preparado para agir. Por fim, diferentemente da inteligência, não procura o objeto longe (não especula) e tende à inconsciência, pois fecha o círculo de ação em que o animal vai se mover automaticamente.

A inteligência, por sua vez, fabrica, às custas de muito esforço, o instrumento imperfeito e de manejo penoso. Ele é feito de matéria inorgânica podendo assumir qualquer forma e atender a qualquer fim, não está cravado na ação para a qual foi criado e serve para livrar o ser vivo de qualquer dificuldade nova e conferir-lhe poderes ilimitados. Apesar de ser inferior ao instrumento natural para satisfação das necessidades imediatas, leva vantagem em relação à necessidade premente. Embora não seja parte do organismo natural prolonga-o como uma extensão dele. Prolifera as necessidades, porque para cada uma que satisfaz, cria uma nova. Está sempre

¹⁹ Ibidem, p. 126

reagindo sobre a natureza que o fabricou para conferir-lhe uma organização mais rica, abrindo a atividade a um campo infinito, que, à medida que a impulsiona, torna-a cada vez mais livre em vez de fechar o círculo de ação como faz o instinto. Nesse processo, fabrica máquinas de fabricar. A ação inteligente para se fazer, precisa de conhecimento da forma, da especulação (procurar seu objeto longe) e tem por função estabelecer relações. E como se exterioriza da mesma forma que reflete, é orientada no sentido da consciência.

Tanto instinto como inteligência estiveram implicados um no outro, mas a limitação da força da vida não desenvolve os dois simultaneamente, visto que ela, ao se exaurir, escolhe ou um ou outra, tendo portanto, duas maneiras de agir sobre a matéria bruta:

Ela pode fornecer essa ação imediatamente criando para si um instrumento organizado com que trabalhará, ou pode dar mediatamente essa atuação num organismo que ela fabrica ao modelar a matéria inorgânica. ²⁰

Mesmo colocando-os como dois caminhos a serem escolhidos pela força vital, Bergson afirma que a inteligência depende do instinto, uma vez que para fabricar é preciso que se tenha atingido um grau superior de organização natural, de que só o instinto é capaz. Mas ela triunfa no homem, quando a organização natural torna-se insuficiente, para que ele se defenda das intempéries, da fome e de outros inimigos.

Inteligência e instinto são espécies diferentes de conhecimento e o pensamento bergsoniano dimensiona-os em graus de consciência. O instinto é mais consciente em alguns casos e inconsciente em outros. Quando a natureza controla o manejo do instrumento, a própria organização dele, o ponto de aplicação e o resultado a se conseguir e deixa uma possibilidade muito pequena para escolha, a consciência não passará de acaso. Nessa situação, “ela só põe em relevo essencialmente o desempenho inicial do instinto, aquele que desempenha toda a série de movimentos automáticos.” ²¹

²⁰ Ibidem, p.130

²¹ Ibidem., p.132

Como a consciência depende da mobilidade, ela será maior no animal que se move com mais liberdade, cujo sistema nervoso mais desenvolvido lhe ofereça um número maior de movimentos entre os quais escolhe. Embora condicione a consciência à mobilidade na classificação, inclui a ausência total dela como no exemplo da pedra que cai, porque não possui sentimento de sua queda, denominando-a consciência nula; já a consciência anulada existe, quando a uma ação corresponde uma outra igual em sentido contrário, visto que se compensam e se neutralizam; mas ela pode surgir, no entanto, se a realização do ato (caso do sonambulismo) for detida por um obstáculo. Consciência significa hesitação ou escolha, mas quando a ação real é a única possível (atividade sonambúlica ou automática) a consciência torna-se nula.

Já a inteligência convive com o déficit, passa por contrariedades e tem por função primitiva a fabricação de instrumentos inorganizados, logo está sempre enfrentando mil dificuldades: precisa escolher o local e o momento, a forma e a matéria para realizar sua função. Ela é sempre insatisfeita, pois toda satisfação nova cria novas necessidades.

Em suma, se o instinto e a inteligência envolvem ambos conhecimentos, o conhecimento é antes desempenhado e inconsciente no caso do instinto, e mais pensado e consciente no caso da inteligência. ²²

A inteligência tem por função estabelecer relações, a fim de introduzir a unidade na diversidade dos fenômenos; visa a um objetivo praticamente útil, pois é relativa às necessidades da ação, que lhe define a forma; visa à fabricação ²³ que se exerce sobre a matéria bruta, (atua pois sobre o sólido) com a qual se sente à vontade atuando. E mesmo que use materiais organizados, trata-os como inertes, não se preocupando com a vida que lhes deu forma. Ainda mais, lida com probabilidades, uma vez que, se fabrica, pode prever o que lhe escapará no real, mas não o pode fazer em relação ao que é vital no ser vivo. Uma das características mais importantes dela é o fato de ser extensa: apresenta objetos exteriores a outros e, nesses, partes

²² Ibid., p.133

²³ Ibid., p.142 “Ora, fabricar consiste em talhar em certa matéria a forma de um dado objeto. O que importa sobretudo é a forma a obter. Ou seja, uma inteligência que vise fabricar é uma inteligência que não se atém jamais à forma atual das coisas, que não a considere como definitiva, que admite toda matéria, pelo contrário, como modelável à vontade.”

exteriores à parte: é a possibilidade de decompor a matéria, quando se fala da continuidade da extensão material), pois só se representa claramente no descontínuo (apud)²⁴. Parte sempre da imobilidade, que é sempre aparente ou relativa, e não do progresso que é o próprio movimento e a própria realidade que se opõe à imobilidade, “mas se ela quer representar o movimento, ela o reconstrói com imobilidades que ela justapõe.”²⁵

4. Inteligência e Linguagem

Se a inteligência tivesse permanecido apenas no ato de fabricar objetos, ficaria hipnotizada pelo próprio trabalho, vivendo em estado de sonambulismo, ou seja, teria um desempenho de uma consciência instintiva, anulada.

*Debalde sua primeira função fora fabricar instrumentos.*²⁶

Para que a primeira função inteligente não se acomodasse ao ato de fabrico, a linguagem despertou-a, contribuindo para sua libertação, ao levar a palavra ao interior de sua própria atividade, através da reflexão, que representa um excedente da inteligência. Embora ela mesma tivesse descoberto, pela faculdade de representação, a possibilidade de refletir sobre seus desempenhos (sobre o que faz), isso levou-a a perceber-se como criadora de idéias. “Não há objeto que não queira ter a idéia, mesmo que ela não tenha relação direta com a atividade prática.”²⁷

A linguagem amplia, assim a consciência que a inteligência contém, porque aumenta consideravelmente, a partir da reflexão, as possibilidades de escolha em relação à solução para os “déficits” que a atividade inteligente possa apresentar. Da mesma forma, acelera a mobilidade que é própria da consciência voltada para a fabricação e a insatisfação em relação ao objeto acabado e impede que a ação, que se exterioriza pelo trabalho, caia em estado de automatismo, permanecendo consciência adormecida como na ação instintiva.

²⁴ Ibid., p.140.

²⁵ Ibidem, p.141

²⁶ Ibid., p.144

²⁷ Ibid., p.145

Embora reconheça a importância da linguagem para a consciência e para o progresso do ato de fabricar, Bergson não se aprofunda na possibilidade de a inteligência ser criação no sentido do uso da linguagem como arte. Mas trataremos desse item, quando analisarmos a intuição.

A função primordial da inteligência é fabricar, mas essa atividade não é individual, porque a inteligência associa-se a outras para executar essa função. A comunicação entre as inteligências se faz por meio de sinais da linguagem, que se adapta às necessidades da vida em comum tanto dos homens quanto dos animais.

*A linguagem faz com que uma ação comum se torne possível.*²⁸

A linguagem através de sinais, embora comum a animais e a homens possui características específicas que diferenciam uma da outra. A comunicação entre os insetos (abelhas, formigas) se processa instintivamente: a estrutura corporal dos indivíduos, desde o nascimento, já está preparada para a função que cada indivíduo irá desempenhar na coletividade: cada um possui os seus órgãos “cravados” na função que desempenha. Os sinais da língua atendem às operações organizadas pela vida, colados a cada objeto ou às operações executadas por força do instinto: “o signo adere à coisa significada.”²⁹

No homem, por sua vez, fabricação e ação são variáveis, visto que cada indivíduo aprende seu papel para o qual não está predestinado por sua estrutura biológica. E como ele atingiu maior grau de consciência desperta, por ter maior mobilidade, possui possibilidade maior de escolha, tendo desenvolvido uma linguagem coerente com sua natureza. Logo, a mobilidade é a característica primordial da linguagem humana, o que lhe permite passar constantemente do que conhece ao que ignora. Os signos são em número finito, mas se estendem a uma infinidade de coisas³⁰ e permitiram estender coisas às idéias. Esse caráter reversível da linguagem explica a sua outra face, que ultrapassa a denominação, pois essa seria colar palavras a objetos, gerando a possibilidade de, a partir da linguagem e do pensamento, projetar objetos, assim como o sonho de voar é anterior à invenção do avião.

²⁸ Ibid., p.143

²⁹ Ibid., p. 144

³⁰ Refere-se à linguagem como conhecimento, reflexão, associação e ao caráter polissêmico da palavra: mobilidade do significado.

A palavra feita para ir de uma coisa à outra, é, de fato, essencialmente deslocável e livre. ³¹

Se a inteligência fosse somente exteriorizada (fabricadora) ela teria se fixado nos objetos e não teria a faculdade de reflexão. Há, pois, da parte da inteligência, um movimento para fora, mas impossível de volta sobre si mesma a não ser por intermédio da linguagem. A reflexão, portanto, só acontece graças à linguagem: a inteligência é insuficiente para tal, embora a linguagem constitua um excedente da energia intelectual. Mas a mobilidade, além de deslocar a palavra de uma coisa percebida à outra, possui movimento mnemônico até à idéia:

Ela poderá pois estender-se, não apenas de uma coisa percebida a outra coisa percebida, mas ainda da coisa percebida à lembrança dessa coisa, da lembrança precisa a uma imagem mais fugidia, de uma imagem fugidia, contudo representada ainda, à representação do ato pelo qual se a representa, isto é, a idéia. ³²

A constituição da imagem se dá a partir da lembrança que se tem do objeto; ela vem portanto, dentro do processo de constituição da idéia, substituir o objeto, fazendo-se representação dele, em primeiro lugar, como imagem representada; depois, como idéia que se caracteriza como representação do processo, isto é, desse movimento que produziu a representação da imagem. Essa é, para Bergson, o lugar da linguagem, uma vez que sem ela haveria a representação da imagem, mas não a possibilidade de se conceber o objeto e nem de pensar o próprio processo de representação. ³³

A linguagem permite à inteligência, que era só fabricação (dar forma à matéria inorganizada), conhecer suas próprias operações e descobrir-se como faculdade de representar, portanto de criar idéias. Assim, além do exercício da fabricação - dar forma à matéria bruta -, a inteligência enquanto linguagem busca a vida e o pensamento. Mas como a inteligência é exteriorização, para

³¹ Ibid., p.144

³² Essa visão lembra a concepção de Saussure, apresentada no *Curso de Lingüística Geral*, pp. 69, 70 e 81, sobre signo, o qual possui um conceito (= significado) e uma imagem acústica (= significante).

³³ Ibid..

pensar sobre si, procede da mesma forma que faz com os objetos: os conceitos são exteriores e descontínuos e não são mais percepção das coisas, não são mais imagens, mas símbolos, ou seja, representação que expressa o modo como a inteligência se fixa nas coisas. Para Bergson, embora a inteligência tenha se exteriorizado por meio da fabricação de objetos, o modo como se exteriorizou foi possível pelos símbolos (signos). Sem eles, isso não teria acontecido, pois como já ficou dito, permaneceria como que em atividade automática: um contínuo fazer sem que se pensasse sobre o que se fez, como se fez e sua utilização.

Bergson, porém, consolida a prepotência da inteligência ao reconhecer a linguagem apenas como mais um caminho, cuja mobilidade foi fundamental para a evolução da inteligência, a qual lhe tomou os hábitos, visto que necessita denominar um objeto para que ele se torne coisa. É esse caminho que a faz, no entanto, chegar à clareza e à distinção pela lógica que consiste em “conjunto de regras que se impõem cumprir na manipulação dos símbolos”.³⁴

De modo diferente desse autor, que considera a fabricação como a função primeira da inteligência, Leroi-Gourhan levanta a hipótese dessa atividade ser concomitante à linguagem, porque ambas pertencem ao domínio do cérebro (o mesmo dispositivo neuromotor coordena as ações da face e da mão) e não da língua, embora a musculatura da expressão vá se aperfeiçoar de uma etapa antropológica à outra.

*A ligação entre a mão, os órgãos faciais e os dos pólos do campo anterior testemunham igualmente uma importância na formação dos símbolos da comunicação.*³⁵

Há dois motivos por que linguagem é possível, a partir do momento em que a Pré-história apresenta utensílios: estão ligados neurologicamente e são indispensáveis à estrutura social da humanidade.

*Não há motivos para separá-los, por que no decurso de toda a História o progresso técnico está ligado ao processo dos símbolos técnicos da linguagem.*³⁶

³⁴ Henri Bergson, *op.cit.*, p.145

³⁵ Leroi-Gourhan, *op.cit.*, p.116

Mesmo sabendo que antes da escrita é impossível um verdadeiro conhecimento da linguagem e que os movimentos da língua destinavam-se antes à alimentação e só posteriormente aos sons da fala, é possível para o autor fazer algumas inferências. Em um primeiro estágio de evolução humana, a linguagem que correspondia à evolução dos utensílios, não devia ultrapassar o nível dos sinais vocais, de caráter instintivo, distintos da palavra que é inteligente.³⁷ A outra inferência ele (o autor) a faz a partir da observação do fabrico e uso de instrumentos pelos grandes macacos, cuja linguagem e técnica aparecem por estímulo exterior e desaparecem espontaneamente; já no homem, essas operações de fabrico (*chopper* ou biface) são diferentes, porque preexistem no momento de sua utilização e o utensílio persiste por ações posteriores.

Devido a essas operações anteriores e posteriores ao uso do objeto fabricado, Gourhan estabelece a noção de cadeia operatória que organiza o utensílio por meio de uma operação em cadeia, a qual identifica com uma “verdadeira sintaxe que dá às séries operatórias a sua fixidez e sutileza”.³⁸ Por isso, a linguagem primitiva deve ter tido o mesmo grau de complexidade e riqueza que as técnicas. A partir dessa hipótese, a linguagem do zinjantropo (fim do terciário) com uma série de gestos técnicos muito simples, seria um pouco mais evoluída que a dos gorilas; já os arcantropos que possuíam cinco ou seis formas de utensílios (dupla série de gestos), apresentavam elos operatórios mais complexos e a linguagem, embora limitada à expressão de situações concretas, deveria ser mais rica.

Do ponto de vista de Bergson, para quem o homem é antes de tudo *homo faber*, a linguagem desenvolveu-se depois da técnica a qual também motivou, ou seja, o homem já exercia a fabricação quando desenvolveu a linguagem que interioriza a inteligência, tornando-a reflexiva; para Gourhan, o exercício da técnica é simultâneo ao da linguagem pois dependem do mesmo mecanismo cerebral. Assim, o paralelismo entre ambas estende-se também quanto à sintaxe operatória e à referência: nesta, a linguagem permanece informando sobre situações concretas correspondendo à simplicidade da construção e uso dos utensílios e, naquela, às operações

³⁶ *Ibid.*, p.116

³⁷ Leroi-Gourhan e Bergson estão de acordo quanto a essa distinção

³⁸ *Ibid.*, p.117

simples de fabrico deve corresponder também uma sintaxe simples para a combinação dos signos da linguagem.

A evolução técnica acompanha-se da evolução da linguagem: os neanderthalenses exteriorizam símbolos não concretos. Qual é o resultado dessa evolução? Os conceitos técnicos são ultrapassados por outros de que há testemunhos operatórios manuais: inumação, corantes e objetos curiosos, que dependem do raciocínio e ultrapassam a motricidade técnica vital.

Parece razoável aceitar que a evolução da linguagem corresponderia à evolução técnica. A linguagem, em um dado momento de sua evolução, teria permanecido, como quis Bergson, grudada aos objetos exteriorizados pela inteligência, mas essa fase não poderia corresponder apenas à constituição do objeto pela denominação, a não ser que fosse anterior ao gesto de fabricação. Se, porém, concordamos com Gourhan, da mesma forma que há uma cadeia operatória - seqüência de gestos necessários para a produção e reprodução do utensílio -, a linguagem que se constitui como uma seqüência de fonemas e de palavras que se organizam por meio de regras implícitas, é correlata a essa sintaxe técnica. Essa correlação sintática que torna possível repetir o gesto de fabricação e uso do utensílio e aperfeiçoá-lo e a faculdade de desenvolver uma linguagem capaz de interiorização, de retomar o passado (repete as ações pela fala) e projetar para o futuro, é própria do ser humano, porque se manifesta no exercício das duas atividades. A complexidade técnica corresponde à da linguagem, que supera o concreto.

*A linguagem dos neanderthalenses não devia diferir muito da atual. Essencialmente ligada à expressão do concreto, devia assegurar a comunicação no decorrer dos atos, função primordial em que a linguagem está ligada ao comportamento técnico. Devia também assegurar a transmissão dos símbolos da ação na forma de narrativas.*³⁹

A relação da linguagem com o passado, sem dúvida, pode ter tido uma primeira função comunicativa, como na citação, ligada ao gesto técnico, ao concreto, à sobrevivência (nutrição,

³⁹ Ibid., p.118

preservação da vida), mas, se realizada através dos símbolos, pode bem ter-se constituído em ato de narrar referente às ações humanas no mesmo sentido que o gesto técnico.

Gourhan coloca, ainda, a ação narrativa como uma segunda função da linguagem que deve ter aparecido com os arcantropídeos e, por fim, acrescenta a terceira função, em que a linguagem ultrapassa o concreto e a reflexão sobre ele para expressar os sentimentos ligados à religiosidade.

Apesar de Bergson insistir em sua obra *A Evolução Criadora* sobre a função, a natureza e o funcionamento da inteligência, muito pouco se detém nessa terceira função a que se refere Leroi-Gourhan. No próximo capítulo vamos procurar, partindo de Bergson, pensar o instinto e a intuição para, modestamente, tentar entender esse aspecto da linguagem.

5. Intuição e Linguagem

Tanto a inteligência como o instinto são desenvolvimentos divergentes de um mesmo princípio: ela se exterioriza e usa a matéria bruta, ao passo que ele continua interior a si mesmo. Ela trata das coisas mecanicamente: busca organizar o mundo inorganizado, voltando-se à matéria inerte; é a faculdade de estabelecer relações que se aplicam a todas as coisas, embora permaneça fora delas; através da ciência, revela-nos os segredos das operações físicas, mas só nos representa a vida em termos de inércia.

De modo diferente, o instinto trata das coisas organicamente, continuando o trabalho pelo qual a vida organiza a matéria; seu procedimento automático coincide com a força geradora da vida, por isso os mais essenciais são processos vitais; coincide com o trabalho de organização, a exemplo das abelhas, em cuja sociedade nenhum indivíduo vive isoladamente; funciona em comunhão consigo mesmo, arrastando consigo a totalidade do passado, mas, se houver uma situação de emergência (animais ou plantas nascidos em circunstâncias extraordinárias), nossa memória faz jorrar as lembranças necessárias à situação. Ele é como uma comunhão adivinhadora que vem do próprio interior da vida e, não, como a inteligência que fica de fora dela. O instinto pode sair de si mesmo, despertando dessa situação de automatismo perfeito ao se tornar consciente de si e transformar-se em intuição.

Mas, ao próprio interior da vida é que nos conduziria a intuição, quero dizer, o

*instinto que se tornou desprendido, consciente de si mesmo capaz de refletir seu objeto e de o ampliar infinitamente.*⁴⁰

A intuição participa da vida.⁴¹ De modo consciente, nos conduz com esforço ao interior dela. Esse esforço é comprovado “pela existência no homem de uma faculdade estética ao lado de uma percepção normal”.⁴² Esta percepção visual que temos do ser vivo percebe traços justapostos e não organizados entre si, por isso o movimento da vida que corre através das linhas e as torna significativas, escapa-lhe. Já o artista, que pretende captar movimento de intenção da vida, penetra no interior do objeto por uma espécie de comunhão. Para isso, por um esforço de intuição, reduz a barreira que o espaço interpõe entre ele e o modelo. Mas essa intuição estética como o resto da percepção exterior só atinge o individual, o que impede a arte de se fazer atividade coletiva, social.

Com a tarefa de completar o que a inteligência possui de insuficiente, podendo para isso usar os próprios mecanismos dela e mostrando-nos o que é preciso colocar no lugar deles, a intuição pode fazer com que a inteligência reconheça seus próprios limites. Bergson expande as possibilidades de ação da intuição, visto que, se ela não lançasse mão dos objetos definidos pela inteligência como aqueles necessários à produção artística, não se exteriorizaria porque a arte busca a interação da vida com a matéria.

*Depois, pela comunicação comungante que ela estabelecerá entre nós e o restante dos seres vivos, pela dilatação que obterá de nossa consciência, ela nos introduzirá no domínio próprio da vida, que é interpenetração recíproca, criação infinitamente continuada.*⁴³

Foi, no entanto, a inteligência que a fez despertar, do contrário teria permanecido instinto, do mesmo modo que ela lhe fornece os mecanismos apropriados à exteriorização - como a

⁴⁰ Henri BERGSON, *A Evolução Criadora*, p.159

⁴¹ Se a consciência está assim cindida em intuição e inteligência, se dá pela necessidade de se aplicar à matéria, ao mesmo tempo que acompanhar a corrente da vida. – *Ibid.*, p.160

⁴² *Ibid.*, p.160

⁴³ *Ibid.*, p.160

linguagem no caso da arte literária e os outros necessários às outras expressões artísticas, por meio dos quais o artista manifesta a vida. A arte não se estanca nunca, podendo utilizar-se de mecanismos inéditos que a inteligência possa lhe propiciar para expressar a vida, por exemplo, aqueles de que Bill Viola se ocupa para construir o objeto artístico, mas nunca deixa de ser essa criação “infinitamente continuada”. O mesmo se pode aludir às artes da linguagem que se continuam e se retomam como se as narrativas, por exemplo, que foram faladas e escritas até agora se interpenetrassem não só com a vida, mas consigo mesmas e se continuassem.

Intuição e inteligência são as duas vias possíveis da evolução da vida, como se a consciência carregada “de uma multiplicidade enorme de virtualidades que se interpenetrassem, houvesse penetrado a matéria”⁴⁴, levando-a à organização. Com esta, o espírito volta-se para a matéria, na imobilidade, exterior ao próprio eu, trabalhando com elementos diversos com os quais compõe e justapõe, em complexidade crescente, com a finalidade de fabricar instrumentos característicos da tecnicidade e da ciência. Com aquela, o espírito, em movimento interior, volta-se sobre si mesmo, apreende o espírito na intimidade do sujeito, abrange o heterogêneo e o dinâmico do tempo e não se afasta da simplicidade e da experiência.⁴⁵

A linguagem verbal, embora, segundo Bergson, tenha se desenvolvido da inteligência e para ela, como não admitir que ela se incorpora à intuição, tendo também se desenvolvido dela e para ela? Pelo que conhecemos e pelo que pudemos observar de Leroi-Gourhan, o homem, no decorrer de sua evolução, devido à bipedia, pôde libertar as mãos para a técnica, as quais deixaram a face livre para a fala, levando assim a um desenvolvimento do cérebro para que coordenasse ações na direção de sua evolução. Da mesma forma, a linguagem, no sentido primeiro, como a vimos na consideração que Bergson fez em relação aos insetos, situa-se primeiramente como atividade instintiva. Coerente com a premissa da evolução, tem-se consciência de que o homem deve ter tido como os animais uma linguagem instintiva. Se ele nasce equipado biologicamente para o exercício da fala⁴⁶, a linguagem é, portanto, inata e deve

⁴⁴ *Ibid.*, p.163

⁴⁵ Henri BERGSON, *A Intuição Filosófica*, p.29

⁴⁶ Eric H. Lenneberg, em seu ensaio “A Capacidade de Aquisição da Linguagem” in *Novas Perspectivas Lingüísticas* (coletânea), p.55 a 92, assim se refere a esse fato: “Não nos ocorre encarar a possibilidade de que o, homem possa estar equipado com propensões biológicas altamente especializadas que favoreçam e até mesmo dão

ter correspondido a um exercício funcional de atividade social organizada pela natureza como se observa nos animais. Mas, à medida que ela atendeu a uma exigência não apenas do pensamento (como Bergson a limita em *A Evolução Criadora*), como também a uma exteriorização do que o ser humano possui de mais espontâneo e imprevisível - as emoções desligadas do exercício mecânico da atividade instintiva -, ela extrapolou o automatismo quase perfeito do instinto, com a finalidade de elaborar a própria realidade da vida interior. A linguagem torna-se intuição, mesmo que para isso tenha tido, como mediação de seu mundo subjetivo, o concurso da inteligência. A ciência, por sua vez, nem sempre conseguiu esclarecer a maior parte das indagações humanas (como acontece ainda hoje). Assim religião, magia e arte estiveram sempre presentes na vida humana, apesar de o *homo faber* ter chegado, com sua ciência e tecnologia, aonde chegou. Portanto, é a intuição “que a linguagem continua a exprimir”⁴⁷ durante o maior tempo de uso.

Com toda a limitação da linguagem, visto que se constrói com um número finito de fonemas para a fala e de letras para a escrita, ela tende, sempre, a se expandir do finito para o infinito, porque mesmo quando se repete, ela o faz em um novo contexto. Assim, mesmo partindo do finito, a linguagem põe em evidência a evolução criadora, no sentido de que extensiva da inteligência e da intuição integra-se no universo que produz como pensamento, como arte, ou simplesmente, como extravasamento emotivo do ser que dimensionou como humano.

Como extensão da própria essência do ser humano, que se integra na vida que é evolução criadora e cuja essência é a duração, constitui o fio que a liga ao restante do universo que dura,

*... a duração significa invenção, criação de forma, elaboração contínua do absolutamente novo. Os sistemas delimitados pela ciência só duram porque estão indissolivelmente ligados ao restante do universo.*⁴⁸

A duração participa da essência da linguagem em dois sentidos: primeiro, pelo fato de sermos os depositários da evolução biológica (criadora) que a propiciou e que continua se fazendo

forma ao desenvolvimento da fala na criança e que as raízes da língua possam estar profundamente fundadas na nossa constituição natural quanto, por exemplo, a nossa predisposição para usar as mãos.” – p.55

⁴⁷ Henri BERGSON, *A Intuição Filosófica*, p.33

⁴⁸ Idem, *A Evolução Criadora*, p.21

conforme as exigências de adaptação ao meio; segundo, porque ela, apesar de possuir um sistema fônico limitado (isso não constitui problema) insere-se na duração porque participa da evolução, no sentido de que o ser humano é capaz de gerar uma quantidade infinita de frases. De fato, ela representa o re-arranjo do antigo e pode, também, condenar-se a tornar-se consciência adormecida se e somente só for adstrita à atividade automática, controlada, por exemplo, pelo poder ou pela tecnologia. Até o momento, sabemos que ela se amplia e se renova pelo sentido que lhe é dado pela dinâmica de qualquer realidade que tenha como referência. Assim, ela alimenta o fluir contínuo do devir, porque além de se prestar para prever o futuro, ela carrega constantemente o passado, tanto o da vida diária que em nós se acumula, como também aquele que nos oferece os dois principais critérios de humanidade: fabricação e linguagem. Embora o passado se conserve por si mesmo automaticamente em nosso inconsciente, é a linguagem que o desperta para a vida exteriorizando-o (mesmo não sendo sua única forma de expressão). Ela pode tanto ser espontânea, despertando o novo e o imprevisível como chegar a um grau de intenção que a leva à expressão artística, que realiza a coincidência absoluta do sujeito com o objeto ou do sujeito consigo mesmo. Não há melhor exemplo do que a narrativa, que representa o passado através da linguagem.

Ela recoloca o vivido, não como repetição, porque o passado é irreversível, mas o escritor penetra no interior da vida apreendida em determinado momento, que corresponde à exteriorização do vivido - “é o corte feito no tempo que flui”. Ele tem que lá entrar e ordenar os fatos, que de modo algum conseguem ser como aconteceram, mas tentando imitar o fluxo da vida com o concurso da inteligência, tem a intenção de nos levar a viver as mesmas emoções que a vida suscitou naquele momento sentido e no espaço percebido. Este, embora constituído por objetos orgânicos e inorgânicos (artificiais, que sejam) será adequado ao tempo narrativo, como se nos fosse dado, por magia, retomar a duração da vida como *flashes* que se sucedem em um filme. Ela é intuição, no sentido de que penetra no interior da própria vida, de modo subjetivo e é, também, consciência porque se exterioriza e oferece escolhas em relação às possibilidades de caminhos que cada unidade dramática, ou seqüência, poderia ter seguido. O escritor oferece ao leitor exclusivamente aquelas registradas. Indo mais além, uma narrativa não se esgota em si mesma, ela não se fecha, porque, se o fizesse poderia repetir-se e condenar-se ao automatismo,

mas abre-se finitamente para as narrativas que já foram feitas e infinitamente para as que se farão, amarrando-se mutuamente por meio daqueles fios, sobre os quais Bergson escreveu, à vida, que é evolução e que se liga ao universo como um todo.

A narrativa nos oferece um exemplo da intuição que se faz arte da linguagem, mas é a poesia que nos aprofunda mais ainda no interior de nós mesmos e exterioriza não unicamente o movimento da vida naquele sentido da precisão intuitiva que Bergson define como “a capacidade de ajustamento sucessivo e renovado do pensamento à experiência”.⁴⁹ Aquela é capaz de nos ajustar de forma nova à vida, pois nos coloca diante de outras possibilidades de escolhas em relação a ela; já a poesia nos aprofunda ainda mais no interior de nós mesmos, assim como no interior da própria linguagem, criando, com ela, aquela identificação de que já falamos, como se fosse uma simpatia. Com ela exteriorizamos a linguagem enquanto ritmo, como forma limitada (pertence ao domínio da inteligência), mas que desaloja a linguagem da tendência à consciência adormecida, à automatização, para se expor não apenas como multiplicidade de ritmos, mas de sentidos.

*A verdade é que acima da palavra e acima da frase há algo de muito mais simples do que uma frase e mesmo do que uma palavra: o sentido, que é menos uma coisa pensada do que um movimento do pensamento, menos um movimento do que uma direção. É o sentido uma cadeia de sentidos intermédios, que vai ligando as palavras, as frases, de forma a que mesmo em discursos que estão tão afastados entre si e que se parecem opor, poderão ainda estar ligados pelo sentido. Há um sentido fundamental: pensar intuitivamente é pensar em duração.*⁵⁰

É ela que incorpora, em seu fazer-se poesia, esse movimento do pensamento, não puramente coisa pensada, mas movimento intuído que cria o imprevisito, o novo por essa cadeia de sentidos intermédios. Eles não se esgotam em ligações unívocas com as palavras, porque criam energia que explode a tendência à univocidade por meio dessa multiplicidade de sentidos que a própria poesia cria intuitivamente.

⁴⁹ Idem, *A Intuição Filosófica*, p.52

⁵⁰ Ibid., p. 52 Nota de rodapé citando *O Pensamento e o Movimento*, p.1275

A poesia data do período em que o homem possuía uma visão anímica da realidade, ou seja, “apreende todo o universo como uma unidade isolada de um ponto de vista único”.⁵¹ Pode-se relacioná-la com os processos de encantamento, como uma atuação sobre os fenômenos naturais, então inexplicados, que se poderiam resolver com essa energia das palavras, no sentido etimológico da palavra energia (do grego “en” = dentro e “ergon” = atuação). Atuação que vem de dentro, como a intuição que se introduz (intromete) no próprio objeto e, desvendando-lhe os mistérios, o exterioriza, para que atue sobre o mundo, submetendo-a à vontade do feiticeiro que possui o poder de dominá-lo pela linguagem em sua expressão reiterativa.⁵² Essa possibilidade de reiteração da linguagem, que quebra a ação continuada da vida, retira da fala a frase musical que se repete, os fonemas que se espalham pela recorrência e ao mesmo tempo, buscando através da semelhança fônica, aproxima significados díspares. É a linguagem procurando dominar o natural; o homem tentando entender o mundo, pela intuição. Mas, a característica marcante dessa forma de encantamento é o fato de ela ser fortemente mnemônica, isto é, memória, conservação e acumulação do passado no presente, mas, também, antecipação do futuro, na medida em que carrega para a ação presente a força para impedir os problemas futuros ou chamar os benefícios que virão. Isso é consciência. Assim, a arte da linguagem verbal, além de ser expressão do passado que se acumula, funciona como o “sistema de alarme premonitório” a que se referia McLuhan que nos leva ao “movimento de uma ruptura e o de um advento”, que contém “o próprio desenho de toda situação revolucionária, cuja ambigüidade fundamental é que a Revolução deve tirar daquilo que quer destruir a própria imagem do que quer possuir”.⁵³ Poder-se-ia dizer que projetando para o futuro, a arte carrega consigo todo o passado que acumulou. Ela representa, pois, uma possibilidade de escolha maior em relação ao futuro através da consciência que se faz pela palavra.

Toda ação humana deveria, como a executada pelo artista, ser plenamente marcada pela liberdade de escolha que se faz no e a partir do mundo-

⁵¹ Sigmund FREUD, *Totem e Tabu*, p.99

⁵² Roman JAKOBSON, *Linguística e Comunicação*, p.61 – Os princípios que comandam os ritos mágicos foram resumidos por Frazer em dois tipos: os encantamentos baseados na lei da similaridade e os baseados na associação por contigüidade. O primeiro desses dois grandes ramos da magia simpática foi chamado “homeopático ou imitativo” e o segundo, “magia por contágio”. A poesia lembra o primeiro tipo de magia.

Porque a consciência corresponde exatamente à capacidade de escolha de que o ser vivo dispõe; ela é co-extensiva à franja de ação possível que envolve a ação real: consciência é sinônimo de invenção e de liberdade. ⁵⁴

- diferenciando-se do animal cuja “invenção jamais passa de variação sobre o tema da rotina”, escapando aos “hábitos da espécie” para criar um outro automatismo.

Sem dúvida alguma, a liberdade de que fala Bergson atendeu à evolução da espécie humana no sentido de que o homem usou o determinismo natural para superar a própria natureza, dominando o automatismo a que ela o condenou. E isso,

ele o deve a sua fala, que fornece à consciência um corpo imaterial a que se encarnar e a exime assim de se estabelecer exclusivamente sobre os corpos materiais cujo fluxo primeiro a arrastaria e logo a engoliria. ⁵⁵

Embora fala e vida social tenham sido o motor da evolução humana, o despertar e a constituição da consciência que impulsiona “os melhores a subirem mais alto e impede os mediocres de adormecerem”, funcionaram como critério de seleção a que fomos submetidos dentro da espécie humana. Portanto, sustentada pela liberdade de escolha e decisão sobre os caminhos nos quais podemos seguir, não se fixou como critério estabelecido para a sociedade humana como um todo, mas somente para aqueles que observaram a linguagem como exercício de poder, condenando os mediocres, que sempre são a maioria, à consciência adormecida, ao retorno ao automatismo. Assim, a consciência que deveria desdobrar-se em intuição (“caminha no sentido da vida”) e inteligência (“regida pela matéria”), na direção da liberdade e invenção como bases da evolução de toda a espécie humana, condena-se historicamente à inibição da intuição e à automatização da inteligência, que abandona sua essência, uma vez que deixa de agir em função das necessidades humanas para criá-las atendendo à dominação e ao poder.

⁵³ Roland BARTHES, *O Grau Zero da Escritura*, p.106

⁵⁴ Henri BERGSON, *A Evolução Criadora*, p.231

⁵⁵ *Ibid.*, p.138

Se a consciência tende a se tornar adormecida, por meio de sua automatização, isso deve-se ao fato primeiro de ela ter despertado através da exteriorização da inteligência sobre a matéria com o concurso da linguagem que possibilitou o pensamento em função da técnica. Não seria esse o percurso ao qual a evolução tende a nos conduzir? O homem, no decorrer de sua evolução, superou-se a si mesmo enquanto ser natural, pois, graças ao seu mecanismo corporal, conseguiu dominar toda a natureza. Bipedia, liberação das mãos e da face possibilitaram-lhe o desenvolvimento do cérebro e, por conseguinte, da linguagem e da técnica.

Ambas manifestaram-se simultaneamente (concordamos aqui com Leroi-Gourhan) porque técnica pressupõe a existência de uma sintaxe de fabricação capaz de ser repetida com o concurso da memória, da mesma forma que a linguagem depende, também, de regras de combinação estabelecidas por convenção (são aceitas pelos falantes) e da memória.

Linguagem e técnica desenvolveram-se simultaneamente, supondo-se que a evolução dos objetos técnicos corresponde à da linguagem, uma vez que ambos evoluíram a partir do mesmo mecanismo corporal. Embora a linguagem tenha atingido uma certa estabilidade evolutiva, a técnica realizada pela materialidade dos objetos continua evoluindo em velocidade cada vez maior, de modo que o homem acaba sendo dominado por ela, condenando-se à atividade automática que se exhibe na linguagem controlada pela televisão. Foi o que se observou nas redações analisadas neste trabalho. A linguagem, por meio da qual a inteligência se desenvolveu e a intuição pôde se expressar, é o princípio da consciência desperta, criadora, ativa que está sempre se integrando com a vida, mas, atualmente, se submete à mídia televisiva permitindo o controle. Como ela é base do pensamento humano, o seu controle significa perda da consciência e conseqüente retorno à automação.

CONCLUSÃO GERAL

Se pensarmos nos capítulos iniciais deste texto, verificamos que o ponto de partida foi a informação que está contida nas redações do Vestibular, de modo uniforme. A observação da uniformidade informativa deveu-se ao trabalho de vários anos em atividades de correção na universidade e, antes disso, à participação em um projeto que se desenvolveu nas escolas, para que os alunos adquirissem, desde cedo, o gosto pela leitura. O que se observa, porém, é que, na escrita, havia grande ausência de intertextualidade ¹, ou seja, ausência de informações provenientes de textos escritos, especificamente, livros.

Esse foi o núcleo que levou à indagação do motivo por que isso ocorria em uma sociedade onde se valoriza a frequência à escola. Apenas poucas informações que lá estavam eram provenientes da cultura escrita valorizada e sustentada pela escola. Via-se portanto que a educação escolar não conseguia pôr em prática sua finalidade primeira - aprendizagem da leitura/escrita - e por cujo fracasso os professores sempre foram responsabilizados. Havia, pois, uma explicação nebulosa que não convencia: era como se houvesse necessidade de um “bode expiatório” que justificasse a frustração das expectativas em relação ao desempenho dos estudantes. Era preciso entender com seriedade o que acontecia e, não apenas, apresentar explicações superficiais que justificassem a manutenção do *status quo*, incluindo-se aí a desvalorização do trabalho docente e sua conseqüente baixa remuneração. A baixa valia dessa atividade profissional, certamente, estaria associada a outras causas que não apenas didático-pedagógicas, que se manifestavam no escasso resultado decorrente do esforço idealista dos professores.

A busca das causas primeiras escolheu o caminho do que deveria ser o coroamento do trabalho dos professores do ensino médio, buscando-se a informação na era do seu culto, embora já devidamente criticada por Theodore Roszak em seu livro², que a compara metaforicamente à estória *A Roupa Nova do Rei*. Apesar do culto de que se cerca, era preciso entendê-la para que se pudesse entender sua expressão nas diferentes linguagens, sua relação com o objeto a que se referia e como se fazia o contato de recepção. Se a informação é o que se troca com o mundo, por meio da linguagem, uma sucessão de linguagens representantes do mundo substituíram-no e

¹ Helena H. Nagamine BRANDÃO, Introdução à Análise do Discurso, p.75-81. Considera-se aqui a relação que um texto mantém com outros de natureza verbal, escrita.

² Theodore ROSZAK, *O Culto da Informação*, Introdução

passaram a ser referência uma da outra sucessivamente. O homem distanciava-se da natureza na medida de sua evolução *signica*. Dentre os vários sistemas de signos, optou-se pelos que dependiam da visão para serem recebidos, porque seu ponto de partida coincidia com o da linguagem escrita.

A redução de um preconceito tornou-se valiosa: o homem, que se diferenciou dos outros animais por causa da linguagem (da fala) independente da vida, não é, somente *homo sapiens*, ou seja, não se distinguiu apenas pelo exercício da fala que lhe possibilitou o desenvolvimento da inteligência pela capacidade de pensar: fazer reflexão sobre o que exterioriza e projetar novamente sobre o mundo. Simultaneamente, a sabedoria da linguagem conviveu com o fabrico, inteligência prática, responsável por sua atuação no mundo, que sempre interferiu de modo incisivo no uso da linguagem e vice-versa. Ele sempre foi também o *homo faber* ao qual a civilização da escrita não deu o devido valor. O motivo foi por que a sociedade dividiu-se entre os que pensam (minoría) e os que executam (maioría), estes subordinados àqueles. Assim, os signos humanos, no caso a fala e a escrita, atenderam ao exercício de poder, do qual uma das principais características foi o distanciamento do mundo natural, por meio do aumento da artificialidade de processos.

O homem, esse ser natural, afastou-se de sua origem pelo fato de sua inteligência estar sempre insatisfeita com aquilo que criou. A insatisfação, por ser a marca principal de sua atividade intelectual, leva-o a um processo de aceleração cada vez maior, principalmente, no que diz respeito à fabricação de objetos. Os objetos também evoluem no sentido do exercício do poder, direcionando-se não apenas sobre o domínio da natureza, que é pequeno atualmente no sentido de sua sustentação equilibrada, visto que exerce sobre ela atividades predatórias que prejudicam toda a humanidade.

A essas reflexões, acrescentam-se outras que observam que tanto a linguagem como o fabrico, originaram-se do corpo humano: bipedia, liberação das mãos, desenvolvimento da inteligência, fala e fabrico na compreensão mecanicista funcional da evolução humana. Mas, por outro lado, o olhar sempre foi absolutamente importante, não apenas para observar o mundo que adquiria significado, mas para estabelecer metas para aumentar o dominação sobre o espaço e sobre os que nele viviam. A escrita representou a confluência entre mãos e olhos, porque deixa de ser sopro articulado e repleto de sentido originário do próprio corpo, para se transformar em produto das mãos sustentado pelo pensamento (pela inteligência humana). Com ela, a relação humana de

comunicação sofreu alterações psico-sociais significativas; ela deixou de ser inclusiva para estabelecer a relação exclusiva, distante, repleta de formalismos, o que favorece o exercício do poder, como esclarecemos no texto, embora favoreça a imaginação e o pensamento. O olhar deixa de se dirigir ao mundo natural para observá-lo e pensar sobre ele por meio dos signos verbais orais e passa a observá-lo através da escrita. E ela, produto das mãos (fabrico) e do olhar serve-se constantemente do pensamento para se fazer signo e como tal ser interpretado.

Como a escrita atendesse ao exercício do poder, foi preciso ponderar sobre sua recepção assim como dos signos que dependiam do olhar humano, incluindo os icônicos que conviveram com a fala e a escrita. Os signos técnicos, também, dependeram do fabrico: dos objetos produzidos e não apenas da atividade manual que, de início, produzia os signos icônicos que já proporcionavam uma certa acomodação do olhar, uma vez que o significado não dependia de um código (como na escrita) mas exibia-se pela imagem do mundo com a qual possui analogia, o que não acontece com a escrita alfabética, cujas letras e palavras dependem de convenção.

Os objetos técnicos que passaram a produzir linguagem, possuem, portanto características específicas cuja recepção diferencia-se da leitura do signo verbal escrito. A recepção da imagem é mais fácil porque não é necessário que se lhe conheça previamente o código, por sua vez mostra o mundo imediato, relegando-o à mediação sógnica entre os homens para outro plano. Fotografia e cinema, assim como a escrita, também serviram ao exercício do poder. Mas ambos os signos que se fazem a partir do olhar e para o olhar, começam a dispensar o exercício do pensamento devido ao imediatismo da apreensão visual. A fotografia e o cinema são signos que não interferiram na escrita de forma predadora, porque mantiveram a noção de tempo, a memória (o passado na fotografia congela um momento que passa; e a narrativa no filme que faz do tempo uma seqüência que simula a realidade). Mas, da mesma forma que a escrita, que se aperfeiçoou graças à tecnologia da imprensa, os signos técnicos passaram a exigir um mercado maior e uma uniformidade de recepção, alterando as relações sociais existentes a partir da alfabetização, na escola. A leitura, embora atividade individual e silenciosa, permitiu a formação dos públicos: os que pensavam e criticavam os produtos expressos por essas linguagens, enquanto o contato do cinema e da televisão com os espectadores favoreceu a formação das massas (especificamente a televisão) Assim, mesmo sendo usados a serviço do poder nas guerras ou fora delas, as linguagens da fotografia e do cinema não chegaram a descaracterizar o homem como ser

pensante, mesmo tendo interagido a escrita., a não ser em situações em que foram manipuladas com vistas ao exercício de poder.

A difusão da tecnologia fotográfica foi grande, não apenas para atender o poder econômico com marcas, logotipos que se difundiram graças à reprodutibilidade técnica, mas, também, à possibilidade de registro de imagens, que se estabeleceram no seio das famílias pelo fácil acesso a essa tecnologia. O cinema, porém, já se caracteriza pelo empreendimento (indústria cinematográfica), exigindo um grande público (ou massa fechada), cujo ritual de repetição requer grandes produções para que haja retorno financeiro. Ele já cria os mitos cinematográficos que correspondem aos anseios (aos desejos) do grande número de receptores. Colabora com a escrita, no sentido que transforma em imagens muitas obras-primas da Literatura, que já foram lidas ou cuja leitura é estimulada. Há uma aliança benéfica entre a linguagem do cinema e a escrita. Embora a recepção da imagem cinematográfica não dê espaço ao pensamento (o crítico assiste a um filme mais de uma vez para criticá-lo), porque o espectador se relaciona com ela como se estivesse participando de um sonho, produz mais efeitos catárticos pela identificação com as personagens ou pela semelhança com imagens da memória que acabam por preencher os intervalos das fotografias que se movimentam, criando um elo bastante estreito entre espectador e linguagem. Por essa característica, o poder político usou o cinema para se exercer durante as guerras e, mesmo, durante os períodos de paz. A partir dessa linguagem começa a se delinear a preponderância do olhar sobre as mãos: a linguagem é produzida por uma minoria identificada por relações de trabalho (os que mandam e os que executam) e a maioria está destinada, apenas, a ver.

O signo, porém, que mais interfere na escrita, é o televisivo, porque acelerado e imediato. Embora não represente a realidade tal como é, não se preocupa com a verossimilhança como no cinema, cuja intenção é fazer com que a ficção pareça real. Ele é incompleto, por isso, necessita do concurso dos sentidos como um todo para se fazer; possui taticidade e, por isso, é mais envolvente. A realidade que ele exhibe é editada, programada, virtual. Sua recepção é absolutamente passiva, por isso tem, como consequência, a constituição da massa eletrônica passiva e conformada. Essa massa aceita como verdade as informações organizadas por esse signo, sobre as quais não tem tempo de pensar devido à rapidez com que são veiculadas. A consciência que os proprietários das emissoras têm sobre o poder que têm disponível em suas mãos, torna claro o seu conseqüente exercício. A massa não tem consciência desse fato.

As conseqüências sociais da linguagem televisiva são muito mais predatórias para o homem do que as das outras, pois cria fortes condicionamentos que contaminam a escrita que deveria contar com o novo e o original, abolindo desse signo importantes características como o pensamento, a imaginação e a criatividade, que se faz pela comunhão com a vida. A televisão torna os comportamentos uniformes e a linguagem padronizada: a imagem exteriorizada passa a ocupar o espaço interior do homem, que se expressa lingüísticamente por clichês veiculados. O passado vai, cada vez mais, ausentando-se das redações dos estudantes que prestam exames vestibulares, na maioria das quais ocorrem informações sobre fatos veiculados recentemente.

O fabrico, durante tanto tempo procurou seu espaço no discurso, do qual era banido. Agora, de forma tirânica, exerce seu poder sobre o pensamento de modo incisivo e com grande amplitude, porque foi capaz de aglutinar em torno de si as massas, cuja fidelidade procura assegurar em função dos serviços que presta ao mercado e ao poder político com os quais se associa e dos quais depende num processo de grande reciprocidade. À linguagem televisiva nos prendemos pela imagem e dela retiramos o que foi programado para recebermos, como a oralidade que acompanha a imagem, que reduz a capacidade de imaginar. Ficamos impedidos de aproveitar as imagens de nossa memória ou de produzir aquelas com que se preenchem os vazios do signo verbal. Os sentidos da vida nos são dados e não descobertos, conquistados, inventados. Não só a mente (a inteligência, a memória, a intuição, a consciência) ficam à mercê desse controle, mas as mãos passaram a ser inativas. A passividade da massa eletrônica traz outras conseqüências sociais como a predisposição a ser manipulada, a fim de que os telespectadores concordem com eleger políticos, legitimar o poder instituído, aceitar informações sem questionamentos, com igenuidade, como se fossem verdadeiras, não importando as conseqüências que possam advir. As mãos como garra e os dentes como ataque e defesa são inibidos para atender ao conformismo e à padronização de comportamento. As reações são massivas, ou seja, instintivas porque impensadas.

Tendo constatado essa realidade, indaga-se se o caminho das reações automáticas, instintivas, não mais programadas pela vida, mas pela tecnologia, não é uma forma de retorno ao caminho automático dos instintos, só que, agora, controlado pelo poder. A linguagem verbal limita-se à reprodução dos fatos veiculados, que, na maioria das vezes são recebidos sem crítica: a linguagem, expressão e cúmplice da inteligência caminha também no sentido do automatismo. Uma de suas principais características, a mobilidade, que é a base do pensamento, não apenas a

sintática-semântica (estrutural), mas aquela que atribui sentido à própria vida e a faz interrelacionar-se com o universo (a duração) pela consciência do passado, fica limitada pela falta do exercício do pensamento. Se o homem abandonar a mobilidade do pensamento, ficará fechado em si mesmo, em um contato idealizado com a imagem que lhe fornece o sentido da vida. Se sem pensamento não há mobilidade, não há evolução, a intuição que foi despertada pela inteligência também tende a ficar automatizada e só quem tem o privilégio da produção da imagem terá o privilégio da criatividade.

Diante desse quadro, restam algumas considerações a fazer. O exercício do pensamento que dá sustentação à inteligência pela linguagem, assim como a intuição responsável pela criatividade, precisam ser colocados como o núcleo das instituições que se propõem a educar. A tecnologia, no entanto, precisa, também, participar do objetivo principal da atividade educativa, afinal o homem é *homo sapiens* e, ao mesmo tempo, *homo faber*. E, por isso, devem se integrar para desalojar o ser humano do conforto da recepção passiva que o torna disponível ao conformismo. Os olhos que lhe serviram como avanço, para domínio do espaço, não podem apenas ficar olhando em uma única direção. A diversidade e a pluralidade do meio circundante contam com o olhar em sua mobilidade e não voltado para uma única direção.

O que a televisão oferece, o modelo ideal (o ideal do ego), que o satisfaz narcisicamente ilude também quanto à relação edipiana, porque também padroniza o “pai”, que é idealizado, levando à não aceitação das limitações humanas.

Não se pretende ser pessimista em relação à análise feita, mas, a partir da consciência, fazer escolhas que caminhem no sentido da evolução humana e não da regressão. A consciência aqui corresponde a pensar em possíveis escolhas para suprir os *déficits* que a inteligência criou. Quem sabe, a tecnologia da informação, apesar das críticas que recebe, porque também é utilizada em função do poder econômico e político, não acabe por fragmentar os grandes líderes da linguagem televisiva, que dominam a massa. (Essa é outra pesquisa).

Diante dessa realidade, somos sobreviventes, não aqueles a que se refere Canetti, de quem se tem medo de que sozinhos consigam aniquilar a humanidade, porque entre decisão e resultado a distância é muito pequena. Estamos do outro lado, o daquele sobrevivente (das poucas vítimas que restaram) que tem resistido à dominação, sobrevivido às batalhas impostas pelo poder. O sobrevivente que desafia a história no sentido de que as escolhas em relação à vida sejam

pensadas e não, decididas pelo poder. O controle da mente tem que ser quebrado pelo exercício do pensamento.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W. *A Indústria Cultural*, in Cohn G. (org.) **Theodor W. Adorno** : Sociologia. São Paulo: Ática, 1994. pp.92-99
- _____ **Minima Moralia: Reflexões a partir da Vida Danificada**. São Paulo: Ática, 1992. 216 p.
- ALMEIDA, Milton José de. **Cinema: Arte da Memória**. Campinas: Editora Autores Associados, 1999. 150 p.
- _____. **Imagens e Sons: A Nova Cultura Oral**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção questões da nossa época, v.32). p.7-50
- ALMANAQUE ABRIL: BRASIL DIA-A-DIA. São Paulo: Editora Abril S/A, 1991 p. 288-291
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Trad. de Roberto Raposo. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999. 352p.
- _____. **Sobre a Violência**. Trad. de André Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p.1-44
- AUGÉ, Paul. **Enciclopédia Delta-Larousse**. Rio de Janeiro: Editora Delta S.A., 1964
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: Nota sobre a Fotografia**. Trad. Júlio Castañon Guimarães Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. 185p.
- _____. **Elementos de Semiologia**. Trad. de Izidoro Blikstein. S.Paulo: Cultrix, Ed. da USP, 1971.106 p.
- _____. **O Grau Zero da Escritura**. Trad. de Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1971. 106p.
- BELTRÁN, Luis Ramiro & CARDONA, Elizabeth Fox - **Comunicação Dominada: Os Estados Unidos e os Meios de Comunicação da América Latina**. Trad. de Paulo Roberto da Costa Kramer Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. (Col. educação e comunicação; v.8) 149p.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras Escolhidas. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet 6a. ed. São Paulo:Brasiliense, 1993. pp 91-113 e 165-196.
- BERGSON, Henri. **A Evolução Criadora**. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio:Zahar Editores, 1979. 316p.
- _____. **A Intuição Filosófica**. Trad. Maria do Céu Patrão Neves Lisboa: Edições Colibri/Faculdade de Letras de Lisboa, 1994. 70p.

- _____ **Matéria e Memória: Ensaio sobre a Relação do Corpo com o Espírito.**
São Paulo: Martins Fontes, 1990. 204 p.
- BETTELHEIM, Bruno & ZELAN, Karen - **Psicanálise da Alfabetização: Um estudo Psicanalítico do Ato de ler e Aprender.** Trad, de José Luis Caon. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984. 234p.
- _____ . **A Psicanálise dos Contos de Fadas.** Trad. de Arlene Caetano. 8ª ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 366 p.
- BLANCHARD, Gerard. **La Bande Dessinée: Histoire des Histoires en Images de la Préhistoire à nos Jours.** Verviers: Marabout Université, 1969. 295p.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão.** Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. 143p.
- BRANDÃO, Helena H.N. **Introdução à Análise do Discurso.** 7ª ed. Campinas/SP: Ed. da UNICAMP (Col Pesquisa), s/d. p. 71-81
- BRONOWSKI, J. e MAZLICH, B.. **A Tradição Intelectual do Ocidente.** Lisboa: Edições 70, 1983. pp 321 a 335
- BUCKMINSTER FULLER, R. - **Critical Path.** cap. VII e seguintes p.229-309
- CAMPOS, Haroldo de . **A Arte no Horizonte do Provável.** São Paulo: Perspectiva, 1969. 223p.
- _____ . (org.) **Ideograma: Lógica, Poesia, Linguagem.** São Paulo: Cultrix/Ed. da USP, 1977. 275 p.
- CANÊDO, Leticia B. - **A Revolução Industrial: Tradição e Ruptura: adaptação da economia e da sociedade: rumo a um mundo industrializado.** 3ª ed. São Paulo: Atual:Campinas, SP:Ed. da UniCamp, 1987. 79p.
- CANETTI, Elias. **Massa e Poder .** Trad. de Rodolfo Krestan. Brasília: Editora Universidade de Brasília/ Melhoramentos, 1986.. 531p.
- CHOMSKY, Noam. **Linguagem e Pensamento.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1971
- _____ . **Novas e Velhas Ordens Mundiais.** Trad. de Pasulo Roberto Coutinho. S.Paulo: Scritta, 1996 Trad. Paulo. 375p.
- _____ . **Syntactic Structures.** 7ª ed.. Paris: Mouton, 1968. 118p.
- COHN, Gabriel.. **Sociologia da Comunicação: Teoria e Ideologia.** São Paulo: Pioneira, 1973 p.9-51
- COUCHOT, Edmond - *Da Representação à Simulação: Evolução das Técnicas e das Artes da*

- Figuração*. in PARENTE, A. (org.) **Imagem-Máquina: A Era das Tecnologias do Virtual**. Rio De Janeiro: Editora 34, 1993 p. 37-48
- DEFLEUR, Melvin L & BALL-ROSKEACH S. **Teorias da Comunicação de Massa**. Trad. Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. 397p.
- DERRIDA, Jacques . **A Escritura e a Diferença**. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 1971. 249p.
- _____. **Gramatologia**. Trad. de Miriam Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro São Paulo: Perspectiva, 1973. 386 p.
- DOMINGUES, Ivan. **O Grau Zero do Conhecimento: O Problema da Fundamentação das Ciências Humanas**. São Paulo: Edições Loyola, 1991 381p.
- ECO, Umberto - **Apocalípticos e Integrados** . Trad. Pérola de Carvalho. 4ª ed.. São Paulo: Perspectiva, 1990. 386p.
- _____. **Como se Faz uma Tese**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1986. 184p.
- _____. **A Estrutura Ausente: Introdução à Pesquisa Semiológica**. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva/Editora da USP, 1971. p.1-283
- _____. **O Nome da Rosa** . Trad Aurora Bernardini e Homero Freitas de Andrade. 27ª ed.. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. 562p.
- _____. **Sobre os Espelhos e Outros Ensaio**s Trad. de Beatriz Borges 3ªed.. Rio Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p.1-37
- _____. **Obra Aberta: Forma e Indeterminação nas Poéticas Contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 1969
- FADUL, Ana Maria (org.). **Novas Tecnologias de Comunicação: Impactos Políticos, Culturais e Sócio-econômicos**. São Paulo: Summus, 1986 (Novas Buscas em Comunicação; v.16). 182p.
- FOIRET, J. & BROCHARD, Ph.. **Os Irmãos Lumière e o Cinema**. São Paulo: Augustus, 1995 (Col. O mundo em seu bolso); v.7 82p.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso** . Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998. 79 p.
- _____. **As Palavras e as Coisas: Uma Arqueologia das Ciências Humanas**. Trad. de Ligia M. Pondé Vassallo. Lisboa: Portugalia Editora, 1968. 502 p.
- _____. **Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões**. 2a. ed..Petrópolis:

Vozes, 1983. pp. 173-199

FREUD, Sigmund - *Psicologia de Grupo e A Análise do Ego* in **Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e Outros Trabalhos**. Trad. de Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1976.p.86-179

_____. **Totem e Tabu e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro:Imago Editora Ltda, 1974

GARCIA dos SANTOS, Laymert . *A Televisão e a Guerra do Golfo* in PARENTE, A. (org.) **Imagem-Máquina: A Era das Tecnologias do Virtual**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. p. 147-161

GIOVANNINI, Giovanni (coord.) . **Evolução na Comunicação: Do Sílex ao Silício**. Trad. de Wila Freitas Ronald de Carvalho. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. 374p.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus Editora, 1993. 56p.

GRUNNEWALD, José Lino. **A Idéia do Cinema**. Rio: Civilização Brasileira, 1969 152 p.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Trad. de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. 397p.

HERZ, Daniel. **A História Secreta da Rede Globo**. 4ª ed., PortoAlegre: Editora Oriz, 1991

JAKOBSON, Roman. **Fonema e Fonologia:Ensaio**. Trad. de J.Mattoso Câmara Jr. (vol 2) Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1967. 200p.

_____. **Lingüística e Comunicação**. Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. S.Paulo:Cultrix, 1974. 162p.

_____. **Lingüística . Poética. Cinema**. São Paulo: Perspectiva, 208p.

JAPIASSU, Hilton . **Introdução às Ciências Humanas** São Paulo: Editora Letras & Letras, 1994. cap. I

_____. **O Mito da Neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1975. Caps I, II e III.

KEIM, Jean A. . **Historia de la Fotografia** Trad. de Eduard Pons.Col. Qué sé?.Barcelona: oikos-tau, 1971 126p.

KOSINSKI, Jerzy . **O Videota**. trad. de Hindemburgo Dobal. Rio: Artenova, 1971.

LANKESTER, Sir Edwin Ray . *A Evolução do Olho do Vertebrado* in DUKE-ELDER, Sir Stewart. **The Eye in Evolution**. London: Henry Kimpton, 1958, cap. IX

- LENNEBERG, Eric. *A Capacidade de Aquisição da Linguagem* in **Novas Perspectivas Lingüísticas** .2ª ed. Petrópolis:Vozes, 1971. p.55-92
- LEROI-GOURHAN, André. **O Gesto e a Palavra: 1 - Técnica e Linguagem**. Trad. Vitor Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1987. 337 p.
- _____. **O Gesto e a Palavra: 2 - Memória e Ritmo**. Trad. Emanuel Godinho. Ibidem, 1987. Trad. 247 p.
- LINS DO REGO, J.. **Menino de Engenho** 47ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1991. 124p.
- LOPES, Edward. **Fundamentos da Lingüística Contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1975 p.41-94
- LYONS,John. **O que é a Linguagem?** (Introdução ao Pensamento de Noam Chomsky). Lisboa: Editorial Estampa, 1972. 150p.
- MALLARMÉ, Stéphane - **Oeuvres Complètes**. Paris: Gallimard, 1970 p. 257-265; 369-387; 452-477
- MARQUES de MELO, José . **Populismo e Comunicação**. São Paulo: Cortez, 1981 p. 77-94 e 135-144
- MATTELART, A. & Michèle. **O Carnaval das Imagens: a Ficção na TV**. Trad.Suzana Calazans. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1998. 206p.
- MATTELART, Armand - **Comunicação Mundo: História das Idéias e das Estratégias**. Petrópolis: Vozes, 1994 (Col. horizontes da globalização) 320p.
- MCLUHAN, Marshall . **A Galáxia de Guttenberg: A Formação do Homem Tipográfico**. Trad. de Leônidas G.de Carvalho e Anísio Teixeira .S.Paulo: Editora Nacional, 1977.390p.
- _____. **Os Meios de Comunicação: Como Extensões do Homem**. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969. 406 p.
- MICHAUD, Yves. **A Violência**. Trad. de L. Garcia. São Paulo: Ática, 1989.
- MORAIS, Regis de. **Ecologia da Mente**. Campinas: Editorial Psy, 1993. 124p.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas/SP: Pontes, 2000. p.15-55
- PARENTE, André. *Os Paradoxos da Imagem-Máquina* (Introdução) in PARENTE, A. (org.) **Imagem-Máquina:A Era das Tecnologias do Virtual**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. p.7-55 e 155-172.

- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia**. Trad. de Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1972. 164p.
- PIGNATARI, Décio. **Informação. Linguagem. Comunicação** 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1970. 146p.
- _____ . **Comunicação Poética**. 2ª ed. .São Paulo: Cortez & Moraes, 1976 59p.
- _____ . **Contracomunicação**. São Paulo: Perspectiva: 1971 260p.
- _____ . **Semiótica e Literatura**. São Paulo: Perspectivas, 1973. 183p.
- POE, Edgar A. **Ficção Completa, Poesia & Ensaios**. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1981. p.388-392
- POPPER, Karl & CONDRY, John. **Televisão: Um Perigo para a Democracia**. Trad. Maria Carvalho. Lisboa: Gradiva, 1995. 82p.
- RICARDO, Cassiano *22 e a Poesia Hoje* in ANAIS DO SEGUNDO CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA E CRÍTICA LITERÁRIA, Faculdade de Filosofia de Assis/SP, julho de 24 a 30 de 1961. p.371- 466
- ROSZAK, Theodore . **O Culto da Informação: O Folclore dos Computadores e a Verdadeira Arte de Pensar**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988 . 335p.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral** . Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein 6ª ed. S.Paulo: Cultrix, 1974.. 279p.
- SENRA, Stella. *Max Headroom: O Último Jornalista* in PARENTE, A. **Imagem-Máquina: A Era das Tecnologias do Virtual** . Rio de Janeiro : Editora 34, 1993. p. 162-172
- SEVERINO, A.J.. **Metodologia do Trabalho Científico** 6ª ed., São Paulo: Cortez Editora,, 1982. 194p.
- SPENGLER, Oswald. **O Homem e a Técnica**. Trad. de João Botelho. Lisboa: Guimarães Editores, 1980. p.8-130
- SIMONDON, Gilbert. **Du Mode d'Existence des Objects Techniques**. Paris: Aubier-Montaigne, 1969. 266p.
- SKIDMORE, Thomas E.. **Brasil: de Getúlio a Castelo Branco, 1930-1964**. Trad. coord. Ismênia Tunes Dantas. 7ª ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. vários capítulos
- _____ . **Brasil : de Castelo a Tancredo, 1964-1985**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988 Trad. de Mário Salviano Silva. vários capítulos
- TOLEDO, Dionísio (org.) - **Círculo Lingüístico de Praga: Estruturalismo e Semiologia**. Porto

Alegre: Globo, 1978. Trad. Zênia de Faria, Reasylyvia Toledo e Dionísio Toledo. p.Introd.-
277

TOULET, Emmanuelle - **Cinema es 100 Years Old**. London: Thames and Hudson, 1995. 175p.

TRAVAGLIA, L.C. & KOCH, Ingedore V. - **A Coerência Textual**. S.Paulo: Contexto, 1990.
94p.

VAL, Maria da Graça Costa - **Redação e Textualidade**. S.Paulo: Martins Fontes Editora Ltda,
1991. 133p.

VATTIMO, Gianni - **A Sociedade Transparente**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992. Trad.
Hossein Shooja e Isabel Santos. 83p

VIRILIO, Paul **L'Écran du Désert: Chroniques de Guerre**. Paris: Éditions Galilée, 1991.
198p.

_____ - **Guerra e Cinema**.. São Paulo: Editora Página Aberta Ltda, 1993. Trad. Paulo
Roberto Pires. 191p.

VIRILIO, Paul - **A Máquina de Visão: Do Fotograma à Videografia, holografia e infografia
(computação eletrônica): a humanidade na "era da lógica paradoxal**. Rio de Janeiro:
José Olympio, 1994. Trad. Paulo Roberto Pires. 107p.

WIENER, Norbert. **Cibernética e Sociedade: O Uso Humano de Seres Humanos**. S.Paulo:
Cultrix, 1970. Trad. José Paulo Paes. 190p.

WOLTON, Dominique. **Elogio do Grande Público: Uma Teoria Crítica da Televisão**. São
Paulo: Editora Ática, 1996 Trad. de José Rubens Siqueira p.63-96

Vários, **ENCICLOPÉDIA DELTA-LAROUSSE (2ª ed.)** Rio de Janeiro: Editora Delta
S.A., vol. XI